



HISTORIA



da
G

UERRA DO PARAGUAY



PELO

CORONEL DO ESTADO MAIOR DO EXERCITO

José Bernardino Bormann

I VOLUME

CURITYBA

IMPRESSORA PARANAENSE
EDITORES - JESUINO LOPES & C^{IA}

1897

In compliance with current copyright
law, U. C. Library Binding produced
this replacement volume on paper
that meets the ANSI standard Z39.48,
1984 to replace irreparably
deteriorated original

1996



DUQUE DE CAXIAS.



GUERRA DO PARAGUAY

AOS VETERANOS DO EXERCITO

As injustiças feitas ao exército brasileiro pelo nosso alliado argentino durante e depois da guerra do Paraguay ; as inverdades publicadas pela sua imprensa, no intuito de nos collocar em plano inferior na tremenda tragedia internacional que terminou em Aquidaban ; levaram-me a escrever a historia d'aquella guerra.

As fontes, porem, mais puras de uma obra tal são os documentos officiaes, a imprensa séria e imparcial do tempo em que se desenvolveram os acontecimentos e o testemunho fiel dos homens que tiveram a fortuna de militar nas fileiras da crusada contra a mais extraordinaria das tyrannias.

A' apreciação dos veteranos do exercito apresento este trabalho que não é mais do que a synthese dos documentos officiaes, do juizo da imprensa e da narração dos que puderam arrostar a peste e o fogo inimigo.

Essa synthese não podia deixar de ser acompanhada da critica e dos commentarios suggeridos pelos acontecimentos e conducta dos homens que figuraram n'esse periodo épico da nossa historia.

Algumas vezes transluzem d'essa critica palavras eivadas de energia ou de imprecações : ellas, então, são como o brado do patriotismo indignado contra o estrangeiro ingrato ; outras vezes, porem, são o clarão que transudando das paginas do livro, vae reflectir, como apothese, circundando os restos gloriosos dos héroes da grande campanha que dormem o somno da morte.

Corityba, 4 de Abril de 1897.

José Bernardino Bermann

AO IMMORTAL DUQUE DE CAXIAS

MARECHAL DO EXERCITO BRASILEIRO

—:~::~~::~~::~:—

A' vós que fostes o primeiro heróe n'essa luta gigantesca ; á vossa gloriosa memoria ; ás vossas immortaes acções, dedico este livro.

Se fostes na patria o braço de ferro que sustentou o Imperio que sem elle teria ha muito desabado, é que a honra militar e a fidelidade constituíam para vós uma religião.

Desapparecestes do mundo e o Imperio pouco depois sumiu-se na voragem da revolução !

A vossa vida foi um codice de honra.

Que o leão os meus jovens camaradas e que aprendam n'elle a servir á Republica com a lealdade e a honra com quo servistes o regimen decahido e ella sahirá triumphante e magnanima das lutas, do embate das paixões, dos crimes e das traições de seus inimigos.

José Bernardina Bormann.

PREFACIO

Quem conhece a historia dos povos do Rio da Prata sabe sem duvida que o dictador Rosas affagou por muito tempo a idéa de conquistar as republicas do Paraguay e do Estado Oriental.

Estes dous Estados annexados á republica Argentina constituiriam uma grande nação que, embora inferior ao seu visinho Brasil, quanto á população, em todo caso se approximaria quanto a natureza do solo, suas variadas riquezas e sob outros aspectos.

As attribulações do Paraguay durante a dictadura de Rosas que tanto deshonrou a America do Sul e particularmente ensanguentou a republica Argentina ; os receios de que esse dictador de um momento para outro procurasse realisar a sua idéa de conquista, aconselharam ao então temerato governo paraguay, a preparar-se para repellar qualquer tentativa.

Em quanto o dictador foi uma ameaça á independencia d'aquelle paiz, o governo entreteve com o Brasil as mais amistosas relações porque das potencias da America do Sul era elle a mais forte e a mais interessada em conservar e defender a autonomia de suas visinhas.

Era, pois, o Brasil um verdadeiro alliado, poderoso e sincero que tinha a republica do Paraguay.

Em fins de 1851, o nosso paiz unido a uma parte da republica argentina, declarou a guerra ao dictador Rosas, que brilhantemente termidou á 3 de Fevereiro do anno seguinte na batalha de Mouron ou Monte Caseros em que o poder d'aquelle dictador biqueou fugindo elle para a Inglaterra.

O Paraguay tirou de nossa victoria o maior proveito sem sacrificios : viu-se livre de um terrivel adversario e poudé então respirar e continuar com vagar a reunir elementos para a defesa de sua existencia politica.

O nosso paiz enviou-lhe officiaes habéis para instrucção de seus batalhões e regimentos e para traçar as suas fortificações.

O governo paraguay receiava sempre dos planos ambiciosos da republica Argentina porque elles não tinham desaparecido de todo sob as ruinas do poder do dictador Rosas.

A indiscreção politica, a leviandade patriotica, permittam-nos a expressão, da imprensa e dos estadistas argentinos, muitas vezes lançaram em publico estas idéas de absorpção das nacionalidades visinhas.

A politica de absorpção, pois, era acareciada e embora ella se librasse por emquanto em regiões platonicas, aguardava-se o tempo, esse elemento destruidor e muitas vezes constructor ; esse agente inexplicavel, enigmatico que sabe transformar as utopias de hontem em factos hoje consumados.

Certo dessa verdade, o Paraguay depois que os nossos officiaes desempenharam alli a sua missão, mandou vir officiaes europêos, para fazerem parte de seu exercito e proseguir em sua instrucção.

O presidente doutor Carlos Lopes enviou o seu filho, o joven D. Francisco Solano Lopes, general aos 18 annos, á Europa, para estudar especialmente assumptos militares.

Paris era a residencia predilecta do joven general.

Nos salões das Tulherias elle se apresentava ; era alli uma figura saliente.

Na grande cidade vivia em perfeita cordialidade com os heroes de Magenta e Solferino ; frequentava o Campo de Marte ; apoiava-se no balaustre que circunda o magnifico tumulo de Napoleão, na Igreja dos Invalidos, e mudo, estatico, entregue a cogitações, cheio de recolhimento, ante os gloriosos restos do grande capitão, contemplava as bandeiras, os trophéos tomados ao inimigo, pelas heroicas legiões francezas, e que pendem, desbotados pelo tempo, sobre aquelle mausoléo de marimbre.

Impressionavel, ambicioso de gloria, joven e energico, tudo isso que via fizera-lhe despertar no animo phantasias de grandesa e poderio.

O Paraguay, apenas conhecido no *mapa-mundi*, vio então a velha Europa prestar homenagens ao seu pavilhão, desfraldado nos mastros de seus navios de guerra.

A' proporção que o Paraguay se fortalecia e ia sendo conhecido dos povos civilisados, esquecia-se da potencia que com o seu forte escudo o amparára outr'ora dos golpes do seu ambicioso visinho.

A nossa longinqua provincia de Matto Grosso sem communicações facéis para o resto do Brasil á não ser pela via fluvial do Paraguay, levou o nosso governo a tratar varias vezes com o d'esse paiz para que a segurança d'essa communicação fosse uma realidade.

Mas as missões diplomaticas alli enviadas ou nada conseguiam ou então muito pouco para dar ás communicações o character de segurança indispensavel e assim é que, por mais de uma vez, razões poderosas se apresentaram para, por parte do nosso paiz, romperem-se as relações com esse visinho.

O character pacifico do imperador ; a circumstancia de ser então o Brasil a unica monarchia no continente americano, á qual se emprestava planos de conquista, obrigavamos governos a manter uma tolerancia, uma longanimidade que muitas vezes feria fundo os interesses brasileiros e assim se contemporisava e com isto as nossas derrotas e revezes no campo da luta diplomatica se succediam, infligidos pela astucia e mystificação empregadas pelo adversario.

Ao passo que se abria a navegação do Paraná á todas as nações ; ao passo que o Paraguay abria os seus rios ao commercio de algumas bandeiras ; prohibia-se ao nosso pavilhão, á cuja sombra generosa entretanto, até ha pouco, a nação paraguayana se havia abrigado e devia sua autonomia!

O governo brasileiro quiz tambem regularisar com o visinho os seus negocios pendentes de limites ; mas nada conseguiu, e, assim a nossa politica frouxa tornava o Paraguay audacioso, tenaz, persistente em seu plano de nada resolver ou então cifrar a sua conducta em prometter e não cumprir.

A nossa situação tornava-se intoleravel.

O encarregado de negocios Felipe José Pereira Leal teve ordem de instar junto áquelle governo pelo cumprimento fiel de suas obrigações, e o resultado foi expedir-se-lhe os passaportes !

Esse facto seria bastante para o nosso governo declarar a guerra se não fosse a politica pusillanime dos nossos estadistas.

O Brazil indignou-se com o procedimento do governo paraguayano ; os homens, porem, que dirigiam os nossos destinos nos reservavam maiores humilhações.

Preparou-se uma esquadra, como até então não vira a America do Sul, e o commando deu-se ao official general d'armada nacional Pedro Ferreira de Oliveira.

Esse official devia exigir do governo Paraguayano satisfação plena pelo ultraje feito ao Brazil de conceder, sem motivo, os passaportes ao seu representante e cumpria-lhe ainda conseguir os tratados de navegação e limites.

Era um apparato inutil e dispendioso porque o chefe d'essa imponente força naval não tinha ordens terminantes para apoiar á canhonaços as suas reclamações.

O presidente da republica do Paraguay parece que não ignorava as instrucções d'aquelle militar e diplomata e, por isso, não se mostrou apprehensivo com as noticias

que se espalhavam no Rio da Prata de que afinal o Brasil cansára de supportar a inqualificavel conducta de seu visinho

Assim, apenas se approximou a nossa esquadra, o governo paraguay declarou ao commandante que o receberia cordialmente com tanto que a força naval sahisse das agnos da republica.

O enviado brasileiro accedeu !

Entretanto, nada conseguiu do presidente a não ser algumas convenções para as quaes muito concorreu o diplomata nomeado para tratar do assumpto.

Esse diplomata era o general D. Francisco Solano Lopes, filho do presidente e que devia mais tarde substitui-lo no governo.

Essa missão, enviada com tanto ostentação de força, foi um desastre moral para o Brazil.

O Paraguay, seu inimigo, disfarçado, crescia sempre em audacia e altivez.

Era, não obstante, ao Brazil que o Paragnay devia o reconhecimento de sua independencia, a entrada, como nação, no convívio internacional porque foram os esforços d'aquelle que levaram varias nações européas e americanas a considerá-lo uma nova nacionalidade, uma republica livre, independente, no continente sul-americano.

Como as nações se assemelham aos individuos em assumptos de gratidão !

O nosso paiz nomeou depois outros plenipotenciarios que não foram mais felizes do que os seus antecessores, até que um illustre brasileiro que devia mais tarde immortalisar-se, o visconde do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, conseguiu assegurar a navegação e abrir o rio Paraguay ao commercio universal, ficando, porem, adiada a questão de limites porque o Paraguay ha muito tinha suas pretensões ao sul da nossa provincia de Matto-Grosso, disfarçando-as com os continuados adiamentos de um tratado definitivo de fronteiras.

Para realizar as suas pretensões trabalhava prudentemente, reunindo elementos bellicos ; comprava armamento de terra e mar ; fundia canhões de todos os calibres ; erguia fortificações no seu littoral e, para não ter o Brazil n'aquella affastada provincia muitos recursos militares, não admittia alli mais de tres navios de guerra !

Em 1862, morto o dr. D. Carlos Lopes, succedeu-lhe, no governo, o filho D. Francisco Solano Lopes.

Então começou no Paraguay a desenvolver-se uma actividade extraordinaria na organização da força publica.

O novo presidente mandou vir armamento da Europa ; ahi contractou officiaes, enganjou operarios, comprou machinas, enfim, tratou de transformar o paiz em um vasto campo de manobras.

O general, agora presidente, ou antes dictador, preparava-se para realizar os seus sonhos de gloria e de poderio, acalentados junto ao porphyro colossal, sob o qual dorme o somno da morte o primeiro dos capitães e dos conquistadores : Napoleão.

Em pouco tempo estava prompto ; faltava-lhe só, porem, um pretexto.

Então os projectos ambiciosos de conquista, de annexação que tanto entretinham a calida imaginação dos estadistas argentinos, eram o ponto de apoio da politica do Paraguay, ha poucos annos, fraco, receioso de sua visinha a republica Argentina.

Mas, se o Brazil foi para o dictador Rosas um obstaculo á sua politica de conquistas, era tambem um terrivel entrave para os projectos do governo paraguay que cobiçava as provincias de Corrientes e Entre-Rios, pelo menos, e o sul de Matto-Grosso, como já dissemos, e assim aquelle governo marchava cauteloso espreitando um momento favoravel.

A nossa luta em 1864 com o Estado Oriental forneceu-lhe o ensejo ardentemente desejado.

Nós estavamos desarmados e a republica Argentina ainda em peiores condições.

Não seriam com certesa meia duzia de batalhões, alguns regimentos e baterias d'artilheria, de que se compunham o nosso exercito, em sua totalidade, por assim dizer, então na fronteira do Estado Oriental, que poderiam enfrentar com um exercito de 100.000 paraguayos, disciplinados e que levavam o seu respeito e subordinação ao chefe do Estado até o mais feroz fanatismo.

A nossa esquadra, superior á paraguaya, não inspirava ao dictador serios receios.

Elle, no momento dado, faria os seus vasos de guerra aceitar batalha em agoas que lhe fossem favoraveis, apoiados por baterias terrestres.

Tudo estava planejado.

O marechal dictador Lopes começou a iniciar o plano concebido de nos declarar a guerra, apoiando o governo oriental que combatíamos.

Esse governo, animado com as promessas secretas do Paraguay, tornára-se intratável.

O marechal Lopes offereceu primeiro os seus bons officios, a sua mediação ao Brasil para se pôr termo a contenda; mas estava perfeitamente convencido de que a sua offerta seria regeitada porque taes eram as affrontas, crimes, e attentados perpetrados pelo partido *blanco* em subditos brasileiros, com o consentimento ou revoltante tolerancia do governo, que só a guerra nos poderia dar um honroso desforço.

O Brasil havia ordenado que a sua esquadra praticasse represalias e pouco depois, nada conseguindo, com essa medida, do intransigente governo oriental, receberam as nossas tropas, acampadas na fronteira, ordem de invadir a republica Uruguaya.

Já á 30 de Agosto (1864), o governo paraguayo em uma longa nota diplomatica dirigida ao nosso ministro Cesar Sauvan, em Assumpção, declarava que qualquer occupação do territorio uruguayo por forças brasileiras *seria considerada como um acto attentatorio do equilibrio dos Estados do Prata e que o governo paraguayo desonera-se de toda responsabilidade pelas consequencias d'aquella declaração que fazia.*

O marechal Lopes nos atirava a luva !

O Paraguay, essa joven nação, cujos destinos regia, apresentava-se como campeão do equilibrio dos Estados Platinos *que elle bem sabia não estar absolutamente ameaçado* quanto á sua estabilidade; mas fingindo nutrir recios pela sorte d'aquelles Estados, ia o mundo occupar-se com o seu nome e assim julgava ver descer das regiões dos sonhos, das phantasticas locubrações, os seus intentos, as suas esperanças para o terreno practico.

As razões, a seu modo de vêr, se accumulavam, para nos declarar a guerra, e assim á 14 de Setembro d'aquelle anno, o dictador, por intermedio de seu ministro das relações exteriores, D. José Berges, dirigio ao nosso, acreditado junto ao seu governo, uma nova nota, por ter um dos nossos navios de guerra perseguido á balaios o vapor oriental *Villa del Salto* que navegava, carregado de recursos para as forças orientaes, dizendo que *á vista d'aquella occurrencia, corroborava as suas declarações anteriores.*

O general oriental, D. Venancio Flores, chefe do partido *colorado*, se havia revoltado contra os crimes e desmandos do partido *blanco*, encarnado no governo, na pessoa do dr. Aguirre, presidente então da republica Uruguaya.

As circumstancias levaram o Brasil a alliar-se ao partido revoltado e, sobretudo, o desejo de patentear ao mundo que não empunhava armas para tentar contra a soberania e a integridade da nação oriental.

Assim, começaram as nossas forças a operar de accordo com os poucos orientaes sob o commando daquelle general.

O nosso governo infelizmente dispensou pouca importancia ás notas do Paraguay e não tendo havido declaração de guerra por parte d'este paiz, enviou para a nossa provincia de Matto-Grosso, pela via fluvial, no character de presidente, o coronel de engenheiros Friderico Carneiro de Campos.

Passando á 11 de Novembro, ainda de 1864, pela cidade de Assumpção, capital do Paraguay, com destino á Matto-Grosso, no vapor *Marques de Olinda*, navio de commercio, o coronel Carneiro de Campos nem sequer podia ao longe lobrigar a violencia de que ia ser victima bem como os seus compaaheiros de viagem.

O vapor suspendeu ancora e partiu do porto d'Assumpção em demanda de Matto-Grosso; mas pouco adiante da capital paraguaya foi abordado por um vaso de guerra, preso o presidente, tripulação e passageiros, e chegado de novo á capital, o governo declarou o nosso navio *bom presa.*

Como era natural, o nosso ministro Sauvan em nota de 13, do mesmo mez, pediu explicações cathgoricas e o governo paraguay para cohonestar o acto selvagem e revoltante que praticára com despreso dos mais comesinhos principios de direito internacional, enviou-lhe uma nota á 14 d'aquelle mez, ante-datando-a, isto é, com data de 12, na qual referia-se á nossa attitude no Estado Oriental *attentatoria do equilibrio do Prata* e que por isso estavam rotas as suas relações com o Brasil e prohibida a navegação nas agoas da republica á bandeira brasileira.

No mesmo dia 14, o ministro Cesar Sauvan pedia os seus pasaportes que lhe foram logo enviados; mas o governo paraguay desde então procurou expor o nosso representante á toda sorte de vexames.

O dictador estava resoldido a obrigar-o a fazer a viagem por terra, certamente com o intuito de o deixar assassinar pelas populações fanaticas do interior ou ordenar mesmo que o matassem, crime que, uma vez realisado, seria lançado á conta dos indios selvagens.

Foi-lhe, pois, negado todo e qualquer transporte pela via fluvial.

O ministro brasileiro que alli se achava com sua familia e todo pessoal da legação ficou em uma situação critica, perigosissima, e se não fosse a intervenção do ministro norte-americano Wasburn, acreditado em Assumpção, que energicamente reclamou meios de conducção para o seu collega, familia e todo pessoal que o acompanhava, aquelle crime se teria realisado.

Então, coagido pelo representante norte-americano, o governo paraguay poz á disposição da legação um vapor de guerra que a conduziu á Buenos-Ayres com a promessa, por parte do ministro brasileiro, de que na volta o navio não seria hostilizado.

Carneiro de Campos, a tripulação e os passageiros do *Marquez de Olinda*, excepto dous, ficaram no Paraguay como prisioneiros de guerra. A' maior parte d'estes infelizes brasileiros não foi dado voltar ás terras da patria!

Estava, pois, declarada a guerra entre o Paraguay e o Brazil.

O nosso ministro, relatando, de Buenos Ayres, ao nosso governo, estas occurrencias, consignou, em sua correspondencia, estas memoraveis palavras que repetia nas rodadas diplomaticas da capital argentina:

« Tenho firme convicção de que o Brasil inteiro se erguerá para lavar esta affronta! »

Taes foram, muito perfunctoriamente expostos, os motivos que nos levaram á luta que vamos brevemente descrever.

Durante ella espalharam-se boatos de que a politica bellicosa do marechal Lopes tinha sido inspirada pelo despeito, pois, pedira em casamento a filha mais joven do imperador, D. Leopoldina, e a sua pretensão nem sequer merecera uma resposta qualque.

Nada, porem, d'isso tem fundamento.

A ambição de gloria, de grandesa e poderio; o desejo de reconstruir o vice-reino de Buenos Ayres, ou pelo menos augmentar o territorio nacional á custa de seus vizinhos; tornar-se o arbitro das questões sul-americanas, corôar-se rei ou imperador de uma grande nação, foram os motores de sua conducta internacional.

A corôa de imperador já havia sido offertada ao seu finado pae.

Este regeitou-a; o filho, porem, queria encontral-a nos campos de batalha e assim entrelaçal-a de folhas de louro.

Alguns brasileiros, entre elles politicos que tiveram responsabilidades na politica internacional do regimen passado, hoje, para campar de bons republicanos, attribuem aos caprichos do finado imperador a luta titanica que sustentámos contra o dictador do Paraguay.

Não se serve, porem, assim á Republica, deslustrando uma época gloriosa do passado.

Ella não tem necessidade d'esse *excesso* de dedicação, d'essa falsidade, verdadeiramente attentado ao brio nacional e á nossa gloria militar.

O imperador n'aquella conjunctura mostrou-se brasileiro e patriota.

A Republica ha de ser poderosa, ha de fazer a felicidade da patria brasileira sem servir-se de interesseiras dedicações e de mentiras historicas.

O Brasil foi traiçoeiramente atacado pelo dictadore a honra nacional obrigava-lhe a reagir.

O imperador e a maioria dos brasileiros cumpriram o seu dever.

O exercito não foi, pois, um instrumento miseravel nas mãos do soberano para satisfazer os seus caprichos.

Elle marchou para o campo da honra para defender a integridade nacional, vingar os ultrajes feitos á patria, como uma multidão de soldados patriotas, aos vivos erguidos á nação, e não como bandos de gladiadores, de vis escravos dos imperadores romanos, exclamando ao marchar para o circo em que os esperava a morte :

« Ave Cesar ! Morituri te salutant ! »

Não, mil vezes não.

A historia ahi está lavrando solemne protesto.

A Republica, pois, receba reverente os louros, a gloria que colhemos na memoravel campanha, como um penhor sagrado da nossa coragem, da nossa dedicação na hora em que a tivemos de defender contra os seus inimigos.

CAPITULO I

SUMARIO.— Invasão da Provincia de Matto-Grosso e acontecimentos no Rio da Prata.— Tomada de Corrientes. -- Batalha naval do Riachuelo.

Praticadas as primeiras hostilidades do governo paraguayo, tratou elle de pedir á republica argentina permissão para seus exercitos atravessarem a provincia de Corrientes afim de atacarem o Brazil.

O governo argentino respondeu em 5 de Fevereiro de 1865 que não permittiria a nenhum dos belligerantes atravessar o seu territorio porque estava resolvido a manter completa neutralidade.

Mas, já antes, á 14 de Dezembro (1864), uma força paraguaya de 4200 homens de infantaria embarcou em uma esquadrilla, armada com 51 canhões, demandando a nossa provincia de Matto Grosso, onde desembarcou á 26 d'aquelle mez, proximo ao forte Coimbra e á essa força reuniu-se mais outra de 5000 de cavallaria que marchou por terra.

Os coroneis Barrios e Resquin commandavam essa expedição.

Logo depois da revolta do general D. Venancio Flores contra o governo de seu paiz, o marechal Lopes dirigiu duas notas diplomaticas á republica argentina que não tiveram resposta.

N'ellas, o marechal queixava-se da protecção que aquelle general encontrava na Republica Argentina para hostilizar o governo legal do Estado Oriental e pedia esclarecimentos e explicações á respeito do armamento da ilha de Martin Garcia.

Estas notas sem resposta e a recusa de deixar as tropas paraguayas atravessarem a provincia de Corrientes ; as injurias da imprensa de Buenos-Ayres atiradas ao governo paraguayo, os seus sarcasmos, encheram de odio a alma do marechal dictador e o arrastaram a promptamente tirar uma desforra, uma vingança tão estrondosa quanto traçoeira, da Republica Argentina.

A nossa provincia de Matto-Grosso estava completamente desarmada e não contava com tão brusca invasão.

E' verdade que o nosso ministro em Assumpção, em Outubro de 1864, á vista da attitude diplomatica do Paraguay, havia exposto ao presidente d'aquella provincia os seus receios.

Mas que providencias poderia dar essa autoridade se n'aquelle vastissimo territorio havia apenas esparsa uma força de quatrocentos e poucos homens, prompta para o serviço?!

Tinhamos alli tambem uma esquadrilla de 6 pequenos vapores, um dos quaes desarmado; um apenas artilhado com 2 canhões, o *Anahmbahy*, attingindo o total da tripulação á pouco mais de 400 homens.

Convem ainda consignar que estes pequenos navios só de guerra tinham o nome.

O inimigo que desembarcou, como já dissemos, nas proximidades do forte de Coimbra, preparou-se logo para tomal-o de assalto.

O forte, com uma guarnição de 155 homens, com baixos *para-peitos sem fósos*, com eminencias á direita e á esquerda que o dominavam; construido na base de uma montanha, cujo cimo accessivel deixava os defensores expostos pela rectaguarda e á descoberto todo o recinto fortificado e, por consequencia, sob a acção do fogo inimigo; ia, pois, ser investido.

O dia 27 de Dezembro (1864) amanheceu envolto em cerração; mas, ás 5 horas ella começou a dissipar-se pouco a pouco.

O commandante do forte foi então avisado de que varios navios estavam fundeados rio abaixo, entre elles alguns vapores, para o lado do norte, á distancia de uma legua.

A guarnição preparou-se para o combate, certa de que eram os paraguayos que se apresentavam.

O vapor *Anahmbahy*, fundeado junto ao forte, accendeu os fogos.

Todos se prepararam, pois, para uma luta grande e desigual; mas, por isso mesmo, heroica.

Do lado inimigo julgava-se facil a victoria,

Alguns officiaes paraguayos não acreditavam mesmo em resistencia: julgavam o forte guarnecido por meia duzia de soldados, sob o commando do capitão Benedicto de Farias.

Com effeito, esse official era o commandante; mas, o coronel Hermenegildo d'Albuquerque Porto Carrero, então commandante do districto militar do Baixo Paraguay e do 2.º batalhão d'artilharia, alli se achava em visita d'inspecção e assim assumiu o commando da defeza.

Era este official muito conhecido no exercito paraguayo, pois, fora seu instructor, no tempo das attribulações da republica.

O marechal dictador Francisco Solano Lopes tinha sido seu discipulo e o chamava: *mi maestro*. Era seu amigo particular; tinha sido seu companheiro de casa no Passo da Patria e em Humaitá, quando esteve alli instruindo o exercito.

A reputação de Porto Carrero era grande no Paraguay ; era considerado um bravo official e tambem homem perfeitamente instruido.

A's 8 horas da manhã partiu da esquadra inimiga um official com a intimação para o forte render-se

A resposta não podia deixar de ser negativa. Para que na capital e no resto da provincia se soubesse da inqualificavel invasão, Porto Carrero expediu para Corumbá o pequeno vapor *Jaurú* com a noticia.

O official portador da resposta negativa informou que á frente da defeza do forte estava Porto Carrero.

Os paraguayos perderam a esperança então de ser-lhe facil a posse d'aquella posição.

Entretanto immediatamente começou o desembarque das forças tanto na margem direita como na esquerda do rio.

Com isso começaram as nossas hostilidades. O vapor *Anhambary* dirigiu-se aos pontos de desembarque e audazmente lançou alguns tiros de metralha sobre as columnas de infantaria e as baterias d'artilheria á cavallo que avançavam.

Era commandante do vapor o 1.º tenente Balduino de Aguiar.

O inimigo que, alem de seus vapores, trazia baterias fluctuantes, isto é, *chutas artilhadas*, respondeu com o fogo de todos os seus canhões.

Os seus projectis, porem, cahiam á meia distancia, devido ás pontarias mal feitas.

O forte conservava-se mudo : era cedo ; as columnas de ataque ainda não estavam ao alcance de seus cinco canhões, unicos que podiam pelejar porque os outros poucos que alli haviam não tinham pessoal para as suas guarnições !

Trinta e cinco artilheiros apenas guarniciam os 5 canhões ; 6 *banquetas* com 49 defensores ; os *parapritos* seteirados eram defendidos por 80 homens.

Pois bem. Este punhado de bravos ia receber o choque de 4200 infantes com varias baterias, alem do fogo dos canhões da esquadilha inimiga !

E a iniciativa do combate ainda assim foi nossa; o glorioso vapor *Anhambary* começou á metralha a refrega !

Eram 2 horas da tarde quando a artilheria inimiga que havia marchado encoberta pelas mattas fronteiras ao forte, na margem oposta do rio, junto ao morro denominado da Marinha, rompeu o fogo, mesclando-o com o de fuzilaria.

O nosso forte respondeu e tão habéis e dextros eram os nossos artilheiros que as suas 5 boccas de fogo pareciam ter triplicado em numero.

A fuzilaria das banquetas e seteiras, viva e forte, secundava o fogo da nossa artilheria. Contra esta jogavam 42 canhões, assestados na

margem, alem da artilharia da esquadrilha; mas tão mal dirigidos que os seus projectis iam detonar no centro das proprias columnas de ataque, ceifando os paraguayos.

O chefe da esquadrilha era o commandante Mesa.

No matto que circumda o forte começaram a apparecer batalhões paraguayos que, abrigados nas arvores, atiravam contra os defensores.

Entre essa infantaria está o 6.º batalhão com o seu commandante Luiz Gonzalez, composto de 750 homens. Era de grande nomeada.

Elle e outros avançam para o assalto; mas o impeto quebra-se pela metralha e fuzilada do forte e pelas granadas do *Anhambahy* que, atiradas por elevação, explodem no meio das columnas de ataque.

A direcção do fogo dos canhões inimigos continúa pessima; os projectis não cessam de matar e ferir aos proprios paraguayos.

Os assaltos repetem-se; mas a infantaria que os executa, avança á passo incerto, temeroso e cambaleante.

O forte está transformado em um vulcão em cujas proximidades a morte não consente chegar.

Na imaginação do soldado paraguayo, aquillo seria um sitio phantastico se os cadaveres de seus camaradas alli não estivessem para convencer-o da cruel realidade!

Um navio, um só navio, com 2 canhões zomba, coadjuvando audazmente a defeza, das 51 boccas de fogo da esquadrilha adversaria.

Os assaltos se succedem; mas inutilmente.

O sol já pende para o accaso e a bandeira brasileira, desfralda-da no forte e no vapor *Anhambahy*, galharda, altiva e orgulhosa parece lançar, ao mergulhar-se o astro no occidente, um sorriso cheio de gratidão, aos seus heroicos defensores.

Chega, emfim, a noite; o inimigo retira-se desanimado e reembarca suas forças.

Eram mais de 7 horas da noite quando calaram-se os canhões.

A réfrega durára 5 horas.

Não tínhamos mortos nem feridos!

Mas, n'essa heroica defeza, esgota-se quasi toda munição d'infantaria: restam apenas 2:500 cartuchos!

O commandante não desanima.

Ha no forte 70 mulheres; estas e alguns officiaes se encarregam de fabricar cartuchame de infantaria e, n'essa noite memoravel de 27 para 28 de Dezembro, não dormem um momento, patrioticamente preocupados n'aquelle fabrico.

As balas que existem são de adarme 47; ellas são machucadas para se apropriarem ás armas Minié; emfim, é preciso tirar recursos de tudo para a luta se o inimigo voltar á ella, e, assim, no dia 28 pela madrugada ha mais 6000 cartuchos.

O inimigo volta á peleja.

Muito cedo desembarcam as suas columnas de novo na margem direita.

Elle dispõe as suas baterias fluctuantes, armadas de canhões de calibre 68, com intenção de com ellas arrombar o portão principal do forte, ao passo, que a artilharia de campanha e a de alguns navios se collocam de modo a abrir brécha ao lado do mesmo portão.

Eram 7 horas da manhã quando a acção recomeça com extremo vigor.

No cimo do morro, em cuja fralda está assentado o glorioso forte, está uma estativa inimiga, de foguetes á congrêve.

De ambos os lados troveja a artilharia e esse duello se prolonga até ás 2 horas da tarde.

Só então o inimigo move-se para o assalto.

O 6.º d'infantaria toma a iniciativa.

Os *parapeitos*, sem *fóssos*, e de pouca altura, seriam escalados se a impetuosidade do ataque fosse mais intensa.

Os nossos 80 atiradores que os defendem, commandados pelo bravo 2.º tenente Oliveira Mello ; a metralha dos nossos 5 canhões e a do *Anhambahy*, desimam os assaltantes.

Estes chegam aos *parapeitos* e recuam com profundos claros ; voltam á cada momento aos gritos de viva o marechal Lopes, a Republica do Paraguay ; mas a nossa metralha destroça-lhes as fileiras.

As granadas da esquadilha do commandante Mesa silvam ; mas, longe de nos hostilisarem, continuam a explodir nos pelotões paraguayos e assim parecem mais nossas alliadas do que inimigas !

Eram uns imbecéis os artilheiros do commandante Mesa.

O chefe Gonzalez e seus officiaes animam o 6.º batalhão que já tem pago bem caro as suas investidas ; entretanto, o tempo vae correndo e, o inimigo, enfurecido pela nossa inquebratavel resistencia, faz a cada momento novos e desesperados esforços para conseguir a escalada gritando que nos rendamos.

Mas, tudo é em vão.

Em uma d'estas investidas, 8 paraguayos conseguem galgar os *parapeitos* e penetrar no forte.

Um é feito prisioneiro ; os outros tombam mortos.

Repellidos á bala, á bayoneta pelos nossos bravos, aos vivas ao Brazil, ao imperador e ao corpo de artilharia de Matto-Grosso, o chefe inimigo, coronel Vicente Barrios, cunhado do dictador, vê approximar-se mais uma vez a noite, sem que cousa alguma enfraqueça o alento da defeza.

Emfim, é noite. Ella vem em auxilio de uns e de outros. As 7 horas, o inimigo retira-se mais uma vez para seus navios deixando

para mais de 200 mortos. No ultimo assalto cahiu ferido o commandante Gonsalez.

Algumas horas depois, tropas frescas do inimigo desembarcaram e tomaram posição para renovar a encarniçada luta.

A guarnição do forte estava entusiasmada e prompta para recommençar o conflicto ; mas, infelizmente, pouco cartuchame nos resta de infantaria e até as balas que haviam de adarme 47 tinham sido esgotadas na réfrega.

O que fazer ?

Em tão critica situação o chefe Porto Carrero reuniu um conselho de officiaes, ao qual compareceo o bravo 1.º tenente Balduino, commandante do *Anhambahy* e, expostas as circumstancias, opinaram todos que a falta de munição inhibia a guarnição de proseguir na defeza e queurgia, visto poder o inimigo ainda n'essa noite renovar o ataque, effectuar-se sem perda de tempo a retirada.

A noite estava escura e por isso propicia para essa operação de guerra.

O chefe Porto Carrero aproveitando-se da escuridão, illudiu a vigilancia do inimigo, embarcou com toda guarnição, deixando no forte alguns feridos paraguayos que havia recolhido e no *Anhambahy* seguiu para Corumbá, sem que tivesse uma só praça da guarnição recebido o mais leve ferimento n'aquelles dous dias de luta homérica !

A' algumas legôas do glorioso forte, Porto Carrero encontrou os vapores *Jaurú* e *Corumbá* que lhe traziam um pequeno reforço de 2 officiaes e 59 artilheiros com o commandante da flotilha Castro Menezes. Voltaram todos.

Em Corumbá a noticia da invasão produziu verdadeira angustia. O commandante das armas, coronel Oliveira, quiz á principio esperar ahi o inimigo ; mas sabendo, depois, que a força d'este era immensamente superior em numero a de que podia dispôr, resolveu, contra a opinião do commandante da flotilha que queria resistir á todo transe, a retirada e ella se executou.

O povo embarcou com os poucos haveres que poudo reunir e em canoas subiu o rio Paraguay para escapar á sanha feroz do inimigo. O 2.º tenente João de Oliveira Mello que vimos bater-se gloriosamente nos dias 27 e 28, tomou a direcção do desfalcado 2.º batalhão d'artilharia que alli estava em Corumbá e com elle tambem subiu aquelle rio; mas, perseguido por 2 navios paraguayos, desembarcou com sua gente e, depois de uma penosa marcha de 8 dias por pantanaes e mattas, poudo chegar a uma fazenda do interior com grande parte do pessoal doente de fadiga, febres e fome.

Ahi o repouso foi curto, porque o inimigo descobrindo o seu paradeiro, o obrigou a proseguir.

Para o glorioso *Anhambahy* tinha chegado a hora de succumbir ; mas com honra.

A' 6 de Janeiro (1865) elle navegava auxiliando a retirada do povo de Corumbá quando foi atacado por 3 vapores inimigos.

Travou galhardamente combate, batido, porem, a maior parte de sua guarnição saltou á terra, pois, elle fôra levado pela correnteza das agoas á barranca do rio.

O piloto Israel Guimarães morreu pelejando e a mesma sorte tiveram o commissario Fiusa e o Dr. Albuquerque.

Os navios inimigos soffreram avarias ; quanto á tripulação, não ficou tambem incolume.

Depois de atravessar sitios onde nenhum homem civilisado antes pizára, com 400 pessoas que havia salvado, no numero das quaes se contavam 230 soldados que poudere reunir em sua penosa marcha; extenuados de cansaço, acabrunhados de miseria, famintos, com tal caravana chegou á capital de Matto Grosso, em 30 de Abril, o denodado 2.º tenente Oliveira Mello.

Quanto ao inimigo, é facil calcular a satisfação de seu chefe Vicente Barrios, quando no dia 29 de Dezembro pela manhã não viu tremular a bandeira brasileira no forte Coimbra e lhe communicaram das avançadas que a guarnição o tinha abandonado.

Bem caras haviam custado as investidas dos dias 28 e 29 e, o abandono do forte, sem mais combate, importára a salvação de centenas de soldados paraguayos.

Só depois de verificado, com toda cautela, que realmente os brasileiros se haviam retirado, entraram as forças inimigas alli e arvoraram a bandeira tricolor do Paraguay.

A defeza do forte Coimbra foi uma das acções mais gloriosas da campanha ; o ataque, porem, um documento eloquente da incapacidade do chefe Vicente Barrios.

Com effeito, um punhado de homens, abrigado em uma insignificante fortificação, apenas com 5 canhões, auxiliado por um pequeno vapor que dispunha só de 2 boccas de fogo, resiste valorosamente 2 dias aos ataques de forças quasi 30 vezes superiores em numero, servidas por baterias de campanha, secundadas por 51 canhões da esquadilha e afinal, aquelle punhado de bravos, com a incrível felicidade de não perder um só combatente, retira-se illudindo audaciosamente os seus inimigos !

Muita razão teve o governo brasileiro de crear uma medalha com a legenda — «Valor e Lealdade» — para os gloriosos defensores do forte Coimbra.

Entre os officiaes que atacaram o legendario forte, haviam alguns que tinham sido discipulos do chefe Porto Carrero.

A esplendorosa defeza dirigida por esse bravo, deveria ter vencido á esses officiaes e ao marechal Lopes que outr'ora o chamara — *mi maestro* — que, com effeito, Porto Carrero, mais tarde general e barão do Forte Coimbra, era um mestre completo.

Vejamos o que se passa no Rio da Prata.

Os acontecimentos ali não eram favoráveis á politica do marechal dictador Lopes.

O anno que findára (1864) não lhe tinha sido tambem muito favoravel em Matto Grosso, pois, o ataque ao forte Coimbra com que iniciou a campanha contra nós, não constituia um padrão de gloria para a capacidade militar dos chefes dirigentes.

Entra agora o anno de 1865.

A praça de Paysandú, no Estado Oriental, defendida pelo general Leandro Gomes que nos seus arrebatamentos de ferocidade, chegára a fincar em estacas nas trincheiras as cabeças ensanguentadas dos brasileiros que degolára, cahio á 2 de Janeiro em nossas mãos e nas das poucas forças do general Venancio Flores, nosso alliado.

O nosso exercito marcha depois para Montevideo afim de sitial a e obrigar-a a render-se.

Assim, os dias do partido *blanco* parecem contados.

Em principios de Fevereiro, o marechal Lopes ainda anima o governo que combatiamos, promettendo-lhe prompta remessa de 20.000 homens.

Montevideo, confiante n'esse reforço que, se chega á tempo, nos collocaria em situação difficil, gravissima, resiste, cheio de esperanças.

Temos, porem, nos altos dotes do diplomata brasileiro que representa o Brasil no Rio do Prata uma poderosa garantia.

E' o illustre conselheiro Dr. José Maria da Silva Paranhos.

Prevendo os acontecimentos, elle assigna o convenio de 20 de Fevereiro (1865) que dá por terra com o governo inimigo e assim se colloca o nosso alliado general D. Venancio Flores á frente dos negocios do Estado Oriental, como governador provisório da republica. Este acto de importancia politica transcendente que, no nosso paiz, a vilania das paixões partidarias do tempo não soube, não quiz ou simulou não comprehender toda extensão patriotica; desconcertou completamente os planos do marechal Lopes.

Com effeito, com aquelle convenio, o seu alliado, o partido *blanco* cahira e perdia o marechal todo o apoio no Estado Oriental e isso o obrigava á novos planos politicos e militares, porque esse paiz agora tornára-se nosso alliado e desembaraçado da luta, alli podiamos nos preparar para a campanha a que nos provocára.

A noticia do procedimento do governo paraguay, rompendo hostilidades contra nós, sem prévia declaração de guerra, e, por consequencia, affrontando do modo o mais offensivo o direito das gentes, sensibilisou profundamente a nação brasileira.

Um brado de vingança ergueu-se em todo Brasil

O governo, arrastado pelas suas pequenas paixões politicas, achou deficiente o convenio de 20 de Fevereiro, obra patriotica e providente, e exonerou o grande brasileiro José Maria da Silva Pa-

ranhos, seu autor, como vimos, do cargo de ministro em missão especial no Rio da Prata. Estávamos em situação liberal.

Paranhos militava nas fileiras conservadoras.

O substituto do illustre brasileiro aportou em Buenos-Ayres á 16 de Abril: era o conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa, homem illustrado, jornalista emerito, politico moderado, filiado á escola liberal; mas não havia em diplomacia dado a menor prova de suas aptidões.

Já dissemos que o marechal Lopes concebera o plano de vingar-se atrozmente da Republica Argentina, pelos factos apontados no começo de nossa narrativa. A imprensa de Buenos-Ayres continuava a cobrir o dictador do Paraguay de baldões e injurias.

A colera do marechal havia tocado aos ultimos limites.

No dia 14 d'aquelle mez, dous dias antes da chegada do novo ministro brasileiro em Buenos-Ayres, 5 vapores de guerra paraguayos, entre elles o *Marquez de Olinda*, arvorado em navio de combate, com tropas de desembarque, commandadas pelo chefe Mesa, já de volta de Matto Grosso; aportam á cidade de Corriente e tomam de sorpresa 2 vapores de guerra argentinos, *Gualeguay* e *Vinte cinco de Maio*; matam os que não podem escapar á esse ataque selvagem e traiçoeiro; occupam a cidade indefeza, cuja população, em sua maioria, foge ante a descommunal brutalidade paraguaya.

Alguns marinheiros que escaparam, do vapor *Gualeguay*, com um pequeno canhão atiram de terra contra o inimigo, ferindo-lhe 1 official e 40 marinheiros; mas afinal retiram-se, á vista da superioridade numerica.

Em quanto isto succede na capital da provincia de Corrientes, apresenta-se uma columna de 5000 paraguayos cujas avançadas chegam até Bella-Vista, na mesma provincia, d'onde se retiram porque não encontraram o apoio e protecção que esperavam na população.

Lagrãna, governador d'aquelle provincia, retirára-se da capital para Bella-Vista e d'esse ponto para um lugar denominado Rincon de Soto, 40 legoas abaixo; porem, voltou áquelle ponto apenas as avançadas se retiraram.

O governador não tinha forças para oppor ao inimigo.

A Republica Argentina, perante semelhante attentado, não podia agora deixar de atirar-se á luta.

A conducta vandalica do dictador paraguayo facilitava a missão do novo ministro brasileiro que devia, em virtude de suas instrucções, esforçar-se a chamar a uma alliança offensiva e defensiva a republica junto a qual se achava acreditado.

Paranhos, durante a sua missão, fez immensos esforços para conseguir essa alliança; mas achou o presidente Mitre, pouco disposto á ella, embora allegasse nutrir sympathias pessoaes pelo Brasil.

Como era natural, a população de Buenos-Ayres ao saber do ataque e invasão de Corrientes, bradou vingança.

O general Mitre, presidente, foi chamado pelo povo ás janellas do palacio do governo e respondeu, as manifestações bellicosas do povo, com um bello discurso que terminou com estas palavras : « Depois da provocação lançada, senhores, nosso governo não vos pôde dizer outra cousa senão que estaremos dentro de 24 horas nos quarteis ; dentro de 15 dias em campanha e em 3 mezes em Assumpção ! »

Estas palavras, infelizmente, não passaram de rhetorica ; a guerra não era popular na republica.

As dissensões politicas matavam o sentimento patriotico; a intuição do dever dos cidadãos em uma emergencia tão grave, em que as paixões partidarias deveriam dar tregóas entre si para unir todos contra o inimigo commum.

Entretanto muitos cidadãos se apresentaram para, unidos ao pequeno exercito da republica, vingarem a honra nacional ultrajada.

Na cidade do Rosario a indignação popular tocou ao extremo. O escudo das armas paraguayas foi arrancado do consulado, quebrado e bem assim o retrato do marechal Lopes, e os fragmentos arrastados pelas ruas e depois atirados ao rio Paraná.

Emquanto isto se passava, o inimigo occupava por emquanto sómente a capital de Corrientes e a povoação do Empedrado, 40 legoas abaixo de Bella Vista.

Se houvesse mais habilidade no nosso ministro ; se elle, considerasse que, á vista do attentado e affronta feitos á Republica Argentina, esta veria agora pressurosa solicitar a nossa alliança; poderia o Brazil obter condições mais compativeis com os seus interesses politicos e militares.

Infelizmente assim não succedeu.

O nosso diplomata não comprehendeu bem a situação e continuou a insistir pela alliança, dando tudo isso em resultado o impolitico e malfadado *Tratado da Triplice Alliança*, assignado á 1.º de Maio de 1865.

Esso tratado entregava a direcção suprema da guerra á um general estrangeiro, cheio de grandes meritos pessoaes, uma alta illustração ; mas inhabil como general, incapaz de dirigir um exercito, como mais tarde os acontecimentos se encarregaram, infelizmente, de provar.

E' vordade que a sua incapacidade ainda não se tinha salientado e isso poderia servir de desculpa áquelles que lhe enfeixaram nas mãos as attribuições de general em chefe, como já se disse algures ; mas, os que deram esse passo impolitico, desastrado, fizeram-no, sem duvida, em um momento de desfallecimento patriotico que, lhes apagou na mente a lembrança de que eram brasileiros e que acima de qualquer conveniencia, estavam a honra e a gloria do Brasil.

Iam, pois, em territorio inimigo, ficar sujeitos á um chefe estrangeiro os nossos generaes.

Esse chefe, nem se quer podia ser responsabilizado pelas leis militares do Brasil, pelos seus erros ou abusos, pois, o brigadeiro general D. Bartholomeu Mitre era presidente da Republica Argentina !

Que desastrado passo politico deu o governo d'aquelle tempo !

Assignado esse inqualificavel *Tratado de Alianca* que uniu as tres potencias, Brasil, Republicas Argentina e Oriental contra o Paraguay, começaram os alliados a preparar-se para a campanha.

O marechal Lopes reuniu por esse tempo na provincia de Corrientes 20.000 homens com 30 boccas de fogo, sob o commando do general Robles, pouco depois, porem, esse corpo d'exercito foi elevado á 30.000 combatentes com 60 canhões.

O inimigo tinha n'aquella provincia alguns partidarios, por isso organisou logo na capital um governo provisorio que declarou Corrientes, Estado livre e independente, sob a protecção do Paraguay.

O governo era formado de um triumvirato : Caceres, Silverio e Grauna.

O marechal Lopes começou logo, desde o inicio da guerra, a dar provas de pouca capacidade militar porque dividia o seu exercito e as fracções, pelas distancias em que operavam, não podiam proteger-se reciprocamente.

Agora pretende invadir tambem o Rio Grande, pois, desde Janeiro (1865) forças paraguayas passam o Paraná, em Itapúa acampam em São Carlos e ali reúnem-se 12.000 homens sob o commando do coronel Estigarribia.

Prevendo a invasão do Rio Grande, o general Osorio que pelo seu valor tanto se illustrou n'essa campanha, era de opinião que o nosso exercito se organisasse n'aquella provincia, em Missões, e ali fosse a nossa 1.^a base de operações, ou então nas proximidades de Uruguayana, na barra do Quarahym ; mas o illustre general não foi consultado oficialmente pelo governo.

O nosso exercito, estacionado nas proximidades de Montevideo, depois da campanha Oriental, mobilisava-se agora ; assim, em fins de Abril começou o embarque da infantaria e da artilharia para a barra do rio São Francisco, ponto de reunião, e a cavallaria marchou por terra, para, depois, d'esse ponto passar toda força para o territorio argentino.

Já antes, o nosso almirante Tamandaré, havia notificado o bloqueio dos portos do Paraguay e, para tornal-o effectivo, fez partir para as Tres-Boccas a 3.^a divisão da esquadra brasileira, sob as ordens do capitão de mar e guerra Gomensoro, reforçada depois com mais 4 canhoneiras ; mas essa força naval estacionou em Bella-Vista, e separada em 2 divisões, foram ellas entregues ao commando do chefe de divisão Barroso.

Algumas censuras fizeram-se ao chefe que dirigia a esquadra e então com fundamento. Ella devia ter avançado em tempo até a

cidade de Corrientes para bater os navios inimigos que alli aportavam conduzindo forças do Paraguay e recursos ; mas infelizmente as suas operações eram vagarosas.

Alguns dos nossos navios ancoraram, como vimos, em Bella-Vista, e, perto, no porto de Corrientes, estavam tambem tranquillamente ancorados alguns navios inimigos. O corpo d'exercito paraguayo acampado entre a cidade de Corrientes e o povoado do Empedrado, estava junto ás margens dos rios Paraná e Riachuelo que corre mais ou menos parallelamente ao primeiro ; fortificava e artilhava aquellas margens ; os seus vapores cruzavam d'ahi para Humaitá, sem que os nossos vasos de guerra lhes offerecessem o menor obstaculo.

Mais tarde, quando se resolveu atacar muito erradamente o inimigo nos pontos em que elle desejava e accumulou os seus recursos; as criticas e censuras não tinham fundamento porque os movimentos da nossa esquadra ficaram dependentes qu subordinados ás manobras e marchas do exercito alliado.

O marechal Lopes que no decurso da campanha imprimiu em seus planos uma extraordinaria audacia, felizmente não lembrou-se de mandar sua esquadra atacar os poucos navios que á principio estacionavam em Bella-Vista, no mez de Abril, empreza que certamente seria coroada de feliz resultado e, assim, pagariamos caro a imprudencia de não termos cuidado de reunir logo a maior parte da nossa força naval em lugar conveniente.

O facto de não se ter crusado as agoas do Paraná, de modo a molestar as communicações entre o Paraguay e o seu exercito que occupava Corrientes, achou quem o justificasse na necessidade que teve o commandante da força naval da vanguarda de attender as solicitações do general argentino Paunero para o transporte de suas forças, ora para abandonar Bella-Vista, ora para tornal-a a occupar. Mas esse facto teve lugar em Maio, como veremos, e sendo a declaração do bloqueio datada de 10 de Abril, ainda n'esse mez poder-se-hia terprehendido alguma acção naval contra o inimigo.

O marechal Lopes queria tirar todas as vantagens da offensiva e, por isso, deu ordem ao general Robles, que se conservava entre a capital de Corrientes e o Empedrado, que batesse as forças que encontrasse n'aquella provincia e invadissem a de Entre-Rios.

O general Paunero, que foi mandado pelo general em chefe do exercito alliado para Bella-Vista, afim de observar os movimentos do inimigo, era homem de character prehendedor e audaz e, assim, não se resignava á immobibilidade.

Embora apenas tivesse poucas tropas sob seu commando, combinou com o chefe Barroso, da nossa força naval de vanguarda, um plano para hostilizar o inimigo, de accordo com Caceres, general tambem argentino e o governador Lagrãna que, appellando para o patriotismo dos correntinos leaes, conseguira reunir alguma cavallaria.

Em virtude das ordens que havia recebido, Robles, á 44 de Maio, avançou para Bella-Vista.

Paunero, ao saber de seu movimento, embarca no Rincon do Soto a sua infantaria, composta de 4.200 homens, excellentes soldados, pela maior parte engajados na Europa, e segue para atacar a cidade de Corrientes, base de operações do inimigo.

O chefe Barroso vai protegendo com os nossos navios a expedição.

Robles havia deixado em Corrientes um official de sua confiança, Martinez, á testa de 2.000 homens e 3 peças d'artilharia para proteger essa posição.

A' bordo dos nossos navios, que iam na expedição, havia uma brigada de infantaria e 2 canhões de campanha.

No dia 25 de Maio, a expedição chegou á cidade de Corrientes e ás 2 horas da tarde começou o desembarque e com elle as hostilidades.

Os nossos vasos de guerra coadjuvaram o ataque.

Os paraguayos, á principio, procuram impedir o desembarque e, não o podendo conseguir, entrincheiraram-se nas casas e em um quartel.

O fogo dos nossos navios e o de 2 canhões obuses, dirigido este ultimo pelo tenente d'artilharia Tiburcio Ferreira de Souza que desde então começou a illustrar o seu nome; e depois, as cargas de bayoneta dos argentinos, desalojaram o inimigo. Esse combate travou-se ao norte da cidade, em um dos seus suburbios.

Desalojados d'ahi, os paraguayos procuraram fazer-se fortes defendendo uma ponte que ligava a cidade á esses suburbios; mas, foram tambem ainda batidos, repellidos, e avançando sempre os nossos, passaram a ponte e a luta continuou do outro lado d'ella.

Entretanto, o inimigo desprendeu uma força para flanquear os argentinos que isso não perceberam, entretidos no conflicto; mas, o 9.º batalhão d'infantaria brasileira carregou á bayoneta e com suas brilhantes cargas destruiu os projectos paraguayos. Emfim, Corrientes, ao escurecer, era nosso.

O chefe paraguayo, commandante Martinez, retirou-se á espera de reforços que havia pedido e que, com effeito, vieram, mas já tarde.

Elle teve 400 mortos, 83 feridos e prisioneiros; perdeu 3 peças d'artilharia, 1 bandeira, grande quantidade de armamento e munição.

Tivemos 200 argentinos, e 21 brasileiros, fóra de combate, entre mortos e feridos.

Desde então começaram os alliados a apreciar a coragem selvagem dos paraguayos.

As nossas forças portaram-se com toda honra. O fogo dos canhões foi sempre desviado das ruas ou dos pontos em que podiam

prejudicar os edificios. Os habitantes da cidade, mais animosos, apreciavam, dos sobrados e dos telhados das casas, as alternativas e peripecias do combate,

O governo provisório, apenas ouviu o troar da nossa artilharia, e o ministro Berges, do marechal Lopez, que tinha ido aquella cidade, trataram de se pôr á salvamento.

O dictador querendo estimular o valor de seu exercito, creou por esse tempo a ordem honorifica do Merito, imitação da Legião de Honra, instituida por Bonaparte, quando consul ; e, cousa notavel, apesar de ser o chefe da nação paraguaya, presidente de republica, a gran-cruz da ordem só podia ser conferida no estrangeiro aos imperadores e reis, de modo que essa circumstancia não abonava os seus sentimentos republicanos e corroborava de alguma sorte a opinião, então corrente, de que, se a victoria corôasse as armas paraguayas, surgiria no Rio da Prata um Imperio, cujo sceptro o dictador empunharia.

Teríamos, pois, n'America do Sul mais uma dynastia :—a casa Lopez.

A posse da cidade de Corrientes, por uma força dos alliados, não foi de longa duração, pois, já no dia seguinte, á noite, (26 de Maio) foi preciso abandonal-a porque as tropas eram em numero diminuto e não poderiam lutar com um exercito de 20.000 homens, como o de Robles que, vendo atacada a sua linha de retirada e base de operações, teria de contra-marchar de Bella-Vista ou de outro qualquer ponto em que se achasse, para bater-se até a ultima extremidade afim de melhorar de situação.

Assim, pois, abandonou-se a cidade de Corrientes e voltou a força ao Rincon de Soto.

O governo argentino creou uma medalha para commemorar esse feito d'armas.

Esta proesa militar, executada por Paunero e Barroso, foi considerada um grande erro ; pois, opinava-se que não deveriam atacar uma posição como aquella, que não se podia conservar, por causa da força diminuta que se empregou na empresa e muitas outras considerações se fizeram, de ordem tactica e estrategica, de valor apenas na apparencia.

O primeiro guerreiro, porem, o capitão de inspirações estrategicas mais sublimes ; o Homero da guerra, o grande Bonaparte dizia que *na guerra nada ha de absoluto* ; assim, se considerarmos que era necessario, com a maior urgencia pôr um paradeiro á audaz offensiva do inimigo que com ella procurava internar-se pela provincia de Corrientes e passar á de Entre-Rios, onde se sabia ter o marechal Lopez grande numero de partidarios ; não se pôde á vista d'isso e de outras ordens de considerações, condemnar o movimento operado por Paunero e Barroso que conteve o inimigo em sua marcha invasora, lembrando-lhe quanto era imprudente expôr a sua linha de

retirada e base de operações, pois se agora a tínhamos atacado com um punhado de homens, poderíamos fazê-lo mais tarde, com fortes contingentes.

As consequências moraes foram, por tanto, de transcendental importancia.

Foi essa operação e depois a derrota da esquadra inimiga que nos permittiram organisar, nas provincias de Corrientes e Entre Rios, o nosso exercito, com as levas patrioticas que correram em defeza dos brios nacionaes.

Comprehende-se que, se já tivessomos um exercito numerozo e disciplinado e assim pudessemos destacar uma forte columna para executar esse movimento, essa importante diversão, habilmente concebida por Paunero e Barroso, auxiliada com a nossa esquadra; o inimigo, atacado pela frente e pela sua base de operação e linha de retirada, seria provavelmente esmagado; não tínhamos, porem, ainda forças sufficientes e, por isso, não se poudo tirar todas as vantagens materiaes d'essa bonita concepção estrategica.

O marechal Lopes, ao saber do ataque á Corrientes, encolerisou-se muito e não sabendo fazer bastante justiça ao chefe Martinez que se batera como um bravo; ou querendo fazer crêr ás suas tropas que ellas tinham perdido, embora por momentos, a posição, pela traição ou incapacidade de seu chefe; mandou que o fuzilassem e assim foi o valente Martinez passado pelas armas.

O que é verdade é que a cidade de Corrientes, sem fortificações e correspondente artilharia, não podia repellir com vantagem o ataque de Paunero e Barroso, coadjuvado pela artilharia de alguns dos nossos navios; pois, toda a força inimiga, encarregada da defeza, não excedia á 2.000 homens e 3 pequenos canhões; do modo que, a nossa columna, insufficiente para manter-se na posição tomada, era, em todo o caso, bastante forte para arrebatá-la, como o fez.

A expedição de Paunero voltou para o Rincon de Soto, como já dissemos, á 26 de Maio, á noite, em transportes á vela, rebocados pelos vapores argentinos *Paron* e *Pampeiro* que Barroso mandou comboiar pela corveta *Itajahy*.

Abaixo, porem, da cidade de Corrientes, fronteiro ao lugar denominado Columna, proximo ao rio Riachuelo, ancoraram os outros navios brasileiros que tinham acompanhado aquella expedição.

O marechal Lopes, á 8 de Junho, chegou á Humaitá, celebre fortaleza julgada inexpugnável, vindo da capital, e comsigo trouxe 8 navios de guerra de sua esquadra.

Elle se achava desgostosissimo das operações do exercito sob as ordens do general Robles, em Corrientes.

Em Humaitá planejou atacar de improviso a nossa esquadra para ver se nas agoas correntinas seria mais afortunado.

Resolvido a realizar essa empresa, passou em Humaitá uma minuciosa revista ás guarnições e forças de desembarque de sua es-

quadra; dirigiu-lhes uma proclamação ordenando que atacassem os nossos navios; pediu-lhes que lhe trouxessem prisioneiros, ao que os seus marinheiros e soldados responderam que não havia necessidade d'isso, que matariam á todos e haviam de trazer á reboque os vasos brasileiros.

Com taes disposições seguiram os vapores paraguayos *Tacuary*, *Paraguay*, *Igurey*, *Iporá*, *Marquez de Olinda*, *Jejuy*, *Salto Oriental*, *Pirabébé*, e *Iberá* com 45 canhões e 6 *chatas* ou baterias fluctuantes, artilhadas com peças de calibre 68 e 80; ao todo, emfim, 54 boccas de fogo e 2.500 homens, entre marinheiros e soldados, tudo sob o commando do chefe Mesa, já nosso conhecido, e do sub-chefe ou immediato Cabral.

Não querendo deixar nada á fortuna, ao acaso, á sorte vária das armas que ás vezes inutiliza as mais bellas combinações; emfim, para que a victoria lhe fosse infallivel, mandou um coronel d'artilharia de nome Bruguez assestar uma bateria de 30 canhões, nas barrancas do Riachuelo, lugar que havia escolhido para anniquillar a nossa esquadra, caso não fosse possível atacal-a e abordeal-a á noite, de improviso.

Alli, ordenou que se postassem 3 000 homens de infantaria sob as ordens de outro coronel de nome Aquino, cuja missão era proteger as baterias e, com a fuzilaria, segundál-a na réfrega.

Em virtude das ordens do marechal dictador, o chefe Mesa, na noite de 40 para 41 de Junho, demandou o rio Paraná e singrando, agoas abaixo, pretendia á toda força passar em frente á cidade de Corrientes e atacar de sorpresa os nossos navios, que se achavam fundeados no ponto que já indicámos.

A sorpresa, porem, á noite não pôde ter lugar porque um dos vapores, o *Iberá*, partiu a helice, nas Tres-Boccas, e esse accidente que inutilisou o navio para o combate, demorou a projectada operação.

Então, o chefe Mesa tratou de pôr em pratica o outro plano que era attrahir os nossos vasos de guerra ao Riachuelo, entre as ilhas que alli existem, sob a bateria e infantaria dos coroneis Bruguez e Aquino.

O enthusiasmo do inimigo tocava ao delirio.

O commandante Gil, do *Iberá*, vendo que não podia tomar parte na lucta prestes a travessar-se, derramava copiosas lagrimas. tentando varias vezes suicidar-se ! O inimigo, pois, contava colher uma victoria tão brilhante que offuscaria a gloria de Aboukyr, Trafalgar e Navarino, um triumpho estrondoso que elevaria a joven marinha paraguayá ao nivel das primeiras do mundo !

Duas divisões da nossa esquadra, 2.^a e 3.^a, compostas dos vapores *Amazonas*, *Parnahyba*, *Araguary*, *Iguatemy*, *Mearim*, *Jequitinhonha*, *Beberibe*, *Belmonte*, e *Ipiranga*, sob as ordens do chefe de divisão Barroso, de quem já temos tratado, ancoradas do lado do Chaco, estavam mais ou menos equidistantes da cidade de Corrientes e das barrancas do rio Riachuelo.

Dos nossos navios, postados em linha, podia-se vêr aquella cidade.

O chefe Barroso não tinha sciencia da bateria de 22 canhões que nas margens do Riachuelo, que lhe ficavam fronteiras, havia collocado o inimigo, conservando-a mascarada.

Das Tres Bocas para baixo, toda margem correntina estava occupada pelo inimigo até Bella-Vista.

Em taes condições estavam os nossos navios. O vapor *Amazonas* tinha desfraldado no mastro o pavilhão do chefe Barroso; a *Jequitinhonha*, a insignia do capitão de mar e guerra Comensoro, immediato no commando e também commandante da 3.^a divisão.

Toda a nossa força naval attinge ali á 59 bocas de fogo e á 2.297 combatentes, inclusive officiaes de mar e terra, sendo 1.143 da marinha e 1.174 do exercito que se achavam á bordo para qualquer operação de desembarque.

Surge, enfim, o dia 11 de Junho.

Ninguém espera o inimigo; os nossos vasos de guerra estão com os seus fogos abafados, alli tranquillamente ancorados.

Era um domingo.

As 9 horas da manhã preparavam-se os officiaes para almoçar.

N'esse momento, o vigia do mastro de proa da canhoneira *Mearim*, grita:

— *Esquadra inimiga pela proa!*

O commandante d'esse navio, Elisiario Barbosa, manda içar o signal—*inimigo á vista*.—

Este signal é percebido immediatamente pelo navio chefe *Amazonas* que deu logo ordem para despertar os fogos abafados.

Com effeito, era a esquadra inimiga que avançava, á toda força, em linha, rebocando 6 chatas, as baterias fluctuantes.

A bordo dos nossos navios todos chegam á posto e a artilharia é guarnecida sem perda de tempo.

O navio chefe iça o signal de *suspender e preparar para combate*.

A esquadra inimiga se aproxima e o canhoneio começa; a *Belmonte*, testa da columna, o inicia. De passagem, o inimigo despeja os seus canhões sobre os nossos vasos.

São estes canhoneios as continencias de dous adversarios que se experimentam, por alguns momentos, para depois se assaltarem encarniçados. Os navios inimigos vão agoas abaixo e sempre á toda força.

O commandante Mesa cumpre á risca o plano: vae, pois, collocar-se sob a bateria de Bruguez e a fuzilaria d'Aquino. De uma e outra parte estrugem os ares com vivas entusiasticos.

A nossa esquadra suspende os ferros uma hora, mais ou menos, depois da passagem do inimigo

Ancorada, como vimos, com os fogos abafados, não teve tempo de se oppôr á passagem e só agora, depois d'aquellas

continencias, vae procurar a adversaria e medir-se no proprio lugar que esta escolheu para o conflicto.

Emfim, recebe a nossa esquadra ordem de descer. A *Belmonte*, que, como vimos, faz a testa da columna, inverte a linha e os outros navios a imitam, com recommendação de navegarem o mais junto possivel.

Apesar d'isso, a *Belmonte*, esse intrepido navio, lá vae agoas abaixo á grande distancia dos outros.

A sua guarnição delira de enthusiasmo.

O navio-chefe, *Amazonas*, ordena que acompanhem a *Belmonte*; mas só elle, devido á sua bôa marcha pode ir na vanguarda.

Barroso está no passadiço.

Atraz da *Belmonte* e *Amazonas* seguem a *Beberibe*, a *Mearim*, a *Araguary* e depois os outros.

Do navio chefe parte ordem de *principiar o combate com qualquer dos inimigos*.

A *Belmonte* e *Amazonas* approximam-se da linha inimiga e d'esta e da bateria de terra, irrompem granadas, bombas, balas e foguetes á congrêve que silvam pelos mastarêos, cordas e vergas dos dous denodados vasos de guerra.

Elles respondem com bala e metralha; as suas guarnições levantam hurrahs e vivas e os dous destemidos atravessam a linha adversaria e seguem avante para voltar logo.

Está engajada a batalha.

Os outros vasos brasileiros ahi vêm chegando e o inimigo os recebe do mesmo modo.

De parte a parte trabalha o canhão e a mosquetaria.

Por entre a fumaça divisa-se no navio chefe um signal,

Os commandantes, em cada um dos nossos vasos de guerra, repetem ás guarnições as palavras que exprimem aquelle signal: — *Sustentar o fogo que a gloria é nossa!*

O lugar da batalha não permite guardar ordem alguma; então, cada um navio procura anniquillar o adversario que lhe está mais proximo, á bala e á metralha, antes de abordal-o.

A *Araguary*, sob commando de Hoonholtz, na descida, entre um banco e a bateria Bruguez, é investida pelo *Tuquary*, onde o chefe inimigo tem o seu pavilhão, e por mais dous, o *Salto* e o *Pu-raguary*; mas a metralha de 3 rodizios, atirada á queima-roupa, fez afastar os adversarios, e o bello navio brasileiro segue avante; pouco depois, chega a *Mearim*; prolonga-se com alguns navios inimigos, vomita-lhes metralhas e fogo de espiarda e, em vão, 3 d'elles avançam para abordal-a: ella segue ativa nas aguas dos outros vasos.

Tudo isso é feito de passagem.

Infelizmente, a *Jequitinhonha*, ao descer para enfrentar-se tambem com o inimigo, encalha em um banco de areia e fica exposta á um fogo terrivel da bateria de terra. Alguns dos vasos inimigos

imediatamente percebem que ella está encalhada e, em numero de 3, separam-se da linha e avançam para abordá-la; mas a guarnição repelle-os com fogo mortifero de metralha; renovam a investida varias vezes até que a approximação da *Beberibe* e dos outros, os fazem definitivamente virar de bordo.

O fogo, porem, da bateria Bruguez, varre a coberta da *Jequitinhonha*; o pratico é morto logo; ferido Gomensoro que ali está, chefe da 3.^a divisão; mas, o commandante Joaquim Pinto, apesar de ver o seu navio varrido á metralha de popa á proa, responde a esse fogo medonho tambem á tiros de canhão e espingarda.

A posição escolhida pelo inimigo lhe é muito favoravel.

Alem de outras circumstancias, o fogo da bateria de terra e o da infantaria; o calado inferior dos navios em relação ao dos nossos, constituem um poderoso auxiliar n'aquella conjunctura.

Entretanto, os nossos bravos marinheiros, resolutos, queriam levar tudo de vencida.

A *Belmonte*, virando de bordo para atacar a linha inimiga, sustenta combate com a bateria de terra e as fluctuantes, recebendo ainda fogo de fusilaria e todo esse fogo que á principio era mal dirigido, agora attinge ao valente navio, cujo chão está alagado de sangue. Ella não deixa, porem, de oppôr ao fogo que o inimigo golphêa, a sua mortifera metralha.

Entretanto, lá vem o navio-chefe, a *Amazonas*, que volta impavida, resoluta, com a prôa para os adversarios.

E' um gigante que avança, consciente de sua força, da regidez da sua musculatura

Chega á final na liça e, sempre de prôa contra o inimigo, escolhe para sua primeira victima o *Jeju*; avança sobre elle, dispara-lhe a metralha de seu rodizio de prôa e fazendo d'esta um ariete, dá-lhe um tremendo choque que o mette á pique.

A *Parnahyba*, depois de vivo fogo com a bateria Bruguez e alguns navios, vê que tres d'elles, o *Taquary*, *Paraguay* e o *Salto*, avançam para abordá-la.

O seu bravo commandante Aurelio Garcindo Fernandes de Sá manda, aos hurras da guarnição, que a machina funcione á toda força; avança contra os adversarios e, colhendo entre elles, o *Paraguay*, dá-lhe um choque com a prôa que o obriga a afastar-se; mas, infelizmente, o *Taquary* por B B e o *Salto* por E B aborram-na, tendo antes o valoroso navio disparado dous tiros de metralha que fizeram horrendo matança no vaso inimigo, que lhe chegara por B B; mas, infelizmente, encalha a *Parnahyba*!

Abordada, então, a guarnição defende-a, auxiliada por duas companhias do 9.^o batalhão d'infantaria; entretanto, o inimigo consegue saltar no navio e uma terrivel luta se trava á arma branca.

Outro navio inimigo, que vira a investida da *Parnahyba* contra o *Paraguay*, avança á toda força em direcção á ella, e aborda pela

prôa : é o *Marquez de Olinda* que o marechal Lopes aprisionára em Assumpção.

Assim, os 3 navios inimigos despejam sobre o tombadilho da heroica *Parnahyba*, as suas forças de abordagem.

A luta alli é tremenda e desigual.

Um official paraguay o dirige-se á pópa e intima ao guarda marinha Greenhalgh que arreie o pavilhão brasileiro : o heroico joven responde-lhe com um tiro que o prostra morto. Outro official inimigo que se acha proximo, vê cahir o seu camarada e atira então um golpe de sabre que degolla o valoroso Greenhalgh.

Pedro Affonso, Andrade Maia, aquelle capitão, este tenente, defendem a bandeira do 9.º batalhão ; matam os adversarios á arma branca e cahem afinal mortos, cobertos de cutiladas e de golpes de machadinha.

A bandeira brasileira está prestes a ser arrejada do mastro de honra da *Parnahyba* para cahir sobre aquelle scenario de sangue, de heroismo e de gloria !

A metade do navio está em poder dos adversarios : á pópa estão elles ; á pópa nós !

Como ondas agitadas por impetuosa tormenta, brasileiros atiram-se aos paraguayos ; estes áquelles, sedentos todos de vingança, espumantes de colera, delirantes de odio ; mas, somos poucos e o duello trava-se em todo o convez.

Um official inimigo toma conta do leme !

O imperial marinheiro Marcilio Dias, um dos heroes de Paysandú, luta contra 4 ; mata 2, porem, cahe, mutilado de cutiladas, morto, junto á um rodizio que defendia.

Antes da abordagem, a maior parte da guarnição da *Parnahyba*, tinha, por ordem de seu commandante, descido á coberta para se poder, livremente manobrar com os canhões. N'este momento, porem, em que se peleja quasi sem esperança a não ser a de morrer gloriosamente ; sóbe a parte da guarnição que estava na coberta e atira-se á carnicina.

Em todo caso, é ainda um reforço pequeno, porque o inimigo continua a despejar no convez forças frescas.

Uma bala nossa fere gravemente o chefe Mesa, que é substituido pelo seu immediato, o commandante Cabral que, assim, assume a direcção geral da batalha.

Lucta-se já no convez da *Parnahyba* uma longa hora ; em toda linha, porem, já dura a terrivel réfrega mais de 3 !

A' bordo da *Parnahyba* perde-se, afinal, de todo a esperança de repellir o inimigo.

O bravo e intrepido commandante combina, então, com o seu immediato Felipe Rodrigues Chaves, lançar fogo ao paiol e, assim, fazer voar o glorioso navio em pedaços !

A ordem vai ser cumprida e, para executá-la, segue valorosamente o official escrivão Corrêa da Silva.

N'esse momento terrível que se approxima rapido e, em que a explosão vai pôr termo ao sangrento conflicto n'aquelle navio, reduzindo tudo á migalhas, envolvendo essa explosão em seus braços de morte e exterminio talvez os trez vasos inimigos, ouvem-se vivas á nação brasileira, ao imperador, ao chefe Barroso e ao almirante Tamandaré !

Corrêa da Silva estaca attento, ao ouvir aquelles vivas ; e, com razão, acredita que desponta uma situação melhor e que, assim, não seja preciso ter lugar a medonha e gloriosa catastrophe.

Com effeito, ella é desnecessaria.

O navio-chefe, a *Amazonas*, entretida em bater os canhões de Bruguez e a metralhar ainda alguns dos navios inimigos; percebe por entre o denso fumo da batalha a abordagem da *Parnahyba* e, então, avança á toda força em direcção aos inimigos que abordam-na, e, os nossos bravos, que os combatem, prestes a desaparecerem na explosão, avistam a protecção providencial que se approxima e erguem aquelles vivas.

Nas agoas da *Amazonas*, navegam a *Belmonte* e a *Mearim*.

Os nossos marinheiros e soldados fazem um esforço supremo e á machadinha, á ponta de bayoneta e de sabre, carregam sobre os adversarios que, á seu turno, notam a rapida approximação dos nossos valentes vasos de guerra.

Muitos paraguayos tratam de saltar para seus navios ; outros atiram-se ao rio.

Chega o navio-chefe ; investe contra o *Marquez de Olinda* e com o choque de sua prôa o inutiliza ; avança sobre o *Salto* que tem a mesma sorte e vai de encontro a barranca, onde encalha ; depois, mais um choque no *Paraguay*.

O *Tuquary*, receiando a prôa da terrível *Amazonas*, foge da liça.

Então, o nosso navio-chefe, coberto de gloria, com a sua guarnição valorosa, ébria de enthusiasmo, avança para uma bateria fluctuante ; dá-lhe um tiro e, logo apóz, um choque e assim a colloca fóra de combate.

O *Paraguay* e o *Salto*, apesar de suas irremediaveis avarias, mesmo encalhados não emudecem os seus canhões ; mas, chega o *Ipiranga*, sob o commando de Alvaro de Carvalho, que já havia mettido á pique uma bateria fluctuante e medido-se com a bateria Bruguez e, á bala, á metralha, arromba o costado e as caldeiras do ultimo d'aquelles vasos inimigos ; parte da guarnição, que sobrevive, atira-se á agoa, despiando-se dos uniformes vermelhos.

Não fica n'isso. O *Ipiranga*, então, avança e prolonga-se com o *Paraguay* e criva-o de metralha ; parte da guarnição que consegue escapar á morte, como a do *Salto*, precepita-se ás agoas do Riachue-

lo em cuja superficie fluctuam destroços humanos, uniformes, kepis, canoas sem governo. O bravo Alvaro de Carvalho manda occupar o desmantelado vaso paraguayoy ; arrear a bandeira e substitui-la pela brasileira e navega depois em direcção à *Jequitinhonha* que, sempre, encalhada e, á tiro de pistola, ainda sustenta um fogo espantoso com a bateria Bruguez.

A *Parnahyba*, a gloriosa *Parnahyba*, livre dos inimigos que a tinham abordado, com o convez alagado de sangue e cheio de fragmentos humanos, consegue, enfim, safar.

Sem leme, governando com a vela de *estaes e latina* e á machina; esse colosso de heroismo avança assim mesmo para o *Salto* que, cheio d'água, ainda conserva no mastro a bandeira paraguaya e expelle um ou outro canhão, como soluços de um leão moribundo !

Ao vêr approximar-se a *Parnahyba*, o machinista, Gibson, inglez, grita para o intemerato commandante do nosso navio que não atire mais porque a guarnição que restava, rendia-se.

A gloriosa e magnanima *Parnahyba* responde que arree a bandeira paraguaya, porque enquanto ella tremular será o *Salto* considerado combatente : a bandeira é arreiada.

O navio é então occupado pela nossa maruja; a guarnição prisioneira, e a bandeira brasileira hasteada no mastro de honra, aos vivas e hurrahs !

A *Belmonte*, com seu intrepido commandante Joaquim Francisco de Abreu, depois de sustentar heroico combate com a bateria de terra e alguns navios, fica com o costado varado de balas ; a agoa invade lhe em borbotões o porão; mas assim mesmo ella avança á rumo da *Parnahyba* quando esta fôra abordada e corrêra os perigos que descrevemos.

Ao approximar-se, uma bomba inimiga explode na coberta e atêa n'ella fogo intenso. Então o commandante vê-se na necessidade de tocar atraz e encalhar para salvar o seu navio.

Era tempo, porque a agoa attingia já á 2 pés acima do assoalho da coberta; mas, o incendio extinguiu-se.

Não ha duvida : os paraguayos batem-se com inexcédível valor !

O *Marquez de Olinda*, com quanto inutilizado pelo choque da prôa da nossa *Amazonas*, traz içado a bandeira inimiga e a guarnição prepara jangadas no meio do fragor da batalha, para abandonar o navio prestes a avysmar-se ; mas, chegam-se a elle a *Mearim* e a *Araguary*, intimam que dê fundo, arree a bandeira para se arvorar a nossa.

Poucos momentos depois, o *Marquez de Olinda* que, traiçoeiramente nos fôra arrebatado, em plena paz, e que conduzia para Matto-Grosso o presidente coronel Carneiro de Campos, cahem em nossas mãos, embora de todo destruido ; mas, o infeliz coronel, esse jámais veríamos restituído á patria !

Macedo Coimbra, com a sua *Iquitemy* acompanha os outros vasos brasileiros na sua faina de morte e, depois dos terríveis choques da *Amazonas* que inutiliza metade da esquadra inimiga, elle recebe ordem do collocar-se ao lado da *Jequitinhonha* para bater com seus projectis a bateria Bruguez.

Emfim, ás 5 horas da tarde o fogo vai cessando e apenas da força naval que pretendia levar os nossos vasos de guerra á reboque, como trophéos da victoria, restam o *Taquary*, *Ipordé*, *Igurey* e *Pirabébé* que fogem do lugar d'acção aterrados da proa da *Amazonas*, perseguidos tenazmente pela *Araguary* que com a sua poderosa artilharia arremessa-lhes certos projectis que augmentam as avarias.

Então, o navio-chefe, o heroe dos heroes da espantosa e mortífera réfrega, quer destruir o que resta, antes do dia engolhar-se na escuridão da noite que se approxima.

Do inimigo, só fallam os canhões da bateria Bruguez e de 3 *chatas* ou baterias fluctuantes, que se haviam collocado, meio mascaradas pelas matas que bordam as margens do Riachuelo.

Mas, ali mesmo não escapam á sanha patriótica da formidável *Amazonas*.

Esta atira-lhes alguns balazios e, á toda força, a investe com sua proa destruidora e ás inutilisa.

As guarnições, atirando-se á agoa, procuram fugir á furia do gigante.

Na esteira da *Araguary*, que não cessa de dar caça aos quatro navios fugitivos, segue o bizarro commandante Bonifacio de Sant'-Anna com a sua *Beberibe*, coadjuvando a gloriosa companheira.

Não emmudece a bateria Bruguez !

Os nossos navios se approximam d'ella e tropejam, golpream metralha ; mas, a posição em que está esse vulcão é excellente e o torna quasi invulneravel.

Atinal, ao despedir-se o dia que tinha illuminado por tanto tempo o scenario em que se exhibira aquella epopéa grandiosa de sangue, de acções heroicas, extraordinarias e maravilhosas; em que os nossos marujos e soldados escreveram uma das paginas mais sublimes da nossa Hliada ; os canhões de Bruguez ficaram mudos e frios, concentrados certamente na dôr e angustia da tremenda catastrophe nacional.

A *Beberibe* parou a perseguição dos navios fugitivos : a *Araguary*, porem, continuou sosinha á dar-lhes caça, lançando-lhes balas com o seu rodizio de proa.

Escurecia cada vez mais.

Então a *Beberibe*, approximando-se da *Araguary*, deu-lhe ordem de voltar.

Volta, pois, a valente *Araguary*, que perseguira até a distancia de mais de 3 milhas do lugar da batalha, os quatro adversarios.

Ao chegar, ainda apodera-se de uma bateria fluctuante que escondida, conseguira escapar ás devastações da *Amazonas*.

Era então noite fechada.

Canhões e espingardas estavam mudos e, de todo aquelle medonho estrepido da batalha, só resta agora o ruído produzido pelo marulho das agoas que se conflue e se mescla com os gemidos dos feridos, os suspiros dos agonisantes e com as vozes dos officiaes que dão e transmittem ordens.

Tal foi a batalha naval de Riachuelo.

Ella foi uma verdadeira gloria para o Brasil e para nossa marinha de guerra.

O inimigo bateu-se com fanatico heroismo.

O scenario excepcional em que se representára tão sanguinolenta tragedia : um estreito rio, semeado de ilhas, baixios e bancos do arêa ; as margens artilhadas e guarnecidas ainda por numerosa infantaria, e o facto de ser a primeira vez que se batiam duas forças navaes só constituidas de navios á vapor, todos de madeira ; todas estas extraordinarias circumstancias attrahiram a admiração das nações estrangeiras para os vencedores, e foram causa de estudos, discussões e apreciações no mundo militar.

O chefe Barroso fazendo da prôa do navio-chefe um terrivel e destruidor ariete, moreceu no paiz e no estrangeiro entusiasticos encomios.

Emfim, essa esplendida victoria encheu o Brasil de justo orgulho e os valentes que concorreram para ella, receberam justas e grandes homenagens.

As nossas perdas foram sensiveis pelas qualidades moraes das gloriosas victimas ; as do inimigo, foram grandes, extraordinarias.

Tivemos 245 homens fóra de combate ; d'estes 7 officiaes mortos e 43 feridos ; 80 mortos entre marinheiros e soldados ; 125 feridos e 20 extraviados que certamente encontraram a morte no seio das agoas do memoravel Riachuelo.

Colhemos muitos trophéos.

Entre elles 4 chatas ou baterias fluctuantes com a respectiva artilharia. Ao inimigo coube mais de 4.500 mortos, pois, raros foram os que puderam sobreviver á destruição dos 4 vapores.

N'esso numero, superior á 4.500, acham-se, tambem, as victimas do nosso fogo nas guarnições dos 4 vasos que conseguiram escapar, mas que foram perseguidos ; a mortalidade na bateria Bruguez ; os affogados durante a luta e os que succumbiram nas baterias fluctuantes.

Foi tambem grande o numero de feridos.

Entre elles, como já vimos, o chefe Mesa, gravemente, por uma bala de espingarda da guarnição da *Parnahyba* ; o commandante Robles, do *Marquez de Olinda*, irmão do general commandante das

forças de Corrientes ; Alcaraz, do Salto. Estes dous ultimos e muitos marinheiros e soldados inimigos foram conduzidos para os nossos navios, onde se trataram dispensando-se-lhes todo carinho.

A respeito do commandante do *Marques de Olinda*, o chefe Robles, publicou-se que abordo da *Araguary*, para aonde foi conduzido pelo bravo von Hooholtz, sem sentidos ; reconheceu-se que era necessario amputar-se-lhe um braço e que, feita a operação, o official voltára a si e vendo-se prisioneiro, rompera as ataduras exclamando que preferia morrer.

Isso não é exacto.

Robles encontrado por Hooholtz á bordo do *Marquez de Olinda*, entregou a espada ; elle estava gravemente ferido e foi logo conduzido para a *Araguary*, onde aquelle distincto official deitou-o em sua propria cama ; serviu-o com um calix de vinho do Porto para reanimal-o, dirigindo-lhe palavras de conforto.

Depois, transportaram-no, bem como á outros feridos paraguayos para bordo do navio-chefe, onde pouco sobreviveu ao seu ferimento.

Robles mostrou-se até, ao ultimo momento, grato aos sentimentos generosos dos brasileiros.

Era um bravo e distincto official.

O chefe Mesa seguiu para Humaitá.

Era um velho marinheiro ; bravo, intrepido e apto para bater-se no commando de um navio contra outro navio ; servia, pois, para essa especie de duello naval ; mas, não tinha capacidade para dirigir uma esquadra em acção de combate

Era uma questão de aptidão.

Elle não era responsavel por não possuil-a. O marechal Lopes não soube medir as forças intellectuaes do bravo marinheiro e sobre elle lançou a culpa do desastre.

O misero, em vez de encontrar no seu infortunio palavras que mitigassem a dor de seu glorioso ferimento ; já agonisante, recebeu do marechal a communicação de que apenas se restabelecesse, seria fuzilado pela sua cobardia !

Elle expirou 17 dias depois da batalha, levando para o seio da terra certamente o coração cheio de despreso e asco pelo tyranno de sua patria.

Puderá alguém calcular o rancor de que se apoderou o marechal Lopes ao saber do terrivel desastre ?

Elle, em Humaitá, cheio de alegria e esperanças, recebeu, durante toda a batalha, telegramas que lhe enviava de Corrientes o seu ministro das relações exteriores José Berges, relatando as peripécias da luta.

A' principio, as communicações foram favoraveis e immediatamente transmittidas para a capital da republica, onde o enthusiasmo

chegava aos ultimos limites ; enfim, todos tinham esperanças na victoria.

Mas estas esperanças eram fallazes.

Não tardou muito e já o ministro communicava que a victoria desamparava as armas paraguayas. Então, a dôr, e a desesperação, mescladas de intenso rancor envolvem o coração d'esse homem :

Elle, porem, nada publicou ; todos, pois, acreditavam que a sorte da luta fôra toda favoravel á esquadra nacional.

No dia seguinte, 12 de Junho, avistam de Humaitá pela manhã alguns navios que singram as agoas do rio Paraguay.

Todos alegres, felizes, cheios de enthusiasmo, á beira das praias esperaram a esquadra victorioriosa que, ao menos, deve trazer á reboque um navio brasileiro, como attestado glorioso da immortal façanha.

O povo e a tropa, que alli estão, não contam folgar com a presença de brasileiros prisioneiros, porque a maruja e soldadesca haviam declarado que os trucidariam á golpes de machadinha e sabre.

Mas, vem chegando os poucos navios e nenhum trophéo!

São tumulos que se movem lugubrememente; pyras fumegantes, escombros, de cujo seio áfinal a piedade de alguns curiosos tira os feridos e os cadaveres dos que succumbiram na réfrega e na retirada.

Toda aquella patriotica alegria foi, então, substituida por essa dôr muda, silenciosa e por isso mais cruciante do que a que se expande em lamentações estrepitosas !

Mas, ninguém mesmo podia articular uma palavra ; á ninguem era dado expandir o sentimento que opprimia a alma diante d'aquella descommunal catastrophe.

Todos tinham que estancar as lagrimas, porque estas attestariam a dôr produzida por aquelle quadro medonho como as reliquias, alli aportadas da esquadra, attestavam a destruição do poder naval da republica. As mais tremendas derrotas deviam ser festejadas como explendidos triumphos ; assim, o marechal Lopes publicou officialmente que havia conseguido mais uma deslumbrante victoria, e para corroborar, mandou cunhar uma medalha e com ella concedeu o 2.º regimento d'artilharia montada que combateu na bateria de terra, sob as ordens de Bruguez.

Alem dos officiaes, cujos nomes citámos quando descrevemos a memoravel batalha; cumpre-nos lembrar os bravos, commandante da *Amazonas*, Theotonio de Brito e o immediato Carlos Delphin de Carvalho, o primeiro, sempre no passadiço, ao lado do intrepido Barroso, e o segundo, no castello de proa, deram brillantes provas de valor.

O pratico da *Amazonas*, Bernardino Gustavino, cognominado pelo chefe Barroso — o pratico dos praticos, dirigiu, com admiravel sangue frio o glorioso navio-chefe.

O governo brasileiro, dando parte ao parlamente dos acontecimentos do Rio da Prata, refere-se á batalha naval de Riachuelo e, d'essa referencia, colhemos as seguintes palavras :

« Os bellos feitos da nossa marinha realçam pela apreciação in-
« suspeita das grandes potencias.

« O combate de Riachuelo, acto de bravura, ousadia e intelli-
« gencia de um chefe veneravel e de alguns jovens commandantes,
« mereceu descripção minuciosa e a critica profissional dos princi-
« paes jornaes da Europa. Jamais se vira, desde o emprego do va-
« por nas evoluções navaes (e em theatro tão singular) esquadra
« contra esquadra, disputando a victoria.»

O Brásil instituiu uma medalha para os bravos que pelejaram em Riachuelo, e alguns navios receberam os nomes dos que alli gloriosamente succumbiram.

Barroso foi agraciado com o titulo de Barão do Amazonas ; e ao navio, em que o intrepido chefe de divisão dirigiu a batalha, o governo fez distincções especiaes ; assim, junto á roda do leme collocou-se a insignia de cavalleiro da ordem do Cruzeiro e no mastro de prôa a fita da mesma ordem, como uma flammula gloriosa.

Depois da batalha, o chefe Barroso tentou safar a *Jequitinhonha* e d'essa missão encarregaram-se a *Ipiranga* e a *Iquately* ; porem, essa operação teve lugar ainda quando jogava a bateria Brueze e nada se poudo conseguir.

A' noite, aquelles dous navios e a *Araguary* fundearam junto aquelle vaso de guerra para protegê-lo.

No dia seguinte, a *Mearim*, secundada por outros navios, tentaram de novo safar a *Jequitinhonha* ; mas, desgraçadamente o fogo inimigo da bateria de terra tinha arruinado de todo o nosso bello vaso de guerra. Entretanto, ainda n'elle se conservava a heroica guarnição !

Era preciso abandonar a corveta, depois de encravar a artilharia.

Tratou-se d'isso no dia 13 ; mas, o inimigo rompeu um violentissimo fogo de canhão e fuzilaria que tornou impossivel permanecer por muito tempo a bordo da malfadada corveta ; assim, não foi possivel completar o encravamento dos canhões, e o navio foi abandonado, passando a sua guarnição para os outros vasos.

O glorioso e incansavel chefe Barroso não esquecia nenhuma providencia.

No dia 14, a *Araguary* recebeu ordem de incendiar a nossa corveta e os restos do vapor *Paraguay* ; o fogo, porem, sempre terrivel da margem, isto é, da bateria, fazendo correr grande perigo aos navios que se approximavam, só foram incendiados os restos d'aquelle vaso inimigo e inutilisada a sua artilharia.

A mesma sorte tiveram os restos e a artilharia do *Marquez de Olinda*.

Os nossos navios demoraram-se até o dia 18 de Junho nas agoas em que se pelejára, tão gloriosamente, no dia 11, data que deve ser memoravel, em quanto não morrer o patriotismo nacional.

Apenas a nossa esquadra deixou aquellas agoas, o inimigo apoderou-se dos canhões da *Jequitinhonha*.

O seu commandante e o da gloriosa *Parnahyba* foram submettidos á conselho de guerra; o primeiro, por ter sahido fóra da linha e encalhado ao começar o combate, apesar dos avisos e observações do pratico, morto no posto de honra; o segundo, por não ter repellido a abordagem sem o concurso dos outros navios.

Para o commandante da *Parnahyba*, esse processo era apenas uma formalidade. O seu valor, a sua conducta bizarra, o collocavam superior á qualquer apreciação desfavoravel. Era um heroe.

CAPITULO II

SUMARIO.—Passagem de Mercedes e Cuevas.— Considerações. —
O nosso exercito.— Invasão do Rio Grande.— Batalha de
Jatáhy.—Capitulação de Uruguayana..

Um pouco acima da fóz do Empedrado, na barranca, em um sitio denominado Mercedes, o general Robles estabeleceu uma bateria de 38 canhões de grosso calibre, apoiada por 3.000 atiradores, dos melhores do exercito.

Isso obrigou o denodado chefe Barroso a suspender ancoras das aguas do Riachuelo, porque o inimigo occupava posições favoraveis á rectaguarda da esquadra.

Aos nossos navios reuniu-se mais a canhoneira *Itajahy*. O tempo tinha sido curto e, por isso, não se havia podido reparar regularmente as avarias do combate.

Entretanto é preciso sahir das agoas do Riachuelo, pelas rasões que já apontámos.

Vem, pois, a esquadra com seus navios, que apenas receberam ligeiros concertos, procurar melhor ancoradoiro.

A perda da batalha de Riachuelo, não fez perder ao marechal Lopes de toda a esperança de destruir a nossa esquadra vencedora ; destruindo-a, a nossa bandeira não cruzaria o Rio da Prata e perdiam os alliados esse poderoso auxilio para as futuras operações.

A's 14 horas do dia 18 de Junho, apresenta-se Barroso com a sua esquadra, no passo de Mercedes.

As guarnições, erguem vivas e hurrahs ; os navios investem sob as granadas, metralha e fuzilaria da margem, arremessando para ella tambem vivissimo fogo.

O proprio general Robles commanda aquelles canhões ; os chefes Cespedes, Sosa e Troché dirigem os infantes inimigos.

Infelizmente, uma bala de fuzil mata o bravo commandante da *Beberibe*, Bonifacio de Sant'Anna.

Pouco depois estão os nossos navios fundeados no Rincon de Ceballos, donde seguem logo para o Chimboral, ancoradouro entre o Empedrado e a Bella-Vista, com o prejuizo apenas de 2 mortos e 12 feridos!

Alli espera o chefe Barroso as ordens do commandante em chefe da Esquadra, vice almirante Tamandaré.

O inimigo, porem, não abandona o plano de cortar a rectaguarda dos nossos navios e anniquilal-os com a sua grossa artilharia.

No Chimboral trata Barroso de reparar melhor as avarias de Riachuelo e Mercedes.

Ahi, á seus navios reuñem-se mais as canhoneiras, *Iraby, Magé, Igurey*, e os transportes *Apa, Peperiguassú*, a barca *Quarahym* e o navio argentino *Guardia Nacional*, com a insignia do chefe Muratore.

As aguas do Paraná baixam dia a dia.

Barroso avisou ao vice-almirante e indicou o Rincon de Soto como melhor ancoradouro.

Deu-se-lhe, pois, ordem de suspender e ir alli fundear.

O inimigo, no sitio denominado Cuevas, collocou uma bateria de 40 canhões, apoiados ainda por 3.000 homens de infantaria e estativas de foguetes de guerra, como em Mercedes.

Essa força estava sob as ordens de Bruguez, Aquino e Venancio Ortiz.

Era um lugar estreito, de barrancas elevadas, por onde os nossos navios receberiam o fogo quasi á queima roupa; a artilharia estava disposta de modo que podia canhonear os nossos vasos um por um, de prôa, de travez e pela pópa, devido a sinuosidade ou tortuosidade do canal e das margens.

Era uma formidavel posição, habilmente escolhida.

Quando chegou a ordem para a esquadra mudar o ancoradouro, já as barrancas de Cuevas estavam artilhadas e sabia-se disso em Bueno-Ayres. Houve muita demora na mudança e isso nos podia ser bem fatal, pois, se os nossos navios fossem ali esmagados em Cuevas, a gloria e as vantagens da brilhante victoria de Riachuelo se tornariam nullas.

No dia 40 de Agosto toda esquadra suspendeu ferros; passou Bella-Vista, onde, um pouco abaixo, demorou-se todo o dia 11 para dar auxilio á varias familias que queriam retirar-se para não soffrirem violencias e tropelias do inimigo.

No dia 12 prosegue a esquadra a sua perigosissima rota, e sciente de que a jornada ia ser temerosa, se havia aparelhado com a coragem dos estoicos para affrontal-a.

No passadiço estão, como em Riachuelo e Mercedes os commandantes e, como não ha receio de abordagem, e é inutil sacrificar as guarnições disponiveis; só ficaram no convez as necessarias para a manobra da artilharia e mais alguns atiradores.

Na testa avança a *Irahy*; segue-lhes a *Itajahy*, a *Beberibe*, a gloriosa *Amazonas*, o *Guardia Nacional*, e os outros; depois, o transporte á vapor *Apa*, trazendo, aos costados, um brigue e a barca *Quarahym* e finalmente a bella *Ipiranga*, fazendo a rectaguarda.

Já dissemos que os estoicos commandantes estão no passadiço, posto de honra e de morte.

Proximo ás baterias inimigas, o bravo commandante Guilherme dos Santos, da *Irahy*, que pela primeira vez bate-se com os paraguayos, adianta-se e despeja os seus canhões sobre elles.

As baterias paraguayas ou porque soffressem logo grande prejuizo ou não julgassem ainda opportuno o momento: respondem frouxamente os canhoneiros da impavida *Irahy*.

Pouco depois, Barroso faz signal: *navegar á toda força*.

Então a *Irahy* e a *Itajahy* investem seguidas de toda esquadra. A margem inimiga agora se transforma em espantoso vulcão!

Bombas, granadas, foguetes, metralha, milhares de balas de fuzil são as lavas que o tremendo vulcão vomita sobre os audazes vasos de guerra.

Estes avançam sempre á toda força e respondem com seus canhões cheios de metralhas. São lavas contra lavas; vulcão contra vulcão!

Durante 20 á 30 minutos estão os nossos bravos navios de guerra, expostos á essa tormenta de projectis, á qual elles oppoem, á seu turno, uma borrasca de metralha.

A' final passa o ultimo, a *Ipiranga*.

Nenhum vaso á pique!

Temos, porem, perdas.

A morte colheu 13 combatentes, achando-se n'esse numero o alferes de voluntarios da patria Marcellino Leal e o aspirante Joaquim do Nascimento; feridos temos 23 bravos.

No *Guardia Nacional* estão 2 guardas marinhas e 2 marinheiros mortos; um official e 4 soldados feridos.

As balas inimigas nos produziram grandes avarias; o navio chefe, só no costado, recebeu 50 balazos.

Os mastros, os costados, os lemes de todos os navios apresentavam signaes das lavas do vulcão: escaleres, amarras, trincheiras, tudo ficou espedaçado.

A *Ipiranga* que fazia a rectaguarda, era obrigada á uma marcha vagarosa, por isso foi a que mais soffreu.

Muitos actos de bella coragem se viram n'essa perigosa passagem; entre elles, consignaremos o do imperial marinheiro da *Itajahy*, Francisco Barbosa, joven de 19 annos, timoneiro.

Firme no seu posto, uma bala choca o leme e tres companheiros cahem mortos á seu lado; elle, placido, sereno, com os olhos fixo na direcção que levava o navio; julga-o iam uma estatua, se não fossem os movimentos que imprimia ao timão.

O commandante da *Teahy* que, como dissemos, pela primeira vez, enfrentava com os paraguayos, mostrou-se digno emulo de seus camaradas de Riachuelo e Mercedes.

A esquadra seguiu direito para o Rincon de Soto, de que já temos fallado, sitio um pouco acima de Goya eahi tratou de reparar as suas novas avarias.

Pela primeira e ultima vez na campanha, tomou parte em uma acção séria, mas rapida, um navio argentino— o *Guardia Nacional*—que compriu, como fizeram os nossos vapores de guerra, brilhantemente o seu dever.

Parte da imprensa argentina nos era hostil e esse feito de Cuevas deu margem á expansões entusiasticas d'essa imprensa que transformaram o *Guardia Nacional* em uma especie de *navio-phantasma*; encantado, uma especie de *Leviathan*, um monstro marinho que apesar de tudo isso, não passava de um navio velho de commercio, arvorado em vaso de guerra pelas necessidades imperiosas de momentos; pois, a nossa alliada, a Republica Argentina, não possuia então marinha de guerra.

A exaggeração d'aquella imprensa; e a inverdade com que narrara o acontecimento, attingiram ao cumulo do ridiculo e assim attrahiam sobre o navio a mófa, o escarneo e a zombaria, pois, diziam os jornalistas que : « enquanto os navios brasileiros *fugiam*, descendo á toda força; o *Guardia Nacional* *parava adiante das baterias de Cuevas e fazia emmudecer os seus canhões.* »

Estes exageros e pouca dedicação á verdade arrancavam gargalhadas aos officiaes brasileiros ; mas, envergonhavam ao bravo chefe argentino Muratore e á seus dignos companheiros.

O *Guardia Nacional*, forçou o passo de Cuevas nas agoas da immortal *Amazonas*; recebeu, apenas, 27 balas, e, no entanto, qualquer um dos nossos navios foi attingido por numero muito superior de projectis.

Estes feitos, estes dous forçamentos dos passos de Mercedes e Cuevas, deram lugar á discussões e apreciações nas impressas europeas, e americanas pelo facto de se ver obrigada a nossa esquadra a travar combates, com baterias levantadas em sua retaguarda.

O valor e heroismo, porem, dos nossos officiaes receberam as mais justas homenagens, pois, não levamos em conta a fracção da imprensa platina que nos era desaffecteda.

Mas, a imprensa argentina seria, a propria imprensa official, referindo-se á batalha naval de Riachuelo declarou que « a população de Buenos-Ayres era grata aos heroes d'aquelle feito naval porque se os brasileiros perdessem a batalha, a esquadra inimiga aportaria áquella cidade, impondo á republica uma paz cheia de ignomias. »

Essa verdade, tão consenciosa e patrioticamente annunciada ao mundo é o guante ; é a mão calçada de luva de ferro que extrangula, abafa a voz dos inimigos da gloria do Brasil.

Lançando um olhar retrospectivo sobre o que temos historiado, devemos memorar que alguma cousa externámos á respeito da inacção da nossa esquadra em principios de Abril, o que deu lugar á presença de navios inimigos em Corrientes. O que parece fora de duvida, é que os nossos vasos de guerra podiam ter hostilizado muito as forças inimigas quando do Paraguay se transportaram para a provincia d'aquelle nome.

Estacionarem os nossos navios nas Tres-Boccas, como alguns julgavam acertado, não nos parece que fosse prudente; pois, somos da opinião d'aquelles que pensam, que a nossa esquadra ficaria *bloqueada em vez de bloquear*, desde que não lhe foi possivel evitar o transporte de forças inimigas para o territorio d'aquella provincia.

O inimigo construiria baterias na margem e obrigaria os nossos navios a bater-se constantemente para romperem o bloqueio.

Assim, occupadas pelos paraguayos a cidade e grande parte da provincia de Corrientes, só um meio termo seria admissivel: cruzar o Paraná; observar com toda vigilancia as suas margens: batel-as á canhão quando se descobrisse qualquer tentativa do inimigo para assestar baterias; e não aceitar batalha no lugar escolhido pelo adversario; mas attrahir este para um ponto que nos fosse favoravel; assim, talvez a acção ferida em Riachuelo, tivesse sido em outras agoas, em cujo seio toda esquadra inimiga então encontrasse o seu tumulo.

E' verdade que os nossos gloriosos vasos de guerra, apesar de não terem estacionado nas Tres-Boccas para bloquear o rio Paraguay; viram-se por duas vezes bloqueados, Mercedes e Cuevas, e tiveram de forçar esses *passos* á canhoneação; peor, seria, porem, como pensam alguns estudiosos, se elles, com effeito, alli estacionassem, depois da invasão de Corrientes; porque mais distantes ficariam de um ponto de abrigo e certamente se veriam obrigados a forçar mais de dous *passos* quando lhes escasseassem os viveres e os outros recursos, como o carvão.

Accita a batalha naval nas paragens escolhidas pelo inimigo, não se podia censurar á esquadra a sua demora nas agoas do Riachuelo.

Uma acção renhida como aquella, entre navios de madeira, em uma superficie muito limitada, expostos ainda mais os nossos vasos ao fogo da bateria de terra; forçosamente receberiam graves avarias queurgia reparar alli mesmo.

Não era, pois, pelo exposto, tambem possivel evitar a canhonada de Mercedes porque desde que a demora em Riachuelo se impunha pela necessidade de reparar as avarias, é claro que o inimigo aproveitaria isso para hostilizar dos sitios favoraveis das margens os nossos navios quando tivessem de suspender ancoras.

Isso é logico e consequente.

Infelizmente a demora no Chimboral foi grande.

Curadas as feridas abertas nos nossos vasos de guerra nas acções de Riachuelo e Mercedes, urgia seguirem todos para o Rincon de Soto, para as proximidades do campo alliado, e, assim, elles não teriam corrido os grandes e gloriosos perigos de Cuevas.

Destruida a esquadra paraguaya, os nossos vasos pelas condições hydrographicas do paiz inimigo, se transformávam em flanqueadores, por assim dizer do exercito alliado.

Isso comprehendeu o vice-almirante Tamandaré, chefe da esquadra brasileira.

Historiando os factos da campanha mais cruenta da America do Sul, não podemos deixar de externar a nossa opinião que felizmente temos visto partilhada por homens estudiosos, a respeito dos acertos e erros das operações.

Dos acertos dependem as victorias, ao passo que aos erros se prendem muitas vezes os grandes desastres ou pelo menos os triumphos caros e dolorosos que se assemelham ás victorias de Pyrrho.

Ao lembrar os factos da gigantesca luta internacional, muitas vezes o coração quer absolver os erros que a consciencia condemna.

A alma, ás vezes, vibrante de patriotismo e enthusiasmo, procura abrigar, sob suas azas, esses erros e voar com elles até ás regiões em que se libram as inspirações sublimes da sciencia da guerra; mas, como não ser assim se esses erros produsiram collossos de heroismo, pleiades de homens, cuja coragem, abnegação e valor são quasi sobre humanos? !

Ah ! se de alguns d'estes erros não brotasse tanto sangue ; se elles não fossem um vasto manto de crêpe que vac envolver, humedecido de lagrimas, tanta viuvez e orphandade ; esses erros mereceriam os applausos, a approvação, a apothecose de um povo inteiro, porque, embora rociados de sangue, irrompem d'elles espadas fulgurantes de gloria, que são o orgulho da geração presente e o legado de heroismo que passa ás gerações do porvir.

Mas, continuemos.

Vimos que o nosso exercito se reunia na barra do rio São Francisco, na republica do Estado Oriental ; em Junho, porem, elle levantou as suas tendas e foi armal-as ao norte do rio Dayman, na mesma republica.

N'esse ponto reuniam-se aos nossos, alguns batalhões argentinos e á 24 d'aquelle mez transpunha-se o rio Uruguay e acampava-se no arroio Juquery-Grande, proximo á cidade da Concordia, na provincia argentina de Entre-Rios.

Os arredores e suburbios d'essa cidade transforma-se então em um vasto campo de manobras para onde marcham os voluntarios da patria, esses batalhões de cidadãos que o patriotismo conduzia ao campo da luta. São massas, porem, incongruentes, sem vigor, sem

densidade ; moleculas reunidas pelo sentimento patriotico e que, para serem uteis, convem prendel-as, fortificar as pelos laços da disciplina, para que a cohesão seja completa.

E' preciso, enfim, preparal-as para as agruras da campanha.

E' o que alli se faz. Já em fins d'aquelle mez, apresentaram-se na Concordia D. Bartholomeu Mitre, general em chefe do exercito alliado, depois de entregar a presidencia da Republica Argentina, ao vice-presidente dr. Marcos Paz; e o general Urquiza, nosso alliado em 1851, na campanha contra o dictador Rosas. Já então tinhamos ao arredor d'aquella cidade uma força de 17 000 homens que reunida aos argentinos em numero de 1.500, prefazia um exercito de cerca de 21.500 combatentes.

O general Mitre passou, ali, uma revista, na qual formaram 45:000 brasileiros, inclusive 2.000 homens da intrepida cavallaria rio-grandense.

O general Osorio, nomeado commandante do exercito brasileiro, acompanhou o general em chefe á essa revista, á qual tambem compareceu o general Urquiza que promettera auxiliar aos alliados com 40.000 homens de cavallaria entrerianna, verdadeiros gaúchos, que se reuniam n'essa occasião em Basalto.

Pouco depois da chegada de Mitre ao campo da Concordia, ali tambem apresentou-se o general D. Venancio Flores com a sua divisão de Orientaes.

Mas, para que o exercito brasileiro chegasse aquella cidade e apresentasse em linha aquelle numero de combatentes ; quantas males não foram dabbellados ; quantos horrores e misérias soffreram soldados e officiaes !

No acampamento de São Francisco os cadaveres de nossos soldados atirados á lama, houve dia, em que foram devorados pelos porcos !

Por toda parte attestados eloquentes de imprevidencia, da falta de tino administrativo, de erros devidos á nenhuma pratica dos chefes dirigentes, e esses erros vinham até do proprio ministro da guerra, assoberbado com a direcção de um pessoal e material tão numerosos.

Na Concordia ainda soffreu muito o nosso exercito.

Os argentinos, mais felizes, embarcavam em Buenos-Ayres para desembarcar na Concordia, isto é, para entrarem em suas barracas, por assim dizer.

O nosso exercito teve de fazer marchas e contramarchas e composto em sua totalidade de homens não aclimatados, expostos á um frio glacial; necessariamente os seus soffrimentos haviam de ser medonhos.

N'estas condições, as molestias, entre ellas a gangrena por congelação, encheram os hospitaes de enfermos, onde a maior parte succumbiu.

Jovens cheios d'esperanças e de talento, alumnos da Escola Militar, como Polydoro Ferreira, Norbertino da Costa e outros, alli encontraram a morte. Os nossos medicos em vão procuravam debellar as molestias ; mas, a morte fazia parte integrante do meio em que se vivia.

Um batalhão do Pará, forte de 450 praças, com uma brilhante officialidade, em menos de um mez ficou reduzido á pouco mais de 20 homens !

Chegados d'aquella provincia, d'aquelle clima abrasador, viram-se repentinamente nos pampas do Prata, em uma estação frigidissima, e a consequencia foi uma espantosa mortalidade.

No comeco da campanha, pois, durante a estação fria, aonde acampava o exercito as molestias o ceifavam.

Só a cavallaria rio-grandense resistia á tudo, pois, as condições climatericas do Rio Grande não differem das condições dos pampas do Estado Oriental e da Argentina. Emfim, a proporção que o inverno tocava á seu termo, melhoravam as condições sanitarias do exercito.

Já dissemos, em outra parte, que desde Janeiro (1865) notavam-se movimentos de forças paraguayas que ameaçavam a fronteira do Rio Grande e que estas forças se haviam acampado em São Carlos.

O marechal Lopes ordenou que ellas realisassem a invasão.

O coronel Estigarribia dividiu-as em duas columnas ; uma de 9.000 combatentes, com 4 bocas de fogo, deveria invadir o Rio Grande por São Borja e a outra de 3.000, sob as ordens do chefe Duarte teria de marchar pela margem direita do Uruguay, de modo que se flanqueassem e se communicassem, para protecção reciproca.

Pouca força de linha tinhamos no Rio Grande para oppôr á invasão imminente ; mas, em compensação, havia de sobra, a nossa valorosa guarda nacional.

O inimigo avançou para a nossa fronteira.

Um coronel argentino, de nome Paiva, que commandava em Corrientes uma força de cavallaria, vinha escaramuçando as avançadas paraguayas.

O coronel Fernandes de Lima tinha sob suas ordens uma força de guardas nacionales rio-grandenses e, avisado da approximação do inimigo, avançou do Passo das Pedras, aonde se achava, para o do Formigueiro, em frente á São Thomè, por onde o inimigo provavelmente se apresentaria, como succedeu.

Os paraguayos, vendo que o chefe brasileiro Fernandes de Lima estava attento, contramarcharam, tiroteados pelo coronel Paiva. A noticia da presença do inimigo, em frente á São Borja, havia alarmado a população que voltou á antiga calma, quando soube da contramarcha.

O presidente do Rio Grande, dr. João Marcellino de Souza Gonzaga, não se descuidou da defeza da provincia.

Chamou a guarda nacional ás armas para a defeza das fronteiras de Quarahym e das Missões ; confiou o commando ao brigadeiro honorario David Canabarro que havia sido general dos rebeldes de 1835 e, que, em 1851, á frente de uma divisão de cavallaria, marchou, sob o commando de Caxias, contra o dictador Rosas. A' esse brigadeiro, o presidente enviou todo armamento disponível para ser distribuido pelos corpos.

De todos os pontos do Rio Grande marchavam corpos de guardas nacionaes para as fronteiras.

Infelizmente, os seus commandantes não pareciam acreditar na possibilidade da invasão, e, por isso, não se apressavam e, assim, a boa vontade e energia do presidente perdiam muito pela morosidade das marchas.

Para cumulo de males, reuniam-se á isso velhas desavenças, inimizades, entre os chefes David Canabarro e barão de Jacuhy, commandante da fronteira de Bagé.

Estes dous homens, filhos da mesma provincia, nem sob a dolorosa pressão de uma invasão estrangeira na terra que fora o berço de ambos, tiveram bastante patriotismo para esquecer os reciprocos resentimentos !

Em tempo ainda, o barão de Jacuhy recebeu ordem de deixar guarnecida, do melhor modo, a fronteira de seu commando e avançar para São Borja.

Elle não cumpriu completamente a ordem recebida, contentando-se em mandar seguir para aquelle destino alguns corpos ; mas, a pouca rapidez da marcha não estava de harmonia com a gravidade da situação que exigia a maior celeridade.

A 3 de Maio dizia Canabarro ao presidente : *« Esta divisão está com mais de 8.000 homens e bem armados ; são bastantes para repellir 16.000 paraguayos de nossa fronteira. »*

Tal asseveração de um homem que deveria entender de cousas da guerra, era realmente para banir qualquer apprehensão do espirito da primeira autoridade da provincia.

Tendo, como vimos, os paraguayos contra-marchado de São Thomé, o coronel Fernandes de Lima, um dos que não acreditavam na invasão, voltou para o Passo das Pedras, deixando, no Formigueiro, como por descargo de consciencia, apenas um batalhão de infantaria de guardas nacionaes, o 3.º, com a maior parte do pessoal licenciado por alguns dias, e guarneceu São Borja com 50 praças, convencido de que o inimigo retirara-se para o seu paiz e, essa convicção, ainda mais se enraizou em seu espirito, porque o coronel argentino Paiva affirmára-lhe que a retirada, com effeito, se operára.

Esse facto fez crêr ao coronel Fernandes que os paraguayos tinham chegado até aquelle ponto, fronteiro á São Borja, para arrebanharem rezes e cavallhada.

Os paraguayos, porem, fizeram alto em Tarairi; inopinadamente voltam, debandam os poucos correntinos ás ordens de Paiva e os obrigam a fugir até em frente á Itaqui e logo apresentam-se em São Thomé. Pela manhã do dia 10 de Junho começam a passar para São Borja, no *passo* do Formigueiro : a invasão era uma triste realidade !

Apenas 400 praças de infantaria da guarda nacional e 30 de reserva, da guarnição da villa de São Borja, disputam o desembarque, no territorio rio-grandense, ás forças inimigas.

Chega depois o 22.º corpo de cavallaria da guarda nacional, sob o commando de Tristão de Nobrega, só com 230 combatentes e une-se aos chefes Ferreira Guimarães e Rodrigo Ramos, commandante d'aquellas outras diminutas forças e, durante 3 horas, bizarramente se oppõe esse punhado de valentes á marcha do inimigo.

O rio estava baixo ; em qualquer parte dava vão, e assim o inimigo, á vista da resistencia que encontrava, fez uma parte de suas forças transpor o rio acima do *passo*.

Os nossos são poucos e já contra elles avança uma columna de mais de 2.600 homens, com 4 bocas de fogo, sob as ordens dos chefes, major Lopes e capitão Alvarenga.

Apezar de sua inferioridade numerica, os nossos retiram em ordem, combatendo e causando perdas nas fileiras contrarias.

Na villa, a desolação e o pavor das familias são contristadores !

Ellas fogem, com o que podem, adiante do inimigo. Felizmente, á 2 leguas está o 1º batalhão de voluntarios que vem de Porto Alegre e marcha para a fronteira.

Avisado o seu bravo commandante, coronel João Manoel Menna Barreto, avança acceleradamente de seu acampamento e apresenta-se a reforçar os bravos que defendiam ainda palmo á palmo a terra natal.

E' um reforço, aliás pequeno, mas heroico.

O batalhão entra na linha de fogo formado em grandes divisões, bandeira desfraldada na frente, espingardêa o inimigo, ao toque do musica, e, depois, aos vivas á nação, ao imperador, e ao seu commandante, carrega á bayoneta, auxiliado por 70 homens de cavallaria.

O inimigo, que já havia chegado até a villa, retrocede ao impeto da carga.

Elle pensa que ali temos mais gente do que acreditava pelas informações de seus espões, e, assim, retira-se para o *passo* ; mas, o valoroso coronel Menna Barreto, nada mais podia fazer a não ser demorar a tomada definitiva de São Borja para que as familias e a população dos arredores se podessem retirar com mais ordem.

Entretanto, não chega o coronel Fernandes porque, avisado de que o inimigo apparecera em frente á villa de Itaqui, marchára para

esse ponto, verificando depois que eram os fugitivos do coronel Paiva.

Assim, não chega o coronel Fernandes ; não se apresenta o brigadeiro Canabarro que declarára ter 8.900 combatentes bem armados para repellir os paraguayos, ainda que fossem em numero de 16.000 homens !

O inimigo não se atreveu a avançar de novo nem ainda no dia 12 ; só depois que soube não haver mais forças nossas na villa, nem em suas proximidades, adiantou-se e tratou de occupal-a.

As perdas attestam que, se as nossas forças fossem mais numerosas, embora inferior em sua totalidade ás da invasão, esta seria repellida ; pois, apesar de termos apenas 850 homens, incluído o 1.º batalhão de voluntarios, regularmente armado, e os outros dispondo apenas de lanças ou espadas e uma ou outra clavina ou pistola, 1.500 paraguayos jaziam mortos entre o *passo* e a villa.

Rasgos heroicos se praticaram durante a acção ; verdadeiros torneios dos tempos medievaes.

Entre elles, citaremos o do guarda nacional Leocadio Francisco das Chagas.

Armado apenas de uma lança, ao lado dos nossos infantes, mas montando excellentes cavallo, investe á toda abrida contra a linha inimiga e deita por terra morto um adversario ; volta, então, aos nossos e mais duas vezes repete a heroica aventura, matando mais dous inimigos.

Estes actos de heroismo parecem entorpecer, pasmar aos paraguayos, pois, nenhum sabiu ao encontro ou perseguiu ao glorioso guarda nacional. Este mais uma vez, quer recommençar a façanha ; debalde os nossos exhortam-no a não mais repetir as investidas ; porem, elle não os attende e, pela quarta vez, avança phrenetico, delirante.

Os paraguayos, que haviam voltado á si d'aquella especie de torpor, recebem-no com uma viva fuzilaria que lança morto por terra o heroe, no scenario de sua immortal proesa.

As nossas perdas foram pequenas, pois, incluído esse destemido brasileiro, só tivemos 24 mortos.

Os feridos não excederam á 64.

Foram innumerados actos de vandalismo praticados pelo inimigo.

O chefe Estigarribia tinha ordem do governo de entregar as nossas cidades, villas, enfim, todos os povoados ao livre saque de sua soldadesca ; de devastar os nossos campos e de obrigar aos estrangeiros residentes nas zonas, victimas das depredações, a assignarem declarações de que não haviam soffrido prejuizos de ordem alguma. E' claro que, esses estrangeiros, receiosos de violencias, assignavam tudo quanto lhes era exigido e, assim, o governo, na hypothese de sahir o Paraguay vencedor da luta, tinha documentos para contestar qualquer reclamação diplomatica.

As forças paraguayas não penetraram todas de chofre na villa para saqueal-a.

Foi por partes.

No dia 12 entraram o chefe Estigarribia, acompanhado de Zipitria, seu secretario ; um padre de nome Duarte que se cobriu de infame celebridade por seus actos de baixeza, e um esquadrão de cavallaria.

Começou, então, o saque, cujo producton'esse dia coube ao chefe, ao seu secretario, ao celebre padre e ao esquadrão.

Aos outros tocou o resto do que ficára e, n'essa faina de roubo e depredação, consumiram o tempo até o dia 22.

Estigarribia não se esqueceu de brindar ao marechal Lopes com alguns productos do saque ; assim é que, 50 carretas carregadas, algumas com objectos de valor, seguirão logo para o Paraguay.

A's forças de Estigarribia estavam reunidos dous orientaes, irmãos, que haviam emigrado de Montevideo para o Paraguay, depois da queda do partido *blanco*. Salvanãch, era o nome de familia d'estes dous emigrados.

A' estes coube tambem uma parte dos objectos saqueados.

Depois d'aquelle dia, nada mais havia a saquear : São Borja estava completamente despojado de seus haveres.

A columna inimiga avançou, então, para a villa de Itaqui, situada a margem esquerda do Uruguay.

Infelizmente não tinhamos nas agoas do Uruguay uma esquadilha, para cruzar entre São Borja e os pontos ameaçados das margens.

A noticia da invasão espalhou-se immediatamente em todo Rio Grande.

Apezar dos fortes contingentes de rio-grandenses de que se constituia a cavallaria do exercito, ás ordens do general Osorio e dos que, de diversos pontos da provincia, marchavam em direcção ás fronteiras ; e, ainda mais dos que se compunha a divisão, sob o commando de David Canabarro e barão de Jacuhy ; não obstante, organisavam-se mais corpos de guardas nacionaes.

Os voluntarios surgiam ás centenas.

A indignação produzida pelo acontecimento só podia ser aferida pelo immenso entusiasmo dos bravos rio-grandenses. Um brado de vingança se ouvia em toda parte.

O coronel Fernandes, ao ter noticia das occurrencias, mandou reunir a gente licenciada e tratou de fazer junção com uma brigada de cavallaria do chefe Sezefredo de Mesquita.

David Canabarro, porem, não se move !

O brioso commandante das armas general João Frederico Caldwell que se achava em marcha para a fronteira, estava então em Saycan, perto de São Gabriel, ponto no interior da provincia, quando lhe chegou a terrivel noticia com seus pormenores.

Ella foi immediatamente transmittida ao governo provincial.

O presidente, por sua vez, levou ao conhecimento do ministro da guerra a infausta nova.

No officio que a transmittiu, destacam-se estas palavras que exprimem a dolorosa verdade :

- A invasão fôra devida principalmente á nimia facilidade dos chefes encarregados
- da defesa da fronteira ; que um acontecimento previsto e annuciado com tanta anteceden-
cia, dera-se de surpresa para o commandante da 1.^a brigada e havendo ape-
- nas no ponto ameaçado cerca de 200 homens de nossas forças quando, pelos map-
- as transmittidos por aquelle commandante ao general commandante das armas,
- o effectivo d'essa força era de 2.423 homens. »

Emfim, não se poude evitar a invasão: mas o que todo Rio Grande espera é que se fira uma batalha entre a divisão Canabarro e o inimigo; porque, era publico e notorio que esse chefe declarára á primeira autoridade da provincia, que as forças sob seu commando, mais de 8.000 homens, eram sufficientes para repillar 16.000 paraguayos e apenas pisam o solo rio-grandense pouco mais de 7.000, pelas perdas que tiveram na refrega de São Borja.

Canabarro, o chefe prestigioso e valente da revolução de 1835, ha de fazer o inimigo pagar caro a sua audacia; Canabarro, o general pratico d'aquellas campinas, vae travar gloriosos combates; vae lavar, com o sangue do inimigo, as manchas de sangue de irmãos que derramou na luta d'quelle tempo e, que, ainda impressas nas fraldas verdejantes das coxilhas, alli estam como uma condemnação que precisa desaparecer, para não ser eterna!

Todos, assim, pensam; todos, assim, procuram mitigar os sofrimentos das feridas abertas na alma altiva da patria.

Entretanto o inimigo vae avançando para Itaqui.

O coronel João Manoel Menna Barreto, protegendo grande numero de familia, tinha marchado para Santa Maria, 5 leguas de São Borja.

A columna paraguaya, ás ordens do major Duarte, avançava pela margem direita do Uruguay, regulando os seus movimentos pela de Estigarribia.

No flanco esquerdo d'este, está agora o coronel Fernandes que marcha de observação com a 4.^a brigada, á qual se deve reunir a 4.^a, a do chefe Sezefredo. Fernandes espreita uma oppurtunidade favoravel para atacar os invasores. Ainda bem!

Como é natural, a visinhança do coronel Fernandes, não agrada ao inimigo e, assim, este resolve batel-o.

Um destacamento de 500 homens, avança para esse fim, em sua maioria composto de infantaria.

O grosso da columna inimiga estava no rio Botuhy. Aquelle destacamento atravessou esse rio no *passo* de D. Anna Hyppolito e, depois, tomou a direcção da estancia de Fortunato de Assumpção, em cujas proximidades estava a brigada d'aquelle coronel.

A intenção do inimigo era sorprendel-a ; mas á 25 de Junho, o commandante do corpo de cavallaria n. 28 de guardas nacionaes, Manoel Coelho Souza que, apenas tinha 400 homens mal armados e quasi nús, marchava pelo Rincão da Cruz, quando foi prevenido por um individuo morador do lugar, de que os paraguayos se achavam perto.

Momentos depois ali estava na frente o inimigo.

O corpo n. 28 teve de bater retirada, cobrindo alguns officiaes e apenas 8 atiradores a sua retaguarda; logo, porem, que o commandante viu o inimigo, despachou uma ordenança para avisar ao coronel Fernandes.

Na noite de 25 para 26, depois de meia noite, marchou então o coronel ao encontro do adversario, tendo antes mandado prevenir ao commandante Sezefredo que viesse á toda pressa reunir-se á elle, visto achar-se já perto e poder por isso tomar parte n'acção.

Foi frustado o plano de surpresa do inimigo.

Elle que julgava encontrar a brigada desprevinida ; depára com um bravo esquadrão de clavineiros, sobas ordens do major Dóca, que o tinha ido reconhecer.

O fogo irrompe de parte a parte.

Os paraguayos avançam mais um pouco para procurar posição favoravel ; afinal, acham-na e ali fazem alto.

Estam sobre a fralda de uma coxilha, proxima á grandes banhados, semeados de *capões* de matto.

Ahi, a infantaria estende linha de batalha, protegendo o flanco direito com a sua cavallaria, apenas avista o grosso das forças do coronel Fernandes.

Este immediatamente prepara-se para o ataque.

Eram 10 horas do dia.

O coronel, ancioso por combater, com a consciencia cheia de remorsos por não haver cumprido o seu dever de rio-grandense e bom patriota no momento da invasão em São Borja; manda carregarsem esperar a junção da 4.ª brigada, de Sezefredo.

Aos vivas á nação, ao Rio Grande, e ao imperador, Feliciano Prestes á frente do corpo n. 23 e Dóca com os seus clavineiros, atiram-se sobre a direita inimiga ; Nunes, com o 44.º corpo, investe furiosamente o centro ; Luz Cunha com o 40.º arroja-se sobre a esquerda.

A direita inimiga é rota e a cavallaria que a protegia, levada de rojo, é quasi toda destruida, escapando apenas alguns homens a pé pelos *capões* de matto.

A esquerda e centro, attingidos pelo choque dos nossos, cedem terreno ; mas, em boa ordem.

As investidas da nossa cavallaria se succedem e, no fim de uma hora de luta, o inimigo abriga-se por traz de um grande banhado e dos *capões* ali semeados, que lhe ficam á direita.

Essa nova posição é excellente para elle, porque os nossos não o podem facilmente attingir, devido á natureza do terreno que impede as cargas de cavallaria ; entretanto, a brigada troca balaios, voltando a sua primitiva posição.

Surge afinal, no campo da luta Sezefredo com a 4.^a brigada.

O tiroteio cessa de parte a parte por alguns momentos.

O inimigo que vê chegar essas lanças rio-grandense, forma quadrado e, n'essa formatura, move-se procurando ainda melhor posição que encontra logo e ali aguarda.

O chefe Rodrigues Ramos rompe fogo certoiro que desfalca as fileiras do quadrado paraguayo ; e após, o coronel Fernandes manda tocar carga. Simultaneamente, apenas expira a ultima nota das cornetas, os corpos da 1.^a e 4.^a brigadas arremessam-se sobre as bayonetas.

Ao vêr os esquadrões brasileiros arrojarem-se, sem medidas difficuldades do terreno, o inimigo desanima ; abaixa o cano de suas espingardas, querendo entregar-se.

A furia e a colera dos nossos são indiscriptiveis !

Estão cegos de furor ; não podem assim observar, infelizmente, essa attitude do inimigo

Este, então, pensa que não lhe queremos dar quartel e resolve vender bem cara a vida.

Trava-se, pois, de novo a réfrega encarniçadamente.

Os paraguayos repellem, com grande valor, as cargas ; estas se renovam á cada instante.

De um lado e de outro abundam actos de heroismo.

Tristão de Nobrega commandante do 22.^o corpo, é ferido praticando prodigios de coragem.

O inimigo afinal é inteiramente derrotado. Alguns paraguayos que podem escapar mettem-se pelos banhados ; mas, ali mesmo procuram perseguil-os alguns dos nossos e n'esse afan, atolam-se com seus cavallos e encontram a morte. Apenas 80 fugitivos podem livrar-se incolumes do ferro e, entre elles, está o major oriental Salvanã que commandava a direita inimiga ; mas, vaga 39 dias pelos nossos campos e *capões* até que consegue reunir-se á Estigarribia.

Esta acção recebeu o nome de ataque do Botuhy. N'ella tivemos 49 mortos e 78 feridos ; entre os primeiros, os bravos capitão João Prestes e tenentes Israel Moraes e Leandro Fortes.

As perdas do inimigo foram grandes.

No campo d'acção deixaram 450 mortos, entre os quaes se via um tenente : porem, alem um pouco do campo, 200 feridos, cujas forças se esgotaram pela perda de sangue, tombaram para sempre.

Ficaram em nosso poder muito armamento, 2 bandeiras e toda cavallhada d'essa força inimiga.

O coronel Fernandes teve ordem do general Canabarro de nada mais emprender antes de novas instrucções ; mas, apesar d'isso, elle marcha sempre de observação, flanqueando o inimigo, incomodando-o, arrebatando-lhe boiada e cavallhada.

No dia 7 de Julho, a columna inimiga entra em Itaqui e, na margem opposta do rio, surge a vanguarda do chefe Duarte.

Entretanto, se Jacuhy e Canabarro tivessem avançado rapidamente e fizessem junção, visando só o cumprimento de seus deveres, esquecidos de velhos odios e desavenças ; caso não podessem evitar a invasão, certamente no Passo do Botuhy ou no das Pedras a columna inimiga, se não achasse o seu tumulto, teria soffrido graves revêses.

Não succedeu assim desgraçadamente !

De Itaqui se havia retirado a população, levando quasi tudo que possuia, apenas soube da invasão ; e, assim, o saque, que no primeiro dia coube aos officiaes, não poudo ser abundante nem lucrativo, como fôra o de São Borja, onde a população, pegada quasi de sorpresa, teve que deixar muitos objectos de valor.

Despeitados os paraguayos com a providencia do povo de Itaqui, vinga-se, destruindo muitas casas á fogo e á machado.

O general Caldwell, commandante das armas, dous dias depois da entrada do inimigo em Itaqui, reunia-se á Canabarro, nos campos de *Ibiracay* e marchava ao encontro das forças invasoras.

Estigarribia deu um descanso em Itaqui á sua columna ; no dia 18, levantou acampamento e avançou em direecção á Uruguayana.

Entre Itaqui e Uruguayana corre o rio Ibicuhy.

Pode-se bem calcular a decepção do governo e do povo riograndense quando, longe de terem a fausta noticia da derrota dos invasores, souberam que elles avançavam resolutamente, espalhando a morte e a ruina na fronteira.

Consolam-se com a esperanza de que se dispute o *passo* do Ibicuhy ao inimigo e, com immensa vantagem, por causa das condições topographicas e estrategicas da localidade, como, já antes, se contava que alguma cousa se fizesse no Passo das Pedras, proximo á Itaqui.

O general Caldwell, no dia 19 estava á uma legoa do inimigo, n'aquelle rio, no Passo de Santa Maria ; Canabarro, em Jequiquá, 4 legoas á rectaguarda d'aquelle general.

Caldwell reconheceu a localidade e, como era natural, achou-a excellente para se bater n'ella o inimigo de frente e de flanco.

Estigarribia já no dia 18 tinha passado alguns batalhões e alguma cavallaria ; mas, ameaçado pelos nossos esquadrões, mostrava-se muito prudente e circumspecto em completar a operação da passagem.

O commandante das armas pretendeu fazer adiantar uma columna da divisão Canabarro, das trez armas, para obstar a passagem do rio, logo que inimigo se approximon d'elle, competindo ao resto da mesma divisão, marchar em apoio. Canabarro, porem, não concordou, pois, julgava n'essa occasião mais acertado bater o inimigo em campo aberto !

Reconhecendo o Passo Santa Maria e toda localidade adjacente, o brioso general Caldwell dirigiu uma carta á Canabarro, que é um documento de seu alto patriotismo, um attestado de grande valor historico.

Ella terminava assim :

- Permitta ainda que lhe diga que, se V. Ex. não atacar o inimigo amanhã cedo,
- perde outra occasião de não só livrar o paiz dos barbaros invasores que assolam
- esta provincia como tambem de adquirir mais um titulo ao reconhecimento dos brasileiros. •

Alem d'essa carta, foi pessoalmente o coronel Menna Barreto pedir uma força de cavallaria e artilharia á Canabarro para o ataque ; Canabarro, porem, não enviou um só soldado, garantindo que elle mesmo com a divisão chegaria a tempo no Ibiculy.

Entretanto, só alli appareceu já muito tarde, quando o inimigo havia transposto o rio !

Canabarro, ora, julga melhor atacar o inimigo em marcha ; mas não ataca ; ora, acredita que as nossas forças bisonhas e sem disciplina são insufficientes ; ora, allega ter pouca infantaria e, quando fossemos vencedores, dizia elle, não poderíamos evitar a volta do inimigo para o Paraguay,

Futil e criminosa evasiva !

As nossas forças, no Ibiculy, eram sufficientes para infligir perdas enormes ao inimigo, se não o derrotassemos de todo, de modo espantoso.

Bisonhos, sem disciplina, eram os poucos que pelejaram brilhantemente em São Borja contra forças enormemente superiores em numero e armamento ; bisonhos, sem disciplina, eram tambem os que se bateram em Botuhy, em numero superior, é verdade, mas essa superioridade se annullava, desaparecia, attentas ás excellentes condições topographicas das posições occupadas pelo inimigo.

Essa circumstancia compensava de sobejo a superioridade numerica.

Tinhamos 7.500 combatentes na divisão Canabarro, isto é, 2.500, sob as ordens do coronel Fernandes que, como vimos, marchava flanqueando o inimigo, e 5.000 sob o commando immediato d'aquelle chefe.

N'estes ultimos comprehendiam-se 1.600 homens de infantaria, 3.000 de cavallaria e 8 boccas de fogo, ao passo que o inimigo se reduzia diariamente.

Tinhamos ainda, o que era um grande auxiliar, a vantagem moral de pelejarmos no nosso territorio e a excellencia das posições, nos *passos* dos rios.

O que importava á nos que as reliquias da columna paraguaya, voltassem ao seu paiz, se salvavamos Uruguayana e o trecho da fronteira, entre Ibicuihy e esta villa ?

E conseguiriam voltar ?

Nada mais incerto, porque para contra-marchar, as reliquias da columna ou teriam de transpôr o rio Uruguay alli perto do Ibicuihy, ou voltar sobre suas pégadas, atravessando o deserto que fizeram com as suas depredações, soffrendo necessariamente perseguição tenaz que talvez as obrigasse a depôr as armas em campo raso.

Canabarro preferia esperar; contemporisar até a chegada de recursos que havia pedido ao general Osorio, então na Concordia; mas, se esses recursos não pudessem vir; se, mesmo promettidos, até mesmo já em marcha; por estas eventualidades da guerra, tão communs, tivessem elles de contra-marchar sem poderem auxiliar-nos?

E, não havia o general garantido ao presidente da provincia que, a sua divisão, era bastante forte para bater 16.000 paraguayos?

Pois ali estam em sua frente muito menos da metade d'aquelle numero, e nenhuma acção séria se fêre para libertar o Rio-Grande !

Mais uma humilhação estava reservada aos brios nacionaes !

O inimigo passou incolume o Ibicuihy, essa excellente posição strategica, já illustrada em 21 de Setembro de 1816, pelo general brasileiro barão do Serro Largo, José de Abreu, que ali bateu a divisão do castelhano Pantaleão Sotel que, á marchas forçadas, avançava para São Borja a reforçar o general André Artigas que havia sitiado aquelle povoado.

Nem essa recordação gloriosa demoveu David Canabarro de sua absurda e criminosa resolução de nada fazer.

Lá vae, pois, lá segue avante o inimigo para devastar mais uma villa florescente, a bella Uruguayana, sem que a metralha dos nossos 8 canhões lhe opponha uma barreira de morte !

Foi terrivel a decepção das forças e de todo o Rio-Grande.

O inimigo, depois que pisa terra rio-grandense, tem remettido para o Paraguay mais de 45.000 animaes, entre cavallos, vaccas, bois, mulas, alem de muitos objetos de valor.

Os rebanhos de carneiros que existiam, em abundancia, n'aquella região, foram exterminados. A guerra era de exterminio : taes eram as instrucções dadas pelo marechal Lopes aos commandantes expedicionarios.

O inimigo avança sempre. Em sua frente e flanco esquerdo, alguns piquetes de bravos guardas nacionaes, queimam cartuchos nas escaramuças; á rectaguarda, marcha o bravo coronel Fernandes com 2 brigadas; na frente, Canabarro, pela estrada real.

O rio Toropasso está perto.

A passagem ali é difficil ; o rio fundo.

Excellentè posição para se disputar a marcha. Todos nutrem mais uma vez a esperança de que, afinal, ali trovejem os nossos canhões ; que se faça alguma cousa que não seja o inglorio e pouco digno papel de montar *guarda de honra* ao inimigo.

Canabarro passou na estrada real o rio Toropasso ; o inimigo acampou do lado do norte, do *passo*, á 2 legoas, mais ou menos, da fóz, e, ali tratou á vontade, á nossa vista, sem que lhe creassemos o minimo obstaculo, de preparar uma especie de ponte, para continuar a sua obra de devastação.

O general Caldwell quiz tambem, como em Ibicuihy, bater-se n'esse ponto onde o inimigo teve, por algumas horas, só metade de suas forças do lado em que estavamos.

Aquelle general mandou o coronel Menna Barreto sondar as disposições de Canabarro, recommendando-lhe que não deixasse este perceber que ia por sua ordem.

O coronel tratou do assumpto ; Canabarro o escutou attentamente e, á final, declarou que, no caso do general, não perdia aquella excellentè oportunidade de bater o inimigo, assim dividido.

Menna Barreto, acreditando na sinceridade d'aquellas palavras, exclama, alegre e satisfeito, que esse era o desejo de seu general ; que elle queria ardentemente bater estes vandalos que tantos males causavam ao Rio Grande.

Canabarro, ao ouvir estas palavras, mostrou-se contrariado e seccamente respondeu ao coronel, despachando-o : « Bem, senhor coronel, diga ao general que eu já vou ter com elle. »

Com effeito, Canabarro foi entender-se com o general ; porem, apesar do que havia dito ao coronel, fez mil ponderações concernentes a evitar o ataque, allegando as razões já conhecidas e, finalmente, declarou que, se o general assumisse a responsabilidade de atacar, elle entregaria o commando de sua divisão á outro, para não vel-a sacrificada.

Como ha de o historiador commentar o que fica exposto ? !

Até agora, a falta de algumas canhoneiras no rio Uruguay nos tem sido muito sensivel.

Alguns vapores, que por alli crusassem, cortariam, ou pelo menos, embaraçariam as communicações entre as columnas de Estigarribia e Duarte.

Este ultimo proseguia em sua marcha pela margem direita, correspondendo-se sempre com a outra columna.

A' final, surge um obstaculo ás communicações dos dous chefes paraguayos.

Canabarro teve entre os seus pessimos planos de guerra, um, entretanto, digno dos maiores encomios : mandou armar um pequeno vapor de reboque que recebeu o nome de *Uruguay*, e, o seu com-

mando, foi entregue á um dos nossos officiaes mais distinctos de artilharia, o então 4.º tenente Floriano Peixoto que, mais tarde representára papel proeminente na politica do paiz, no inicio do regimen republicano.

A' 31 de Julho começa o *Uruguay* as suas operações de guerra fluviaes, mettendo logo á pique as canoas inimigas que crusavam de uma margem para outra.

Nos dias seguintes, 1 e 2 de Agosto, o audaz e improvisado cruzador sustenta fogo vivissimo com o inimigo e, forçoso é confessar que, o microscopico vaso de guerra, faz mais para a honra das armas nacionaes do que a divisão de 7.500 homens, cujo papel parece se resumir em abater os nossos brios.

O *Uruguay* conseguiu cortar as communicações, apesar de Estigarribia ter mandado chegar, durante os dias em que se conservou em Toropasso, uma bateria para a margem do Uruguay, na esperanza de metter á pique, á tiros de canhão, o valente adversario.

Tudo foi inutil. Aos tiros da bateria, elle respondia com o seu canhão, certo, pequeno, mas terrivel, até que uma de suas balas desmontando uma das peças inimigas, convenceu ao chefe Estigarribia que não convinha proseguirem suas tentativas de submergil-o.

Preparada a ponte, no Toropasso, a columna inimiga proseguiu.

Entre aquelle rio e a villa Uruguayana corre o rio Imbahá.

A população d'essa bella povoação está confiante e resolvida a não retirar-se, porque o brigadeiro Canabarro havia declarado, em seus raros e curtos momentos de patriotico entusiasmo, que o inimigo nunca alli penetraria. A população, pois, da villa e seus arredores, ansiosa de curiosidade, espera o momento da batalha.

E', por assim dizer, aos seus olhos, no Imbahá, que o velho guerrilheiro vai desaffrontar o Rio Grande; é ahi que elle vai mostrar aos seus conterraneos que não sabe só ser heroe quando derrama o sangue de irmãos, em luta fratecida; o legendario general dos rebeldes de 1835, vai provar que a sua lança é mais intrepida quando tem de se embeber no peito de hordas de estrangeiros, vandalas, faccinoras e incendiarias, embora reunidas por esses laços de ferro que chamamos disciplina.

Elle tinha antes mandado fortificar a villa de Uruguayana e, como o inimigo se aproximasse, Caldwell quiz saber qual o estado das fortificações, para o que enviou até alli alguns officiaes.

Era lastimavel aquelle trabalho; para nada prestava.

A' vista d'isso, deu ordem para serem demolidas á toda pressa.

A' 4 de Agosto parte das fortificações estava arrazada. O terror da população foi grande. Ella, outr'ora, tão confiante, lobrigou alguma cousa de sinistro!

Em cada golpe de picareta; em cada pá de terra que via nos trabalhos da demolição; parecia-lhe que se abria a sepultura, o tumulo de sua encantadora povoação!

O povo, contando com a promessa do general, não se havia munido de carros, carretas, animaes, emfim, de nenhum meio de transporte para a retirada e, assim, teve de effectual-a na maior desordem e desolação.

N'esse mesmo dia 4, á noite, Caldwell deu ordem á guarnição da villa para evacua-la, e a ordem foi cumprida immediatamente; mas, tal precipitação houve, que lá ficaram 2 peças de artilharia de calibre 6, desmontadas, que serviram para o inimigo.

Apesar das passadas decepções, reacende-se o enthusiasmo nas forças da divisão.

A villa alli está aos nossos olhos e á vista tambem do inimigo; nas proximidades d'ella, que excellentes campos de batalha para a victoria!

Ao longe, está o Imbahá e, entre elle e a villa, alli collêa, como enorme serpente, o arroio Sauce.

Todos querem combater e a população fugitiva da villa pára, á cada momento, afim de ouvir se os canhões de Canabarro trovejam. A voz potente d'artilharia seria para os miseros fugitivos um consolo; despertar-lhe-ia os sentimentos de resignação nas suas provanças.

O canhão, porem, não fala! Guarda uma mudez cobarde!.....

Caldwell está indignado e resolve atacar.

A' elle e á todos revolta o espectaculo de vêr o inimigo marchar sem combate para a posse da villa brasileira.

O velho general manda chamar á sua presença os commandantes das divisões e brigadas e mostra-lhes a necessidade de ferir-se a batalha, abundando em patrioticas considerações.

Mas, qual! Todos encastellados na prudencia, opinam o contrario apresentando as razões de sempre: falta de infantaria, principalmente, soldados bisonhos e mal armados,—e o mais tenaz n'esta ordem de considerações é o brigadeiro David Canabarro, aquelle mesmo que, dous mezes antes, affirmava ter 8.000 homens, capazes de repellar 46.000 paraguayos!

Só o barão de Jacuhy pensa como o general e declara ser uma ignominia deixar o inimigo apoderar-se da villa, sem pagar muito caro a bella presa.

Realmente, a prudencia é uma grande virtude, quer ella se manifeste individual ou collectivamente; mas, na guerra, ella é sempre fatal quando não salva a honra das armas.

Emquanto o general, á cavallo, e rodeado d'aquelles commandantes, procura chama-los ao cumprimento do dever, o inimigo marcha; se aproxima da villa.

Para que a nossa vergonha e opprobrio não sejam tão grandes quanto as devastações e crimes dos invasores; lá va o bravo e intrepido commandante Bento Martins, com o 47.º corpo de guardas nacionaes de seu commaudo e mais alguns piquetes, escaramuçan-

do, queimando cartuchos, investindo contra as avançadas inimigas.

Caldwell e todos os patriotas estão rubros de pejo. O velho general não se pode conter mais ; ordena terminantemente que um dos seus ajudantes vá dizer á Canabarro que lhe mande uma bateria de artilharia.

Canabarro que devia vir, embora fosse contrario ao ataque, com a sua divisão ou mandar parte de suas forças de protecção á artilharia, deixa esta seguir só, sem o menor apoio, apesar de ter de atravessar uma extensão relativamente grande e proxima ao inimigo, e dá ordens, ainda mais, á sua cavallaria, para apeiar-se e dar pasto aos cavallos !

A indignação foi indiscrepível !

Ferir a batalha, sem o auxilio da 1.^a divisão, ás ordens de Canabarro, era impossível, e esse chefe não queria absolutamente combater.

O inimigo entrou sobranceiro na villa.

Nas ruas, alguns soldados do bravo Bento Martins, que tinham ficado atrasados, carregaram á lança os piquetes avançados do inimigo. Em uma d'estas cargas, cahiu ferido o commandante Diogo Alvarenga e foi morto o cavallo em que montava.

Esse official commandava o batalhão paraguayo n. 17, e, singular coincidência, os bravos que disputavam nas ruas o passo ao inimigo, eram todos do glorioso 17.^o corpo de guardas nacionaes. Ambos tinham a mesma numeração.

Assim, meia duzia de soldados rio-grandenses, lavrava, com a ponta da lança, um protesto de sangue contra o crime de lesa-patria, perpetrado pelo seu general e seu conterrâneo.

Alguns d'esses valentes cahiram prisioneiros.

Foram levados pelo inimigo para fóra da villa e degollados junto ao cemiterio, a meia duzia de metros das nossas avançadas.

Esta noticia, em poucos instantes, espalhou-se por todo o nosso campo.

Um fremito, como um grito de vingança, echou em todos os corações valentes ; mas, o que fazer? !

A disciplina, com o seu braço hercúleo e ferrêo, conteve a exaltação patriótica e generosa.

N'esse fatal dia 5 de Agosto, tudo quanto pôde ferir o que uma nacionalidade tem de susceptível, nos estava reservado.

Uma bandeira tricolor, o pavilhão paraguayo, foi hasteado na villa, e o canhão salvou : assim, respondia o inimigo a nossa indignação.

Na noite de 5 para 6 de Agosto, no nosso campo, os bons patriotas, apesar da fadiga do corpo, do abatimento moral pelo peso de tantas humilhações, não puderam conciliar o somno.

Parecia-lhes ouvir os gritos lascinantes dos soldados que haviam sido cobardemente degollados ; parecia-lhes vêr o sangue esguichar de suas veias, ao serem cortadas pela faca paraguaya e salpicar o rosto de todos os brasileiros allí reunidos, depois de espadanara consciencia de Canabarro ; parecia-lhes, enfim, ouvir recriminações dos miseros, victimas do seu valor, que na rapida agonia deveriam ter exclamado : «Cobardes ! Deixam degollar os seus irmãos á meia duzia de passos de suas lanças e canhões !»

O inimigo, depois de tomar tranquillamente posse de Uruguayana, tratou de saquear-a e destruir o que podia. Poucas familias ficaram na povoação.

As nossas forças ahí permaneceram de observação, á espera de reforços para estabelecer o sitio

As tristes noticias da fronteira espalharam-se rapidamente por todo o paiz ; mas, em vez de abater o brio nacional, ellas incitaram o sentimento sagrado do amor á patria.

O imperador, no Rio de Janeiro, convocou o conselho d'Estado e o presidiu. Elle declarou que desejava partir para o Rio Grande e compartilhar a sorte dos brasileiros que allí defendiam o decoro da patria ; os conselheiros, porem, objectaram-lhe que seu desejo era contrario á Constituição.

O imperador, então disse que podiam impedil-o de marchar como chefe da nação; mas não de abdicar e seguir como voluntario da patria.

Essa resolução do chefe do Estado ainda mais enthusiasinou ás massas populares ; os voluntarios corriam ás armas e, assim, como d'improviso, organisavam-se forças militares.

Logo no começo do anno de 1865, o governo, appellando para o patriotismo nacional, creou batalhões que receberam a denominação de—Voluntarios da Patria—. Estes batalhões, agora surgiam em todo o Brasil e marchavam para a campanha.

O presidente do Rio Grande havia solicitado exoneração d'esse cargo ; foi substituido pelo general conde de Boa-Vista ; mas, é preciso que se consigne que o dr. Marcellino Gonzaga fez tudo quanto d'elle dependeu para evitar a invasão.

Aos chefes militares, só á elles, coube a responsabilidade das catastrophes que se desencadearam sobre os povos da fronteira.

A' 10 de Julho partiu para o Rio Grande o imperador com os seus dous genros, conde d'Eu e duque de Saxe, seus dous ajudantes de campo, generaes marquez de Caxias e Cabral, o ministro da guerra Angelo Muniz da Silva Ferraz, o general Beaurepaire Rohan, o chefe de esquadra de Lamare e mais algumas pessoas.

A' 18 d'aquelle mez estava o chefe do Estado na capital da provincia, aonde, com o ministro Ferraz, tratou de dar impulso á tudo que se necessitava para a campanha.

Ahi, o bravo barão de Porto Alegre, tenente-general reformado, offereceu os seus serviços que foram aceitos com agrado e, logo, foi investido do cargo de commandante das forças em operações no Rio Grande.

Partiu para o seu posto sem demora.

Já da cidade do Rio Grande o imperador mandou espalhar a seguinte proclamação, datada de 16 de Julho :

« Rio-Grandense ! Sem a menor provocação, é por ordem do governo do Paraguay invadido segunda vez o territorio da nossa patria. Seja o vosso unico pensamento o vingardes tamanha affronta e todos nós nos ufanaremos cada vez mais do brio e denodo dos brasileiros. A rapidez das communicações entre a capital do Imperio e a vossa provincia, permite á mim e á meus genros, meus novos filhos, presentear vossos nobres feitos. Rio-Grandenses ! Fallo-vos como pae que zela a honra da familia brasileira ; estou certo de que procedereis como irmãos que se amam ainda mais quando qualquer d'elles soffre. D. Pedro 2º, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil. »

Como já dissemos em outra parte, Canabarro havia pedido ao general Osorio, então na Concordia, á frente das forças brasileiras, um reforço de infantaria, apesar da garantia formal que havia dado de que sua divisão era sufficiente para repellar 16.000 paraguayos e apenas 9.000 tinham invadido o Rio Grande.

Já em fins de Agosto os alliados, em seu acampamento, sabiam que Uruguayana, estava nas mãos do inimigo.

Do pedido de Canabarro fez o general Osorio sciente ao commandante em chefe Mitre que não achou conveniente a remessa de forças brasileiras, e aconselhou, ao mesmo general, que communicasse á Canabarro que seria preferivel reunir a maior somma possivel de recursos; hostilizar o inimigo sem arriscar, com tudo, uma batalha decisiva. Osorio, como lhe cumpria, deu sciencia d'isso á Canabarro ; e, como vimos, para infelicidade do Rio Grande, este general parece ter aceitado o conselho de Mitre que estava longe do theatro dos acontecimentos ; sem conhecimento das condições topographicas da provincia ; nem do numero exacto da força inimiga ; nem do moral, sobretudo, das nossas forças que operavam na fronteira.

Entretanto, em meados de Julho, reuniu-se uma junta ou conselho de guerra dos generaes alliados e, deliberou-se ir, sempre, em auxilio das forças que operavam no Rio Grande, batendo-se primeiro a columna de Duarte que marchava pela margem direita do Uruguay.

Tocou ao general Flores o commando da expedição e combinou-se que o vice-almirante, barão de Tamandaré, deveria subir com uma esquadrilla para auxiliar a mesma expedição ; mas, como o rio estava baixo não foi possivel seguirem os navios, e, assim, voltou Tamandaré para Buenos-Ayres pois, havia ido á Concordia para tomar parte n'aquella junta ou conselho de guerra.

O general Flores avançou no dia 18 d'aquelle mez com a sua expedição. Ella era composta do exercito oriental ; de 4 batalhão de

infantaria brasileira ; do regimento *San Martinho*, de cavallaria argentina com 300 homens ; ao todo, 4.200 praças das tres armas, com os chefes Goyo Soares, Henrique Castro, Nicasio Borges, Leon de la Palleja, todos orientaes; e Kelly e Fidelis da Silva, brasileiros

O exercito oriental era tão diminuto que apenas poderia ser considerado uma divisão, pois, o seu effectivo não excedia de 2.440 combatentes.

A marcha foi penosissima, porque o inverno corria excepcionalmente frigido; as chuvas quasi constantes, os rios cheios a transbordar, de modo que tudo isso influia para grandes soffrimentos.

A' 13 de Agosto, o general argentino Paunero que já conhecemos, chamado do interior de Corrientes, onde se achava de observação ao exercito inimigo, fez junção com Flores, trazendo-lhe um reforço de 4.500 homens e 24 bocas de fogo, ficando, assim, a columna superior á 8.500 homens que, com a artilharia que já se trazia, agora elevava-se á 32 canhões.

Seguia, pois, essa columna em demanda do inimigo.

O general Madariaga ia na vanguarda com as suas cavallarias correntinas.

A força inimiga, em numero de 3.500 homens, estava na villa da Restauração ou Passo dos Livres, em frente á Uruguayana.

O commandante Duarte, avisado pelos espiões que o adversario avançava, pediu reforços á Estigarribia, pedido que não podia ser attendido, como não o foi, apesar da proximidade das duas columnas; pois, estavam apenas separadas pelo rio. Estigarribia, achava-se tambem em más condições. Toda sua gente era pouca para defender as trincheiras que havia levantado ao arredor da villa e que podiam ser assaltadas, de um momento para outro e, até mesmo na occasião em que Duarte fosse investido na margem opposta.

O que admira, é não ter Estigarribia dado ordem ao chefe Duarte para aproveitar as noites, então muito escuras n'aquella occasião e intentar vir reunir-se á elle, porque só tínhamos alli apenas, de observação, o pequeno vapor, sob as ordens do bravo 1.º tenente Floriano Peixoto.

Talvez a falta de viveres na praça, concorresse para Estigarribia não ordenar tal junção. Este chefe respondeu de um modo allrontoso ao pedido de seu companheiro, dizendo-lhe que só podia oferecer-lhe um official bravo para commandar a divisão que operava na magem direita do Uruguay, unica necessidade de que ella se resentia. Irrogava uma injustiça, porque Duarte era um valente official.

Vendo-se reduzido á seus proprios recursos e estimulado pela resposta de Estigarribia, tratou elle de preparar-se para a luta.

Retirou-se da povoação e foi collocar-se junto ao arroio Jatahy ; mas, com elle pela rectaguarda ; tomou posição em umas chacaras, aproveitando-se dos cercados que alli existiam; das dobras do terre-

no e de uns vallos que mediam mais de 2 metros de fundo e outros tantos de largura.

Este sitio escolhido pelo inimigo, para esperar os alliados, chama-se Ombusito.

A força aliada, no dia 16 de Agosto, teve communicação da vanguarda de que o inimigo sahira á seu encontro.

Então, estavam os alliados no arroio Capiquisé.

Flores que, como já dissemos, commandava a expedição, espreouahi o adversario que, com effeito, se havia movido á seu encontro; mas, sabendo que as forças eram superiores em numero, voltou á primitiva posição do Ombusito, por se julgar melhor na defensiva.

No dia seguinte, os alliados avançaram em direcção á villa da Restauração ; souberam, porem, que o inimigo ali não estava e, sim, á meia legoa d'esse povoado, para o lado do norte, no sitio que já indicámos.

Na vanguarda aliada está Madariaga com uma brigada de cavallaria, apoiada por outra, ás ordens de Goyo-Soares.

O grosso da força marcha em columnas parallelas.

Apenas a cavallaria da vanguarda avista os atiradores inimigos, abrigados nos vallos, parte á galope para collocar-se á esquerda das columnas, no intuito de desembaraçar a frente.

O general Flores procura logo estabelecer a linha de batalha, adiantando-se um pouco com a infantaria oriental, o 16.º batalhão brasileiro, e a artilharia. D'essa infantaria desprendem-se companhias de atiradores que avançam immediatamente sobre as do inimigo, resguardadas nos vallos, d'onde em poucos minutos são rechassadas.

A cavallaria inimiga, que está attenta, carrega sobre os nossos atiradores; mas, um regimento oriental sahe-lhe ao encontro, envolve-se com ella, travando um rapido combate á lança e á espada e, então, aquella cavallaria volta á galope para a sua linha de batalha, com grandes perdas.

O chefe Duarte, n'esse momento, completa as suas disposições para a peleja.

Do nosso lado, e tambem do lado inimigo, todos os movimentos são executados á passo accelerado ; os nossos, são mascarados por linhas de atiradores.

Os bravos que desalojaram o inimigo do primeiro vallo, avançam resolutamente contra a outra linha, abrigada no segundo, e esta tem a mesma sorte da outra ; é rechassada.

Chega, então, ao campo da acção as forças de Paunero e tomam posição.

O emprego da artilharia vae se tornando util ; assim, o general Flores ordena á Nicasio Borges que faça avançar uma bateria ; esta move se, mas vem por mão caminho, porque depara com os vallos que a embaraçam.

O general Paunero observa isso, e immediatamente faz marchar á galope uma bateria argentina que desvia-se dos vallos e entra em combate. Toda nossa linha de batalha ganha terreno e já se estabelece deixando os vallos á rectaguarda.

Estes eram os maiores obstaculos que nos offerecia o terreno ; vencidos, o fogo de infantaria crepitava em toda linha, ardentemente, mesclado com os trovões da artilharia.

Em um ou outro ponto da nossa linha cessa, por momentos, a fusilada para dar lugar ás cargas de bayoneta.

Ora, é a brigada brasileira, ás ordens de Kelly que investe o inimigo ; ora, são os batalhões argentinos.

Duarte, á cavallo, de espada na mão, incita a coragem dos seus ; mas, as cargas, em varios pontos da linha o a metralha fazem grandes estragos ; os batalhões inimigos perdem a firmeza, cedem terreno.

Chega mais artilharia argentina, sob o commando do tenente coronel Nelson, e, á galope entra em batalha e quasi á queima roupa fulmina o adversario.

Já não ha mais linha de batalha na infantaria paraguaya ; o que ha, é um montão de homens, sem ordem, sem formatura ; elle redopia, gira, voltêa e nas voltas e reviravoltas vao envolvendo tudo, a cavallaria, a artilharia e até as bagagens !

Se o terreno permitisse era o momento da cavallaria de Madriaga e Goyo-Soares completar, á golpes de sabre, a obra de destruição.

Os alliados avançam sempre contra aquelle montão de homens que apesar de ceder terreno, em completa confusão, responde o fogo que o acabrunha.

Mais vallos detem por momentos o passo dos alliados ; elles são transpostos.

Duarte e seus officiaes debalde procuram restabelecer a ordem ; formar a sua gente ; mas essa massa humana, á cada instante mais abalada pela metralha e fuzilaria, não attende e, muito feliz se julgam elles de poder obrigar-a a seguir a direcção que lhe assignalam : a da retirada.

Ella se effectua á rumo do *passo* do arroio Jatahy, que está proximo ; mas, o enorme amalgame, de que fazem parte todas as armas, está quasi envolvido pela nossa infantaria.

Um pequeno claro no terreno, convida á uma carga de cavallaria.

A nossa esquerda, em um movimento de conversão á direita, corta 600 homens e os faz prisioneiros ; entre elles está o commandante da columna, o chefe Duarte, que immediatamente entrega a espada.

Pelo claro, avança o 4.º regimento de linha e o regimento escolta do general Flores ; mas, pouco podem cutilar, porque o fogo

dos nossos batalhões envolve cada vez mais o inimigo que, sem saber ao certo o destino de seu chefe, ali pára, firma-se, disposto a morrer até o ultimo.

As cargas á bayoneta, então, se renovam e a massa, sempre sem ordem, começa de novo a mover-se em direcção ao *passo*.

Ahi estam Madriaga e Goyo-Soares com as cavallarias para se opporem aos movimentos d'aquellas ondas humanas.

N'aquella multidão já inconsciente, resurge o instincto de conservação, e ella pende para uns banhados, proximos á confluencia do arroio Jatahy com o rio Uruguay, ao ver cortado, pela cavallaria, o unico caminho do vão.

Então, penetra pelos banhados e, por momentos, allivia-se do fogo da infantaria que a envolvia ; mas, chega logo uma bateria argentina, commandada pelo capitão Viejobueno e despeja metralha e só cessa de o fazer, para dar lugar á que alguns batalhões orientaes mettam-se nos banhados, com agoa até a cintura, e augmentem mais a carnificina.

Ainda ahi, sempre na maior desordem e confusão, o inimigo resiste.

A' final, aquella multidão dispersa-se ; espalha-se pelo rincão formado pelos dous rios ; parte atira-se ao Jatahy, parte procura a margem do Uruguay, tentando atravessar o rio ; mas, perseguida pela cavallaria, apenas uma pequena fracção logrou tal intento.

Venceram os alliados.

No campo de batalha jazem 1.700 cadaveres do inimigo ; temos 1.200 prisioneiros, incluindo o commandante da força ; 300 feridos, 4 boccas de fogo, 4 bandeiras, muito armamento, munição, carros, cavallo e toda bagagem.

Na columna de Duarte, como na de Estigarribia, haviam correntinos e orientaes.

Os coroneis orientaes Apparicio e Orrego pertenciam á columna de Duarte. Cahiram prisioneiros.

Durante a refrega, não foram de nossa parte esquecidos os sentimentos de humanidade ; mas, o inimigo, em geral, preferia a morte á generosidade e, os que cahiram prisioneiros já não tinham munição. Nós tivemos 340 homens feridos ; 188 orientaes, 99 argentinos e 53 brasileiros.

A cifra dos mortos foi de 83, inclusive 6 officiaes.

No numero dos feridos contavam-se 37 officiaes, inclusive o bravo coronel Fidelis Paes da Silva, commandante do 46.º batalhão de voluntarios brasileiros, denominado : Garibaldino.

O general Flores, no mesmo dia, publicou a seguinte proclamação que foi lida á frente das tropas :

« Soldados argentinos, brasileiros e orientaes ! Atravez de marchas forçadas e de incommodos de todo o genero, vencendo o rigor dos elementos, chegastes até ás forças do alçivoso invasor que ostentava suas legiões e devastava o territorio correntino. Hoje as anniquilastes, dando uma tremenda lição aos tyrannos. Vossos esforços acham-se recompensados ; vossa coragem e denodo, tudo venceram ; assim é que a mais completa victoria bafeja vossas frentes com gloria immortal. A divisaõ paraguayana com força de mais de 3.000 homens desapareceu diante de vossa apreensão, ficando prisioneiros mais de 1.000 soldados, com o seu chefe major Duarte, e o resto morto ou ferido sobre o campo de batalha, pela ferocidade barbara e ignorante que os domina.

« Em nosso poder deixaram, como traphéos de guerra, 4 bandeiras, toda sua bagagem, armamento e petrechos, e vós deveis ostental-os com orgulho, pois, os conquistastes com vossa bravura e heroismo.

« Soldados ! O tyranno vaes desaparecer diante do exercito que combate pela liberdade e egualdade dos povos !

« O triumpho de Jatahy é apenas o precursor de outros maiores que vos abrirão as portas de Assumpção para remir esse povo irmão, dando-lhe patria, instituições e liberdade ! Sauda-vos o vosso general e amigo— *Venancio Flores*. — Campo da batalha, 17 de Agosto de 1865.»

Com effeito, esta batalha, o já antes a de Riachuelo, eram precursoras de muitas outras que nos abriam as portas d'Assumpção ; mas, para batermos á essas portas, quantas victimas, quanto sangue derramado, quantos soffrimentos e sacrificios !

Estigarribia, encerrado com sua columna em Uruguayana, ouvira o troar d'artilharia e a fuzilada da batalha na margem opposta.

O general Flores, pouco depois da luta, mandou os seus ajudantes de ordens e, com elles, um tenente de nome Zorilla, commandante de um batalhão inimigo, que havia cahido prisioneiro; annunciar ao general Caldwell a victoria que acabava de obter. Esse official levava tambem uma intimação á Estigarribia para que se rendesse e á ella ajuntou-se outra de Caldwell, declarando ao chefe inimigo que depuzesse as armas que a sua vida, bem como a de toda guarnição, seriam respeitadas e, todos, tratados como prisioneiros de guerra.

A resposta de Estigarribia foi negativa e terminava declarando que « elle e sua divisão anciavam pelo momento de provar que o « soldado paraguayano não conta o numero de seus inimigos nem « com elles transige quando defende caros e nobres interesses. »

Com a chegada de mais forças, iamos apertando o sitio ; mas, os soffrimentos das tropas, ao arredor da villa sitiada, eram immensos.

O inverno terrivel, glacial ; nas avançadas appareciam mortos, regelados, officiaes e praças.

Tinhamos soldados, cujo uniforme consistia em pedaços de couro cru sobre o corpo !

Porem, ao menos havia um pedaço de carne para assar ; o que não succedera muitas vezes, quando a divisão, desempenhando o triste papel de retirar-se, sem combate, adiante do inimigo, acampava junto á elle e tratava de carnear, pois, apenas as reses eram aba-

tidas e esfoladas, os paraguayos levantavam acampamento ; então, a divisão erguia-se rápida e deixava as reses promptas, cabendo só ao inimigo o trabalho, aliás pouco penoso, de retalhar-as e distribuir entre si as rações.

A divisão n'esses dias curtia fome !

No dia 19, o inimigo, cansado de esperar que investissemos as suas trincheiras e, receioso de que, cada dia decorrido, mais se apertasse o sitio, porque o numero dos sitiantez crescia ; resolveu romper a nossa linha com as armas na mão, para o que, pela madrugada, avançou resolutamente.

D'esta vez, sempre se fez alguma cousa : trocámos canhoneas, e a nossa cavallaria carregou, obrigando a voltar o inimigo á sua primitiva posição, isto é, ás suas trincheiras.

Para essa investida, Estigarribia mandou incendiar as carretas e tudo quanto podia dispensar na marcha, para tornar bem leve a sua columna ; forçado, porem, a abrigar-se na praça, as suas necessidades cresceram pela falta de muita cousa que fôra destruida.

O bravo 17.º corpo de guardas nacionaes, apenas o inimigo investiu-nos, penetrou na povoação ; tiroteou-se com a guarda da rectaguarda, e, só voltou á sua posição na linha de sitio, quando a columna contra-marchou para occupar de novo as trincheiras.

No dia seguinte, á tarde, chegou ao nosso campo o bravo general Porto Alegre, o heroe de Moron, que, como já dissemos, fora nomeado commandante das forças em operação no Rio Grande.

Tambem n'esse dia aportaram em frente á Uruguayana 2 vapores de guerra, o *Taquary* e o *Tramandahy*, com mais alguma força brasileira, e 2 chalupas.

Estes vapores e o *Uruguay* começaram immediatamente a passar as forças dos generaes Flores e Paunero, da margem direita para a esquerda.

As forças brasileiras estavam satisfeitas com a chegada do illustre general Barão de Porto Alegre que, no dia 20 de Agosto, tomou o commando de todas ellas ; mas, no dia 21, quando, no solo brasileiro, na terra rio-grandense, viram as bandeiras argentinas e orientaes, um sentimento de profunda tristeza enlutou a alma de todos.

Acostumados os brasileiros a passarem as fronteiras da patria com suas lanças, canhões e espingardas para libertar os povos platinos de seus tyrannos ; vinham, agora, estes estrangeiros á nossa terra para proteger-nos e auxiliar-nos contra um punhado de invasores, cuja destruição, iniciada em São Borja, proseguida em Botuhy, deveria ter continuado no Passo das Pedras, e Ibicuihy e se teria completado, quando muito tardasse, nas coxilhas de Japejú ou no vão do Toropasso, sem que o patriotismo, a alma sensivel, delicada e cavalheiresca de um povo, soffresse golpe tão profundo e doloroso.

Como era natural, essa humilhação porque passámos, attribui-

ram-na aos culpados da invasão ; pois, haviam collocado a patria nas condições do leão da fabula que, enredado por momentos nas malhas da rede, necessitára do dente do rato para libertar-se !

Prosigamos a narração,

A' 34 de Agosto, chegou em frente ao Passo dos Livres, ou Restauração, o nosso vice-almirante Tamandaré em um pequeno vapor e, immediatamente, veio ao campo alliado para conferenciar com Porto Alegre, Flores e Paunero.

No dia 2 de Setembro teve lugar a conferencia.

Flores e Paunero, manifestaram desejos de atacar immediatamente a villa ; mas, n'isso não concordaram os chefes brasileiros, porque, não só sabiam que o imperadorahi vinha e desejavam que elle assistisse ao sitio, como tambem porque, esperavam mais força de infantaria, para apertar quanto possivel o cerco e obrigar o inimigo a render-se á fome ; pois, d'este modo, evitava-se um ataque á viva força, em que se teria de empregar os canhões que, certamente, destruirião a povoação.

A opinião dos nossos generaes era muito judiciosa.

Com effeito, já que se tinha deixado impunemente o inimigo encerrar-se alli, não valia a pena atacar, preceptitar os acontecimentos que, realmente, podiam causar sérios danos á povoação.

N'essa conferencia deram-se factos desagradaveis.

Um dia antes, o general Flores mandára dizer ao bravo Porto Alegre que avançasse o seu acampamento ; mas, em termos laes, que parecia uma ordem de superior para inferior, como se o general brasileiro fosse alli seu subordinado, acrescendo que o acampamento estava perfeitamente estabelecido.

Porto Alegre conservou-se com suas tendas de guerra no mesmo ponto.

Flores na conferencia fez allusão á isso e, enthusiasmado com a victoria de Jatahy, entre outras cousas, disse que Porto Alegre e Tamandaré « *o queriam fazer de tolo ; que não estava por isso e que assim passaria para a margem opposta com suas tropas e que á frente dellas, era capaz de bater e destruir a columna de Estigarribia.* »

Os nossos dous generaes que estavam assentados junto á uma mesa, ergueram-se e, com voz energica e gesto altivo, declararam á Flores « *que se deixasse de sanfarronadas e que não precisaram de auxilio extranho para bater as forças paraguayas.* »

O que ahi fica relatado, vem confirmar que a tristeza dos bons patriotas, ao verem, em terra brasileira, desfaldadas as bandeiras argentinas e orientaes para coadjuvar-nos a bater os invasores, não era um excesso de susceptibilidade patriotica ; era um sentimento, um pesar perfeitamente justificado.

Pois, ahi não está o general Flores que devia a sua actual posição politica de governador provisorio da Republica do Uruguay ás

nossas bayonetas, a proceder d'aquelle modo, no nosso territorio, no nosso campo ?!

Seriam realmente as glorias de Jatahy que o ufanavam ao extremo de o tornarem tão descortez ?

Mas, se gloria houve n'aquella carnificina, não se lembrava de certo o valente gaúcho de que as bayonetas da brigada brasileira não tinham sido extranhas á ella.

O inimigo, em numero de 3.500 homens, foi atacado por forças quasi trez vezes superiores em numero ; alem d'isso, o numero de canhões dos alliados era quasi o quadruplo ; e, assim, a victoria não nos podia ser duvidosa, a não occupar o adversario posições excepcionalmente favoraveis.

O grande Corneille, em sua immortal tragedia—*Cid*— pôz nos labios do *Campeador*, d'esse ideal da bravura e lealdade, estas palavras que, mais tarde, o vencedor da Austerlitz fêl-as suas : *Vencer sem perigo, é triumphar sem gloria !*

O general Flores, reflectindo que o seu procedimento não tinha sido correcto, acalmou-se immediatamente. Apesar de competir o commando das forças alliadas aos generaes brasileiros, quando as operações militares tivessem lugar no Brasil, á vista do texto do tratado da *Triplíce-alliança* ; Porto Alegre e Tamandaré convidaram ao general Flores a assignar em primeiro lugar a intimação que, mais uma vez, se ia dirigir á Estigarribia.

No mesmo dia da conferencia, 2 de Setembro, o chefe inimigo recebeu a intimação em suas linhas.

No dia 5, elle respondeu negativamente ás proposições dos chefes alliados, como havia feito ás de Caldwell e ás do mesmo Flores.

Da resposta de Estigarribia destacam-se estas palavras :

« Lembrem-se VV. EExs. que Leonidas com 300 Spartanos, defendendo o passo das Themopylas, não quiz ouvir as proposições do rei da Persia, e, quando um de seus soldados annunciou-lhe que os inimigos eram tão numerosos que escurciam o sol, sempre que disparavam as flechas, elle retorquiu : Tanto melhor, combatere-mos á sombra. Como o capitão Spartano, não posso dar ouvidos as propostas do inimigo, porquanto fui mandado com os meus companheiros para pelear em defesa dos direitos do Paraguay, e, como soldado, devo responder á VV. EExs. quando enumeram as forças que commandam e as peças de artilharia de que dispõem : Tanto melhor ; o fumo da artilharia nos fará sombra !— Se a sorte me prepara um tumulto n'esta villa de Uruguayana, meus concidadãos conservarão a lembrança dos Paraguayos que morreram pelejando pela causa da patria e que, em quanto viveram, não entregaram ao inimigo a insignia sagrada da independencia nacional. »

Por esse tempo, correra no acampamento dos sitiantes que Lopes, á frente de 25.000 homens, vinha á marchas forçadas em protecção á Estigarribia. Este, com effeito, expedira um official com correspondencia para o marechal, relatando-lhe a sua precaria situação e pedindo recursos para se desembaraçar d'ella, e confiando n'elles, que lhe chegassem á cada momento, respondia ás intimações para render-se com formal recusa.

Depois da resposta do chefe inimigo, o vice-almirante voltou á Concordia para trazer mais infantaria.

Alli chegando, convidou ao general Mitre para vir á Uruguayana vêr o imperador que estava prestes a chegar e com quem, ao saber de sua presença no Rio Grande, o general em chefe, manifestára desejos de conferenciar.

Assim, Mitre entregou o commando em chefe ao general Osorio e, partiu, com o almirante brasileiro, no vapor— *Onze de Junho*, para o nosso campo.

Seguiu mais um pouco d'infantaria n'essa occasião, a bordo do *Incitador*.

No dia 40 chegavam á Uruguayana e ali tambem, um pouco antes, apresentou-se o ministro da guerra Ferraz, depois barão de Uruguayana.

O nosso campo se preparou para receber o imperador no dia seguinte ; o inimigo para resistir, melhorando as suas fortificações e arrazando as casas das entradas da villa que podiam embaraçar a acção de sua artilharia.

Já no dia 8, o chefe inimigo pedira para deixar-se as familias, que se achavam na praça, retirar-se quanto antes. Os nossos generaes concederam a permissão.

Em frente, pois, á Uruguayana, pela falta de patriotismo e erros de alguns chefes militares, encarregados de defenderem a fronteira ; pelos erros tambem do governo imperial ; estavam reunidos dous chefes d'Estado, estrangeiros, com suas tendas de guerra e bandeiras desfraldadas ; com seus batalhões e regimentos, á espera do imperador para este testemunhar como elles iam libertar um pedaço do territorio brasileiro !

Pobre patria !

Emfim, no dia 11, cedo, o imperador e a sua comitiva chegaram ao nosso campo, onde foram recebidos com todas as honras militares. Os generaes Mitre e Flores cercaram o imperador de todos os obsequios e attenções.

Elle mandou armar a sua tenda, bem como as de sua comitiva, na nossa linha, á tiro de canhão das trincheras. Apesar das attenções e delicadezas dos chefes alliados, o imperador deveria ter a alma oppressa, ao vêr tremular os pavilhões argentino o oriental ao redor de Uruguayana ; e, sem duvida, lastimava não poder dizer, attenta a sua alta posição social e politica, que lhe impunha reservas, aos chefes militares que nos haviam humilhado, aquillo que muitas vezes se murmurava nos acampamentos brasileiros quando elle os visitava : *« E' indecoroso para nós a presença d'estes estrangeiros ! »*

Dirão, mas elles eram nossos alliados e deviam auxiliar-nos.

Sim, eram alliados ; mas, d'elles só precisavamos o territorio para nossas bases de operações e nada mais. Não tinhamos necessi-

dade de suas bayonetas, nem de seus cartuchos, principalmente para libertar o Rio Grande de um punhado de paraguayos.

Logo depois da chegada do imperador, os generaes alliados reuniram-se em conferencia.

Mitre e Flores opinavam pelo assalto, depois de um forte, vigoroso bombardeamento, o que não admira, porque não se tratava de uma villa argentina ou oriental. Esta opinião não era partilhada pelos generaes brasileiros; entretanto, ella foi submettida ao juizo do imperador que tambem não concordou, declarando que só desejava o emprego da força depois de esgotados todos os meios brandos e suavios.

Com a presença do chefe do Estado, as condições das nossas tropas melhoravam diariamente.

Chegavam carretas com fardamento e o estado de nudez, em que estavam muitos soldados, desaparecia.

Os soldos estavam atrasados; á 5 mezes, d'elles se achavam privados officiaes e soldados e, para remediar isso, o ministro da guerra autorizou o conselheiro Octaviano, nosso ministro, como já vimos, em Buenos-Ayres, a saccar importante quantia e assim realizou-se o pagamento.

Para se occultar ao imperador as miserias e soffrimentos dos soldados, foram dispensados de formar muitos d'elles, de modo que o chefe da nação não poudesse vêr aquelles, cujo uniforme, em uma estação glacial, resumia-se em pedaços de couro crú sobre as carnes.

Estes, só appareceram nas fileiras depois de fardados.

Ao passo que as condições das forças brasileiras, diariamente, com a chegada de recursos de todo genero, melhoravam, as do inimigo eram desesperadoras.

Dentro da praça sitiada já havia falta de gado e dava-se então ás tropas carne de cavallo, magra, e, em rações muito reduzidas; depois, passaram a carnear os cães, os gatos, e muito felizes se julgavam alguns, quando podiam caçar ratos, e insectos para matar a fome. A situação, pois, de Estigarribia era terrivel.

Ao glorioso 17.º corpo de guardas nacionaes, ainda commandado pelo destimido Bento Martins, apresentou-se, na noite de 15 de Setembro, um paraguayto faminto e informou que Estigarribia n'aquella noite pretendia escapar-se em canoas com toda sua gente.

Deram-se logo providencias para que o inimigo não realisasse o seu plano de fuga.

A' esse infeliz faminto, foi immediatamente fornecido alimento em abundancia; elle não comia, devorava e tanta quantidade ingeriu que succumbiu á uma terrivel indigestão.

A protecção com que contava Estigarribia decididamente não lhe vinha, nem do lado da capital de Corrientes, nem tambem do lado de Itapúa.

Até este ultimo ponto havia chegado o general oriental Henrique Castro com 1.500 homens de cavallaria, depois da batalha de Jatahy e, não encontrou novidade, a não ser um pequeno troço de paraguayos que foi batido pelo coronel Reguera; e logo, no começo da marcha, quando partiram do campo em que se ferira aquella batalha, um grupo de 7 paraguayos, do qual fazia parte um official que se dirigia á Humaitá com correspondencia de Estigarribia para o marechal Lopes, pedindo de novo protecção.

Todo grupo foi aprisionado.

O infeliz paraguayo, que succumbiu á indigestão, tinha fallado a verdade. Com effeito, Estigarribia, reduzido aos maiores apuros, havia mandado construir canoas, botes e jangadas para atravessar o rio, aproveitando-se da escuridão das noites, e, caso pudesse illudir a nossa vigilancia, pretendia então desembarcar acima ou abaixo da Restauração e marchar depois para onde lhe fosse mais conveniente. Elle presentiu, porem, que estavamos vigilantes e, assim, perdeu de todo a esperanza de escapar ao cinto de ferro que o ia apertando.

Antes da chegada do imperador, o general Mitre pretendeu assumir o commando em chefe de todas as forças alliadas; mas, a isso se oppuzeram o general Porto Alegre e vice-almirante Tamandaré, pois, tal commando não lhe competia em territorio brasileiro, de modo que aquelle general ficou com o das forças argentinas e orientaes e o nosso com o de todas as forças brasileiras.

As tentativas de evasão do inimigo que podiam ser coroadas do feliz exito, apezar da rigorosa vigilancia dos sitiantes, porque das situações desesperadas nascem recursos extraordinarios, operam-se milagres; convenceram, afinal, ao imperador que não convinha esperar mais e concordou-se, então, no dia 17 que, logo no dia seguinte, se intimaria ao chefe da praça, pela ultima vez, a render-se e caso elle se recusasse, seria a posição tomada de assalto.

O imperador nenhum commando podia exercer, em virtude da Constituição que o vedava; mas, chefe da nação brasileira, os generaes Mitre e Flores tinham o dever de guardar para com a sua pessoa todas as considerações e, por isso, desde que chegou ao nosso campo, a sua opinião era sempre acatada.

Cedo, no dia 18, uma força alliada de 47.346 combatentes avançou, approximando-se ás trincheiras de Uruguayana e as circumdoudo em columnas de ataque.

D'esta força, 12.393 homens eram brasileiros, com 22 boccas de fogo; 3.802, argentinos com 24 canhões e 1.220 orientaes com 8.

O imperador, o conde d'Eu, os ajudantes e o ministro da guerra, estavam no centro das columnas; o vice-almirante Tamandaré, o duque de Saxe, o chefe de esquadra Lamare tinham se recolhido á esquadilha, então composta dos vapores *Onze de Junho*, *Taquary*,

Tramandahy, União e Uruguay e 2 *chatus*, sob o commando do chefe Lomba. A artilharia d'estes navios attingia á 12 boccas de fogo.

O vice-almirante levantou o seu pavilhão no *Onze de Junho*

O dia estava esplendido. Era imponente o quadro que apresentava a praça, cercada por terra e por agoa.

Alguns officiaes de engenheiros, presididos pelo seu chefe Rufino Galvão, depois general visconde de Maracajú, e o capitão de artilharia Manoel de Almeida Gama-Lobo d'Eça, tambem mais tarde general, barão de Batovy, construíram trincheiras com *cestões* para as baterias, sem que o inimigo procurasse prohibir esse trabalho.

Tudo estava prompto ao meio dia.

Então, os generaes Mitre e Flores, com os seus estados-maiores, foram comprimentar ao imperador e o bravo Porto Alegre partiu á galope para receber as ultimas ordens imperiaes.

Depois d'estas formalidades, Porto Alegre mandou pelo capitão Cruz Brilhante, seu ajudante, a intimação que ia decidir da sorte da praça.

Essa intimação era em nome do imperador e dos generaes alliados e assim concebida :

- A prolongação do rigoroso sitio em que se acham as forças sob o commando de V. S. devera por certo tel-o convencido de que sentimentos meramente humanitarios
- retém os exercitos alliados em operações n'esta provincia ante o ponto do territorio
- que V. S. occupa. Estes sentimentos que nos animam e que sempre nos dominarão,
- qualquer que seja o resultado da guerra a que fomos levados pelo vosso governo, me
- obrigam a ponderar a V. S. que semelhante posição e estado de cousas devem ter um
- paradeiro e, em nome do imperador e dos chefes alliados, annuncio á V. S. que dentro do prazo de 2 horas nossas operações vão começar. Toda proposição que V. S.
- fizer que não seja a de render-se a força de seu commando sem condições,
- não será aceita, visto que V. S. repelliu as mais honrosas que lhe foram pelas forças ali-
- liadas offerecidas. Qualquer que seja, pois, a sua resolução, deve V. S. esperar, da
- nossa generosidade, o tratamento consentâneo com as regras admittidas pelas nações
- civilisadas. — Deus Guarde á V. S. — Acampamento junto aos muros de Uruguayana,
- 18 de Setembro de 1865 — Barão de Porto Alegre, Tenente General. •

Estigarribia e as tropas sob seu commando já antes tinham querido render-se ; mas, o celebre padre Duarte, paraguayo, que tinha uma influencia extraordinaria no espirito de todos os seus compatriotas e que se havia tristemente salientado em toda sorte de crimes, desde São Borja ; auxiliado, ainda mais pelos officiaes orientaes que serviam na columna, estes, receiosos da vindicta de Flores ; se oppoz á resolução d'aquelle chefe e de suas forças.

Mas, a presença do imperador no campo alliado foi finalmente considerada pelo inimigo um penhor de nossa generosidade e, por isso Estigarribia mandou um dos seus officiaes, capitão Ibanes, entregar a resposta ao general brasileiro, n'estes termos :

- O commandante em chefe da divisão paraguaya offerece render a guarnição da
- praça de Uruguayana sob as seguintes condições :
- 1.^a O commandante da força paraguaya entregará a divisão do seu commando,
- desde sargento, inclusive, guardando os exercitos alliados para com elles todas as re-
- galias que as leis da guerra prescrevem para com os prisioneiros.

• 2.^a Os chefes, officiaes e empregados de distincção sahirão da praça com as suas armas e bagagens, podendo escolher o ponto para onde queiram dirigir-se; devendo o exercito alliado mantê-los e vestil-os enquanto durar a presente guerra, se escolherem algum lugar que não seja o Paraguay e devendo ser por sua conta e se preferirem o dito lugar.

• 3.^a Os chefes e officiaes orientaes ao serviço do Paraguay, ficarão prisioneiros de guerra do Imperio, guardando-se-lhes todas as atenções a que tenham direito. — Feito em Uruguayana, em 18 de Setembro de 1865. — Antonio Estigarribia. •

Immediatamente a resposta foi apresentada ao imperador, á cuja presença compareceram os generaes alliados e alli mesmo, todos á cavallo, deliberaram aceitar a fazendo restricções á 2.^a condição: não admittindo que os officiaes sahisses da praça com armas nem que voltassem á territorio paraguayano durante a campanha.

O ministro da guerra offereceu-se para ser o portador da resposta :

• Os generaes alliados concedem e admittem a 1.^a e 3.^a condições sem restricções. Quanto a 2.^a, admittem-na com as seguintes restricções: *Os officiaes de qualquer categoria se renderão, não podendo sair da praça com armas, sendo-lhes livre escolher para sua residencia qualquer lugar que não pertença ao territorio paraguayano.* — Uruguayana, 18 de Setembro de 1865, ás 2 1/2 horas da tarde. — Pelos chefes alliados, o ministro da guerra do Imperio do Brasil. — *Angelo Muniz da Silva Ferraz.* •

O general Caldwell, então chefe do Estado Maior, e mais 2 officiaes, acompanharam o ministro e penetraram na villa sitiada.

O imperador, enquanto o ministro e aquelles officiaes se achavam na povoação, percorreu a linha de batalha; os soldados e officiaes que, não sabiam do que se tratava, acreditaram ter chegado o momento de investir as fortificações, e, então, proromperam em acclamações.

Pouco depois, via-se um espectáculo extranho e interessante, unico talvez nos annos das guerras: alguns officiaes e soldados da intrepida cavallaria rio-grandense, partiram da esquerda das columnas de ataque, longe das vistas do imperador e dos generaes, para as trincheiras, e, cada um, trazia na volta um soldado paraguayano na garupa.

Alguns cavallos fogosos e não acostumados a dar a garupa, corcoveavam e estas scenas provocavam o riso, pelo receio que mostravam os paraguayos, agarrados á cintura dos ginetes rio-grandenses, para não cahirem.

Mais de 300 paraguayos, antes de concluida a negociação militar, estavam na nossa cavallaria, comendo *churasco* frio que os previdentes ginetes traziam nos *tentos*.

Estigarribia aceitou as restricções e deu esta resposta escripta ao ministro da guerra :

• Commando da Divisão Paraguayana, sitiada em Uruguayana, 18 de Setembro de 1865. — O abaixo assignado aceita as proposições de S. Ex. o Sr. Ministro da guerra e deseja unicamente que S. M. O Imperador do Brasil, seja o melhor garante d'este ajuste. A elle e á V. Ex. me confio e me entrego prisioneiro de guerra com a guarnição, submettendo-me ás condições prescriptas por V. Ex. O abaixo assignado, espera que V. Ex. procederá immediatamente a ajustar com elle o modo como se deve effectuar o desarmamento e a entrega da guarnição. — *Antonio Estigarribia.* •

A sahida da guarnição começou as 4 horas da tarde e terminou ao escurecer.

Tinham entregado as armas 59 officiaes e 5.431 praças ; mas, n'este numero não foram incluídos os paraguayos que a cavallaria trouxera para o nosso campo antes de assignado o convenio ; assim, calcula-se, com toda exactidão, attingir aquella cifra á 5.515. Colhemos 7 bandeiras, muito armamento e munição, equipamento, caixas de guerra, cornetas e 6 boccas de fogo.

Os prisioneiros foram distribuidos pelos alliados.

O imperador, com seu estado-maior, entrou logo na villa, o percorreu a toda.

Apezar do aspecto triste e desolador de Uruguayana, pelo que havia soffrido durante a occupação paraguaya ; apezar de encontrarmos dous cadaveres de brasileiros degollados e um delles castrado ; ali estavam entre os alliados, em plena liberdade, os prisioneiros. Era uma homenagem á civilisação.

O padre Duarte esteve algum tempo á bordo de uma das nossas canhoneiras porque, imputando-se-lhe grandes crimes e, existindo, nas nossas forças, algumas pessoas, cujas familias haviam sido victimas dos instinctos perversos d'esse homem ; recebeu-se que elle fosse victima de alguma vingança particular.

Dos prisioneiros, o unico que o imperador quiz ver, foi o chefe Estigarribia.

Este fez entrega da espada ao ministro que a apresentou ao imperador ; o chefe do Estado, porem, disse-lhe que a guardasse como uma recordação.

No dia seguinte, publicou-se esta proclamação do chefe da nação :

« Soldados ! O territorio d'esta provincia acha-se livre, graças á simples attitudede das forças brasileiras e alliadas. Os inimigos renderam-se ; mas, não está terminadada a nossa tarefa. A honra e a dignidade nacional não foram de todo vingadas ; parte da provincia de Matto-Grosso e do territorio da Republica Argentina jazem aindaem poder do nosso inimigo. Avante, pois, que a Divina Providencia e a justiça da causa que defendemos, coroarão os nossos esforços. D. Pedro 2º Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil. »

O general Porto Alegre tambem proclamou ás suas tropas, finalizando com estas palavras :

« Soldados ! Em nome do imperador, o general em chefe do exercito imperial vos saúda e vos conjura a que respeiteis a desgraça do inimigo vencido. »

N'esse mesmo dia, 49 do Setembro, o imperador offereceu um banquete aos dous chefes das nações, nossas alliadas, generaes Mitre e Flores e os condecorou com a gran-cruz da ordem do Cruzeiro.

As tropas orientaes voltaram á margem direita do Uruguay nos dias 21 e 22, seguindo-se depois as brasileiras que tinham vindo do acampamento da Concordia e finalmente as argentinas. Todas ellas reuniram-se na Restauração, d'onde á 4.º de Outubro marcharam para Mercedes, ponto tambem para onde o general Osorio,

com o exercito alliado, se achava em marcha, pois, elle havia deixado o seu acampamento da Concordia, seguira para Curusu-Cuatia, d'onde tomara aquelle destino.

Desde o começo da campanha, a conducta selvagem do inimigo para com os prisioneiros e as familias que encontrava nas povoações ou em seu itinerario, collocou o Brasil em situação de não poder tratar de paz com o governo do Paraguay.

Na bagagem do chefe Duarte, o prisioneiro de Jatahy, encontrou-se o rascunho da seguinte carta dirigida ao general Robles, datada de Cuaisés, 5 de Junho de 1865.

« Querido general ! Recebi ordem do marechal presidente de pôr-me em communicação comvosco para concertarmos no plano de ataque contra os partidistas de Mitre. E' muito má a minha posição aqui; não posso avançar sem correr o risco de vêr cortada a minha retirada e de ficar cercado como um rebanho de cabras. O marechal ordena-me que arrebanhe todo o gado que possa alcançar e que fusile os prisioneiros que cahirem em minhas mãos. A' todos os gringos (inimigos) e adherentes de Mitre devo eu perseguir e o mesmo vos incumbe, general. Os correntinos são um bando de loucos que não apreciam a liberdade e, em vez da liberdade que por nosso intermedio lhes offerece o marechal, preferem ser devotados escravos de Mitre. Nada mais vos posso escrever porque está perto o inimigo. Vosso criado, amigo e servo *Pedro Duarte.* »

E nós, isto é, os brasileiros, por intermedio dos generaes, recommendavamos que se respeitasse a desgraça do inimigo vencido.

Diferença de civilisações.

CAPITULO III

SUMMARY. — Considerações. — Brasil e Inglaterra. — Volta do imperador ao Rio de Janeiro. — Organização do 2.º corpo d'exército. — Planos mallogrados. — Conselhos de guerra. — Ainda Matto Grosso. — Occurrencias no campo aliado. — Retirada de Corrientes. — Morosidade.

E' fóra de toda duvida que a causa principal da invasão do Rio Grande, foi a desharmonia entre David Canabarro e o barão de Jacuhy.

Se elles se lembrassem que o dever de defender o Rio-Grande sobrepujava á todas as rasões de seus resentimentos, a columna paraguaya era logo esmagada na passagem de qualquer d'aquelles rios que colleam entre São Borja e Uruguayana.

O velho guerrilheiro, escravizado ás suas paixões, esquecido que a sua conducta seria anathematisada pelos postéros, deixaria impunemente o inimigo chegar á Uruguayana, se os patriotas de São Borja, com Menna Barreto, e Fernandes, não lhe oppusessem a resistencia que vimos.

Se o general Caldwell não vae á Ibiracay arrancar de sua criminosa inercia o homem que garantira ter gente sufficiente para repellir 16.000 paraguayos : a nossa ignominia não teria limites, porque Estigarribia certamente de Uruguayana continuaria a sua marcha para o Estado Oriental.

Foram ás margens d'estes rios que serpenteam na fronteira, que em outros tempos, Santos Pedroso, Borges do Canto, Chagas Santos, Abreu, Arouche, Gomes Lishôa e outros se cobriram de gloria, defendendo palmo á palmo o territorio brasileiro. Tudo alli tinha uma tradição gloriosa que foi desgraçadamente conspurcada !

Ter soldados bisonhos, mal armados e pouca infantaria eram as razões que o general apresentava para recuar do combate.

Não tinhamos veteranos, não um punhado d'elles, no nosso pequeno exercito ; os que combateram em Botuhy, pela maior parte, a arma era uma haste de pão, em cuja extremidade o soldado

prendera fixamente a faca com que comia o *churasco* e, entretanto, como fôra mortífera essa lança improvisada !

Para compensar a pouca infantaria, tinhamos alguns milhares de clavineiros, quantos bastavam para disputarmos a passagem dos rios.

Não precisavamos dar uma batalha campal ; o exterminio do inimigo seria gradual se o general se tivesse aproveitado dos sitios gloriosos, illustrados pelos nossos avós. Extraordinaria conducta ! Canabarro, quando já não tem responsabilidade na direcção das forças, porque se acha presente Caldwell ; ainda assim, não quer combater e declara que entregará o commando de sua divisão si se ferir em combate porque não a quer ver sacrificada !

Que sentimentos acrisolados de humanidade, no homem que quasi durante 40 annos, derramou copiosamente o sangue rio-grandense !

São assim os heroes das lutas fraticidas !

Adiante do inimigo externo, cahem do pedestal erigido pelo fanatismo partidario.

Jacuihy foi tambem culpado. Estudando-se os acontecimentos da invasão, não se encontra um traço, um vestigio de que esse homem, que na revolução de 1835, nas fileiras da legalidade, militára com distincção ; tivesse dado um passo, fizesse uma tentativa para vêr se o seu adversario se esquecia de seus resentimentos e de commum accordo procurasse salvar a terra natal da invasão inimiga.

Nada, nenhum pequeno esforço !

Marcha sempre vagarosamente, preocupado com tudo, menos com a honra do Rio-Grande ; mas, justiça seja feita, ao vêr o inimigo, o patriotismo ergue-se e elle quer bater-se.

O juizo da historia não lhe é, pois, tão severo, tanto mais que não garantira repellar, com sua divisão, uma columna, mesmo inferior á 16.000 inimigos.

Entretanto, houve quem defendesse o general Canabarro e ainda hoje elle tem admiradores.

A defesa funda-se em ter elle deixado o inimigo encerrar-se em Uruguayana, onde afinal capitulou.

Mas, quanto nos custou isso ?

Se o general Canabarro, em vez de se conservar inerte, tivesse avançado á tempo para São Borja, disputado a passagem do Uruguay, não á 9.000 homens, mas á 16.000 ; se á final, o inimigo transpozesse o rio e Canabarro, adiante da superioridade numerica, viesse cedendo terreno, combatendo sempre ; si se aproveitasse dos rios para hostilizar-o, desfalcando assim muito, quasi diariamente, o invasor, fazendo-o pagar caro as suas devastações ; então, a rendição dos restos das forças em Uruguayana, seria um titulo de gloria para o seu nome.

Ao contrario, não.

Extranha-se certamente a conducta do brioso general Caldwell, militar austéro e honrado, diante do inqualificavel procedimento do brigadeiro David Canabarro porque parece que esse chefe militar devia ser preso, logo que se notára a sua má vontade e até a sua indisciplina e insubordinação.

Não faltava ao commandante das armas energia sufficiente para punir militarmente o delinquente ; mas a 4.^a divisão em sua totalidade composta de pessoal reunido por aquelle brigadeiro, influencia politica na fronteira de Sant'Anna do Livramento e Uruguayana, gente sem comprehensão completa de seus deveres militares, pois, iniciava-se apenas a guerra ; qualquer castigo inlligido seria de um effeito moral desastroso, pareceria uma injustiça ao chefe, e a deserção se daria em massa.

Eis porque Caldwell contemporisou.

Depois da rendição de Uruguayana, o general Porto Alegre teve necessidade de prender a um illustre e bravo commandante de um corpo de guardas nacionaes ; o corpo em peso, mas disperso, apenas anoiteceu, desertou para o Estado Oriental.

Voltaram todos depois e no correr da campanha, foi um dos mais bravos e disciplinados corpos da guarda nacional, d'essa valente milicia que é a gloria do Brasil e, especialmente, a honra do Rio-Grande.

O ministro da guerra, a quem Caldwell communicára a extranhavel conducta de Canabarro, autorizou áquelle general, bem como ao barão de Porto Alegre, em officio de 16 de Agosto, a exonerar ou demittir aquelle brigadeiro ou a qualquer outro chefe militar, cujo comportamento dubio ou tibio se tornasse um embaraço ás operações.

Lavar no papel estas ordens, é facil ; executa-las, é, porem, difficil quando se trata de milicias nas condições que já referimos.

Quem consulta os documentos officiaes d'aquella época, encontra avisos do ministro da guerra, dirigidos do Rio de Janeiro, á presidencia do Rio Grande, lastimando que suas ordens não tivessem sido cumpridas e á isso devia-se o estado de cousas.

Mas, o proprio ministro Ferraz era culpado dos acontecimentos.

O general Beaurepaire Rohan, seu antecessor no cargo de ministro da guerra, havia indicado o unico general que tinhamos, capaz de enfrentar com as difficuldades do presente e do futuro.

Esse general, duas vezes havia estado no Rio Grande, em situações gravissimas, como presidente e general commandante em chefe do exercito em operações ; era o unico homem capaz de fazer, n'aquella provincia, esquecer as paixões partidarias e reunir todos os rio-grandenses ao arredor da bandeira nacional.

Mas, esse general era da politica conservadora e como, para desempenhar sem embaraços a sua missão, convinha dar-lhe a pre-

sidência da provincia, e sendo a situação e o ministerio genuinamente liberaes, esse grande brasileiro foi posto á margem.

O general Beaurepaire Rohan não querendo ter responsabilidade nos erros do governo ; desgostoso de vêr que os seus collegas não accetavam o seu indigitado, por effeito de pequenas paixões politicas, quando elle lobrigava sérias difficuldades que iam assoberbar o paiz, deu a sua demissão de ministro.

Se o ministro Ferraz, que agora procurava punir aquelles que realmente eram responsaveis pela invasão, ao assumir o alto cargo de ministro viesse com a alma purgada dos sentimentos rancorosos da politica, teria collocado á frente dos exercitos o general, em cuja personalidade se consubstanciava meio seculo de gloriosos serviços militares.

Não o fez ; por isso, teve necessidade de trazer o chefe do Estado ao Rio Grande e de abandonar o doce conforto da côrte.

O *minuano*, aspero e glacial, então, ao subir e descer o ministro as coxilhas da terra rio-grandense, requeimadas pela neve, açoutava-lhe as faces, como uma punição imposta pelo destino.

O marechal Caxias estava, pois, á margem.

Veremos, porem, mais tarde, quando o revéz, a catastrophe envolver de crépe as armas nacionaes ; quando o perigo ameaçar até a continuação da politica, então dominante ; os homens, atterrados com o resultado de seus erros e impellidos pelo instincto da propria conservação nas posições officiaes, estender a mão hypocritamente fraternal ao immortal soldado e entregar-lhe o cominando em chefe dos nossos exercitos.

As nossas relações diplomaticas com a Inglaterra estavam interrompidas desde 1863, por causa das violencias exercidas pela esquadra ingleza em navios de commercio brasileiro, e autorisadas pelo governo d'aquelle paiz que tinha então como ministro no Rio de Janeiro um tal Christie.

A causa da questão havia sido o naufragio de um navio denominado — *Prince of Walls* — na costa do albardão, no Rio Grande do Sul, e allegava o ministro inglez que os naufragos haviam sido assassinados pelos moradores da mesma costa, o que absolutamente não tinha ficado provado.

A prepotencia da Inglaterra exigiu, no omtanto, indemnisações, a que se negou o governo do Brasil e d'ahi originaram-se as represalias.

Mas, afinal o direito e a justiça triumpharam.

O governo inglez ordenou ao seu ministro, Mr. Thorton, acreditado junto ao governo argentino, da missão de reatar as relações diplomaticas.

O ministro inglez, sabendo que o imperador se achava em Uruguayana, foi alli apresentar-se.

O chefe do Estado o recebeu em sua tenda de campanha, cerca-
do dos genros, ministro da guerra e ajudantes de campo, no dia 23
de Setembro.

O ministro pronunciou o seguinte discurso :

« Senhor! Tenho a honra de depositar nas mãos de Vossa Magestade Imperial a
« carta pela qual Sua Magestade a Rainha de Inglaterra dignou-se a creditar-me como
« seu enviado em missão especial junto de Vossa Magestade Imperial e supplico á Vos-
« sa Magestade Imperial se digne acolher com a sua reconhecida benevolencia as segu-
« ranças de sincera amizade e as expressões que me confiriram Sua Magestade a Rai-
« nha e o meu governo.

« Estou encarregado de exprimir á Vossa Magestade Imperial o sentimento com
« que Sua Magestade a Rainha viu as circumstancias que acompanharam a suspensão
« das relações de amizade entre as côrtes do Brasil e de Inglaterra e de declarar que o
« governo de Sua Magestade nega da maneira a mais solemne toda intenção de offender
« a dignidade do Imperio do Brasil ; e, que Sua Magestade accceita completamente e sem
« reserva a decisão de Sua Magestade o Rei dos Belgas ; e será feliz em nomear um mi-
« nistro para o Brasil, logo que Vossa Magestade Imperial estiver prompta a renovar as
« relações diplomaticas. Creio ter interpretado fielmente os sentimentos de Sua Mages-
« tade e do seu governo e estou convencido que vossa Magestade Imperial terá a bon-
« dade de accceital-as com o mesmo espirito de conciliação que os dictou. »

O imperador respondeu :

« Vejo com sincera satisfação renovadas as relações diplomaticas entre o governo
« do Brasil e o da Grã-Bretanha.

« A circumstancia de tão feliz acontecimento realisar-se onde o Brasil e seus leaes
« e valentes alliados acabam de mostrar que sabem unir a moderação á defesa do direito,
« augmenta meu prazer e prova que a politica do Brasil continuará a ser inspirada pelo
« espirito de harmonia justa e digna com todas as outras nações.

« Assim, com esta satisfação, renovam-se as relações amistosas do Brasil com a
« Inglaterra que mostrou-se verdadeiramente grande reconhecendo nosso direito. »

Pode-se bem calcular a alegria de todos os brasileiros, vendo a
Inglaterra, por intermedio do seu ministro, dar uma satisfação ple-
na ao Brasil, perante uma parte de seu exercito e dos exercitos ar-
gentino e oriental.

O imperador pouco depois partio para São Borja e Itaquí afim
de examinar as devastações paraguayas ; depois, voltou á Uru-
guayana e logo seguiu para o Rio de Janeiro percorrendo antes al-
gumas cidades das outras fronteiras.

Emquanto isto se passava, marchavam mais 45 batalhões bra-
sileiros, com força superior a 8.000 homens, para a fronteira do
Missões, vindo do interior da provincia. O general Porto Alegre, em
Uruguayana, ia constituindo, com as forças que chegavam, o 2.º corpo
do exercito, cuja organização completa só teve logar em São Borja,
para onde marchou.

Mais tarde, o bravo general, á frente d'esse corpo d'exercito,
transpôz o Uruguay, e acampou em São Thomaz, depois de proceder
a alguns reconhecimentos nas margens do Paraná.

Esse corpo d'exercito, com força superior a 14.000 homens,
ameaçava invadir o Paraguay por Itapúa. Estava prompto ; aguar-
dava, apenas, ordens.

Resumidamente lembraremos que o plano do marechal Lopes, depois da queda do partido *blanco* que protegera, era invadir o Rio Grande ; arrebatar na fronteira de Missões todos os recursos, sublevar os escravos, invadir o Estado Oriental, fazer ali uma contra-revolução, para de novo collocar o partido *blanco* no poder ; e, dar as mãos ao general Robles que deveria avançar pela provincia de Corrientes, passar a de Entre-Rios, bater o exercito aliado em embryão ainda, contando, para isso, com o apoio do general Urquiza, esse mesmo general que já vimos no campo aliado e que, como já rememorámos, fôra nosso aliado na campanha de 1851, contra o dictador Rosas.

A invasão de Matto-Grosso tinha por fim a occupação da parte d'essa provincia, ha tanto tempo cobiçada e, com essa occupação, nos obrigava o marechal, a dividir as nossas forças, para attender á estes ataques quasi que simultaneos e em regiões longinquas.

A columna do Duarte servia de protecção á de Estigarribia, como já dissemos.

Todas estas forças, feita a junção com Robles e realizado o plano, aguardariam novas instrucções.

Tudo, porem, correu pessimamente para o marechal dictador.

O ataque inesperado á cidade de Corrientes por Paunero e Barroso que obrigou ao marechal á mais reflexão; a nossa victoria em Riachuelo, no dia seguinte á invasão do Rio Grande ; as decepções, o mallogro de suas esperanças em Mercedes e Cuevas, aonde julgára poder destruir a nossa esquadra vencedora ; agora, a destruição da columna de Duarte e a rendição de Estigarribia, lançaram, todos estes factos, os seus planos militares primitivos completamente á margem.

Convem que se consigne que na fronteira do Rio Grande havia um diminuto numero de escravos; mas, que disfructava maior somma de liberdade, tinha mais direitos, mais dignidade humana, do que no Paraguay o mais illustre dos seus cidadãos, sob a dictadura arrogante e feroz dos Francias e dos Lopes.

A rendição de Estigarribia exasperou o dictador e não podendo sacrificar ás suas iras, serviu-se da calumnia para manchar o homem e o soldado.

Publicou que elle se havia vendido por 10.000 libras sterlingas ; considerou-o traidor á patria, como se n'essa torpe mentira jogada a um official que rendeu-se depois de comer o ultimo pedaço de carne, quando toda a resistencia era inutil, elle, o dictador, pudesse encontrar ou uma reparação para o desastre ou a absolvição de seus proprios erros.

O facto da rendição do inimigo foi commemorado com a creação de uma medalha, para os officiaes e soldados que tinham assistido á esse acto militar.

Tinha soado a hora das energias ministeriaes.

O nosso ministro da guerra mandou proceder á uma syndicação dos motivos que haviam concorrido para os paraguayos, quasi impunemente, chegarem á villa de Uruguayana; nomeou commissão d'engenheiros para examinar se a defesa, com os recursos que tínhamos, teria sido possível na região percorrida pelo inimigo, depois de ordenar que o general Caldwell respondesse a varios quesitos, relativos ao assumpto.

Caldwell, por sua vez, formulou tambem quesitos para serem respondidos pelo coronel Menna Barreto e barão de Jacuhy. Todas as commissões opinaram que nos *passos* dos rios e, em outros sitios, se poderia ter disputado a marcha ao inimigo com os recursos de que então podíamos dispôr.

As respostas aos quesitos eram todas concordes ainda em asseverar a possibilidade de se ter vantajosamente opposto embaraços á columna paraguaya.

A vista, pois, de asseverações tão veridicas, o ministro determinou que o brigadeiro honorario David Canabarro, o coronel Antonio Fernandes de Lima e o capitão Joaquim Antonio do Valle fossem submettidos á conselho de investigação, com a liberdade de poderem esperar em suas casas a reunião do mesmo conselho que teria logar na Villa de São Borja.

O capitão Valle tinha sido commandante da guarnição de Uruguayana e já em fins de Dezembro de 1864, prevenira ao governo que forças paraguayas se agglomeravam na margem esquerda do Paraná com intenções hostis.

Julgaram-no a principio um visionario !

O brioso e honrado general Caldwell, espontaneamente, requereu conselho de guerra.

Para encerrar o que devíamos expor á respeito da invasão paraguaya e para que, no libello accusatorio intentado pela historia contra áquelle que devera defender o solo sagrado da patria e o deixára impunemente devastar, conste algumas attenuantes; devemos dizer que David Canabarro na revolução que flagellou a sua terra natal quasi 10 annos, nunca revelára altos dotes militares; não tinha instrucção e, se chegara a commandar em chefe, o conseguira por sua coragem pessoal.

Nas lutas civis não se formam bons generaes; ellas podem, apenas, formar bons soldados physicamente falando; pois, os robustecem contra as intemperies, acostumam-os, enfim, á vida dos acampamentos.

David Canabarro, n'aquella revolução, bateu-se algumas vezes, e até contra forças superiores, tendo a sua gente apenas a lança para o ataque e defeza; agora com 9.000 homens, com 8 canhões, recua adiante de 7.00 que, se têm a vantagem da superioridade numerica da infantaria, esta é compensada pela da nossa artilharia, da cavallaria e pelas condições do terreno.

O inimigo quando chegou a Itaquí, estava reduzido áquella cifra.

Mas, porque recuou?

Na revolução, elle tinha contra si adversarios mais ou menos nas condições dos seus adeptos, e, por isso, um acto de coragem pessoal ás vezes punha termo ao conflicto. Era uma lucta sem ordem, sem tactica, emfim, uma guerra de beduinos; assim, apenas contra elle marchou um general habil, teve de entregar-lhe a espada e o Rio Grande pacificou-se.

N'aquella lucta, pois, elle nada aprendeu, nem podia aprender.

Ao ver os batalhões paraguayos manobrem nos nossos campos e coxilhas com perfeita exactidão, Canabarro apoderou-se de um receio immenso.

O governo, porem, era mais culpado do que elle, porque devia lembrar-se que a reputação de bom cabo de guerra, adquirida nas luctas intestinas, ordinariamente naufraga nas luctas externas.

Emfim, nenhuma prova de capacidade militar havia dado o brigadeiro David Canabarro para se lhe confiar a defesa da provincia.

Voltemos agora os nossos olhos para a provincia de Matto-Grosso.

O inimigo, de posse do forte Coimbra, dirigiu parte de suas forças para Corumbá que havia sido abandonado pelo coronel Oliveira, commandante das armas.

Infelizmente, para a pobre população, esse official havia promettido alli conservar-se e defender-se, de modo que foi uma verdadeira calamidade o abandono d'aquelle ponto, resolução tomada no ultimo momento, o que acarretou grandes desgraças ás familias, pela desordem e confusão que se manifestaram, resultando perecer grande parte dos fugitivos.

O coronel Oliveira, com a gente que conduzia, desembarcou em Sará, e depois de uma marcha penosissima, sem recursos para a passagem dos rios, conseguindo atravessal-os com esforços ingentes, á 6 de Março, chegou, afinal, em Cuyabá, capital da provincia, na maior miseria e desolação, com o pessoal muito reduzido, pois elle fôra destroçado aos golpes da morte.

A fome, principalmente, exterminou á esses infelizes.

O heroe do forte Coimbra, o inolvidavel Porto Carrero, tambem se recolheu á capital.

A guerra, que nos faz o inimigo, lembra a invasão dos barbaros : é a guerra de extermínio ; é a morte com a deshonra, o saque e o incendio, sem, entretanto, aquelles lampejos de generosidade que, ás vezes, honravam as hostes dos hunos ou as tiuphadias dos godos.

Depois do combate do glorioso *Anhambahy* que já relatámos, os poucos prisioneiros que n'elle o inimigo conseguin fazer, foram,

em sua maioria, assassinados ; as orelhas cortadas, enfiadas em um cordão e guardadas.

O *Iporá* seguiu depois para Assumpção com as noticias das *victorias* e ancorou, no porto da capital da republica do Paraguay, com o cordão, no mastro de honra, em que estavam as orelhas das victimas !

Esse vapor, commandado por um official chamado Herreros, trazia o bojo repleto de objectos de toda especie, producto da rapinagem.

Corumbá, occupado logo pelo inimigo, foi saqueado completamente e, sem duvida, em homenagem ao *deus dos seus exercitos*, os proprios sinos da Igreja foram levados para as torres da cathedral d'Assumpção.

A presença de um inimigo que tudo devasta, infunde intenso terror : as populações fogem como em Hespanha, quando os sarra-cenos, espalhando a morte e a ruina em seu solo, levavam tudo de vencida e arrancavam do peito dos fugitivos aquelle grito angustioso : — os *Arabes* !

As nossas populações, embrenham-se pelas selvas, e, transidas de horror, têm uma só exclamação : — os *Paraguayos* !

O inimigo, para evitar que os habitantes, que ainda não tinham podido livrar-se de sua sanha, o conseguissem fazel-o ; tem 4 vapores a cruzar entre os rios São Lourenço e Cuyabá, para aprisional-os.

A força inimiga que se dirigiu para Corumbá, occupou em sua passagem não só Albuquerque, pequena povoação á 44 legoas do forte Coimbra e á uma da margem do rio Paraguay, como tambem o estabelecimento de Dourados.

Uma expedição seguiu para as colonias de Dourados, Miranda, Nioac e villa de Miranda, situadas entre os rios Taquary, ao norte, Apa ao sul e serra de Amambay, á leste.

O inimigo, porem, não entrou impunemente em toda parte. Como no forte Coimbra, em que cada brasileiro teve de enfrentar com mais de 39 inimigos, assim tambem a colonia militar de Dourados está resolvida a não entregar-se, pouco se importando com a superioridade numerica.

O seu commandante, tenente de cavallaria Antonio João, apenas com 45 praças, prevenido no dia 28 de Dezembro que ia ser atacado, immediatamente mandou participar ao commandante da colonia militar de Miranda e ao tenente-coronel Dias da Silva, cujo quartel era em Nioac, que a provincia tinha sido invadida, dirigindo, n'essa occasião, áquelle official um bilhete a lapis, onde se liam estas palavras que comprovam a alma heroica d'esse brasileiro :

« *Sei que morro ; mas, o meu sangue e o de meus companheiros, servirá de protesto contra a invasão de minha patria.* »

Sim, heroico soldado, teu sangue foi um protesto e possa o teu glorioso espectro, victima illustre do dever, não abandonar um momento aquelles a quem a patria confiar, no presente e no futuro, as providencias e medidas que tiverem de abrigal-a dos ataques de seus inimigos !

O heroico official, depois de prevenir, aos seus camaradas, dos perigos que os ameaçavam ; entregou a cada soldado uma espingarda e 2 clavinhas carregadas e assim, com 14 companheiros, pois, um d'elles havia seguido para Miranda com a noticia ; preparou-se para a morte, disposto a vender bem caro a vida.

No dia 29, um official de nome Urbietta, com 230 soldados, entrou na colonia.

O que se passou e que lança gloria immoreddoura sobre a memoria d'esse official, é relatado pelo proprio inimigo porque os soldados que cahiram prisioneiros, morreram depois, não sobrevivendo um só d'elles para relatar o fim glorioso do heroico defensor de Dourados.

Urbietta diz em sua parte official :

- O tenente Martinez, encarregado de levar o ataque, intimou ao commandante brasileiro que se rendesse e elle respondeu que apresentasse ordem do governo imperial que elle se entregaria ; ao contrario, não o faria de modo algum. Travou-se o combate então, cahindo logo aos primeiros tiros o tenente Antonio João e mais 2 soldados, retirando-se os outros para o matto, aonde foram prisioneiros 12, inclusos 1 cabo e 1 soldado ferido. »

Os paraguayos tiveram um tenente, de nome Benigno Dias, e um soldado feridos.

Urbietta era major e immediato do coronel Francisco Isidoro Resquin, um dos chefes da expedição, como já vimos.

O commandante Dias da Silva, sciente da invasão, tratou de abandonar Nioac com 111 praças e 19 paisanos armados.

Resquin, na noite de 29 de Dezenbro, chegou à colonia de Miranda ; achou-a deserta e, para dar um attestado de sua ferocidade, mandou arrazar tudo que alli encontrou.

Sem perda de tempo, o chefe inimigo avançou para Nioac ; mas, em caminho a sua vanguarda deparou no rio Feio com o commandante Dias da Silva que para deter a marcha do inimigo destruiu a ponte que alli existia, trocando-se alguns balasios com os exploradores inimigos.

No *passo* do Desbarrancado, travou-se, porem, uma fuzilaria mais viva, onde se assignalaram por sua bravura o capitão Pedro Rufino e um voluntario de nome Gabriel Barbosa, morto como patriota.

As forças inimigas eram em numero superior a 2.000 homens ; assim, foi preciso continuar a retirada, pela impossibilidade de se proseguir na lucta com vantagem ; os paraguayos perseguiram a pequena força até cerca de 2 legoas do *passo*.

Perdemos 7 homens, inclusive o bravo voluntario á que já nos referimos.

Gabriel Barbosa era fazendeiro em Nioac.

Mais tarde, a expedição que seguiu até a Laguna e, d'ahi fez a memoravel retirada, encontrou, no sitio da fuzilada do Desbarrancado, um craneo com dous profundos golpes de espada e, junto a elle, uma sepultura.

Soube, então, a expedição que o craneo era o do valente patriota e que na sepultura jaziam os restos de um paraguayo que cahira morto ás suas cutiladas.

Resquín, vendo o nenhum resultado de sua persiguição á pequena força do commandante Dias da Silva, deliberou retroceder e avançar para Nioac, onde entrou a 2 de Janeiro (1865) encontrando tudo deserto.

Nioac não foi mais feliz : ficou devastada.

O chefe inimigo, que desejava ardentemente surprender os habitantes das povoações, ainda não o tinha conseguido ; mas, n'essa esperança, marcha para a colonia de Miranda, onde, á 12 de Janeiro, faz a sua entrada e, como nas outras até então, tudo era ermo, uma solidão completa.

Arrazou tudo.

Depois, segue para a villa de Miranda, onde á elle se reúne o seu immediato Urbieta que, encarregado de levar as regiões proximas aos rios Dourados, Brillante e Vaccaria a ferro e fogo, voltava, depois de ter cumprido á risca a vandálica missão.

Era vigario ahi um frade, missionario italiano, Marianno de Bagnaia. Elle retirou-se com os habitantes para as mattas do rio Salóbra.

Verdadeiro sacerdote de Christo, julgou que deveria voltar e implorar compaixão para seus parochianos : voltou, pois, e foi bem recebido pelo chefe Resquín.

Os paraguayos que deveriam, pelas tradições de sua educação religiosa, respeitar os templos, não se arreceiavam de escrupulos de consciencia quando se tratava da Igreja em territorio inimigo ; assim, profanaram a da villa de Miranda.

Frei Marianno quiz celebrar missa e convidou o chefe inimigo e seus officiaes para assistirem a cerimonia e, com effeito, reuniram-se elles no templo.

Mas, quando alli chegou tambem o missionario e viu os altares profanados, a sua indignação não teve limites e, então, verberou a conducta impia e sacrilega dos invasores.

Esse facto motivou a sua prisão e remessa para a capital do Paraguay, onde tambem chegaram presos varios officiaes, como o doutor Benevenuto Lago, tenente Ferreira de Castro que no rio Mondogo, em uma canôa, procuravam fugir ; doutor Theophilo Jobim,

capitão Augusto Conrado, tenente Camargo Bueno, Oliveira Barbosa e outros officiaes e paisanos.

Sempre que chegavam prisioneiros em Assumpção, o «*Semana-rio*,» periodico official do governo, tinha materia para injurial-os ; nas ruas, por onde transitavam, os assovios, vaías e insultos partiam de toda parte.

O Coxim ou colonia militar do Taquary não escapou ás garras dos barbaros invasores.

Essa colonia havia sido fundada em 1862, por ordem do immortal Caxias, então ministro da guerra e presidente do conselho. Ella era destinada a proteger o caminho que liga o municipio de Sant' Anna da Parnahyba á barra do rio Coxim.

O chefe da expedição do Coxim, capitão de cavallaria João Baptista Agüero, alli chegou á 24 de Abril.

Estava deserta : foi destruida.

Esse official, a 30 do mesmo mez, á frente de 300 homens de cavallaria, deixou Coxim e marchou a rumo do rio Piquiry ; mas, a sua cavallhada quasi inutilisada, obrigou-o, já á 6 legoas d'aquelle rio, a contramarchar.

Os pantanos e banhados completaram a ruina dos animaes que, em sua maioría, n'elles ficou enterrada.

O terror da invasão chegou até algumas tribus de indios do districto militar de Miranda.

Estas tribus ergueram-se de seus aldeamentos e espalharam-se pelas mattas.

Os *Guanás*, os *Kiniquindós* e *Laianos*, apenas a villa de Miranda, onde havia uma pequena guarnição que se retirou, ficou deserta, saquearam-na um pouco, antes da chegada do inimigo ; armaram-se, com as armas que alli encontraram, e prestaram, depois, alguns serviços á nossa causa, sorprendendo o inimigo, sempre que as circumstancias favoreciam.

Outras tribus, como a dos *Terenos*, tambem nos foram favoraveis.

A noticia da invasão chegou á capital de Matto-Grosso no dia 6 de Janeiro (1865), á tarde, e ao Rio de Janeiro á 22 de Fevereiro.

Foi o barão de Villa-Maria, fazendeiro na provincia, que levou ao imperador a infausta nova.

A impressão foi penosissima.

A situação do governo imperial era embaraçosa.

Quando chegou ao Rio o barão de Villa-Maria, ainda não se sabia do *Convenio de 20 de Fevereiro* que pôz rapido e honroso termo á nossa lucta no Estado Oriental.

O governo só esperava o termo da campanha Oriental, para, então, enfrentar com o Paraguay.

O ministro dos negocios estrangeiros dizia em Janeiro de 1865 :

- Façam os paraguayos o que quizerem ; não podendo batêl-os ao mesmo tempo
- que os *blancos* do Estado Oriental, só havemos tratar seria e exclusivamente d'aquel-
- les depois de desembaraçados do Uruguay. »

E, se não fosse aquelle *Convenio* que, de um modo tão rapido quão digno, desembarçou o Brasil de seus graves negocios no Uruguay, qual seria a situação ?

Apezar, porem, de se vêr o governo desembaraçado das pêas que lhe difficultavam a acção, não fez pela infeliz provincia de Matto-Grosso, em conjunctura tão grave, o que devera fazer.

Elle entregou a defeza mais á energia do presidente e ao patriotismo dos matto-grossenses, do que ao resultado de suas providencias, muito deficientes. Na paz, o governo não se havia preparado para a guerra e, agora, faltavam recursos á primeira autoridade da provincia.

O marechal Caxias, em 1861, não se descuidou, como ministro da guerra, das fronteiras d'aquella longinqua provincia. Para lá remetter artilharia e outros armamentos para começar a obra patriotica da defeza ; infelizmente, a sua estada no poder foi curta, e, os que o succederam, esqueceram-se de proseguir n'aquella louvavel intento, apezar dos continuados avisos que recebia o governo, á respeito dos extraordinarios armamentos e preparativos paraguayos.

Era presidente de Matto-Grosso o general Albino de Carvalho.

Sciende da invasão, elle chamou ás armas, á 9 de Janeiro, os habitantes da provincia, publicando esta proclamação :

- Matto-Grossenses ! A inqualificavel ameaça do governo do Paraguay, feita ao
- Imperio em sua nota de 30 de Agosto do anno passado está consumada. Em 27 de
- Dezembro findo, uma expedição paraguaya, composta de numerosos navios á vapore
- á vela com cerca de 5.000 homens, accommetteu o forte de Nova-Coimbra e intimou ao
- commandante, tenente coronel Hermenegildo d'Albuquerque Porto Carrero, a sua
- entrega dentro do prazo de uma hora, sob pena de romper o fogo para conseguil-o á
- viva força, ficando em tal caso a guarnição sujeita á sorte das armas.

- Contra tão desleal aggressão protestaram energicamente a guarnição do forte
- Coimbra e a do vapor *Anhambahy*, seu auxiliar, compostas de menos de 200 bravos.
- Esse protesto ficará na historia, escripto pelas armas imperiaes, tintas no sangue de
- centenaes de aggressores que foram mortos ou mutilados durante dous dias de renhi-
- do combate.

- Foi protesto solemne e glorioso !
- Matto-Grossenses ! A's armas ! E, com ellas em punho, rivalizai com os valen-
- tes soldados de Nova-Coimbra e com os intrepidos marinheiros do *Anhambahy* !
- Viva o imperador !
- Viva a integridade do Imperio ! »

No mesmo mez de Janeiro, á 19, noticias atterradoras chegaram á capital: a perda do vapor *Anhambahy* e o cruzeiro que fazia o inimigo até á foz do rio Cuyabá.

A capital, que com as primeiras noticias quasi ficára deserta, vê, agora, continuar a fuga dos habitantes.

O povo, impressionado, não sabe o que fazer e, com o susto, perde a consideração ás autoridades, e as desordens, como vanguarda da anarchia, apparecem nas ruas.

N'estas condições, era preciso um homem cujo passado fosse uma garantia e uma esperança, como a luz que rasga o manto negro de um céu procelloso.

Matto-Grosso possuía um tal homem.

Era um velho e bravo marinheiro, o chefe d'esquadra reformado Augusto Leverger, depois barão de Melgaço.

O presidente, general Albino, nomeou-o commandante superior da guarda nacional, interinamente.

Elle é o patriotismo personificado : é um heroe vasado nos moldes antigos

Nomeado para tomar o commando das forças que a presidencia reunia em Melgaço, elle partiu, alta noite, sem despedir-se da familia que estremeceia e, ao afastar-se do presidente e do povo que o cercava, dirigiu-lhes estas palavras : *O inimigo só entrará na capital se eu tivero infortunio de ser derrotado com as minhas forças no ponto cuja defeza me é confiada.*

Melgaço é uma localidade cheia de collinas, abaixo da capital. Ahi havia uma pequena força que retirou-se ao saber da noticia da invasão.

Apenas Leverger foi nomeado, a esperança e a coragem resurgiram. Todos querem marchar, sob seu commando, inclusive a força que se retirára de Melgaço.

A guarda nacional se reúne em batalhões ; os já organizados, como o 1.º de infantaria, estavam armados, promptos ; organisou-se tambem, ainda, o corpo de *Voluntarios Cuyabanos* ; enfim, o povo preparava-se para vingar os infamantes ultrajes do inimigo.

O armamento, porem, não era sufficiente.

Sempre, sempre o deleixo do governo ; sempre a ingloria preoccupação de uma politica interna tacanha, com o sacrificio de cuidados mais nobres, de deveres sagrados, como o de se attenderá defeza do territorio nacional.

Leverger começou a levantar fortificações em Melgaço para a defeza da capital e a artilhal-as ; de modo que, em pouco tempo, havia com que repellir qualquer tentativa dos vapores inimigos contra Cuyabá.

Para apoiar a bateria da fortificação, elle collocou no rio, proximo á ella, 3 pequenos vapores, *Cuyabá*, *Corumbá* e *Jaurá*, armados cada um com 2 rodizios e mais dous desarmados.

A força alli era de 4.105 combatentes ; 8 boccas de fogo, alem dos rodizios dos vapores.

A população, confiante, voltára á seus penates : Leverger estava á frente da defeza.

Este digno patriota havia estado varias vezes no Paraguay, e fôra muito apreciado alli pela sua distincção.

O inimigo soube logo que elle achava-se em Melgaço e ahi erguera uma fortificação para defender a capital ; e, certamente, re-

cordando-se da defeza do forte Coimbra, não se atreveu com seus navios a passar do rio São Lourenço.

Em Março, (1865), surgiram desintelligencias entre o presidente, general Albino de Carvalho e Leverger ; então, este digno brasileiro, a 14 d'esse mez, deixou o commando ; mas, o perigo tinha passado, porque as agoas do rio baixaram de modo que era impossivel os navios inimigos levarem um ataque á capital.

A guarda nacional e pouca tropa de linha, em principios de Julho, attingiram á cifra de 4.000 combatentes ; assim, estava a capital tambem garantida de um ataque por forças de terra.

O marechal Lopes, de posse d'aquella parte do territorio sul de Matto-Grosso, considerou-a annexada ao Paraguay, com a denominação de *Departamento do Alto Paraguay*.

Um inglez de nome Jorge Thompson, que foi protegido de madame Linch, mulher dotada de belleza e de esmerada educação, amante do marechal Lopes ; publicou uma obra relativa á guerra de que tratamos, não omitindo os actos de cruesa e monstrosidade, não só praticados pelo dictador, como tambem pelos seus officiaes e soldados.

Do que diz Thompson, em sua obra á respeito da invasão de Matto-Grosso, escolhemos este trecho que tambem se pode lêr na *Guerra da Triplice Alliança contra o Governo do Paraguay*, trabalho do conselheiro Scheider :

- As casas foram completamente saqueadas e alguns objectos de maior valor
- remettidos de presente á Lopes que não rejeitou-os. As mulheres soffreram muito
- máos tratos e Barrios era o primeiro a dar exemplo. Um brasileiro importante foi levado com sua filha para bordo do navio em que se achava Barrios e recusou entrar.
- gal-a pelo que foi arrastado violentamente á terra e ameaçado de ser fuzilado, ficando, porem, a filha em poder do general. •

Mais tarde veremos Thompson entregar-se prisioneiro aos allia-

dos.

N'esse livro, patentêa-se o seu odio contra os brasileiros ; desfigura a verdade á nosso respeito, com o mais descommunal impudor. Escrevendo aquella obra, elle quiz tambem mostrar-se imparcial, apresentando ao mundo tal qual era o marechal presidente da republica do Paraguay ; entretanto, teve, durante a guerra, muitas occasiões de quebrar a sua espada e não continuar a servir, sob as bandeiras paraguayas, para não ter cumplicidade n'esse montão de crimes. Só deixou de servir ao tyranno quando teve de entregar-se prisioneiro e collocar-se sob a protecção magnanima de nossas bandeiras.

Depois da guerra, quando já não existia o despota que, entretanto, fôra o seu bemfeitor; lembrou-se o réprobo e ingrato de rasgar o sudario, embebido de sangue, que cobria o cadaver de um povo infeliz e bravo, sobre o qual tripudiára o autocrata.

Fossem o marechal Lopes e a sua amante os entes mais abjectos ; Thompson, que não passára na Inglaterra de afinador de pianos, nunca devera esquecer que elles haviam sido seus bemfeitores ; que o tinham elevado na sociedade paraguaya e, á tal degráo da escala social, que á elles dous devera mesmo a honra de enfrentar com as armas brasileiras, como official superior do exercito, e a ventura de ter cahido nosso prisioneiro.

Thompson, desejava ardentemente a victoria do homem a quem tudo devia e, entretanto, mais tarde, apresentou-o ao mundo, nas paginas do seu livro, como o typo mais revoltante dos despotas.

Mas, porque era nosso inimigo ?

Elle tinha interesse na conservação do poderio do marechal Lopes ; mas, vendo que as armas brasileiras, á força de golpes, acabariam por derrocal-o ; odiou-nos, e acabou, julgando vingar-se, publicando aquelle acervo de calumnias, aleivos e torpezas contra o Brasil.

Em toda a sua obra, nota-se que os nossos alliados não são tão bestialmente calumniados como nós, e a razão é que elle, como todos os que tinham interesse na permanencia ou conservação do governo do marechal ; sabiam bem que não eram as armas argentinas e orientaes que o abalavam e, pouco a pouco, o desmoronavam ; mas, sim, as armas brasileiras.

Como na Inglaterra, Thompson no Paraguay dedicava-se á principio, á afinação de pianos e, admittido na roda da amante do marechal, insinuou-se de tal modo que tornára-se um de seus validos

D'ahi a protecção que lhe fôra dispensada, como a sua admissão como official do exercito paraguayo, e toda sorte de favores, á que elle correspondeu, como dissemos.

Emfim, Thompson era um aventureiro ; um mercenario impudico.

Prosigamos.

As operações militares em Matto-Grosso não podiam se reduzir á defeza da capital ; não era possivel deixar o inimigo de posse pacifica do sul da provincia.

O governo geral, resolveu, pois, mandar uma expedição para repellir d'alli os invasores.

Agora, depois de tantos males, ia elle fazer alguma coisa e veremos se procedeu judiciosamente.

Já dissemos que o governo estava, ha tempo, prevenido e todo o rio da Prata, dos armamentos da republica do Paraguay e, não se precisava ter o olhar penetrante do lynce, para lobrigar atravez do fumo do nosso canhoneio, no Estado Oriental, a espada do marechal Lopes, apontada contra nós, quando mesmo não tivesse a sua diplomacia preparado o terreno para a acção.

Entretanto, só agora, como já dissemos, movia-se a machina governamental.

Parte do povo matto-grossense, em vez de ir buscar a causa de seus males em fonte mais afastada ; attribuia a situação ao commandante das armas, coronel Oliveira que abandonára Corumbá, no momento da invasão, e ao tenente-coronel Camisão, que tambem alli se achava.

O governo, para realisar a expulsão dos invasores, chamou ás armas a guarda nacional das provincias de Minas, São Paulo e Goyaz, pretendendo com os contingentes d'essa milicia, organisar uma força de 12.000 homens e nomeou o coronel Drago commandante das armas e presidente de Matto-Grosso.

O general Albino havia deixado a presidencia, sendo, interinamente substituido por Leverger que aguardava o novo presidente, providenciando de accordo com os recursos da provincia.

Drago partiu do Rio de Janeiro no dia 4.º de Abril (1865) com uma commissão d'engenheiros e, desembarcando em Santos, seguiu para a cidade de São Paulo, depois para Uberaba, em Minas-Geraes, levando um contingente de tropa, ao qual se reuniu, em Julho, uma brigada, organizada n'essa provincia, ás ordens do coronel Galvão, depois general.

Mas, só estas forças eram insufficientes, e, então, o seu commandante dirigiu-se logo para a capital de Matto-Grosso, no intuito de conseguir novos contingentes e, assim, elevál-as a um pé mais respeitavel.

Em caminho, Drago recebeu ordem para marchar para Miranda, occupada pelo inimigo.

Ahi, estava agora o governo apressado, quando a organização da columna, ainda estava, por assim dizer, em embryão, tal era a sua pouca força !

As enfermidades, entre ellas, principalmente a variola e as febres, desimavam as forças.

Os contingentes fornecidos por aquellas trez provincias ficaram, sob o ponto de vista numerico, muito á quem dos calculos do governo ; os caminhos pessimos, enfim, uma grande serie de difficuldades se oppunha á marcha rapida para Miranda.

Entretanto, 1 batalhão e 1 esquadrão de cavallaria, sob o commando do tenente-coronel Mendes Guimarães, avançou de Goyaz resolutamente e, em Setembro, chegou ao Coxim, sem poderprehender mais cousa alguma, á espera do grosso da columna de Drago que, só em Dezembro, apóz um longo e penoso itinerario, acampou n'aquelle ponto, um anno menos seis dias depois da invasão, isto é, depois que o inimigo apresentou-se emfrente ao glorioso forte de Coimbra !

Drago já se havia retirado doente ; agora, a columna, com um effectivo apenas de 2.500 homens, era commandada por Galvão.

Em Coxim, as forças soffreram extraordinariamente ; até a fome flagellou-as.

Dezimadas pelas febres e outras enfermidades, avançou a pequena columna para o seu objectivo : Miranda, 60 legoas ao sul d'aquelle ponto.

O que fazer ? Era preciso arrostar tudo, desde a insensatez do governo, de aventurar e sacrificar em uma empreza dubia, um punhado de homens, até a peste, a fome e a mais desoladora miseria !

Era mais a luta da honra, dos brios, do valor do soldado e do patriota contra a insensatez, a inconsciencia governamental, do que outra qualquer empreza.

No Rio-Negro, a febre ceifou a vida do bravo chefe Galvão, commandante da expedição ; o coronel Carvalho o substituiu ; mas, logo as febres o impossibilitaram de continuar á frente da columna.

Então, o chefe da commissão d'engenheiros Juvencio Manoel Cabral assumiu interinamente a direcção d'essa heroica e malfadada expedição ; mas, a 1.º de Janeiro (1867) foi substituido pelo coronel Carlos de Moraes Camisão, o *cabeça pellada*, como o chamavam os paraguayos, e, ao qual já nos referimos em outro lugar.

A pequena columna chegou á Miranda ; mas, o inimigo a havia abandonado ; assim, ella apenas encontrou n'essa localidade os escombros do incendio.

Mas, para chegar á Miranda, a expedição passou por Nioac, onde demorou-se um mez e onde apenas encontrou as ruínas, com que o inimigo assignalava a sua estada em qualquer povoação.

Partiu d'ahi, depois, esse punhado de bravos e voluntarios martyres, levando como guia ou *vaqueano* um benemerito sertanejo de nome José Francisco Lopes.

Aquelles que se dedicam aos estudos da historia patria e que quizerem conhecer circumstanciadamente a marcha e a retirada d'essa columna, devem ler a *Retirada da Laguna*, obra de Alfredo d'Escragnolle Taunay, então official do exercito brasileiro, mais tarde senador por Santa Catharina, e agraciado com o titulo de visconde de Taunay. N'esse importante livro, encontrarão a narração do destino tragico d'essa gloriosa pleiade de brasileiros.

Alguns opinam que, se essa expedição tivesse podido permanecer em Miranda, onde chegou a 4 de Março (1867), provavelmente outra teria sido a sua sorte ; pois, a localidade tinha condições apropriadas á defensiva e o clima era bom. O inimigo, opinam ainda, certamente ali iria ter de novo, sabendo de nossa presença, com a differença de encontrar então séria resistencia.

Não pensamos assim ; o inimigo não tornaria mais ali porque a região estava devastada, sem recursos, e os acontecimentos no Paraguay chamavam todas as forças esparsas para enfrentar com os aliados.

Na fronteira de Matto-Grosso, estava força diminuta, apenas para prevenir ao marechal Lopes de qualquer movimento por esse lado ; e, se depois essa expedição que chegou á Laguna, foi perseguida na retirada, explica isso, a circumstancia mesmo de *operar-se uma retirada* ; o que animou o inimigo a repassar o Apa.

Mas, a não ficar alli entrincheirada, aproveitando as condições de defeza da localidade, devia a expedição, sem perda de tempo, avançar para o campo paraguayo, ainda á custa de sacrificios superiores aos que já fizera ?

Que força tinha por ali o inimigo ?

Achava-se fortificado ?

De que natureza eram as fortificações ?

Nada se sabia ao certo por enquanto ; e estas eram as perguntas que a si mesmo faziam os officiaes dirigentes.

O governo imperial tinha criminosamente entregado ao azar a sorte d'aquelles bravos, pois, a expedição pouco ou nada sabia das operações dos alliados no Paraguay, porque nada se lhe communicava.

O commandante Camisão hesita ; ora, quer avançar, ora, retroceder até Nioac e, estas hesitações augmentavam-se, para desventura da columna, pois iam accumular maiores males do que os já experimentados.

Lembra-se, então, o coronel Camisão de encarregar o inolvidavel guia, o sertanejo Lopes, de reconhecer o inimigo pelos lados da colonia de Dourados, celebre pelo heroismo do glorioso Antonio João e dá-lhe alguns soldados resolutos para acompanhá-lo.

Todos os caminhos que iam ter ao rio Apa foram vigiados por piquetes.

Sorprender, porem, qualquer força na fronteira tornára-se impossivel, porque, o proprio chefe Camisão teve a lembrança pouco feliz de mandar lançar fogo ás capoeiras das circumvisinhanças de Miranda, o que importava em um brado de alérta ás vedetas inimigas.

Entretanto, Camisão era um official bravo e intelligente ; mas, como devemos estar lembrados parte do povo attribuia a elle e ao coronel Oliveira o abandono de Corumbá sem combate, julgando que, se este tivesse sido ferido, a derrota dos invasores seria indubitavel.

Elle era para muitos, por consequencia, um cobarde ; e, isso, lhe chegara aos ouvidos de modo que, apesar de, ás vezes claramente, descortinar a sorte que estava reservada á sua diminuta columna, os seus brios de soldado, profundamente offendidos, arrastavam-no

e aos seus commandados, á uma catastrophe. Ella realisou-se, como veremos, salvando-se felizmente todos os estandartes e canhões.

Chegavam agora, depois da estada já de alguns dias em Miranda, noticias positivas do inimigo.

E' que ao acampamento brasileiro vieram ter alguns fugitivos do Paraguay, entre elles, um filho do guia, do benemerito Lopes e informavam que havia fortificações sem importancia no rio Apa e que a guarnição paraguaya, em Bella-Vista, constava apenas de cento e poucos homens, ás ordens do major Martinho Urbieta, o mesmo que acompanhara Resquin outr'ora, e do qual falámos; mas, que o governo promettera enviar reforço, porque sabia da approximação da expedição.

Camisão resolveu avançar.

O inimigo estava vigilante e a imprudencia inqualificavel dese incendiar as capoeiras visinhas á Miranda, poz ainda elle muito mais activo e cauteloso; e, assim, por sua vez, logo depois do incendio, deitava tambem fogo a algumas capoeiras que existiam no rio Apa, prevenindo aos piquetes dispersos que nós nos approximavamos.

Era o signal de: *reunir!*

Alguns piquetes repassaram o Apa e vieram de mais perto observar os movimentos da expedição

Esta levantou acampamento no dia 14 de Abril e marchou direito á fronteira, resentindo-se da falta de muitos recursos, entre elles, cavallada, pois, a *epistolia* havia exterminado a maior parte.

A 19 d'aquelle mez, o batalhão n. 24, que fazia a vanguarda queimou cartuchos: era um destacamento inimigo que, depois de ter destruido a ponte do rio Taquarussú, onde havia chegado o batalhão, cedia-nos o terreno, recebendo alguns balazios.

Os engenheiros reconstruiram a ponte e a columna seguiu á vante; mas, pouco depois, alguns canhões nossos debandaram completamente o piquete que nos ia cedendo terreno e nos observando.

Emfim, Camisão chegou, á frente de sua expedição, ao rio Apa, divisa entre as duas nações: Brasil e Paraguay. No dia seguinte, a columna avançou pela margem direita do rio e approximou-se da fazenda ou aldeia denominada Machorra, ainda no nosso territorio, um pouco a quem do forte Bella-Vista construido na margem inimiga.

A' columna se tinham reunido alguns indios da tribo *guaycurú*; a sua presença, porem, explicava-se mais pela esperanza de conseguir saquear as localidades povoadas, do que pelo desejo sincero de auxiliar os expedicionarios.

O inimigo tinha em Machorra uma guarda com a qual a nossa vanguarda, então feita pelo batalhão de voluntarios, veio ás mãos, desalojando-a finalmente da posição.

Ao retirar-se, elle prendeu fogo ao que ponde.

Camisão acampou com a columna n'aquelle ponto, conseguindo os nossos soldados evitarem o incendio total da aldeiola.

O entusiasmo resurge com estes pequenos successos na alma de todos, abatida pelas penosas difficuldades da marcha.

Ia a expedição atravessar o Apa que ali está ; o rio limite, entre as duas nações que se digladiam rijamente ; do outro lado, vê-se o forte de Bella-Vista, umas *palicadas* atraz das quaes o inimigo espreita e aguarda.

Amanhã, em tudo aquillo se desfraldará a bandeira brasileira; Camisão, assim, esmagará os seus detractores e a gloria cingirá de louros a columna.

Estas são as esperanças e ellas crescem na alma dos verdadeiros soldados, quanto maiores são as difficuldades que elles procuram lobrigar atravez do véo impenetravel do futuro.

Aquelles canhoneiros que já tinham sido disparados, echoavam pois, aos ouvidos dos bravos expedicionarios, como os sons dos hymnos triumphaes.

A columna atravessou o rio e acceleradamente avançou para o forte e a povoação da Bella-Vista.

Uma nuvem espessa de fumo envolvia tudo ; o inimigo retirava-se e havia lançado fogo para destruir o forte e a povoação ; os nossos soldados arremessaram-se aos braseiros e ás chammas para extinguil-os e ver se podiam salvar alguma cousa.

Atravez, porem, da fumaça, divisavam-se piquetes de cavallaria inimiga que observavam os invasores, como os cossacos nas Steppes da Russia, immoveis, attentos, vigiam o inimigo, para mais tarde precipitar-se impetuosamente sobre elle.

A columna, sempre dirigida pelo valente guia, o benemerito Lopes, occupou não só o forte, que não passava de uma trincheira, feita de palanques de madeira, uma verdadeira *palicada* ; como, tambem, tomou conta da povoação.

Uma linha de atiradores avançou para bater os piquetes inimigos que observavam attentamente a columna.

Os piquetes retiraram-se.

Deixemos a expedição ahi descansar e fortalecer o espirito, com as mais risonhas esperanças e voltemos ao campo dos alliados.

Em outro lugar já dissemos que, depois da rendição de Uruguayana, os contingentes alliados que tinham ido ao Rio Grande, voltaram a reunir-se ao grosso do exercito que tinha ficado sob a chefia do general Osorio que, da Concordia, marchara para Curusú-Cuatia e depois para Mercedes.

Mas, com o exercito não marcharam as cavallarias entre-rianas, em numero de 40.000 homens, que o general Urquiza havia prometido reunir, porque ellas se haviam debandado em Basualdo, em occasião em que o mesmo general fôra visitar o campo alliado, ainda na Concordia.

Esse facto, como era natural, produziu um ruido extraordinario e mil commentarios, em que a lealdade do caudilho Urquiza com justa razão, era posta em duvida.

Era voz geral que elle aparentava abraçar a causa da alliança ; mas, o coração, cheio de sympathias, estava com o Paraguay.

Urquiza e Mitre eram antagonistas politicos.

Aquelle, era chefe do partido *federal argentino* ; este, do partido *unitario* ; o que quer dizer que o primeiro tinha como programma politico fazer das provincias, Estados independentes, unidos apenas pelos laços federativos ; o segundo, arvorava a bandeira da centralisação.

Mas, taes foram os protestos de lealdade da parte do irriquieta Urquiza que Mitre e os alliados acreditaram ser sinceros.

Dizia D. Justo José Urquiza que não haviam interesses de ordem politica perante a affronta atirada pelo marechal Lopes, chefe da nação paraguaya, á honra e aos brios da argentina.

Os traidores são assim mesmo e a traição só pode realizar-se, affectando o traidor hypocritamente sentimentos de lealdade.

E' claro que os alliados, depois da debandada da cavallaria entre-riana, não podiam prestar mais credito aos protestos de fidelidade de Urquiza.

Elle, entretanto, ainda procurou convencer que o vergonhoso procedimento d'aquella cavallaria, devia-se aos emissarios do inimigo ; mas, não conseguiu illudir por mais tempo e, assim, retirou-se para sua estancia de São José.

Os alliados, antes da debandada entre-riana, haviam combinado dar-lhe o commando das forças de cavallaria que elle tinha reunido e cujo soldo era pago, ás suas expensas, pois, o velho general possuia uma fortuna colossal.

Mais tarde, appareceram provas de que realmente Urquiza tramava contra a alliança e, assim, tornou-se evidente de que fóra elle mesmo que secretamente ordenara a escandalosa deserção de sua cavallaria ; e se, logo no inicio da campanha, a sua attitudo não foi francamente hostil aos alliados ; deve-se isso á nossa victoria de Riachuelo e aos immensos recursos que desde o principio poz em acção o Brasil, onde elle sabia que a guerra despertára o maior enthusiasmo nacional.

Foi, pois, só o Brasil que o deteve.

O caudilho não receiava as provincias argentinas, leaes ao governo de Buenos-Ayres, nem a Republica Oriental ; já porque não havia fertilidade de recursos n'esses alliados, já tambem porque lavrava n'elles profundas dissensões politicas.

Felizmente, a debandada deu-se longe do inimigo, porque se ella tivesse tido logar nos campos de batalha, nos poderia ser fatal ; assim, só, d'esse facto, resultou a vergonha, a mancha que, como um estigma infamante e indelevel, assignala todas as traições.

A provincia de Entre-Rios era ponto de reunião dos inimigos da alliança, especialmente dos inimigos do Brasil; ali, sob a protecção de Urquiza, estavam Aguirre, o general Juan Sá, por alcunha o *Lança-Serça*, Carreras e outros energúmenos do partido *blanco*, do Estado Oriental, e que, depois, expulsos por ordem do presidente Mitre, debandaram-se, seguindo Carreras para o Paraguay.

Nas immedições de Mercedes, estavam os alliados em numero de 30.000 combatentes, dos quaes 20.000 eram brasileiros. Chegaram ali em Outubro (1865).

N'aquelle numero já estavam incluídos os contingentes que retrocederam do Rio Grande e outros que tinham vindo de Porto-Alegre para repellir os invasores e que receberam ordem de transpor o Uruguay para reunirem-se ás forças alliadas.

Grandes difficuldades encontrou o exercito para a marcha; especialmente, para as passagens dos rios, pelo escasso material de pontes; mas sobre pipas vazias e canoas, nas quaes se collocava um assoalho, improvisava-se uma balsa que se puxava, com um laço comprido de couro, de uma margem para outra dos rios, e, d'este modo, venciam-se os embarços.

Acampados em Mercedes, estavam os alliados a 40 legoas do Empedrado, tal é a distancia entre os dous pontos.

O inimigo ainda ali se conserva; mas, parece que no seu campo se passa alguma cousa de extraordinario.

O general Caceres, com a sua cavallaria correntina, infelizmente mal armada e, pessimamente servida de cavallos, collocára-se nas proximidades do inimigo, observando-o, e constantemente tiroteando e escaramuçando as suas avançadas.

Ahi no Empedrado, no campo inimigo, não está mais á frente das forças o general Robles.

O marechal Lopes se desgostara muito de sua conducta; mas aquelle general procedia com lealdade, a ponto de enviar áquelle marechal cartas que recebia do campo alliado, convidando-o a passar-se com suas forças para as bandeiras da alliança, recebendo como premio todos os favores, inclusive a chefia suprema da nação paraguaya.

O marechal dictador, apesar d'isso, começou a conceber desconfianças de seu logar tenente temendo talvez, que afinal, as propostas fossem acceitas. Estas desconfianças cresceram pelas intrigas de um coronel de nome Allen, chefe do estado-maior, que informara reservadamente ter aquelle general atirado ao chão a condecoração da ordem do *Merito*, com que fôra agraciado pelo seu governo, declarando que a não merecia, porque não tinha vencido batalhas e que antes o marechal attendesse aos meritos de seu irmão Ezequiel Robles, sacrificado na batalha naval de Riachuelo.

As cartas com os offerecimentos ao general Venceslau Robles eram de seus compatriotas que immigraram antes da guerra para a Republica Argentina, e que se achavam no campo aliado.

Estes offerecimentos, tanto quanto o ataque á Corrientes que mostrou estar fraca a sua base de operações e linha de retirada, e a nossa victoria em Riachuelo ; obrigaram ao dictador a expedir ordens terminantes áquelle general para contra marchar de Goya até o Empedrado e ali aguardar novas instrucções.

O marechal, afinal, perdeu de todo a confiança em Robles, por isso mandou chamar a toda pressa o coronel Resquin que ainda se achava em Matto-Grosso, no character de commandante da villa de Miranda ; promoveu-o a 24 de Junho (1865) ao posto de general e nomeou-o 2.º commandante da divisão em operações ao sul e chefe principal de toda a cavallaria.

Resquin, immediatamente apresentou-se ao general Robles e foi investido de seu cargo.

Pouco depois, a 24 de Julho, apresentava-se o ministro da guerra e marinha, Vicente Barrios, cunhado do marechal, no acampamento do Empedrado ; dirigiu-se a Robles, que ignorava as tramas de seus inimigos, e, por isso, o recebeu repetosa e affectuosamente, sendo repellido, e declarado traidor pelo ministro que lhe notificou ordem de prisão e a sua destituição do commando, por ordem do marechal Lopes.

O general Barrios voltou com o preso para o Paraguay, e em Humaitá, então quartel-general, foi elle apresentado e conservado incommunicavel.

Então, Resquin tomou o commando da divisão do sul, isto é, das forças em operações em Corrientes.

O general Robles, a 6 de Janeiro do anno seguinte (1865) foi fuzilado e, com elle, o capitão Valiente, alferes Gauna e soldado Vilalva ; estes ultimos, como cúmplices no crime de traição do general.

Estas victimas teriam sido culpadas ?

Martinez, o commandante da base de operações, em Corrientes, que se batera bizarramente ; Robles, que nenhuma culpa tinha de não ter feito mais á testa do commando ; eram victimas, sem responsabilidade.

O marechal Lopes, vendo mal succedida as suas aventureiras emprezas, tinha necessidade de sacrificar alguém, de tornar um ou outro responsavel pelos desastres, para que a nação paraguaya, nem de longe, concebesse a desconfiança de que elle, o *Supremo*, era susceptivel de erros.

O dictador, devia continuar a ser na guerra, como antes, a encarnação de uma divindade terrena, e, o erro é só dos homens.

O novo general, Isidoro Resquin, não foi mais feliz que o seu antecessor, em suas operações militares, porque alem do Bella-Vis-

ta não poudé dar um passo, já porque não havia viveres, nem meios de mobilisação, já porque, especialmente, os desastres de Jatahy e Uruguayana tinham vindo perturbar profundamente o plano de campanha do marechal.

Entretanto, um pouco antes d'estes desastres o marechal quiz ver se Resquin poderia marchar e bater os alliados em seu acampamento ; mas, o general ponderou que não tinha meios de transporte ; que julgava tarefa superior ás suas forças e que só elle, o proprio marechal, á frente de suas tropas, seria capaz de realizar com felicidade esse empreendimento.

O marechal concordou e prometeu ir com um reforço de 25.000 homens ; mas, não foi, nem tal reforço se apresentou para augmentar o effectivo das forças sob o commando de Resquin.

Durante o commando d'este general, o pouco que havia ficado nas estancias e fazendas do territorio correntino, e escapado á devastação de seu antecessor ; foi completamente rapinado.

O general era habilissimo na arte das malfetorias.

As povoações e sertões do sul de Matto-Grosso, attestavam, com uma eloquencia de *ferro e fogo*, a alta capacidade do novo chefe da divisão do sul.

O general, no meio de suas preoccupações militares, não esquecia os deveres de cortezia, nem os habitos de boa sociedade ; assim, tinha tempo de ser galanteador, amavel e gentil, como se evidencia da lembrança que teve, remettendo de Corrientes, para os salões de Madame Lynch, um magnifico piano, producto do saque.

Resquin conhecia o meio em que nascera e em que vivia : merecesse elle as boas graças da amante do dictador que poderia, impunemente, transformar Corrientes em uma deliciosa Capúa, se o quizesse.

Emfim, chegára o momento das desillusões para o marechal Lopes.

Reconheceu que precisava retirar quanto antes de Corrientes todas as suas forças, porque nada lhe sahira á medida de suas esperanças e desejos ; os alliados ali vinham, e, era assim, necessario deixar a offensiva e esperar o adversario no solo paraguayano, do qual procurára, em vão, affastar a guerra, para, entre outras vantagens, viverem suas tropas á custa dos paizes inimigos.

Achava-se, então, Resquin com suas forças entre Bella Vista e São Roque.

A retirada começou no maior segredo.

A 12 de Outubro (1865) já todo exercito inimigo achava-se no Empedrado ; o alliado, acampava em Mercedes, onde o deixámos.

Entretanto o segredo d'essa operação não podia durar por muito tempo ; assim, o general Caceres percebeu pouco depois o movimento retrogrado e, avançou com sua cavallaria, vagarosamente, troteando os piquetes e guardas da rectaguarda.

Se o rio tivesse agua sufficiente, funesto destino aguardaria a columna de Resquin ; porque, a nossa esquadra colheria mais uma gloria : cortar a retirada do inimigo, destruindo os poucos vapores e navios de que elle dispunha para transportar-se para o Paso de la Patria, ponto de concentração.

As aguas, infelizmente, tinham baixado consideravelmente de modo que, apesar da esquadra se preparar para aquella empresa, apenas soube da retirada, e mover-se, subindo o rio ; só o conseguia com muitas difficuldades

O commandante da força naval, para aquella operação, havia previamente combinado com o general Caceres ; assim, este avançaria por terra com suas cavallarias e os nossos vasos de guerra subiriam o rio.

Foi feliz o general Resquin, porque a 23 de Outubro, sem ser incommodado pela nossa esquadra, devido aos embaraços que ella encontrou na navegação, pôde concluir quasi toda a passagem de suas tropas.

Só 3.000 homens e uma bateria de artilharia, sob as ordens de Diaz, ficaram no territorio correntino, abrigados nas mattas que bordam a margem.

O general Caceres, n'esse mesmo dia 23 entrou na cidade de Corrientes e, a 25 aportava na mesma cidade a nossa esquadra, depois de vencer innumeradas difficuldades.

Antes de retirar-se, o general Resquin convidou, em nome do marechal presidente, aos membros do governo provisorio e a outros individuos compromettidos, a acompanhal-o para o Paraguay, onde encontrariam hospitalidade condigna.

Muitos se aproveitaram do offerecimento.

O general Caceres tratou logo de ver se cortava a força, ás ordens de Diaz, que ficára protegendo a retirada do grosso das forças de Resquin e, para isso, combinou com Barroso, barão do Amazonas, que immediatamente fez avançar, até ás Tres Boccas, alguns navios, sob o commando do chefe Alvim, mais tarde vice-almirante, barão de Iguatemy.

Infelizmente, essa tentativa não produziu o resultado desejado ; porque, Diaz, aproveitando-se das noites escuras, começou a transportar o rio, no dia 30 de Outubro e, a 3 de Novembro, estava com toda sua gente em terra paraguaya.

O inimigo havia passado de Corrientes para o seu paiz mais de 400.000 reses, de modo que todos os campos estavam desertos de animaes.

A grande distancia que separava o exercito alliado que chegára á Mercedes justamente quando cautelosamente começava o inimigo a retirar-se ; as marchas penosas que havia feito ; a falta de meios de mobilisação rapida ; não lhe permittia proseguir acceleradamente para ao menos picar-lhe a rectaguarda.

Para dar uma ligeira idéa dos soffrimentos e perdas só do exercito brasileiro, basta consignar que em 6 mezes de campanha já decorridos ; isto é, da marcha de Montevideó á Mercedes, avançando vagarosamente, acampando longos dias em um ou outro ponto, já por causa do máo tempo, já pela deficiencia de meios de mobilidade ; as baixas, por molestias, em nossas fileiras, eram computadas em 5.000 homens.

Era conveniente dar em Mercedes algum repouso ao exercito aliado ; deu-se, pois ; mas, apenas o seu estado permittiu, elle se pôz em marcha de novo, exposto a chuvas torrencias, a medonhas tempestades que inutilisavam os caminhos e faziam transbordar os rios e, d'este modo, viam-se os aliados coagidos a acampar, até que o tempo melhorasse.

A nossa esquadra permanecia ancorada no porto de Corrientes. No dia 23 de Novembro, ella divisou ao longe um vapor paraguay que se approximava, trazendo hasteada uma bandeira branca.

Immediatamente as canhoneiras *Irahy*, *Araguary* e o pequeno vapor argentino *Libertad*, foram ao seu encontro.

O vapor paraguay, porem, encalhou.

A *Irahy* recolheu a seu bordo o commandante e guarnição do navio.

Trazia o vapor um officio ou nota para o general em chefe Bartholhomeu Mitre ; mas, como o commandante não apresentou provas de que era parlamentar, foi considerado prisioneiro de guerra, com a guarnição, e a nota que trazia remettida ao quartel general.

O vapor, porem, voltou no dia seguinte para Humaitá.

Era o *Pira-Guirá*, de guerra, mas então desarmado.

N'essa nota o marechal Lopes queixava-se « das atrocidades
« praticadas pelos aliados não só nos agentes do Paraguay que es-
« tiveram acreditados junto ao governo argentino, como nos pri-
« sioneiros, degollando á uns ; a outros, obrigando a pegar em ar-
« mas contra sua patria, ou então remettendo-os para o Brasil e re-
« duzidos alli, á escravidão, desprezando-se, assim, as leis da guerra e
« da humanidade ; e, no entanto, o exercito paraguay, por toda
« parte, procedia de modo contrario, pautando sua conducta como
« soldados civilisados ; e, assim, convidava aos aliados a proceder
« de outro modo e a pôr os prisioneiros paraguayos no góso de seus
« direitos e a não admittir que nas suas fileiras tremulasse a ban-
« deira paraguay para que elle, marechal Lopes, não se visse na
« contingencia de exercer rigorosa represalia nos cidadãos, quer ar-
« gentinos, quer brasileiros, quer orientaes, prisioneiros ou não, no
« territorio paraguay ou em outro qualquer que suas armas occu-
« passem. »

O marechal Lopes sabia perfeitamente que os paraguayos prisioneiros do Brasil desfructavam a maior liberdade ; que recebiam vencimentos militares, conforme suas graduações ; que, enfim, elles encontravam ainda mais protecção do que a que offerecem as leis da guerra, pelo character nacional essencialmente benevolente e generoso.

Entretanto, bem differente era a conducta do governo e do povo paraguay para com os miseros que os azares da guerra faziam entregar as armas e até para com aquelles que nem se quer eram presos com as armas na mão, principalmente si se tratava de brasileiros.

Podemos dizer com orgulho que n'essa sangrenta crusada, só o nosso paiz se conservou n'altura de uma nação culta, no tratamento dispensado aos feridos ou prisioneiros e ás populações por onde atravessara o seu exercito.

Os argentinos e orientaes nunca deram um real de soldo aos seus prisioneiros.

Nós não precisavamos tambem alistar paraguayos em nossas fileiras para engrossal-as ; porque, o povo brasileiro, pacifico e ordeiro, sabe entretanto elevar-se, em crises como a d'esse tempo memoravel, á altura dos povos mais zelozos de seus brios e de sua dignidade.

Os paraguayos que existiam no exercito argentino, reunidos sob a denominação de *Legião Paraguaya*, tinham, em sua maioria, emigrado ha muito de seu paiz, para não supportar o ignominioso governo dos Francias e dos Lopes ; e agora, reunidos aos alliados, queriam concorrer para a obra da redempção de sua patria.

Os prisioneiros dos nossos alliados, com quanto estes não lhes pagassem soldo, eram bem tratados ; e, d'isso naturalmente resultava a comparação dos exercitos, dos povos, e dos governos empenhados na lucta ; e, a consequencia d'essa comparação, não podia deixar de ser deprimente para o Paraguay.

D'ahi, a circumstancia de se alistarem, na *Legião Paraguaya*, alguns prisioneiros ; mas, de livre e expontanea vontade, tanto mais que encontravam alli um grupo só de compatriotas.

O marechal Lopes, enviando aquelle official com semelhante nota ao commandante em chefe Mitre ; só tinha por fim colher informações exactas do campo alliado.

Em resumo, o official portador da nota era um espião.

O general Mitre respondeu ao marechal Lopes, combatendo as suas allegações e declarando que, no caso do marechal executar suas ameaças, o tornaria pessoalmente responsavel.

Essa resposta seguiu em um escaler, rebocado por uma canhoneira italiana que subiu até Humaitá, com todas as formalidades de parlamentario ; o official paraguay, o espião, e a guarnição do *Pira-Guirá* foram postos em liberdade, declarando o general em

chefe lhe ser indifferente o facto de ter o chefe e a tripulação do vapor observado as nossas posições : porem, recommedou que isso não se reproduzisse.

A esse acto generoso e magnanimo, que deveria penhorar a qualquer outro adversario que não fosse o marechal Francisco Solano Lopes, presidente da republica do Paraguay ; respondeu o orgão official do governo, o *Semanario*, «que um official da marinha « brasileira mandára arrear a bandeira paraguaya do navio-parla-« mentario, a calcára aos pés e, depois sobre ella cuspira. »

Um mez depois d'esse facto, a 23 de Dezembro, estava o general Osorio com o exercito brasileiro, á uma legoa da cidade de Corrientes, na Lagoa-Brava, tendo marchado 400 legoas, distancia entre Concordia e esse ponto.

O exercito argentino, por sua vez, apparecia em São Cosme e, pouco depois, a elle se reunia o contingente oriental, ás ordens do general Flores.

Ahi acamparam.

Estamos perto do inimigo ; agora, é operar e operar vigorosa e energicamente.

E' preciso compensar o tempo gasto em longas e peniveis marchas : porque, cada dia que passa é um enorme sacrificio para o Brasil, só para o Brasil.

Mas, não se pôde avançar, porque não temos meios de transporte apropriados para as forças atravessarem o rio Paraná.

Cumpre, pois, ficar o exercito alliado na margem esquerda d'esse rio, acampado quatro longos mezes, para se reunirem as embarcações apropriadas áquelle fim, porque nenhuma providencia se havia dado n'esse sentido !

Que inqualificavel descuido !

O general Osorio encarrega, então, ao habil e infatigavel chefe da commissão d'engenheiros, tenente-coronel José Carlos de Carvalho, de ir á Corrientes construir as embarcações que fossem necessarias e comprar em Buenos-Ayres as que alli não podesse conseguir.

A demora das operações era, entretanto, muito favoravel á Republica Argentina, nossa alliada.

O nosso ouro enchia os seus mercados ; iniciava-se, assim, uma época de prosperidade, pouco commum nos annaes da historia dos povos.

Enquanto se conseguem embarcações, esses meios de transporte indispensaveis para se transpor o rio ; os paraguayos, em canoas, se occupam em vir á margem correntina e provocar os piquetes e destacamentos avançados dos alliados e, assim, vão-se habituando á guerra.

Temos nas proximidades do Paso de la Patria para cima de 42.200 combatentes, dos quaes mais de 30.000 são brasileiros.

A esquadra cresce, em numero de navios, ali no porto de Corrientes.

O marechal Lopes aproveita a nossa inacção ; o descuido de não se ter, em tempo, reunido meios de transporte, e vae mandando vir artilharia para as fortificações do Paso de la Patria ; melhorando outras que existem mais para diante, com as quaes pretende deter a nossa futura marcha invasora ; caso, não consiga, como espera, derrotar completamente os exercitos alliados na passagem do Paraná.

CAPITULO IV

SUMMARY.—Combate de Corrales. — Censuras da imprensa. — Pequenas operações — Tamandaré chega á Corrientes. — A esquadra brasileira dirige-se para as Tres-Bocas e Passo da Patria.— Inacção do exercito alliado — O marechal Lopes faz oração.— O forte Itapirú e a nossa esquadra.— Osorio avança até o Passo da Patria. — A esquadra perde alguns bravos.— Ataque da Ilha da Redempção. — Morte de Cabrita, Sampaio e Woolf — Preparativos para a invasão. — Ordem do dia do general Mitre.

Entramos no anno de 1866.

Dos exercicios a que se entregavam os paraguayos quasi que diariamente, desde Dezembro do anno anterior, poucos prejuizos resultaram aos alliados.

Entretanto, moralmente esses factos eram deprimentes, principalmente para o general em chefe Bartholomeu Mitre porque elles se davam proximos ao acampamento argentino, sem que energeticamente se procurasse, a principio logo, pôr termo ás escaramuças e correrias inimigas, na margem do rio, occupada pelos alliados.

A 31 de Janeiro, a questão tomou character sério.

Não estando a margem esquerda do Paraná devidamente vigiada, e, sendo ella bordada de mattas, em frente ao Passo da Patria ; foi o general Hornos, commandante da vanguarda das forças sob o commando do general Caceres, sorprendido pelos paraguayos que haviam sahido de Itapirú a 30, e, desembarcando em Corrales, avançaram sobre os piquetes de cavallaria, levando-os até o arroio Pehuajó, a 500 metros mais ou menos, da margem d'aquelle rio.

Feito isso, o inimigo voltou para a margem e ahi pernoitou.

Era esse facto extraordinario, porque os paraguayos costumavam vir pela manhã á nossa margem e retirar-se á tarde : d'esta vez assim não o fizeram.

Hornos communicou o que se passava ao general em chefe que de seu acampamento ouvira o tiroteio.

O general enviou um reforço ; assim, ao acampamento de Hornos, ao sul do arroio San Juan, pela manhã do dia 31, chegou o coronel Conesa, argentino, com 1.800 homens da guarda nacional de Buenos-Ayres e 2 peças d'artilharia.

Conesa passou o arroio Pehuajó e emboscou-se.

A cavallaria de Hornos devia attrahir para alli o inimigo.

Sahiram, pois, os piquetes de cavallaria correntina a tiro-tear.

O commandante dos piquetes paraguayos, tenente Prieto, á frente d'elles, com uma estativa de foguetes a congrève, avança, e os correntinos, em obediencia ás ordens recebidas, vêm retirando e, assim, attrahindo os adversarios á emboscada, habilmente planejada.

Os paraguayos continuam a avançar sempre ; passam o arroio Pehuajó, julgando levar adiante de si, pelo receio que infundem, os piquetes correntinos que se retiram para as proximidades de San Juan.

Proseguem os paraguayos sempre e já estão a 300 metros do ponto da emboscada, quando, infelizmente, o coronel Conesa entende que deve proclamar ás suas tropas que prorompem em vivas á nação argentina !

Com semellhante ruído, o inimigo não continua ; volta atropeladamente á rectaguarda e mette-se pelas mattas.

Debalde o persegue a infantaria argentina.

Desordenadamente, assim percorre o inimigo uma extensão de 8 kilometros, e abi se reorganisa em um terreno elevado, cheio de mattas, tendo n'essa retirada 30 mortos. Essa localidade é Corrales, aonde elle havia desembarcado. Eram, então, os paraguayos em numero de 450.

Alli, elles recebem os argentinos, que vêm chegando, a pé firme.

A lucta começa e ardente.

Mais 200 paraguayos, sob as ordens do tenente Saturnino Viveiros, chegam para reforçar os outros, e a contenda cresce.

Os argentinos batem-se a peito descoberto ; o inimigo, porem, emboscado.

A artilharia argentina infelizmente emmudece, porque as munições foram consumidas logo ; eram muito poucas. O bravo 5.º batalhão peleja á bayoneta ; já queimou o ultimo cartucho.

Corre sangue abundantemente.

Não podia ser mais inoportuna a proclamação de Conesa ; ella estava custando enormes sacrificios !

Os argentinos são em numero de 2.500 ; elles conseguem desalojar o inimigo de alguns pontos e, parece que, afinal a victoria vai corôar a sua bravura.

Chega, porem, o tenente-coronel Diaz, depois general, com um reforço de 800 paraguayos.

Em vão luctam os argentinos de novo para desalojar-os, e no fim de 5 horas, são obrigados a desistir de tal empreza ; mas não abandonam o campo d'acção.

A' noite, apparece no campo argentino, o coronel Rivas com uma divisão ; mas, não poudo tomar parte na refrega por ter chegado muito tarde.

Ficaram, pois, os argentinos proximos ás posições occupadas pelo inimigo.

No outro dia, cedo, elle repassou em canoas o Paraná, hostilizado por alguns tiros de canhão.

O celebre forte de Itapirú, que breve veremos entrar activamente em acção, respondeu ao fogo argentino, tambem com alguns canhoneiros.

Tal foi o combate de Corrales, ferido a 31 de Janeiro de 1866.

N'este, como nas escaramuças e tiroteios que o precederam, o inimigo conseguiu voltar á margem opposta ; desta vez, porem, com 300 homens fóra de combate, inclusive varios officiaes e nominalmente o capitão Echagüe, attingido por bala de fuzil, no momento de embarcar-se, batendo retirada.

A força argentina teve 402 homens fóra de combate ; d'estes 88 mortos, comprehendendo-se 7 officiaes ; nos feridos, contavam-se 27 de diversas graduções.

Apesar dos paraguayos terem afinal se retirado, o marechal Lopes, como era seu costume, annunciou mais uma victoria, e instituiu uma medalha com a seguinte inscripção : — *Vencio em Corrales— 31 de Enero de 1866* ».

A impressão d'este combate em Buenos-Ayres foi pessima.

A imprensa, então, em suas censuras, envolveu o general em chefe Mitre, o nosso almirante e o proprio exercito brasileiro. A'quelle faltava proficiencia para o commando em chefe ; á esquadra, accusavam-na de ter podido evitar que em canoas viessem os paraguayos investir os alliados, na margem correntina e, finalmente, ao nosso exercito, por não ter ido em soccorro do alliado.

Sobrava vontade ao general Osorio de galopar em protecção, pois, para combater, o exercito brasileiro estava sempre prompto.

O general Mitre havia escripto a Osorio dizendo que não se inquietasse com tiros, porque se alguma cousa séria houvesse, o avisaria, como se vê da parte do mesmo general Osorio, ao chefe Barroso, barão do Amazonas, datada de 4.º de Fevereiro :

- Hontem houve forte tiroteio entre forças argentinas e paraguayas, no Passo da Patria. Os paraguayos estavam protegidos pelos bosques e escabrosidades do terreno e a força argentina em terrenos alagadiços e descobertos.
- Houve bastantes mortos de uma e outra parte e os paraguayos deixaram 6 prisioneiros.
- Escrevi a Mitre a respeito e elle respondeu-me que não me inquietasse com tiros, que se alguma coisa seria occorresse, me avisaria.
- Não obstante, hoje mesmo tenho ouvido que o fogo continúa, e ainda não tive aviso algum, apesar de ter alli um official com uma partida. »

Eis porque Osorio e os brasileiros, não avançaram acceleradamente em protecção ao alliado, como, mais tarde, tantas vezes fizeram.

As perdas sensiveis dos argentinos eram as causas da celeuma da imprensa.

Os jornalistas escreviam sob uma impressão dolorosa e a dor deve ser respeitada.

Os mortos e feridos eram d'essa mocidade brilhante e valente de Buenos-Ayres, todos conhecidos e relacionados na culta sociedade da capital argentina.

Não tinham, porem, razão quanto á esquadra e ao exercito do Brasil.

Os nossos vasos de guerra podiam evitar essas investidas paraguayas, feitas em canoas, não ha duvida ; mas, as partidas vinham á margem correntina sob a protecção da artilharia do forte de Itapirú e, como perfeitamente observa o illustre annotador da *Guerra da Triplice-Allianca*, de Schneider, « tinhamos alli apenas um encon-
« raçado e não valia a pena empregar-se n'esse serviço os nossos
« vasos de madeira, expôl-os á artilharia grossa do inimigo, asses-
« sada na margem, quando muito breve precisavamos d'elles
« para operações sérias, decisivas, como se esperava. »

Quanto a nós, todo esse escandalo, todas estas inqualificaveis provocações do inimigo, não teriam tido logar se as nossas tropas estivessem mais bem acampadas, de modo que facilmente se apoiassem.

Mas, n'aquelle acampamento dos alliados, nem os mais comisin-
nhos principios da *Castrametação* eram observados como se alli
ninguém conhecesse a arte de acampar as tropas.

E estavamos, por assim dizer, com o inimigo na frente ;
tanto assim que elle vinha provocar-nos no nosso campo !

Diz mais, a respeito da injustiça das censuras feitas á esquadra,
aquelle illustre annotador, dr. Paranhos, depois barão do Rio Branco,
filho do immortal visconde do Rio Branco :

- Lopes mandando estas expedições á margem correntina não visava só adestrar os seus soldados e acostumar-os ao fogo ; mas principalmente attrahir os nossos na-
• vios de madeira para a frente do Passo da Patria, antes da chegada dos nossos en-
• couraçados, quando as agoas do rio estavam muito baixas e o seu curso ainda não
• explorado. »

Era, pois, uma grave injustiça as accusações ao nosso almirante, n'aquellas circumstancias. Elle tinha o dever de evitar que os seus navios de madeira estivessem, quotidianamente, expostos ao fogo das baterias inimigas de grosso calibre, sem utilidade para o termo da guerra.

Emfim, o que é certo, é que a nossa esquadra não devia nem podia fazer a vontade ao inimigo : apresentar-se emfrente ás suas baterias, em um rio cujo curso não estava explorado, cujas agoas haviam baixado, para se deixar destruir, como fatalmente succederia, se ella obedecesse ás inspirações de alguns homens que mais pareciam querer o seu anniquilamento do que a sua conservação para a victoria commun.

Quando depois do ataque de Corrales, a vanguarda foi mais reforçada ; se dispôz melhor o acampamento, e se empregou a necessaria vigilancia, cessaram estes pequenos conflictos que só honravam o inimigo.

Quanto ao general Mitre, era de lastimar que só então a imprensa não o achasse em condições de commandar em chefe.

Quando se tratou de entregar-lhe o commando, é que ella deveria pedir suas provas de capacidade para tão alto cargo, pois, certamente não era a batalha de Pavon que o recommendava a collocar-se á frente dos exercitos alliados.

Se a imprensa de Buenos-Ayres assim procedesse, aquelle illustre cidadão argentino, com honrosos titulos que o recommendavam ao respeito e amor de seus compatriotas, talvez não tivesse se investido de tal cargo, superior ás suas forças ; e, assim, não se teria duvidado da lealdade com que conduzia os exercitos alliados, pois, é preciso consignar-se que ella baloiçou, porque, durante o correr da campanha, varias vezes se offereceram occasiões do inimigo ser esmagado e, o general em chefe, não soube, segundo uns, não quiz, segundo outros, aproveitá-las.

Entretanto, quantos sacrificios custava ao Brasil a prolongação d'essa luta ? !

Ah ! se apenas fossem ondas de ouro que, com a protelação da guerra, o Brasil arremessasse ás praias argentinas, ainda bem ; mas, vagas enormes do nosso sangue batiam e innundavam o solo paraguayo !

A vanguarda dos alliados desde 24 de Janeiro estava commandada pelo general oriental Goyo-Soares, interinamente, por ter tido o general Flores necessidade de ir á Montevideó, d'onde logo regressou.

O exercito brasileiro, a 14 de Fevereiro, mudou o seu acampamento para Tala-Corá, 3 legoas adiante do ponto em que se achava.

Já os seus meios de transporte se tinham avultado.

A vanguarda aliada estava, então, proxima á uma povoação chamada Itati ; era forte de 5.317 combatentes, com 39 canhões. N'essa força contavam-se 1.500 brasileiros, ás ordens do coronel Killy que vimos combater em Jatahy, e 871 argentinos.

A vanguarda, alli acampada, ficava á direita do exercito argentino.

Pela frente de Itati, já em fins de Janeiro e principios de Fevereiro havia crusado o inimigo em canoas e em um pequeno vapor ; a 16, porem, d'este ultimo mez, viram-se 3 vapores com tropa : o 25 de Maio, o *Igurey* e o *Gualquay*.

Estes navios atiraram alguns balaios de canhão sobre a povoação ; fizeram alli um reconhecimento e retiraram-se.

O que pretendia o marechal Lopes ?

O nosso general em chefe deu ordem ao commandante da vanguarda para mudar o seu acampamento mais para a rectaguarda, cerca de 4 kilometros d'aquella povoação, ao saber a noticia ; pois, recebeu que a mesma vanguarda fosse atacada por forças superiores, transportadas nos vapores, na noite de 16 para 17 ; mas tal não succedeu.

No dia 18, os mesmos vapores, e mais 2, foram avistados.

Sciante Mitre da nova occurrencia e conhecendo a audacia do inimigo, quiz attrahir-o para mais perto do grosso do nosso exercito e, assim, ordenou ao chefe da vanguarda que se retirasse para São Cosme, posição situada a mais de 12 kilometros de Itati.

Os paraguayos, no dia seguinte, desembarcaram, n'essa povoação, alguma força ; saquearam o que havia e retiraram-se incendiando o acampamento que alli encontraram.

Não avançaram, porque certamente temeram alguma grande emboscada e a lembrança da que tinham soffrido em Corrales, embora má succedida, pela patriotica, mas intempestiva proclamação do bravo coronel Conesa, ainda estava recente e bem viva.

Era, pois, intenção do inimigo, bater-se alli mesmo com a nossa vanguarda.

Por mais que se procurasse justificar a ordem de retirada, para mais perto do grosso do exercito, ella não resisto á uma critica sensata.

O que seria realmente mais racional, era o general em chefe mandar reforçar a vanguarda e não perder essa occasião de bater uma força relativamente grande e vêr se, com a artilharia, conseguia metter á pique alguns dos navios que durante o conflicto, não poderiam ser de sério auxilio para o adversario, devido ás condições da localidade.

Attrahir, até o grosso do exercito, o inimigo, depois de Corrales, era armadilha em que elle não se deixava cahir.

Allegou-se que o inimigo tinha em frente um acampamento e que os seus vapores podiam facilmente trazer tropas frescas para a

lucta e que os alliados, acampados, com o grosso de suas forças a 59 kilometros, não podiam em um dia mandar reforços á vanguarda.

Peior ainda.

Porque deixar-se a vanguarda tão distante da força principal ?

Havia espaço de sobra para dispôr-se o acampamento, de modo a não deixar em taes condições a vanguarda.

Sem duvida seria mais conveniente, mais racional esperar nas proximidades de Itati o ataque que o inimigo sem cerimonia, sem embuços, mostrou desejar, prevenindo-nos, com muita antecedencia, de suas intenções e desejos.

Recuar n'aquella situação não foi acto louvavel, tanto mais que, precisavamos exercitar no fogo os nossos soldados, antes de grandes emprehendimentos, e, com aquella conducta, só concorriamos para augmentar o arrojo do inimigo, já de sobejo conhecido.

Que felizes seriam os alliados se pudessem bater todo o exercito inimigo, ou em fracções, na margem correntina ?

No primeiro caso, não fariamos os sacrificios que fizemos de transpôr o Paraná para batermos com a cabeça nas mattas e trincheiras a que aprouve ao marechal Lopes; no segundo, iamos, pouco a pouco, reduzindo o effectivo de suas forças; e, por consequencia, enfraquecendo a sua offensiva e defensiva.

Mas, estavam reservadas, para o mundo militar, as maiores surpresas; os mais exquesitos e extraordinarios preceitos de fazer a guerra.

Com elles, infelizmente, não se poderão augmentar os principios e as bases da nova sciencia que os estrategistas constituirão, dentro de um futuro talvez proximo: a sciencia da victoria.

A 21, ainda de Fevereiro, chegou o vice-almirante Tamandaré á cidade de Corrientes para se collocar á frente da esquadra, como seu commandante em chefe.

Até então, elle tinha-se conservado em Buenos-Ayres, onde a sua permanencia era necessaria para impulsar tudo quanto precisava a esquadra e o exercito do Brasil.

Antes de sua chegada á Corrientes, estava á frente da nossa força naval o heroico Barroso, barão do Amazonas, como vimos; e o bravo Tamandaré sabia que a sua presença ainda não era necessaria porque, á vista da natureza do theatro da guerra, depois dos gloriosos feitos de Riachuelo, Mercedes e Cuevas, os nossos navios só podiam operar com o exercito alliado.

Agora que este ia entrar em operações sérias de guerra, apresentava-se o bravo e intrepido Tamandaré para tomar o seu posto de combate.

Entretanto, a malevolencia procurou explicar a sua estada em Buenos-Ayres á influencia e preponderancia de uma dama, dotada de extrema belleza, sobre o coração do intemerato marinheiro.

Comparavam-no a Nelson, preso aos affagos e attractivos de outra lady Hamilton, quando o austero militar tinha o coração inteiramente devotado á familia, á esquadra, á gloria e á patria.

Em Março, a 47, suspendeu ferro a esquadra brasileira, do porto de Corrientes.

As barrancas do rio, o porto, todo littoral, estavam apinhados de gente de todas as classes para vêr a partida dos navios, entre os quaes, alguns se tinham coberto de glorias em Riachuelo, Mercedes e Cuevas.

Nunca o rio da Prata fôra sulcado por frota tão grande e poderosa.

Os brasileiros estavam, com justa razão, cheios de orgulho : o Brasil era a primeira nação que fazia tremular, n'aquellas agoas, o seu glorioso pavilhão, apoiado e defendido por possantes canhões.

Vamos dar a relação dos nossos vasos de guerra, nome de seus commandantes e numero de canhões.

Encouraçados :

<i>Brazil</i>	Commandante, capitão de mar e guerra Victor Subrá — 9	canhões.
<i>Bahia</i>	capitão de fragata Rodrigues da Costa — 2	calibre 150
<i>Tamandaré</i> , —	1.º tenente Mariz e Barros	4
<i>Barrozo</i> , —	Mendes Salgado	6

Canhoneiras

<i>Parnahyba</i> , —	Commandante, capitão tenente J. F. de Abreu — 7	canhões.
<i>Belmonte</i> , —	L. M. Piquet — 8	
<i>Beberibe</i> , —	de fragata Delfim de Carvalho — 7	
<i>Araguary</i> , —	1.º tenente A. L. von Hoonholtz — 4	
<i>Itajahy</i> , —	1.º tenente Carneiro da Rocha — 4	
<i>Magé</i> , —	capitão tenente Mamede Simões — 7	
<i>Ivahy</i>	1.º tenente Pereira dos Santos — 6	
<i>Mearim</i> , —	capitão tenente Eliziario Barboza — 7	
<i>Araguary</i> , —	1.º tenente Fernandes Pinheiro — 6	
<i>Iguatemy</i> , —	Alves Nogueira — 5	
<i>Ipiranga</i> —	F. J. de Freitas — 7	
<i>Greenhalg</i> , —	Netto de Mendonça — 2	
<i>Henrique Martins</i> —	Jeronymo Gonçalves — 2	

Avisos

<i>Chuy</i> —	Commandante 1.º tenente Marques Guimaraes	1 canhão
<i>Onze de Junho</i>	Cortez	2

Este navio servia de hospital de sangue.

Lindoya, *Voluntario*, e *General Ozorio*, commandados por pilotos e sem artilharia.

Transportes de guerra

<i>Apa</i> , —	Navio almirante. Commandante, capitão tenente Garção — 2	canhões
<i>Marcilio Dias</i> , —	1.º tenente José Alvim — 3	
<i>Isabel</i> , —	capitão tenente Faria	
<i>Princesa de Joinville</i> , —	1.º tenente Collatins	
<i>Patacho Iguaçu</i> —	1.º tenente Cunha Couto — 4	

O total dos canhões attingia a 406 : excepção do patacho *Iguassú*, todos outros vasos, eram a vapor ; a artilharia, toda de grosso calibre e, em sua maioria raiada. Havia alem d'essa força naval, uma esquadilha de 7 transportes a vapor, fretados pelo nosso governo, com os seguintes nomes : *Wightinch, Viper, Suzan, Bearn, Riachuelo, Presidente, Duque de Saxe e Galgo*. (Schneider 1.º vol. anotações.)

A gloriosa *Amazonas*, com seu commandante Theotônio de Brito ; a canhoneira *Maracanã*, commandante Gonçalves Duarte, o vapor *Iguay*, pequeno, commandado pelo piloto Serpa, permaneceram no porto de Corrientes.

Entre estes navios, via-se o pequeno vapor *Cysne*, em que ia o ministro plenipotenciario brasileiro, acreditado junto ao governo argentino, conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa, o mesmo que assignou o *Tratado da Triplex-Alliance*.

A esquadra dirigiu-se para as Trez-Bocças e Passo da Patria, seguindo no *Apa* os seus dous generaes, vice-almirante barão de Tamandaré e o chefe de esquadra barão do Amazonas.

Agora, effectivamente, pensam todos, não vamos perder tempo.

A passagem por aqui ou por alli, para o territorio inimigo, é questão de poucas horas ; pois, tudo deve estar prompto, porque houve tempo de sobra para reunir-se e completar o immenso material de que se carecia.

A esquadra e o exercito do Brasil, perante a imprensa platina, eram os responsaveis pela demora.

Entretanto, o nosso alliado argentino, apesar de estar em seu paiz, ainda em fins de Março, não está preparado para invadir a terra inimiga : faltam-lhe viveres, cavallos, polvora e bala !

O quartel-general do commando em chefe, principiando pelo proprio general Mitre, lia as accusações injustas que nos fazia a imprensa platina e não tinha um impulso de lealdade para mandar declarar na mesma imprensa que era, ao exercito argentino, desprevenido dos mais necessarios recursos, que se devia attribuir a demora.

Nada se dizia ; guardava-se silencio completo.

A verdade, porem, surgiu e aquelles mesmos que nos fizeram tal injustiça, trataram de repará-la, quer nos jornaes platinos, quer na imprensa do Rio de Janeiro.

Ainda nos dias 2, 3 e 5 de Abril dizia o coronel Palleja official distincto, ao serviço do exercito oriental, commandante de uma brigada da vanguarda em seu *Diario das Operações* que foi publicado mais tarde :

Dia 2 : « *El almirante Tamandaré y el general Osorio estan prontos aguardando la señal del embarque, que deberá dar el presidente Mitre.* »

Dia 3 : « *Manana hubieramos marchado y el dia 5 habia sido efectivamente el de nuestro pasagé ; pero las contrariedades que experimenta el presidente Mitre respecto al abasto, lo obliga a demorar su ida al Paso de la Patria con el resto del ejército.* »

Dia 5: « *Hoy hubiera sido nuestro pasajé sin los malditos abastecedores del ejército argentino, y no solo pasamos, sino que no nos movemos de S. Cosme.* »

A respeito d'essa injustiça que nos faziam, lê-se nas annotações á obra de Schneider, á pagina 265, do 1.º volume, um trecho de uma correspondencia de Montevidéu para o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, datado de 14 de Abril (1866) :

« Julgar que a contenda se decidirá promptamente é uma illusão. A verdade antes de tudo : o exercito argentino não tem cavallos, não tem gado para manter-se. Estes dous elementos são indispensaveis, e, em grande numero, porque a invasão que se vae effectuar não é uma operação commum, é uma empreza gigantesca, cheia de difficuldades.

« *Non succede o mesmo ao exercito brasileiro que possui em profusão tudo quanto pode necessitar.* »

Todos e eu tambem, temos proferido amargas queixas contra os brasileiros, pois, os julgavamos causadores da nossa inacção e immobibilidade. Mas é força confessar que temos sido injustos. Nossa permanencia fatigante, nossos immensos soffrimentos no inolvidavel campo da Ensenada, *não foram devidos aos brasileiros, mas á nossa carencia de recursos.* Estamos a pé, e não contamos com 100 cabeças de gado para poder dar alimento ao soldado argentino, mais paciente que o primeiro soldado do mundo e tão paciente como bravo. »

Emfim, tal era a penuria no exercito argentino, a respeito de viveres, apesar de estarmos a quatro mezes inactivos, na margem do Paraná, tempo de sobra para tudo ser providenciado, que, o nosso alliado, esteve alguns dias á meia ração.

Entretanto, os brasileiros eram apresentados ao mundo, afflicto de ver o desenlace da tragedia, como os causadores da inercia, d'essa inqualificavel immobibilidade.

Assim se escrevia a historia.

Voltando á nossa esquadra, que abandonámos por momentos para pôr em revelo as injustiças do nosso alliado ; cumpre-nos dizer que ella seguiu formando 3 divisões.

A 1.ª sob o commando immediato do vice-almirante Tamandaré, tendo para seu logar tenente o barão do Amazonas.

Compunha-se do *Apa*, então navio-almirante ; do *Onze de Junho*, hospital de sangue ; do *Bahia*, couraçado, e do *Princeza de Joinville*, com forças de desembarque.

A 2.ª sob o commando do capitão de mar e guerra José Maria Rodrigues, formava-se do couraçado *Barroso*, com a insignia do chefe ; da *Araguayy*, *Ivahy*, *Iguatemy* e couraçado *Brasil*.

A 3.ª finalmente, ás ordens do capitão de mar e guerra Francisco Cordeiro Torres e Alvim, era constituida da *Beberibe*, com a insignia do chefe ; a *Mearim*, couraçado *Tamandaré*, *Ipiranga* e *Parnahyba*.

A 2.ª divisão seguiu na frente para as Tres-Boccas ; porem, á tarde reuniram-se todos em Sant'Anna.

Do lado do forte de Itapirú appareceu um vapor inimigo ; mas, acautelou-se collocando-se junto ao mesmo forte, abrigado ainda por traz de um pontal de areia.

O almirante quiz surprender esse vapor, para o que deu suas ordens ao chefe Alvim que no dia seguinte subiu ao seu encalço, no couraçado *Tamandaré*.

O vapor tinha desaparecido à noite : era o *Gualeguay*.

O forte de Itapirú não hostilizou o nosso navio ; apenas fez signal para o Passo da Patria, de sua presença, com galhardetes de côres.

Grande curiosidade se manifestou na guarnição do forte, ao vêr pela primeira vez um encouraçado : sobre os muros, observavam attentamente o navio, os officiaes e soldados inimigos.

O proprio marechal Lopes quiz ver tambem o quadro que apresentava aquella esquadra, que tanto desejára destruir, e para isso veio de seu acampamento do Passo da Patria á Itapirú ; depois metteu-se no *Gualeguay* e seguiu até Corrales, onde o vapor atirou alguns tiros de metralha sobre alguns soldados argentinos que alli estavam entretidos em observar os nossos vasos de guerra.

O marechal não quiz voltar ao seu quartel general, sem ir orar junto á cruz que collocaram no sitio em que foram sepultados os paraguayos mortos no ataque de Corrales.

Alli chegou ; descobriu-se, conservou-se silencioso, meditativo junto á cruz ; depois ajoelhou-se.

O seu estado-maior imitou-o.

Teria orado ?

Não sabemos.

Bem podia n'esse momento pedir ao Deus das nações que lho inspirasse um acto nobre, grandioso, altamente humanitario e christão.

Esse acto seria o de despir-se de vaidades, de orgulhos, de ambições ; confessar-se réo de lesa-humanidade ante aquella cruz que velava o somno de morte de seus soldados e comprometter-se desde aquelle momento a não fazer correr mais sangue ; a dar á sua patria completa liberdade, deixando-a reger-se como quizesse ; e quanto a elle, a ir para longe, afim de não perturbar a paz de seus concidadãos.

Não o fez.

De joelhos, ao pé da cruz ; junto aos restes mortaes de seus soldados ; elle alli está como se fosse o defensor de uma causa, sagrada pela justiça e pelo direito.

Elle bem sabe que a sua presença impia e sacrilega faz estremecer as cinzas d'aquelles valentes, cujos corações não pulsaram com mais força no fragor do combate.

Que importa ! E' preciso affectar que se respeita o valor e a morte e, por isso, elle perturba o somno dos miseros ; depois, ergue-se dos pés da cruz como o artista que tem consciencia de haver desempenhado magistralmente o seu papel na comedia, para proseguir, como general e chefe d'Estado, n'essa tragedia que elle deli-

neon, compôz, e d'ella escolhera o papel mais sensancional—o detyranno—assignalando logo o prologo com a traição, a surpresa, a aleivosia e o escarneo !

A nossa esquadra, a 21 de Março estava estendida desde as Tres-Bocças até o forte de Itapirú.

Começaram, então, trabalhos fluviaes importantes.

O chefe Alvim foi encarregado de reconhecer os *passos* do Paraná até Itati. Seguiram com elle o couraçado *Tamandaré*, canhoneiras *Araguary* e *Henrique Martins*, levando uma comissão encarregada de levantar a planta hydrographica.

Fez-se o reconhecimento que se estendeu até um lugar chamado Ponta de Toledo, cerca de duas legoas e meia acima do Passo da Patria.

Os nossos navios avistaram, entre a ilha grande do Passo da Patria e o forte Itapirú, 1 vapor e 2 chatas artilhadas.

A navegação não correu sem novidades.

O couraçado *Tamandaré* encalhou e a *Araguary*, na volta, varou sobre uma pedra, entre a ilha Curará e a margem esquerda.

A canhoneira ali passou toda a noite encalhada, sem contudo ser hostilisada; mas, 2 vapores que seguiram para desencalhar-a, foram obsequiados com 49 tiros de canhão do forte Itapirú.

Eram os primeiros com que alli nos hostilisava o inimigo.

Os dous navios desencalharam, antes mesmo de chegarem os vapores; a *Araguary*, porem, fazia agoa e teve de ir á Corrientes para concertar-se.

Quando todos os navios desceram, depois de concluido o reconhecimento d'aquelle trecho do rio e das margens, o forte Itapirú disparou-lhes 8 canhonaços.

O Paraná alli é estreito e de forte correnteza; cheio de pedras e de bancos e isso torna a navegação muito difficil e perigosa sem excellentes practicos; ao contrario, á cada instante, um navio encalha, resultando-lhe, a maior parte das vezes, serias avarias.

Era um rio proprio para ser defendido pelas *chatus* ou baterias fluctuantes, de que tanto se utilisava o marechal Lopes, nossas conhecidas desde a batalha naval de Riachuelo.

Estas *chatus* calavam muito pouco; não offereciam quasi alvo, porque as suas bordas eram muito baixas, quasi ao nivel das agoas do rio.

Armadas com um canhão de 68, esse mesmo só se podia distinguir quando já se estava proximo; eram, por consequencia excellentes machinas de guerra para tal rio, mas, como não tinham remos, nem mastros, ficavam quasi tollidas de movimento, a não serem rebocadas.

Eram propriamente machinas para a defensiva.

Ellas batiam-se junto ás margens dos rios, nas pequenas ense-

adas, ao pé das praias de alguma ilha, de modo que sendo investidas, as suas guarnições facilmente escapavam-se para terra.

Com estas baterias fluctuantes ou *chatus* e com os canhões do forte de Itapirú, entreteve-se a nossa esquadra, nos ultimos dias do mez de Março.

As *chatus* acertaram algumas balas no costado de nossos couraçados fazendo ali depreções e nos collocando alguns homens fora de combate ; mas, duas foram logo mettidas á pique, apesar das difficuldades de attingir a taes alvos, quasi invisiveis.

No dia 26 d'aquelle mez, o general Ozorio com o exercito brasileiro, começou a mover-se para o Passo da Patria, onde, já á noite, acampavam, á margem do rio, as divisões d'infantaria dos generaes Argollo e Sampaio, em numero de 10.000 homens, com alguns canhões.

O general Flores, que já havia voltado de Montevideó, seguiu com uma pequena força até Itati ; para reconhecer se por alli era possivel invadir o territorio inimigo. O general fez esse reconhecimento, embarcado nos vapores argentinos *Chacabuco* e *Buenos-Ayres*, protegidos pela canhoneira *Henrique Martins*.

Estes 2 navios, muito pequenos, impróprios para combate, tinham sido dispensados das operações pelo nosso almirante. O reconhecimento teve logar a 27.

O general Flores voltou no mesmo dia, sem ser hostilizado ; infelizmente, porem, não achou apropriado o logar para a invasão.

Melhor não encontrava, tão proximo á nossa base de operações.

A' nossa marinha, n'esse dia, estava reservado um golpe profundo.

Uma *chata*, ao meio dia rompeu o fogo contra os nossos navios.

Era seu costume sahir fóra da enseada de Itapirú ; n'esse dia, porem, ficou dentro, protegida ainda por umas pedras, de modo que só mostrava a bocca da canhão.

Um sargento de nome Morinigo, do regimento de Bruguez, dirigia o fogo.

Uma bala da *chata* attingiu o navio almirante. Então o chefe Alvim teve ordem de vêr se mettia á pique a *chata*, e, para isso, dirigiu-se com os couraçados *Bahia* e *Tamandaré* até em frente o forte e encetou o fogo ; mas, como já dissemos, apenas se avistava a bocca da canhão, de modo que era quasi impossivel attingil-a.

A' vista disso, o chefe Alvim resolve bombardear o forte. As balas iam certas ao recinto, levantando enormes columnas de pó.

O fogo durou até ás 4 horas da tarde.

Nelle tivemos levemente feridos o chefe Alvim, a bordo do couraçado *Brasil*, onde se achava, por um estilhaço de granada, atirada da *chata* ; e 1 marinheiro, tambem levemente, no *Tamandaré*.

O fogo do forte Itapirú foi dirigido pelo proprio Bruguez.

Parecia que o dia ia concluir-se apenas com esses insignificantes accidentes.

Infelizmente não foi assim.

Terminado o bombardeamento, tiveram os nossos navios de voltar ao seu ancoradouro ; mas, o canal era estreito e impossivel qualquer outra manobra a não ser *andar para traz*.

Isso faziam elles, quando uma granada e, depoislogo, mais outra, penetram na casamata do *Tamandaré*, espalhando alli a morte !

O immediato 4.º tenente Vassimon ; o commissario Accioli de Vasconcellos ; o escrivão Alpoim e 7 praças, cahem instantaneamente mortos.

O commandante 1.º tenente Mariz e Barros ; 4.º tenente Ignacio da Silveira ; 2^{os} tenentes Victor Delamare e Manhães Barreto ; guarda marinha Paulo Mascaranhas ; o alferes de Voluntarios da Patria Tourinho Pinto ; 4 mestre e 17 praças são feridos, alguns mortalmente.

Emfim, 33 homens fóra de combate, dentro do estreito recinto da casamata !

Medonho espectaculo !

O 2.º tenente Manhães Barreto era o unico dos feridos que podia andar.

Apezar do quadro terrivel, Manhães coberto de sangue, assume o commando do *Tamandaré* e manobra de modo a levar o navio, transformado em um tumulto de ferro até o seu ancoradouro.

O vice-almirante, immediatamente, com alguns medicos dirigiu-se ao vaso de guerra, que a sorte, o acaso ou a fatalidade illicitára.

O bravo almirante encontra o commandante Mariz e Barros sustentado nos braços de seus marinheiros, com a perna direita arrancada abaixo do joelho.

Tamandaré, esse homem intrepido que nunca empallidecera nem ao sentir as tempestades quererem tragar os navios, com que sulcára o oceano, nem ao silvo da metralha inimiga; está pallido ao ver um dos seus mais distinctos officiaes tão horivelmente mutilado ; elle procura dominar a sua commoção.

Mariz e Barros aovê-lo, sorri e lho estende a mão que o seu chefe aperta com effusão.

O 4.º tenente Silveira ainda vive, apezar do projectil lhe ter arrancado uma perna e um braço, nos ricochetes que fez no interior da casamata.

Esta é um lago de sangue, cheio de destroços humanos !

A morte não demora para o 4.º tenente Silveira ; elle sente a sua rapida approximação.

Resta-lhe apenas tempo de dizer o ultimo adeus a seus companheiros ; elle, o bravo, o aproveita.

Aperta a mão ao almirante, e aos amigos ; imprime um beijo em um retrato que trazia ; murmura, com voz tremula a palavra—*adeus*—e cerra os olhos para sempre.

O almirante mandou conduzir o commandante Mariz e Barros e os outros feridos para o hospital de sangue, o navio *Onze de Junho*, que seguiu immediatamente com elles para Corrientes.

Ahi devia ainda ter logar uma scena que attesta eloquentemente a alma varoril de Mariz e Barros.

A amputação da perna era necessaria e urgente ; trouxeram, pois, chloroformio para a anesthesia do ferido. Ao ver isso elle sorri e diz que esse remedio só era proprio para mulheres e accrescenta : *Deem-me um charuto acceso e cortem !*

Fez-se a amputação e durante ella, o ferido fumou ; não deu um gemido.

Conversava, referia-se á uma preterição que tinha soffrido e dizia que morria.

Não se enganava.

A' meia noite, chegava a morte.

Ao presentil-a, chamou o dr. Carlos Frederico, pediu que transmittisse alguns recados que deu-lhe para a familia e varias vezes acrescentou :

— « Mande dizer a meu pae que eu sempre soube respeitar o seu nome. »

E expirou.

Mais 7 marinheiros, dos feridos, n'aquella casamata, succumbiram.

Mariz e Barros era filho do bravo vice-almirante Joaquim José Ignacio que, mais tarde, tambem veremos á frente da nossa esquadra em operações.

A sua morte foi muito sentida mesmo no rio da Prata, e a imprensa, narrando o terrivel desastre, cobriu a memoria do bravo dos maiores louvores.

Na vespera de morrer, no dia 26, quando elle bombardeava o forte de Itapirú e respondia o fogo de uma *chata*, disparou sobre esta um tiro certoiro que produziu a explosão do paiol, voando ella em pedaços.

Os nossos officiaes e marinheiros expunham-se muito e constantemente, já nas explorações, já nas sondagens e reconhecimentos que faziam, quer em botes, e escaleres, quer nas canhoneiras e nos proprios couraçados.

Havia um luxo de bravura, de coragem.

Até o ministro Octaviano, a bordo do vapor *Cysne*, parecia sentir prazer em submeter-se ás commoções produzidas pelos canhoneços e granadas que, silvando pelos mastaréos, pareciam mãos de ferro tangendo rapidamente o cordame do seu pequeno navio.

Ainda em um reconhecimento que teve lugar no dia 22 de Março, feito pelo almirante e generaes Mitre, Osorio e Flores até o passo de Jaquary, seguiu o *Cysne*, com o ministro, entre o *Api*, *Tamandaré*, *Beberibe* e *Henrique Martins*, e soffreu fogo de uma *chata* que, felizmente, não o attingiu.

O *Brasil*, com um tiro, pôz fóra de combate a guarnição d'essa *chata*.

Dous dias antes da lamentavel catastrophe na casamata do *Tamandaré*, no dia 25 de Março, anniversario do juramento da Constituição, o almirante convidou ao ministro, aos generaes e seus estados-maiores para um banquete a bordo do navio-chefe, o *Api*.

Durante elle, as balas cahiam ao lado do costado do navio, cobrindo de agoa a coberta, até que uma varou-o, na altura do paiol de mantimentos, causando alli grandes estragos.

Os convivas estavam imperturbaveis : comiam, faziam brin-des, como se estivessem tranquillamente ancorados em um porto amigo.

Essa bala, porem, parece ter querido pôr termo á festa, indo estragar o paiol d'onde certamente sahia grande parte dos manjares de que se constituia o *menu*.

Foi em vão ; o banquete continuou.

Logo após o desastre no *Tamandaré*, foi preciso reorganisar a guarnição d'esse navio, feito o que, deu o almirante o commando ao bravo capitão-tenente Elisiario Barbosa, até então commandante da *Meirim*.

Os nossos canhões, quer os dos navios, quer os do exercito, tinham começado a preludiar com sua voz atroadora a serie de duellos de artilharia que por annos abalou a atmosphaera d'aquellas longinquas paragens.

Assim, a 28 de Março, uma bateria em Corrales, na margem esquerda do Paraná, de peças raiadas de 12 e de morteiros de 10 pollegadas, auxiliava a esquadra, arremessando os seus projectis no campo inimigo.

O tenente-coronel José Carlos de Carvalho dirigia o fogo.

Não se via o vapor inimigo *Gualeguay*, porque no dia 24, com um balasio na proa e outro na machina, deu por completa a sua belicosa missão.

Apesar do fogo violento de Itapirú, dos canhonaços das chatas e do vapor *Gualeguay*, enquanto não se invalidou, isto é, até o dia 24 de Março, apenas tivemos 2 feridos na esquadra.

A grande infelicidade occorrida na casamata do *Tamandaré*, no dia 27, foi devida a um acaso, pois, do lugar em que estava o canhão inimigo era impossivel descobrir o vão por onde penetraram os dous projectis.

O mez de Março ia findar, assignalando-se com certa actividade.

No dia 29, pela madrugada, o tenente-coronel Carvalho e varios engenheiros, acompanhados de 80 praças de infantaria, procederam a um reconhecimento em um grande *banco* ou ilha que fica em frente ao forte Itapirú. Desembarcaram ali e a examinaram detidamente.

Na noite do dia seguinte, aprisionou-se uma *chata* e um bote. Este vinha rebocando aquella machina de guerra, tripolada por 40 homens, navegando, para não ser descoberta, á sombra da margem do rio, quando os escaleres de ronda da 2.^a divisão, estacionada nas Tres-Boccas, perceberam o inimigo e abordaram-no.

Os paraguayos, porem, não esperaram a abordagem: atiraram-se á margem, fugindo todos.

Em principio de Abril a esquadra continuava em seus trabalhos de explorações e sondagens, apesar do inimigo, sempre vigilante, procurar impedil-os com a sua artilharia grossa.

No dia 3, os couraçados *Tamandaré*, *Bahia* e as canhoneiras *Henrique Martins* e *Chuy* levaram as suas sondagens até acima do forte de Itapirú, explorando o canal da ilha, enfrente ao grande acampamento do Passo da Patria, apesar dos canhoneiros inimigos.

Até então, os generaes nada haviam assentado a respeito do ponto por onde se devia invadir o paiz inimigo, transpondo o Paraná.

O general Flores não achou, como vimos, conveniente por Itati, porque, entre outras difficuldades que observou, ali tambem só podiam chegar embarcações de pequeno calado.

Não sabemos porque razão o general em chefe delegou ao general Flores a missão de reconhecer aquelle ponto, quando se tratava de operação tão séria, tão grave, como a de invadir a terra inimiga.

Desde a mais remota antiguidade, em face de operações de tal magnitude, nenhum general em chefe confiou a outrem taes reconocimentos.

Tinhamos embarcações de sobra de pequeno calado que, em poucas horas, levariam até alli parte das forças invasoras, e outra parte podia facilmente marchar pela margem correntina, até o ponto em que devesse transpôr o rio.

Os navios de grande calado tinham muito que fazer, empregados em demolir o forte Itapirú e bater o acampamento do Passo da Patria á canhoneiros: e, a occasião mais opportuna era justamente quando se tivesse de operar a passagem, que n'aquelle ponto podia ser realisada até á noite.

Por mais habil que seja qualquer general, nunca o commandante em chefe deve delegar-lhe incumbencia que só a si mesmo compete. Mitre, procedendo como procedeu, não devia nem podia ficar convencido das difficuldades da passagem por aquelle ponto.

pelas razões allegadas pelo general da vanguarda ; tanto mais que, na qualidade de general em chefe, elle devia conhecer os immensos recursos que tinham então alli o exercito e a esquadra do Brasil.

O forte de Itapirú continuava em principios de Abril, como vimos, a despejar os seus canhões sobre a nossa esquadra. Esta não parecia apressar-se de vê-lo de todo arrazado ; assim, com os seus muros de pedra já meio demolidos, elle respondia o fogo que, a longos intervallos, lhe enviava a possante artilharia de alguns dos nossos navios.

A ilha ou *banco* de que já falámos, que recebeu o nome de ilha da Redempção, conhecida tambem por ilha do Carvalho, e ainda por ilha do Cabrita, era denominada pelos paraguayos banco de Itapirú.

Quando a 29 de Março, o tenente-coronel Carvalho e os engenheiros a reconheceram, ella estava coberta de macega bastante alta. Ahí, na noite de 5 para 6 de Abril desembarcaram 900 brasileiros, sob as ordens do tenente-coronel d'artilharia Willagram Cabrita.

D'essa força, apenas 100 praças eram de linha, do batalhão d'engenheiros e bem assim as guarnições de 4 canhões La-Hitte, calibre 12 e de 4 morteiros.

O chefe da comissão d'engenheiros tenente-coronel Carvalho, com os seus ajudantes André Rebouças, Jeronymo Jardim, Alvaro d'Oliveira, Thomé Salgado e Bernardino Madureira, á frente do pessoal d'aquelle batalhão, collocaram 2 baterias fazendo frente ao forte Itapirú e construíram trincheiras para abrigo da infantaria e das guarnições dos canhões.

A força do batalhão d'engenheiros estava sob o commando de Amorim Bezerra ; os morteiros sob o de Tiburcio Ferreira de Souza, e os outros canhões, ás ordens de Francisco Antonio de Moura, todos capitães.

A ilha ficou, como uma pequena praça de guerra, artilhada o regularmente entrincheirada na face fronteira ao inimigo.

O tenente-coronel Willagram Cabrita era o commandante da posição.

Já vimos que pequeno era alli o pessoal de linha : a maioria da força se constituia de voluntarios da Patria, 7.º batalhão de São Paulo, ás ordens do tenente-coronel Pinto Pacca, e do 14.º provisório d'infantaria, formado de guardas nacionaes do Rio de Janeiro, e alguns voluntarios nortistas. Esse batalhão era commandado pelo major Martini.

Junto á ilha, de protecção, ancoraram os couraçados *Bahia*, *Tamandaré*, e as canhoneiras *Henrique-Martins*, e *Greenhalg*.

A ilha pertencia ao Paraguay.

Foram aquelles bravos, que já citámos, os primeiros soldados da alliança que acamparam em terra paraguaya.

Quando o dia despontou, a bandeira brasileira tremulava nas trincheiras, erguidas durante a noite ; e frente a nossa bandeira, no forte Itapirú, a bandeira paraguaya.

Quando os clarões do dia permittiram devisar bem o forte do adversario, as duas baterias da ilha trovejaram e arremessaram-lhe granadas certeiras.

A infantaria, por sua vez, crepitava, e milhares de balas d'espingarda cahiam sobre os muros, já meio arrazados de Itapirú, pelos canhões da esquadra.

Ahi, desde o dia 30 de Março, apenas existiam 2 canhões de 68, que immediatamente contestaram os canhoneiros brasileiros.

Bruguez, que estava no forte, collocou na margem do rio mais um canhão de 68 junto aos muros e, com outro de uma *chata* que se achava proxima, respondia ao nosso bombardeamento.

Os officiaes de marinha Ortiz e Gill, que já vimos na esquadra paraguaya, dirigiam os canhões do forte ; o sargento Morinigo, o da *chata*.

As baterias da ilha não folgavam muito ; trabalhavam dia e noite, completando o arrasamento do forte.

Malta-se, d'este modo, o tempo á espera da hora em que teriamos de transpôr o Paraná.

No dia 5 seguiu outra expedição, Paraná acima, para examinar e reconhecer de novo se havia possibilidade de se invadir n'altura de Itati ; mas, como no primeiro reconhecimento, o general em chefe deixou-se ficar tranquillamente no acampamento.

Realmente é extraordinario esse modo de commandar em chefe !

Tudo se delega e guarda-se uma inercia bysantina !

Esse reconhecimento foi confiado ao general Hornosque comsigo levou alguma tropa nas canhoneiras *Itajahy*, *Henrique Martins* e *Greenhalg* e nos vapores argentinos, dispensados de combater, *Charabuco* e *Buenos-Ayres*, sob as ordens, todos elles, do chefe Alvim.

Hornos chegou até acima de Itati, cerca de 13 kilometros ; desalojou uma guarda inimiga que se achava postada em frente á Lengua-Paso, e voltou com sua expedição, como Flores, allegando só poder chegar por alli uma flotilha de barcos de pequeno calado.

O marechal Lopes não quiz que d'esta vez se voltasse sem alguma opposição.

Assim, ao chegar a expedição em uma ponta da ilha de Sant'Anna, o ajudante de ordens do marechal, official bravo e de sua inteira confiança, Julian Godoy, recebo-a com o fogo de uma bateria de campanha, de algumas estativas de foguetes de guerra, e com o de 200 infantess ; felizmente, apezar de todo ruido d'aquelle fogo, apenas o *Greenhalg* foi atingido por uma bala de canhão, que lhe fez pequenas avarias.

Os nossos navios metralharam o inimigo de passagem.

A 8 de Abril, o forte de Itapirú estava em ruínas ; mas, apesar de já por duas vezes as nossas balas terem feito vôar em estilhaços o mastro da bandeira paraguaya, ainda sobre aquelle montão de pedras tremulava outra, em novo mastro que alli fôra collocado.

Pela 3.^a vez, um tiro da nossa bateria da ilha, n'esse dia, espedaçou mastro e bandeira, cujos fragmentos voaram.

No dia seguinte, 9, o almirante mandou render os navios pela *Itajahy* e *Belmonte*, ficando o *Tamanduré*. Arrasado agora o forte, o inimigo respondia o nosso fogo com o de seus canhões, assestados na margem.

O general Ozorio quiz tambem mandar render a guarnição da ilha, prostrada de cansaço e de insomnia ; mas, os bravos pediram para alli permanecerem.

O general fez-lhes a vontade ; mas, contrariado, porque nunca concordou em que se occupasse semelhante posição, e com toda razão.

Para que fim alli se collocaram aquellas baterias ?

A intenção foi de destruir o forte de Itapirú ; mas, para isso tinhamos os nossos navios que já haviam começado a demolil-o.

Agora só restam d'elle, as ruínas ; entretanto, o inimigo continúa o fogo com baterias collocadas á margem do rio.

Se a occupação da ilha, com suas baterias, fosse para proteger a nossa passagem para o territorio inimigo, ainda assim ella era dispensavel, pela mesma razão de possuirmos a possante artilharia dos nossos vasos de guerra.

O general Ozorio assim pensava e por isso viu com repugnancia a idea d'aquella occupação, e acrescentava mais, que, occupada a ilha, o facto podia arrastar os alliados á uma batalha geral, obrigando-os a atravessar o rio, sem que, contudo, para tal operação, já estivesse prompto o exercito argentino.

Esta ultima consideração não tem realmente muita força ; porque, não vemos que circumstancias se podessem apresentar que nos coagissem a um conflicto, em que se empenhasse todo exercito alliado ; mas, na guerra não se deve ser prodigo nem do sangue, nem de cousa nenhuma.

Só se deve gastar, o que fôr rigorosamente necessario, e alli gastava-se muita munição sem vantagem correspondente.

Esta verdade ; esta razão poderosa condemnava absolutamente a occupação da ilha, e, é pena, que Osorio, apesar da idéa ter sido perfeitamente acolhida pelo general em chefe Bartholomeu Mitre que, entretanto, não mandou para ilha um só de seus soldados ; não tivesse feito prevalecer o seu prestigio para que tal occupação não se realisasse.

Mas, disseram-lhe que depois do reconhecimento alli feito, convinha quanto antes, realisar-se a occupação para que o inimigo

não nos tomasse a dianteira ; e, com esse absurdo e outros raciocínios extravagantes, conseguiu-se collocar alli as baterias e uma guarnição.

O marechal Lopes mostrou-se, na offensiva, ao iniciar-se a campanha, pela ambição de gloria, desejo de vêr o mundo preoccupar-se com elle ; muito inhabil, até á insensatez ; porem, na defensiva comquanto ainda não tivesse dado provas de sua capacidade, era inadmissivel que se lembrasse de occupar uma posição que podia ser contornada e varrida á metralha pelos nossos navios, como pensam muitos estudiosos.

Emfim, se para o marechal Lopes aquelle *banco* tivesse qualquer vantagem, não parece muito aceitavel que elle desistisse d'elle em beneficio dos alliados, seus inimigos.

O marechal resolveu entretanto acabar com os seus adversarios que alli estavam, não para occupar a posição ; mas para provar que impunemente não se pisava o solo paraguayo, tanto mais que aquelles que a isso se tinham arrojado, eram brasileiros e, por consequencia, os inimigos mais timíveis, já pelo numero, já pelos seus inextinguíveis recursos.

Sobre elles, pois, concentravam-se todos os seus odios, e assim, resolvem passar a fio de espada aquella guarnição, atacando-a de surpresa.

A noite de 9 para 10 de Abril foi muito escura e fria.

Desdo que escurecen, um manto de neblina cobriu a ilha e suas immedições, e tão espesso, tão denso era elle que as sentinellas, collocadas proximas umas ás outras, nem sequer se podiam distinguir.

São estas as noites mais propicias para as surpresas, porque sempre se julga que o inimigo está descuidado ; que as sentinellas e vedetas, entorpecidas pela acção que taes noites exercem no organismo, estão envolvidas, embuçadas em seus capotes ; que não vencem o somno que, pouco a pouco, as parece magnetisar e, afinal, as prende de todo em seus braços, para despertar-as aos golpes do ferro inimigo.

O marechal Lopes escolheu 3.266 homens de plena confiança e nadadores insignes, em sua maioria, para assaltar e surprender a guarnição da ilha.

O commando d'essa força foi confiado ao coronel Diaz, depois general. Elle devia ficar em Itapirú, com 2.000 homens de reserva, e fazer embarcar 1.266 sob o commando de Leonardo Rivero, com os tenentes Matteo Romero, Pablo Carrero, Mariano Bordon e outros, como auxiliares.

Com effeito, Diaz cumpriu as ordens e ás 3 horas da madrugada embarcou a gente, recommendando que, caso as nossas sentinellas a presentissem, antes de entrar ella nas trincheiras, erguesse vivas ao imperador do Brasil, ao exercito alliado, para fazer crer

que era uma força amiga ; uma vez, então, dentro da fortificação, a ordem era passar toda guarnição a fio d'espada.

A expedição avançou, em canoas, vagarosamente e sem ser presentida, envolta nas brumas da noite ; os remos dos canoeiros suavemente apenas tangenciavam a superfície das agoas ; nada se ouvia.

O repouso e o silencio pareciam absolutos.

O inimigo desembarcou ; amarrou as canoas á beira das praias da ilha e, então, avança como um bando de tigres, occultando-se no macegal, cautelosamente agachado, certo de surprender aquelles que elle pensa em breve estrangular em suas garras afiadas.

Mas, por mais cauteloso que o inimigo avance, a macega que elle amassa sob os pés, perturba o silencio da noite com os seus estalidos.

Sem o ruido do grasnido dos ganços do Capitolio, o estalido do macegal impressiona algumas sentinellas.

— *Quem vem lá ?!* Bradam algumas apontando as armas.

— *Sentinella alerta !* Gritam outras em um ou outro ponto das trincheiras.

— *Vira o imperador do Brasil !* Responde o inimigo ; mas, as sentinellas não se deixam cair na armadilha e um grito unisono se ouve immediatamente.

— *A's armas !* Esse grito é seguido de um jorro de fogo que sahe das nossas espingardas e dos 4 canhões.

Então segue-se um espantoso tumulto.

O inimigo avança erguendo vivas que se reúnem ao estrepito da fuzilada, ao ribombo dos canhões e silvo da metralha.

Muitos paraguayos estão já nos fossos ; os que conseguem subir os *parapetos*, cahem mortos, rolando pelo *talude exterior*.

A's nossas primeiras descargas cerradas succede um fogo por filas, intermeiado de metralha, depois que o inimigo foi repellido na primeira investida.

Elle abriga-se na macega, onde deitado ou agachado, fuzila os defensores das trincheiras.

A' praia abordam mais canoas com reforços para o inimigo que investe de novo e é repellido ainda uma vez.

Os ares estrugem com os vivas ao marechal presidente Lopes. O ataque não arrefece.

A' cada viva que ergue o inimigo, segue-se mais uma investida.

A cerração, a nevoa, como que aquecida pelo fogo do combate ; rota pelo ferro e pelo chumbo que vòam pelos ares, afasta-se, enovelada com os bulhões de fumo das espingardas e canhões, e, assim, a guarnição pode distinguir os assaltantes, aos primeiros albores do dia.

No campo alliado tudo está em armas ; ouve-se alli o echo estrepitoso do canhão e o crepitar incessante da fuzilaria.

Osorio prepara reforços para acudir á ilha porque vê logo que é alli o theatro da lucta.

O inimigo, varias vezes repellido, procura convergir todos os seus esforços para a direita, e, por consequencia, o conflicto n'esse ponto vae encarniçado e sangrento.

O 7.º batalhão de São Paulo, de Voluntarios da Patria, e o 14.º provisório cobrem-se de gloria !

Ahi está Willagram Cabrita, o commandante da ilha, dirigindo a defeza ; na nossa esquerda está Tiburcio Ferreira de Souza ; no centro, Eudoro de Carvalho.

O inimigo bate-se como heróe, ou antes como peleja o fanatico !

Debalde á cada canhonaco, á cada descarga das espingardas, a morte o envolva, o faça redemoinhar, o lance por terra, tingindo com seu sangue o macegal ; aquelle que sobrevive, avança, recua, investe de novo, cabe, levanta-se, pelejando sempre, como se a senha fosse não sobreviver ninguem á derrota !

A's vezes, do meio d'elle, sóbe ao ar um foguete.

E' signal para vir mais reforço.

A esquadra tambem ouve o rumor da sangrenta contenda.

As canhoneiras *Henrique Martins*, *Greenhaly* e *Chuy* que se acham na vanguarda da esquadra, apressadamente accendem as fornalhas, com as guarnições a postos

Apenas têm vapor sufficiente, dirigem-se aquelles trez vasos de guerra até o navio do commandante da vanguarda e expõem-lhe que a ilha foi atacada e que urge partir em protecção á guarnição.

O commandante responde que convem para isso ordens do almirante ; mas, o tempo corre e primeiro que se vá receber ordens, a situação dos defensores da ilha pode tornar-se irremediavel.

E então, para que serviam aquelles navios da vanguarda e proximos á ilha, senão para auxilio em taes situações ?

O commandante Jeronymo Gonçalves, da *Henrique Martins*, assumiu a responsabilidade de partir em protecção á ilha, sem ordens, acompanhado da *Greenhaly* e *Chuy*, commandadas por Marques Guimarães e Córtez. Apenas a cerração permittiu navegar, lá seguiram as trez canhoneiras.

O almirante, ha muito tempo, para economisar munição, ordenára que não se dêsse um tiro sem sua permissão ; mas, a sua mente nunca cogitou na hypothese de ser a ilha atacada.

O general Osorio havia ordenado que um batalhão estivesse sempre prompto á noite, na margem do rio, para partir em protecção no caso de ataque.

Elle está impaciente, lembrando-se que talvez a guarnição tivesse sido atacada por forças superiores ; mas, confia que o bravo

12.º batalhão de linha que n'essa noite estava de *promptidão* na margem do rio, já esteja desembarcando nas praias da ilha.

Não obstante, dá ordens para seguir novos reforços.

Na margem do rio estão milhares de espectadores, anciosos, offegantes, à espera que surja o dia e illumine as paragens do combate que se divisa, no meio da escuridão da noite, como um volcão incandecente.

Osorio resolve sempre saber se todo 12.º d'infantaria já havia embarcado, pois dera ordem de ficarem, á noite, 6 canoas promptas para qualquer emergência.

O general passa por uma terrivel decepção !

Nenhuma companhia havia seguido para a ilha porque as canoas não tinham então remos !

A fuzilada diminuia na ilha e os canhoneiros só se ouviam a intervallos cada vez maiores.

De quem será a victoria ?

Era a pergunta que entre si faziam os milhares de espectadores esparsos pela margem do Paraná.

O facto, porem, da fuzilada e canhonada diminuir de vigor não indicava o termo da lucta.

E' que agora trabalha a bayoneta e a machadinha.

Depois dos assaltantes terem sido dizimados pela espingarda o pelo canhão, Cabrita resolve fazer uma sortida que deve completar a derrota.

Os soldados de engenheiros, além do sabre-bayoneta, têm cada um uma machadinha e para não perder tempo em armar nos mosquetões os seus sabres, ordena Cabrita que aquellas praças coadjuvem, mesmo com aquella arma, a carga que elle vai ordenar ao 7.º e 14.º.

Cabrita manda tocar então : *carregar !*

Os nossos officiaes e soldados deixam as trincheiras e ennovellam-se com o inimigo.

O sabre, a bayoneta, a machadinha, a faca e até a navalha, abrem medonhos ferimentos e produzem ou a morte immediata ou inutilisam o adversario para a continuação da lucta; e, nesse conflicto, a voseria, os gritos, os vivas, as acclamações dos nossos, misturam-se com as imprecações de odio do inimigo.

D'este, uma parte procura escapar ao ferro, fugindo em direcção ás praias para se retirar ou a nado, ou nas canoas.

Debalde chegam n'esse momento novos reforços.

Elles não podem desembarcar porque os nossos trazem adiante de si os sobreviventes que ainda luctam e arrojam-os á praia, d'onde, como os fugitivos, procuram escapar.

Diaz perde então a esperanza de restabelecer o combate em condições vantajosas e, pelas cornetas e signaes que manda fazer, da margem paraguaya, ordena a retirada para Itapirú.

Das praias da ilha os nossos fuzilam os nadadores, e os que se retiram nas canoas.

Para cumulo de infortunio do inimigo, chegam as trez canhoneiras, com os seus commandantes no *passadico*.

O *porta-róz* está em punho.

Então o quadro foi medonho !

As canhoneiras perseguem as canoas, metralham e fuzilam os fugitivos.

O rio está cheio de mortos e feridos.

Jeronymo Gonçalves, na *Henrique Martins*, no ardor da lucta, chega á margem paraguaya, onde é recebido por um terrivel fogo de metralha e fuzilaria ; mas, não pensa nos perigos de se submergir ali ; avança sempre perseguindo um bando de canoas que pensa lograr escapar ; alcança o, mette a prôa em cima de algumas e as despedaça ; esmaga outras debaixo das rodas, feito o que, enveredada pelo canal que existe entre a ilha de Itapirú e a margem, canal ainda não explorado, e anniquila tudo que encontra !

Na superficie das agoas fluctuam, á par dos mortos e feridos, os fragmentos de muitas canoas.

A guarnição da ilha estava coberta de gloria : havia adquirido uma brilhante victoria.

A lucta tinha começado as 3 1/2 horas da madrugada e terminado as 7 horas da manhã.

A canhoneira *Henrique Martins* voltou para dar parte ao almirante de sua expontanea missão e pedir para encalhar porque estava com o costado, abaixo do lume d'agoa, varado por balas de 68 ; os quartéis de prôa e pôpa cheios d'agoa : ia afundar-se.

Recebida a ordem de encalhar, o bravo commandante a executou, salvando assim esse navio que, sob seu commando, durante a guerra, adquiriu justa e brilhante celebridade.

Marques Guimarães, na *Greenhalg*, o Còrtez, na *Chuy*, participaram dos louros do triumpho.

Não se pode descrever a alegria no campo alliado quando a claridade do dia deixou vêr a gloriosa bandeira da nossa patria tremulando nas fortificações da ilha.

Foi um dos dias em que sinceramente os nossos alliados, apesar de não terem tomado parte na refrega, senão de longe, com os seus bons desejos pela nossa victoria, se mostraram entusiasmados ante o heroismo dos nossos soldados.

Logo depois de repellido o inimigo, varios officiaes, entre elles, o bravo tenente-coronel Carvalho, chefe da commissão d'engenheiros, acompanhados de piquetes, percorreram a ilha para vêr se descobriam feridos paraguayos ou alguns que se tivessem escondido.

Acharam 62, e d'estes apenas 16 não estavam feridos.

O chefe Romero escondera-se, com 4 companheiros ; ao sentir, porem, a aproximação dos piquetes, apresentou-se pedindo a nossa generosidade.

Não estava ferido.

Tanto elle, como os companheiros, foram perfeitamente tractados.

Entre as trincheiras e a praia haviam 640 cadaveres dos inimigos ; mas, a carnificina não parou ahi, pois, como vimos, ella continuou nas agoas com a chegada das 3 canhoneiras.

Entre os cadaveres que se acharam na ilha, estavam os dos commandantes Leonardo Rivero e o de Mathias Vargas.

No rio, encontraram-se canôas cheias de mortos e feridos que foram apanhadas pela esquadra, e ainda dias depois, viam-se muitos cadaveres boiando na superficie das agoas. Muitos fugitivos foram a nado apresentar-se aos nossos navios.

Ficaram em poder da guarnição 800 espingardas ; muitas espadas e pistolas, muito equipamento e munição, alem de 30 canôas, em bom estado.

D'essa sangrenta aventura á que expôz o marechal Lopes os seus heroicos e fanaticos soldados, muito poucos conseguiram voltar a Itapirú.

Nós tivemos 449 homens fóra de combate, entre elles 49 mortos. N'estes ultimos estão comprehendidas algumas sentinellas avançadas que foram sorprendidas.

Apesar da terrivel derrota, o inimigo não se acobarda ; pelo contrario, enfurece e bombardea com frenesi.

As duas peças de 68, de Ortiz e Gil, postadas nas ruinas de Itapirú, auxiliadas por 2 baterias de campanha, sob as ordens de um capitão de nome Hermosa, assestadas em trincheiras levantadas junto áquellas ruinas e, perto das quaes, tambem meio escondida, está a *chuta* do sargento Morinigo ; trovejam os seus canhões sobre nós.

As baterias da ilha e os navios que alli estão, respondem energicamente.

A' 4 hora da tarde vem um acontecimento enlutar o exercito.

O heroe do dia, o tenente-coronel Willagram Cabrita, o major Sampaio, que tinha vindo á ilha felicitar Cabrita pelo seu esplendido triumpho ; o tenente Carneiro da Cunha e alferes Woolf, estavam em uma *chuta* atracada á mesma ilha.

Cabrita esperava concluir a parte do combate para depois tomar uma refeição com esses companheiros.

Um tiro de um dos canhões, postados nas ruinas de Itapirú, lança uma granada no meio d'esses officiaes, justamente depois de Cabrita concluir a parte da refrega em que se immortalisára.

Uma nuvem de fumo os envolve e se dissipa para deixar ver o valoroso heroe da jornada já cadaver, coberto de sangue, e ao lado d'elle o do major Sampaio, seu amigo que o tinha ido felicitar!

Carneiro da Cunha e Woolf estavam gravemente feridos. Woolf expirou momentos depois.

A perda de Cabrita e Sampaio foi profundamente sentida. Estes dous distinctos officiaes tinham sido tambem, como fôra Porto Carrero, instructores do exercito paraguayo.

Foi uma infelicidade que veio ferir o exercito no meio de suas alegrias. Todo prejuizo do inimigo, quando elle fosse muito maior ainda, não compensava a perda d'estes dous homens.

Ao saber d'esse desastre, o general Osorio havia de arrepen-der-se de não ter insistido pela não occupação da ilha. Depois d'esse lamentavel desastre acrescentava-se que com as baterias collocadas na ilha, procurava-se distrahir a attenção do inimigo do verdadeiro ponto do nosso desembarque, no momento da invasão, ou, o que é o mesmo, procurava-se fazer crer que era por Itapirú a nossa passa-gem.

Isto não justifica, porque para tal fim tambem serviam os nos-sos navios.

A' tarde d'esse mesmo dia, uma bala nossa destruiu a chata do sargento Morinigo.

A ilha ficou conhecida pelos nomes de ilha do Cabrita, da Re-dempção, e do Carvalho.

Nos dias 11, 12 e 13 a canhonada continuou energica, vigorosa.

Um estilhaço de uma granada do couraçado *Tamandaré* matou o celebre sargento Morinigo, cuja *chata* já havia sido destruida, como dissemos; alguns tiros ainda desmontaram e inutilisaram va-rios canhões das baterias de Hermosa que viu-se obrigado a bater retirada.

Tambem na nossa bateria da ilha, uma bala inimiga de 68, inu-tilisou um dos canhões.

O ardor do inimigo moderou-se; assim é que, nos dias 14 e 15, só Gil e Ortiz, cada um com o seu canhão contestava o nosso fogo.

E' pena que não se possa consultar os documentos paraguayos, tão cheios são de inverdades, de exageros e falsidades.

N'aquelle tempo só se escrevia sob as inspirações do marechal Lopes.

Ha um impudor revoltante na narração dos acontecimentos.

As mais estrondosas derrotas, são nos documentos officiaes, triumphos, victorias esplendorosas que salientam a alta capacidade militar do marechal Lopes, superior a de Annibal, Scipião, Cesar e Bonaparte.

Parece incrível que o marechal Lopes, que á final era homem intelligente, instruido, consentisse em hyperboles tão ridiculas e vergonhosas que attrahiam a zombaria do mundo sobre sua pessoa.

Elle foi no jornal official comparado até a Jesus Christo !

Muito pode o servilismo e a escravidão de um povo !

O marechal fez publicar que as suas tropas tinham tomado a ilha e exterminado os defensores ; mas, chegando grandes reforços do exercito alliado e não sendo sua intenção conservar aquelle *banco* mandou retirar os seus soldados, tendo tido perdas insignificantes.

Agora, parece que realmente se approxima a hora da invasão.

Na tarde de 15 de Abril subiu o rio Paraguay o capitão-tenente Mamede Simões da Silva, com o tenente-coronel Carvalho, para ver algum ponto para o desembarque.

N'essa commissão seguiram as 3 canhoneiras *Magé*, *Icahy* e *Araguay*, e, de volta, declararam aquelles officiaes que o melhor ponto era a barranca da margem esquerda, na embocadura d'aquelle rio.

Ainda o general em chefe delegou a outros tão transcendental assumpto !

Todo exercito estava prompto na margem do rio Paraná.

Reinava o maior enthusiasmo.

O almirante deu as suas ordens para a importantissima operação da passagem que ia realisar-se, na madrugada de 15 para 16.

Era assumpto, então, das conversações a seguinte ordem do dia do general em chefe :

« O general em chefe dos exercitos alliados. Recommenda-se á consideração dos exercitos alliados, do Imperio do Brasil, do Estado Oriental e da Republica Argentina, o comportamento brilhante e valoroso da guarnição da ilha e da bateria em frente ao Itapirú na madrugada do dia de hontem. Esta guarnição, composta em sua totalidade de forças do exercito brasileiro, do 7.º Corpo de Voluntarios da Patria e do 14.º batalhão de linha; soldados novos em sua maior parte, e de 100 engenheiros, com os artilheiros que guarneciam as peças, rechassou triumphantemente e com o maior vigor e denodo, fazendo uma sortida, o ataque que lhe levou o inimigo, na madrugada de 10, em numero superior, obrigando-o a deixar no campo cerca de dous terços de seus soldados mortos e precipitando o resto nas agoas do Paraná, onde, em sua maior parte, encontrou a morte, debaixo dos canhões da esquadra brasileira que tão digna e efficazmente, contribuiu para o complemento d'este triumpho.

« Mais de 800 espingardas do inimigo, deixadas no campo, ao lado de 650 cadaveres e pouco mais ou menos 200 afogados, 60 canoas, grande numero de munição e 62 prisioneiros, entre elles, o chefe da expedição, são os traphêos d'essa victoria tão gloriosa para o exercito brasileiro e cuja gloria reflecte em honra das armas alliadas.

« Honra e gloria aos valentes da ilha em frente a Itapirú !

« Honra e gloria ao mallogrado tenente-coronel Cabrita que dirigiu com tanto acerto como energia esse brilhante feito d'armas e succumbiu em seu posto, escrevendo a parte de sua victoria, assim como ao major Sampaio que o acompanhou em seus perigos e em sua gloriosa morte ! — *Mitre*. — Quartel General no Passo da Patria, Abril, 11 de 1866. »

Tal foi a ordem do dia com que o chefe annunciou ás forças, a gloriosa refrega, na ilha do Cabrita ou da Redempção.

A occupação da ilha, em uma palavra, serviu somente para pôr em relevo o valor de um punhado de brasileiros.

Para nada mais.

Felizmente, o inimigo não atacou pela rectaguarda que se achava completamente aberta, nem pelos flancos, inteiramente sem apoio.

A trincheira enfrentava apenas com Itapirú.

Se o ataque tivesse tido logar por aquelles pontos, a guarnição succumbiria sob os golpes da superioridade numerica.

Quando chegassem reforços, a missão d'estes seria o triste e piedoso serviço de sepultar os cadaveres dos nossos bravos, porque, não querendo o inimigo assenhorear-se da posição, para n'ella permanecer, concluiria a sua tarefa e se retiraria, apenas assassinasse o derradeiro soldado.

CAPITULO V

SUMMARY.—Passagem do exercito alliado — Combates de 16 e 17 de Abril — O inimigo retira-se para o Estero Bellaco. — Combate de 2 de Maio. — Batalha de 24 do mesmo mez. — Inqualificavel inercia dos vencedores. — O inimigo bombardêa o nosso campo. — Osorio retira-se doente. — General Polydoro Jordão. — Combates de 16 e 18 de Julho. — A Esquadra. — A imprensa platina.

A alliança representada por 42.200 combatentes aguarda o momento de transpôr o rio Paraná para afinal pisar a terra inimiga, da qual apenas uma pequena porção, a ilha Cabrita, está em nosso poder.

O marechal Lopes, com uma fracção de seu exercito, superior a 25.000 homens, com 60 boccas de fogo, fortemente entrincheirado em seu acampamento do Passo da Patria, e, ainda mais, defendido por mattas e banhados ; pensa poder repellir a invasão do territorio de sua patria que está eminente.

Vai tomar parte nas operações da passagem do exercito alliado a esquadra brasileira, representada por 27 vasos de guerra, com 406 boccas de fogo, e, entre elles, destacam-se os couraçados *Brasil*, *Bahia*, *Tamandaré* e *Barroso*.

Essa frota respeitavel é ainda auxiliada por 7 navios a vapor, de transporte, fretados, como já dissemos em outro lugar, pelo governo brasileiro.

D'aquelles 42.200 combatentes, 29.600 são brasileiros ; os argentinos estão representados por 11.000 homens e os orientaes por 2.200 ; mas, o total das forças brasileiras, no momento da invasão orça em 38.000 soldados.

Temos tropas destacadas nos navios, e abatidas estas, os doentes e empregados, restam-nos 29.000 compatriotas que anciosos aguardam a hora de seguir o rumo que lhes assignalar a espada gloriosa do general Osorio.

Este, proclama, pouco antes da operação da passagem, ás suas tropas, finalizando com estas palavras, depois de lembrar que o paraguayo desarmado ou pacífico é sagrado para um exercito composto de homens de honra e de coração :

« Ainda mais uma vez, mostrem ao mundo que as legiões brasileiras, no Rio da Prata, só combatem os tyrannos e fraternizam com os povos.
« Avante, soldados ! »

Para proteger as tropas de desembarque que poderiam ser hostilizadas pelo fogo de artilharia e fuzilaria da margem inimiga ; ao longo d'esta, estenderam-se em batalha, na manhã de 46 de Abril, os coraçados *Brasil, Bahia, Tamandaré, Barroso* e as canhoneiras *Magé, Itahy, Igutemy, Ipiranga, Araguay, Greenhalg, Chuy, Parnahyba, Mearim, Belmonte, Itajahy, Henrique Martins* e 2 *chittas*.

La começar a passagem, a verdadeira campanha, pois, todos os acontecimentos anteriores, se nos afiguraram, depois, o prefacio, o prologo d'essa extraordinaria tragedia que recebeu o nome de campanha do Paraguay.

O inimigo, apesar d'aquelles preparativos, não mostra abalar-se.

Das ruinas do forte de Itapirú, ás 7 horas da manhã, rompem os canhões vivo fogo contra as baterias da ilha do Cabrita ou da Redempção.

Esta contesta com uma canhonada ardente, vigorosissima.

N'esse momento, 8 vapores, levando a reboque chatas, balsas e pontões, transportam os nossos bravos para a terra inimiga.

Aonde será o ponto de desembarque ?

No campo inimigo, varrido pela metralha e granadas dos nossos vasos que protegem a operação, não ha receio ; mas uma ardente, febril anciedade, pois, procura-se com o olhar atravessar o véo espesso do fumo dos canhões que difficulta ver-se a direcção da frota.

O inimigo, por momentos, acredita que é no *passo de Itapirú* que sobre o solo de sua patria vão aquelles navios despejar as legiões brasileiras de que estão cheios.

Com effeito, a marcha da frota parecia indicar isso mesmo ; mas, de repente, uma canhoneira que serve de guia aos nossos vasos, depois de chegar ao canal que existe nas proximidades da margem inimiga ; segue agoas abaixo, acompanhada n'essa manobra por toda frota e lá vai até a primeira bocca do rio Paraguay, subindo por ali uma extensão de meia legoa.

São 9 horas da manhã.

As nossas tropas começam o desembarque na margem esquerda do rio, margem baixa e arenosa.

Esse terreno lhe é completamente desconhecido e ellas não levam um guia, um *caqueano*.

O general Osorio, de lança em punho, com seus ajudantes e um piquete de 12 homens, avança temerariamente para proceder á uma exploração.

No rio Paraná trovejam os canhões da esquadra que despejam bombas e metralhas sobre a margem inimiga, mesclando-se os trovões com o estampido da artilharia e fuzilaria com que o inimigo responde, e a tudo isso incorporam-se os canhoneiros da ilha da Redempção, que prosegue no seu duello d'exterminio, e que dura já 11 dias, com a valente guarnição do desmantelado forte de Itapirú.

Em uma extensão de mais de uma legoa a atmospherá treme, vibra aos estampidos de mais de 400 canhões brasileiros e á fuzilaria de milhares d'espingardas.

O general Osorio proseguindo em sua exploração, depara com enorme banhado, um brejo extenso, só vadeavel em um ponto, chegando ali mesmo a agoa aos encontros dos cavallos.

Afinal, descobre uma estrada em bom terreno, que se estende até o forte de Itapirú.

Era tempo.

Uma força inimiga das trez armas oppõe-se ao general que forma o seu piquete em atiradores e engaja fogo.

Aos tiros do piquete avança o major Deodoro da Fonseca, 23 annos mais tarde, marechal, generalissimo e chefe do governo provisório e depois presidente da Republica Brasileira, á testa de uma ala do 2.º, 1 companhia do 41.º batalhão de Voluntarios da Patria e 2 companhias do 2.º de linha, e depois de trocar alguns tiros com o inimigo, investe-o á bayoneta.

Este retrocede com algumas perdas ; mas, pouco depois, volta reforçado.

A nossa força, augmentada com o resto do 41.º de Voluntarios e o 42.º de infantaria de linha, 2 boccas de fogo e varias companhias de diversos batalhões da intrepida divisão Argollo, trava a peleja.

Os chefes Hermosa e Venegas que commandam o inimigo, incitam-o á lucta com os seus rasgos de valor.

Osorio e Argollo, do nosso lado : aquelle, com a sua intrepida e brilhante bravura; este, com a placidez e calma glaciaes que o celebrisaram entre os generaes brasileiros, dirigem os nossos valentes e estão aonde a acção é mais renhida.

No meio da refrega, o commandante Hermosa recebe da bayoneta de um dos nossos soldados um ferimento mortal.

Depois de vivas fuziladas, de algumas cargas infructiferas da cavallaria, auxiliadas pelo fogo de seus canhões, Hermosa, ferido, e Venegas, recuam combatendo com os seus paraguayos, ante o impeto das terriveis cargas da nossa infantaria.

Infelizmente não temos cavallaria, não só para oppôr á do inimigo, como para, n'este momento, precipital-a sobre os seus batalhões que batem retirada.

São 2 horas da tarde.

Um temporal medonho desaba como uma força superior que viesse se interpôr entre os combatentes para obrigar-os a suspender as hostilidades.

Com effeito, a chuva torrencial e a furia da ventania amorteceu durante 3 horas o conflicto.

Apenas o vendaval passa e se afasta, rompe-se o forçado armistício e trabalham o canhão e o fuzil.

O inimigo, em certo momento, julga possível carregar sobre uma força que procura extender-se em frente á nossa artilharia e sobre ella arremessa um regimento de cavallaria ; mas, repellido á bala e até a cargas de bayoneta, faz meia-volta e vai abrigar-se nas mattas.

Esse foi, durante o dia, o ultimo ataque do inimigo.

Hermosa morreu do ferimento que recebera.

A' proporção que durante o dia se combate, vão saltando á terra paraguaya o resto da 1.^a e 3.^a divisão d'infantaria, commandadas aquella pelo general Argollo Ferrão, e esta pelo general Sampaio ; a artilharia, commissão d'engenheiros, medicos, ambulancias, total 9.282 homens, trajando os melhores uniformes.

O general Argollo desembarcou logo com uma parte de sua divisão, e vimol-o na refrega, ao lado de Osorio.

O 1.^o corpo do exercito argentino, ás ordens de Paunero e uma divisão de infantaria oriental, sob o commando de Flores, embarcados desde cedo nos vapores argentinos *Guardia Nacional*, *Chacabuco*, *Buenos-Ayres*, *Paron* e *Libertad*, para se incorporarem ás nossas forças, só ás 4 1/2 horas da tarde, depois de cessar a tormenta, conseguem demandar as Tres Boccas, e chegar meia hora depois ao ponto de desembarque. E' tarde, porem, e havendo difficuldades, á vista da chuva torrencial que cahira, de fazer saltar á terra toda essa força ; seguiu, apenas, o valente general Flores com uma pequena fracção d'ella a reunir-se ao intrepido general Osorio, chefe das forças brasileiras, o primeiro que crusára a espada com o inimigo.

A noite approximava-se e a chuva não cessava.

Osorio procurou cobrir do melhor modo o seu acampamento, postando piquetes e vedetas ao redor de todo elle.

A's 8 horas são os nossos piquetes atacados ; mas, repellem o ataque vantajosamente.

Durante o resto da noite, as avançadas inimigas constantemente trocaram tiros com as nossas.

No campo, os paraguayos deixaram 41 mortos ; fizemos alguns prisioneiros, e acolhemos os seus feridos.

Tivemos 3 mortos e 40 feridos.

Tal foi o encontro de nossas poucas forças com as do inimigo, no memoravel dia 46 de Abril.

A acção, se a tivéssemos de aferir pelo estrepito da fuzilada e munição despendida, seria de largas proporções ; mas, não passou de uma pequena refrega, cujo resultado moral era entretanto grande : o de desembarcarmos na terra paraguaya.

Se foi acertado o ponto para invadirmos, é questão que mais tarde abordaremos.

Mas, se do lado por onde penetrámos, quer as nossas perdas, quer as do inimigo foram diminutas ; não succedeu assim do lado do Paraná, na margem inimiga em que estavam as ruínas do forte Itapirú e o acampamento do Passo da Patria.

Entre os prejuizos do inimigo citaremos o de um canhão de 68 que foi desmontado e que trabalhava junto ás ruínas ; os claros abertos em uma bateria de mais de 20 canhões, commandada por um official de nome Alvarenga, que respondia ao bombardeamento dos nossos navios.

Esta bateria luctou heroicamente ; teve afinal de bater retirada, horrivelmente desfalcada das guarnições, mortas á metralha.

No acampamento do Passo da Patria as nossas granadas fizeram terríveis estragos.

Despontou o dia 47.

Pelas 8 horas da manhã o inimigo avança sobre os nossos com 4.000 homens escolhidos ; mas empenha apenas 4 batalhões d'infantaria, 4 canhões, e 2 regimentos de cavallaria.

Basilio Benites, ajudante de ordens do marechal, official seu favorito, dirige a força.

Tinhamos avançado pouco no dia anterior e o terreno ahi é, como o que havíamos deixado antes, muito limitado.

Nem o inimigo, nem nós, podemos desenvolver as forças, e isso explica também as poucas perdas do dia antecedente.

Osorio oppõe 40 batalhões, 6 de linha e 4 de Voluntarios da Patria e 40 atiradores da brigada ligeira.

Trava-se a lucta nas mattas, nos banhados e nos desfiladeiros que abundam ahi.

O general brasileiro vendo que é possível flanquear o inimigo, ordena que o bravo coronel Jacintho Machado Bittencourt marche com 2 batalhões de linha, o 1.º e o 3.º, seguindo pela margem do rio Paraná, e ataque o flanco esquerdo.

O coronel avança ; penetra pelas mattas que margeam o rio, e rompe d'improviso o fogo sobre aquelle flanco.

O chefe Basilio Benites muda, então, a sua ordem de combate, apresentando a frente a Jacintho Machado e a sua direita, apoiada por 2 canhões, ao general Osorio.

Na esquerda trabalha o canhão.

Enquanto isto se passa, o marechal Lopes, acompanhado de seu regimento-escolta, dirige-se para as proximidades de Itapirú e ordena que a força que alli está se retire ; a retirada se faz immediatamente, sob o fogo dos nossos vasos de guerra.

A's 9 horas, do mastro erguido sobre as ruínas de Itapirú, é arreada a bandeira paraguaya.

Aquella parte da margem inimiga acabava de ser evacuada.

A bravura d'estes paraguayos luctando contra o espantoso canhoneio da esquadra é so comparavel á cruel indiferença com que o marechal Lopes os sacrificava inutilmente n'aquelle posto medonho !

O combate do lado do rio Paraguay prosegue sempre.

O general Osorio observa que a derrota do inimigo só pode depender agora de um vigoroso ataque ao seu flanco direito, porque a frente, mascarada pelas mattas, torna-se quasi inabordavel.

Ordena, pois, ao coronel D. José da Silveira que vigorosamente invista aquelle flanco á bayoneta.

Aos vivas á nação brazileira, ao imperador e ao seu general, furiosamente o 10.º batalhão, apoiado pelo 8.º, atira-se ao inimigo que não resiste ao choque e assim é levado de rojo, deixando em poder d'aquelles bravos os 2 canhões e 1 bandeira.

O centro e esquerda vendo a derrota do flanco direito, recuam resistindo.

Então, outros batalhões nossos avançam acceleradamente e ora a balasios, ora a arma branca, desfazem a consistencia que apresenta aquella parte da linha paraguaya e a derrota se pronuncia, procurando refugio aquelles que podem, nos banhados e mattas das circumvisinhanças.

No campo estão mais de 400 cadaveres inimigos.

A's nossas ambulancias foram recolhidos 100 feridos do inimigo. As nossas perdas orçaram em 337 homens fóra de combate, incluídos 62 mortos.

Do 7.º batalhão d'infantaria e do 20.º regimento de cavallaria paraguayos, poucos sobreviveram.

Nas mattas e banhados ficaram muitos cadaveres que não foi possível contar.

O commandante d'aquelle regimento Fortunato Montiel cahiu morto, batendo-se bravamente.

Eis, a longos traços, o combate de 17 de Abril que firmou de todo a operação da passagem.

Como se vê, foi só uma fracção do exercito brasileiro que teve a gloria de invadir o territorio inimigo e de combater nos dias 15 e 17 de Abril, sem auxilio dos alliados.

Estava aberta a porta ; desbravado o terreno, por um punhado de soldados, dirigido pelo inclyto general Osorio.

Se precisassemos attestar o valor dos nossos bravos, citariamos muitas menções honrosas.

Nós resumiremos todas ellas nas palavras do bravo general D. Venancio Flores na communicação que fez, depois do ataque de 17, ao general em chefe Mitre.

« *El mariscal Osorio se ha distinguido con las fuerzas brasileiras combatiendo como heroes.* »

O illustre coronel Palleja, morto mais tarde gloriosamente no ataque do dia 18 de Julho, diz em seu *Diario*.

Dia 17 de Abril. « *Hasta ahora el bravo Osorio ha hecho el solo el gasto, con sus brasileiros, que se han cubierto de gloria, tanto ayer como hoy : justicia al merito !* »

A cada qual lo que lo corresponde... »

No dia 17 enquanto Osorio batia Benitez, continuava o desembarque.

A' tarde, ás nossas forças reuniram-se a divisão oriental, reforçada com a brigada brazileira ás ordens do coronel Pecegeiro e parte do exercito argentino, sob o commando de Paunero.

Já dissemos que o horrivel bombardeamento da esquadra fise-ra o marechal Lopes ordenar o abandono de suas posições á margem do rio Paraná.

A força que ali estava concentrava-se no campo entrincheirado do Passo da Patria.

A bandeira paraguaya, arreada sobre os escombros do forte Itaipirú, foi alli substituida pela nossa e agora nas immedições d'aquellas ruinas desembarcaram tambem e acamparam as forças e material do exercito alliado que se achavam ainda na margem correntina.

Ao amanhecer do dia 18 tremularam nas ruinas do forte tambem os dous pavilhões alliados.

Entretanto, o mortifero bombardeamento da esquadra agora convergia todo sobre o campo entrincheirado do Passo da Patria, especie de península, circumdada por defezas naturaes, taes como lagoas, banhados, pantanos e riachos.

A' esse campo só se podia chegar por um caminho extremamente estreito e sinuoso, varrido pela metralha de varias baterias.

Sem o bombardeamento dos nossos vasos de guerra, a tomada d'esse campo entrincheirado nos teria custado milhares de vidas.

A' 2.º divisão da esquadra, postada no canal que existe entre a ilha de Sant'Anna e a margem direita, a inimiga, deve-se especialmente, a destruição gradual d'essa formidavel posição.

Parte do exercito alliado avançou no dia 18, a vanguarda. O general Flores está á sua frente.

Essa vanguarda compõe-se das forças orientaes, da brigada Pecegeiro e de parte do exercito argentino, ao mando de Paunero.

O general em chefe tambem no dia 18 desembarcou, pela manhã, em Itapirú.

Em varios pontos do campo entrincheirado do Passo da Patria, onde o marechal Lopes reunira as suas forças, manifesta-se o incendio produzido pelas nossas granadas. E' impossivel conservar alli tão grande numero de homens, sem que se queira o seu total anniquilamento, porque os canhões da esqatras devastam tudo !

O marechal Lopes ordena, pois, que se abandone aquella posição, ficando apenas nas trincheiras alguma artilharia e infantaria, sob as ordens de Bruguez e Marcó, para deter o nosso passo e assim effectuar-se a retirada em ordem, conduzindo artilharia e material.

A retirada começa ; o general Isidoro Resquin a dirige.

Diz Thompson, no seu livro á que já nos referimos, que o marechal Lopes, aterrado, ausentou-se sosinho, á cavallo, d'aquelle campo, abandonando madame Lynch, e seus proprios filhos, não indicando o sitio para aonde se dirigia, de modo que tiveram difficuldade de encontral-o.

Isso, porem, não é verdade ; o marechal retirou-se primeiro do que as suas forças para o Estero Bellaco, indicando esse ponto para posição do seu exercito.

Thompson não deixa de morder sempre que pôde, com as suas maxillas envenenadas, a mão protectora que o cobriu de beneficios e favores.

Emquanto os alliados estacam ante o acampamento do Passo da Patria, e os seus engenheiros, á cuja frente está sempre o bravo chefe Carvalho, erguem trincheiras para as nossas baterias e tratam de construir pontes para o assalto ; o exercito inimigo vai chegando com os seus canhões e material no ponto de reunião que lhe foi assignalado e apenas se reúnem ahi os ultimos soldados, o marechal determina á Bruguez e Marcó que abandonem a posição e recolham-se ao Estero Bellaco.

Pela madrugada do dia 23, começa o resto do exercito inimigo a evacuar essa formidavel posição.

A guarda da rectaguarda deita então fogo ao immenso campo entrincheirado, depois de saquear o que não se tinha podido conduzir.

Os alliados contemplam as labaredas e os enormes novellos de fumo que se erguem pelos ares produzindo um ruido singular que se ouve ao longe.

Alguns piquetes nossos de cavallaria penetram n'esse campo em chammás; carregam á lança e á sabre alguns inimigos que se entretem em recolher os ultimos despojos do saque e em atear fogo em varios ranchos e palhoças que não estão á rumo do vento que impelle aquellas serpentes igneas que avançam, colleando pelos ares, e espalhando a destruição.

Uma parte do exercito alliado marcha immediatamente e occupa o famoso campo entrincheirado e, pouco á pouco, vão chegando mais forças até que á 24, terminada uma ponte de 150 metros de comprimento, se achava alli, com as tendas de guerra, perfeitamente acampada, grande parte dos soldados d'alliança.

Estava, então, no commando da vanguarda, um dos chefes da revolução de 1835, o general Netto, bravo, intrepido; um dos poucos que amava mais a gloria colhida, rasgando sob as patas de seu ginete, os estandartes estrangeiros, nos campos de batalha, do que pisando, esmagando, sob ellas, os cadaveres de irmãos.

Os ultimos dias do mez de Abril foram empregados em melhorar os ranchos e casebres que menos haviam soffrido na tormenta de fogo que açoitára o campo do Passo da Patria; então, foi tambem reforçada a vanguarda com as divisões de infantaria Argollo e Sampaio, parte do 1.º regimento de artilharia á cavallo, artilharia oriental e piquete do general Flores.

Este general tomou de novo o commando d'essa vanguarda, ficando o bravo general Netto sob suas ordens.

As sentinellas avançadas e vedetas tiroteavam-se com as do inimigo.

Seguiram-se os reconhecimentos á posição do Estero Bellaco, aos quaes se quiz oppôr inutilmente o inimigo, repellido sempre pelas nossas forças.

A' 29, ainda uma bateria do 1.º regimento de artilharia, foi reforçar a nossa vanguarda.

Esta, não podia estar sob o commando de chefe mais audaz, mais valente, mais intrepido do que o inolvidavel general D. Venancio Flores.

Veremos, se á estas qualidades, o intemerato general reúne outras, aliás indispensaveis.

Das chammas salvaram-se algumas proclamações do marechal Lopes recommendando á seus soldados que respeitassem a vida dos prisioneiros e dos transfugas.

Isso era uma irrisão.

A conducta execravel dos agentes do marechal em Matto-Grosso e Rio Grande do Sul, autorisada oficialmente, demonstra que essa recommendação n'apparencia humana e generosa, não era mais do que um ardil para semear a deserção especialmente entre as forças propriamente de Mitre, pois, o marechal sabia que a guerra não fóra muito sympathica á uma parte da nação argentina e que n'essa parte elle tinha verdadeiros alliados.

Encontraram-se alguns papeis que pareciam *senhas* com estas palavras: *El equilibrador se retira equilibrando.*

Fique, pois, consignado que os sentimentos humanitarios do marechal não passavam de um perverso ardil.

A sua divisa era a do celebre general gaulez, o terrivel Brennus : *Desgraca aos vencidos !*

Estava o exercito inimigo em principios de Maio fortificado á margem direita do *Estero Bellaco*.

A sua vanguarda, com 6 boccas de fogo, achava-se bem entrincheirada em uma ilha, sita á lèste do *passo* denominado Sidra.

Para dar uma idéa perfunctoria do que era o *Estero Bellaco* basta dizer que se deve imaginar um terreno apertado entre duas correntes d'agoa, Riojas e Bellaco, todo coberto de capões de matto, atoleiros e banhados ; que esse terreno fica submerso nas épocas das enchentes dos rios Paraná e Paraguay que por alli se espraia e se reune, e então sobre a superficie veem-se as porções mais elevadas do solo, como ilhas esparsas ; e ainda mais, que esse terreno, contido entre aquellas duas correntes d'agoa, tem em sua maior largura 5 kilometros, que no tempo secco fica todo descoberto.

Imaginado assim, teremos o terreno occupado pelo inimigo que com toda propriedade recebeu dos alliados o nome de : *terreno maldicto*.

Bem se vê que o marechal Lopes, além de nos oppôr as suas trincheiras, tirava partido das condições topographicas de tão singular posição.

No dia 4.º de Maio ainda estavam no Passo da Patria forças brasileiras e argentinas, o grosso por assim dizer dos dous exercitos.

Entre estas forças e a vanguarda, estava o general Victorino Monteiro, depois barão de São Borja, á frente de sua valente 6.ª divisão.

Por ordem superior este general reforçou a vanguarda com 2 batalhões mais de infantaria para protecção da artilharia e mais um corpo de cavallaria, o 4.º de voluntarios.

Estavam, pois, na frente 2.300 homens, isto é, 6 batalhões brasileiros e orientaes, e 4 bateria de 4 boccas de fogo, sob o commando do bravo capitão João Dias Cardozo de Mello, mais tarde assassinado traíçoeiramente, alta noite, por um soldado argentino.

O general Osorio, tão previdente quão bravo e intrepido, não julgava o nossa vanguarda nem sufficientemente garantida nem convenientemente acampada, e, por isso, manifestou varias vezes os seus receios á Mitre e Flores de que o inimigo a esmagasse, atacando-a de surpresa com forças superiores ; mas, aquelles dous generaes exterminaram tal confiança, não só na disposição do acampamento e effectivo da força, de que ella se compunha, que aquelle general não falou mais n'isso.

Entretanto, era deploravel o modo, a disposição dada áquelles que deviam receber o primetro choque do inimigo.

Surge o dia 2 de Maio.

Uma força de cavallaria correntina pela madrugada foi fazer a *descoberta* e voltou com as mais lisongeiras noticias ao chefe da vanguarda, o general Flores.

Não havia novidade de maior; apenas aquella força deparou com 3 guardas inimigas; carregou, bateu-as, perdendo ellas alguns homens.

Uma noticia assim encheu de confiança ao general Flores e é sabido que de tudo quanto é agradável se deseja participar, assim essa confiança extendeu-se á toda vanguarda, e pouco depois á todo o exercito porque ao general em chefe foi a participação das novidades da frente.

Na vespera, no dia 4.º, os generaes haviam combinado fazer um reconhecimento na formidável posição inimiga.

Espera-se somente o toque, o signal de preparar para a marcha, e, enquanto não parte esse signal do quartel general, distribuem-se as etapas, isto é, as rações de viveres ao exercito.

Tudo é confiança, desde as vedetas e piquetes avançados, até a extrema rectaguarda dos exercitos alliados.

Entretanto, um piquete postado nas nossas avançadas previne, ao meio dia, que algumas forças inimigas parecem avançar; mas, não se acredita.

Ainda mais, alguns soldados e até officiaes nossos descobrem, por entre as arvores das mattas, muitos inimigos com os seus uniformes vermelhos e communicam isso aos seus respectivos chefes.

Nada se acredita, e até galhofea-se, attribuindo-se aos attentos e vigilantes piquetes e vedetas das avançadas uma imaginação povoada de visões e phantasmas!

Tudo é confiança!

Os animaes da tracção da artilharia nem se quer alli estavam; os cavallos das poucas forças de cavallaria que alli temos, pastam tranquillamente, como se participassem da solida confiança dos ginetes.

Mas, de repente surgem na frente forças de cavallaria que a ingenuidade de alguns faz crêr que são argentinas, e logo após batalhões de infantaria.

E' Diaz que nos ataca.

Elle avança com 6 batalhões d'infantaria pelo Passo Sidra; o coronel Benitez com 2 regimentos de cavallaria pelo Passo Carreta e immediatamente se precipita sobre os batalhões orientaes, enquanto o coronel Veliente lança-se sobre o nosso 7.º batalhão d'infantaria, com mais 2 regimento tambem d'aquella arma.

Bruguez avança com 8 canhões. A nossa bateria rompe o fogo; mas, apenas pôde dar 3 tiros, pois o inimigo está em cima das bocas de fogo.

Debalde os nossos artilheiros batem-se á espada e á reвольver; debalde o 7.º batalhão faz prodigios de valor.

A bateria nos é arrebatada.

Os orientaes luctam a arma branca ao nosso lado e, apesar da heroica resistencia, toda nossa força, afinal, recua pelejando.

São 1.600 homens de cavallaria e 3.400 infantes que se arremassam á nós.

O coronel Pecegueiro, avisado, avança acceleradamente com a sua brigada ; mas, encontra toda a vanguarda cedendo terreno.

O grosso do exercito ouve a fuzilada que vae pela frente ; o confiante general em chefe pensa que se trata do reconhecimento que se havia combinado !

O bravo coronel Pecegueiro, em poucos momentos, havia vencido mais de 2 kilometros á passo accelerado.

Os nossos 4 canhões já estão em marcha para o acampamento inimigo.

São conduzidos pelos tenentes Bernardino Caballero, mais tarde general, e Amarilla, ambos ajudantes de campo do marechal Lopes.

Ao passo que a nossa vanguarda recua, embora luctando encarniçadamente, chegam reforços para o inimigo : 3 batalhões d'infantaria e mais 4 regimento de cavallaria, total 2.400 homens.

Estam, pois, 7.800 paraguayos, em lucta com os nossos que, por emquanto, são pouco mais da metade d'aquelles.

Mas, a terrivel e triste realidade chega ao conhecimento do grosso do exercito e por consequencia ao do general em chefe D. Bartholomeu Mitre.

O general Osorio que acabava de receber em sua barraca a visita do almirante Tamandaré, comprehende tudo e rapidamente monta á cavallo e á galope dirige-se para o campo de batalha, fazendo avançar a 6.ª divisão do general Victorino que se acha mais perto ; chega ao theatro da lucta, restabelece a ordem, melhorando a situação.

Mas, o inimigo inebriado com as primeiras vantagens da sorpresa, não quer perdê-las e, por isso, bate-se furiosamente.

Os nossos batalhões continuam nos seus prodigios de valor e com o reforço que acaba de chegar, vão esfriando os canos das espingardas para trabalhar a terrivel bayoneta, esse *garfo de um só dente*, entretanto mortifero e pavoroso para o inimigo.

As cargas começam ; repetem-se e o inimigo até então crente na victoria, cede terreno, á principio em ordem ; mas, depois, eram ellas tão successivas que a desordem se pronuncia nas suas fileiras e elle é levado de roço.

Chega n'esse momento o 1.º regimento de cavallaria argentina e auxilia-nos.

Os inimigos vão retirando em debandada.

Quatro canhões, 4 bandeira e 4 estandarte cahem em nossas mãos.

Os nossos vão enovelados com elles.

O 4.º e o 26.º de Voluntarios da Patria e 2 companhias do 13.º de infantaria de linha, cegos de colera, ou ardentes de entusiasmo,

penetram de envolta com os inimigos no interior de seu acampamento entrincheirado !

Forças superiores de cavallaria e infantaria lançam-se sobre os nossos bravos ; cercam-os e intimam a que se entreguem.

Os valentes formam rapidamente quadrado, e respondem a intimação com uma formal negativa, corroborando-a com uma saraiva de balas.

N'aquella formatura, elles retiraram-se e das faces do quadrado jorram torrentes de fogo.

A infantaria inimiga desanima ; a cavallaria recua ; mas, para ganhar terreno, fazer meia-volta e carregar.

Os bravos param um momento para receber a carga e fuzilam os atacantes.

Chegam reforços para a cavallaria inimiga ; o terreno, porem, não permite mais a formatura em quadrado, e assim elle desfaz-se e os bravos pelejam já em grupos proximos uns aos outros para se apoiarem.

Sobre elles arrojam-se troços de cavalleiros inimigos, especialmente sobre um punhado de valentes que defendem a gloriosa bandeira do 26.º de Voluntarios.

Estão proximos á um immenso banhado ; se n'elle penetrarem rapidamente salvam a insignia da patria ; mas, os grupos de cavallaria atiram-se vertiginosamente receiando que lhes escape o honroso trophéo.

Então, todos, todos os valentes formam com seus corpos uma trincheira enfrente a bandeira e d'essa enorme massa impenetravel golphêa um fogo espantoso.

O porta-bandeira entra no banhado e o atravessa.

Está salva a bandeira.

Então, por sua vez, os bravos entram no banhado tiroteando a cavallaria que os não pôde alli perseguir.

Quando se dava esse glorioso episodio dentro das posições inimigas, já os alliados tinham triumphado em toda linha.

Nós temos 1.103 baixas, sendo 252 mortos, 843 feridos e 8 prisioneiros ; os orientaes 400, fora de combate, entre mortos e feridos ; e os argentinos 49.

Em compensação a mortalidade do inimigo é enorme : ali estão 2.000 cadaveres em uma extensão de 1 legôa, e 300 feridos que humanamente são recolhidos ás nossas ambulancias.

Uma bateria de artilharia brasileira que accudiu á tempo fez horriveis estragos.

Os trophéos constam de 4 canhões, 1 bandeira, 1 estandarte, muita munição, armamento e equipamento.

Agora, terminada a acção na vanguarda, alli comparece o general em chefe.

E' que elle tambem se vira embaraçado, pouco depois que teve sciencia de que era um combate que se feria na frente.

O marechal Lopes havia planejado perfeitamente a surpresa, pois, para evitar que alguma força do grosso do exercito alliado viesse em soccorro de sua vanguarda, mandou atacar por uma columna de cavallaria os piquetes e guardas dos argentinos pela frente e pela esquerda do acampamento.

O ataque foi brusco, impetuossissimo e os nossos alliados cederam terreno ; mas, um regimento de cavallaria de Buenos-Ayres investiu o inimigo intrepidamente, fazendo brillantes evoluções como se estivesse em um campo de manobras, e com as suas esplendidas cargas evitou que o adversario penetrasse no acampamento, lançando ali a desordem, como intentára.

Isso se passava justamente quando a nossa vanguarda, cedendo ao numero e á surpresa, recuava, embora pelejando.

No campo argentino, porem, não foi só esse acontecimento que encerrou a jornada.

O valente regimento de Buenos-Ayres, pouco depois d'aquellas esplendidas proezas, vê surgir pelo flanco esquerdo novas forças de cavallaria.

Seguiu-se um vivo tiroteio ; mas o inimigo não se mostrou tão arrajado, como na outra investida.

Pouco depois chegavam os generaes Paunero e Emilio Mitre, irmão do general em chefe, com uma divisão das 2 armas e mallograram os projectos do adversario que retirou-se.

Estes acontecimentos obrigaram ao general em chefe a conservar-se no acampamento do Passo da Patria, aonde elles tiveram logar.

Actos de brillante valor assignalaram o feito de armas de 2 de Maio de 1866.

O general Flores fez prodigios.

Com certeza lembrou-se que grande parte da responsabilidade d'aquella surpresa que fez o inimigo á sua vanguarda, á elle cabia ; por isso, atirou-se arrojadamente mais de vinte vezes contra o inimigo, nos pontos em que a peleja era mais sangrenta e renhida.

Dir-se-ia que o intrepido guerrilheiro procurava um suicidio glorioso.

Mas, nem sempre se morre quando se quer.

As balas apenas mataram-lhe duas de suas montarias quando elle as cavalgava.

Antes o bravo encontrasse ali a morte do modo cavalheresco que parecia almejar, para não morrer pouco tempo depois, sob os golpes dos sicarios, nas ruas de Montevidéo !

Não podemos deixar de mencionar que os batalhões que mais louros colheram foram o 1.º de voluntarios, que já se havia illustrado em São Borja agora commandado pelo bravo Bethebesé d'Oli-

veira Nery ; o 7.º de linha, do valente Pedra, e o 26.º de voluntarios, sob o commando do intrepido Figueira de Mello, ferido gravemente.

Dos quatro batalhões orientaes, sob as ordens do coronel Leon de la Palreja, especialmente o *Florida*, cobriu-se de gloria.

Mas, o que levou a bravura e a tenacidade até a ultima expressão, até os limites entre o verosimil e o phantastico, foi o valoroso 7.º batalhão de linha que sustentou á principio elle só, só elle, o choque de massas enormes.

Os nossos bravos infantes chegaram a hastear as bandeiras aliadas, por momentos, nas fortificações do Estero Bellaco.

A victoria foi nossa ; mas, arrancada ao inimigo pelo valor dos officiaes e soldados.

A intelligencia á nada presidiu.

Esse ataque foi uma verdadeira surpresa e sem justificação.

Tudo na vanguarda ia mal ; já o campamento ; já tambem o effectivo das forças que era insignificante.

Para dar uma idea do que ia por alli basta relatar que a bateria de artilharia estava assestada á 50 passos de uma matta, sem horizonte para sua acção ; os animaes de sua tracção longe da posição ; a pouca cavallaria, tinha os animaes pastando, e d'ella apenas um esquadrão, á cuja frente o bravo general Netto, fez maravilhas, com grande parte de seus soldados cavalgando em pello, poudo intervelar-se á sabre e á lança com o inimigo.

Sem duvida o dia 2 de Maio seria um triste anniversario nos nossos annaes militares, se não fosse o heroico general Osorio que tratou de assumir a responsabilidade de dirigir o combate, já em situação precaria, apparecendo como um raio na luta, com o 40.º de voluntarios, que á passo accelerado, ao lado d'aquelle general, parecia disputar o galopar do seu ginete, seguido logo das forças da 6.ª divisão.

O coronel Pecegueiro que promptamente acudiu, apenas recebeu ordem, foi entretanto accusado de não ter se apresentado logo na vanguarda.

Quiseram lançar sobre esse bravo e honrado militar *as culpas de Israel*, e o conseguiram.

Mas, se os interessados em occultar os proprios erros, o victimaram ; as consciencias justas condemnaram os seus perseguidores e o seu nome não ficou maculado.

Quando mesmo o coronel Pecegueiro tivesse sido um pouco retardatario ; o culpado seria o commandante da vanguarda que o previnira do reconhecimento que ia fazer declarando-lhe que não se impressionasse com os tiros que ouvisse ; mas, chamado á luta, elle galhardamente, á passo accelerado, venceu, em poucos momentos, os 2 kilometros que o separava da contenda e bravamente concorreu para a victoria com a sua brigada.

Mitre, em Corrales, tambem declarára ao general brasileiro que

não se encominodasse com a fuzilada; depois, a imprensa argentina accusou o exercito brasileiro de não ter marchado em soccorro do alliado.

Uma serie de pequenas circumstancias, como se vê, poderia ter-nos infligido um medonho desastre, e sobre todas sobrepuja a criminoso e inqualificavel confiança, apesar do general Osorio ter muito em tempo declarado que não achava em bôas condições a vanguarda.

Na guerra ha victorias que sorriem, á um dos combatentes, ao iniciar-se uma batalha; mas, não se deve confiar cegamente n'estas *dumas*, cuja constancia carece de solidez; outras vezes, ellas surgem dos desastres, bellas, deslumbrantes, e erguem em seus escudos, com a fronte cingida de louros, o combatente que já lutava apenas para succumbir com gloria.

Então, o vencido é o vencedor.

Tal foi o combate de 2 de Maio.

Mas, qual o primeiro responsavel por essa surpresa?

A gloria das batalhas, os louros da victoria, colhidos pelos exercitos, servem para ingrinaldar a fronte do general em chefe; justo é, pois, que salvo casos muito excepçionaes, a responsabilidade quer dos desastres, quer dos triumphos caramente comprados, á custa, enfim, de demasiado sangue, devido á erros e imprevidencia da cabeça dirigente; sobre ella pese todá responsabilidade, pois, tudo devera prever, e tudo compria-lhe acautelar.

O general D. Bartholomeu Mitre nada preveniu; nada acautelou, apesar das reflexões do general brasileiro.

Emfim vencemos.

O que, porem, ainda não se pôde comprehender é a razão porque o general em chefe não mandou n'esse dia mover-se todo o exercito e avançar para armar as suas tendas nas proximidades de Humaitá, pois, as bandeiras alliadas tremularam nas fortificações do Estero-Bellaco, e toda força que nos atacou foi redusida á postas, fugindo estes destroços para as mattas.

O bravo e sempre memoravel general Leon de la Palleja procurou defender o general em chefe em seu *Diario*, declarando ahi que «o exercito precisava alimento e não estava preparado para um movimento geral e, que portanto, foi preciso regressar.»

Isso não defende o general em chefe; infelizmente as proprias palavras do bravo militar constituem o mais grave capitulo de accusação.

Humaitá não estava longe; o exercito entusiasmado com a victoria avançaria sem obstaculos.

Em poucas horas, antes do sol afogar-se no occaso, a maior parte do exercito alliado estaria em frente áquella celebre fortaleza e teria em sua marcha gloriosa se esquecido da razão, mesmo quando não se lhe pudesse distribuir á noite.

Quantas vezes, sem motivo sério, sem causa justificada, os valentes soldados d'alliança soffreram fome n'essa campanha e ainda sob o nefasto commando d'aquelle general?

O exercito não estava preparado para um movimento geral!

Mas, devia estar porque tinha tomado a offensiva, invadido o territorio inimigo, e não era possivel que de 16 de Abril á 2 de Maio, em 16 dias, que pisava o solo inimigo, marchado 12 kilometros, sem ter soffrido reveses, se achasse desorganizado, sem recursos, obrigado, enfim, a não aproveitar-se dos louros da victoria!

A alma confrangia-se de dôr ante a prespectiva do futuro.

Essa immobildade depois da offensiva, depois de uma esplendorosa victoria, começou a incutir o desanimo e a falta de confiança na suprema direcção da guerra.

Algumas forças approximaram-se no mesmo dia 2 á vanguarda, depois do combate e chegaram ás posições paraguayas do Estero Bellaco; voltaram, porem, logo á seus acampamentos, ficando alli apenas poucos batalhões, que tambem contra-marcharam, no dia seguinte, para as suas primitivas posições!

No dia 11 de Maio os generaes se reuniram em conselho e deliberaram um ataque á 15 do mesmo mez.

O inimigo não perdia tempo; sabia tirar partido da nossa inacção, e, assim, ia construindo fortificações, e artilhando-as.

Antes d'aquelle dia, isto é, até o dia 7, um ou outro tiro nas avançadas indicava que se via algum piquete inimigo; no dia 8, porem, viram-se forças mais numerosas.

Um transfuga revelou que o marechal Lopes pretendia atacarnos no dia 13 e tal revelação parecia ser verdadeira, porque o inimigo apparecia em nossos flancos com forças numerosas e augmentava as suas fortificações.

Não obstante, nem o inimigo nos atacou, nem nós o fomos procurar no dia marcado, á 15, porque ao exercito argentino faltavam viveres e meios de mobilidade!

Que decepção para aquelles que acreditavam que depois da invasão, os dias seriam uma successão de marchas e combates que nos daria promptamente a victoria final!

Que longos e penosos mezes em Corrientes para se reunirem recursos e afinal invade-se a terra inimiga, sem que o nosso alliado tenha os sufficientes para seu pequeno exercito!

Enfim, á 19, os generaes anciosos por seguirem avante, especialmente Osorio, conseguiram uma conferencia, presidida pelo general em chefe, e ficou assentado que á 20, no dia seguinte, se investiria o campo paraguayo.

Com effeito, ás 5 horas da manhã o exercito alliado deixa as posições do Estero Bellaco que se celebrisára pela surpresa do dia 2 e segue avante, levando de vencida os piquetes, avançadas e vanguarda do inimigo.

A posição que estas forças abandonam é o areal denominado Tuyuty, cuja esquerda termina na lagôa Pires e a direita se estende, coberta de *Jatuhys*, bellas e elegantes palmeiras, e sinuosa ao longe, parece dilatar-se além do horisonte visual.

Na frente, não muito longe, de 1.600 á 2.000 metros proxima-mente, matta espessa, arvores immensas que parecem constituir um exercito de gigantes tetricos, mudos, extendido em linha a disputar a marcha aos soldados alliados.

E' ali o Sauce e á sua esquerda, um pouco na frente, o Estero Rojas, immenso banhado e tremedaes.

A' rectaguarda estão as posições conquistadas : Estero Bellaco, correntes caudaes de agoa, de lymphá crystallina no inverno e pantanos, cujos miasmas envenenam no estio abrasador d'estas para-gens ; mais além... o Passo da Patria e Itapirú,

Apenas se descobre no flanco direito do inimigo uma unica ba-teria.

Elle recolheu-se ás suas linhas entrincheiradas o mascaradas pelas mattas, postando alguns piquetes de infantaria e cavallaria que espreitam os alliados, cujas avançadas, como se pretendessem noti-ficar-lhes que não ignoram os pontos em que procuram occultar-se; dispararam n'essas direcções as suas espingardas.

Uma ou outra vez, o canhão, esse loão da guerra, rugo n'aquel-le areal e n'aquellas mattas, com voz estrondosa ; mas, lugubre-mente e o echo dos canhonaços, morrendo, pouco á pouco, no in-terior das florestas, n'essas *pulicadas* gigantes com que a natureza defende a terra inimiga, devo alli soar como uma cantilena de morte !

Estam, pois, os dous exercitos inimigos um fronteiro ao outro, promptos a recommear a peleja com maior furia

A' esquerda e centro do exercito alliado estão as tropas brasilei-ras sob o commando de Osorio ; á direita, os argentinos sob as or-dens immediatas de Mitre, o general em chefe, e, um pouco para a frente, como uma especie de vanguarda, o general Flores com a sua pequena e valente divisão oriental, reforçada pela 6.ª divisão brasi-leira ás ordens de Victorino Monteiro, e o 1.º regimento de artilha-ria á cavallo, com 24 boccas de fogo e 1 bateria oriental de 6 ca-nhões.

O resto da artilharia está esparso em baterias na esquerda, cen-tro e direita.

Na frente das 30 boccas de fogo da vanguarda construiu-se uma ligeira trincheira.

Esses canhões estam sob o commando do bravo tenente-coronel da artilharia brasileira Emilio Luiz Mallet.

Tal era a disposição do nosso campo.

No dia 23 foi o coronel Bello, commandante da 5.ª brigada, com os batalhões 3.º e 4.º de infantaria, todos brasileiros, proceder á um

reconhecimento, durante o qual 42 canhões nossos jorraram 150 tiros de granada no campo inimigo.

Este foi de uma parcimónia admirável ; apenas respondeu com 26 canhoneiros !

Feito o reconhecimento, assentou-se em atacar o inimigo, depois de realizar-se um outro, mais forte, mais lato, no dia seguinte.

Surge, pois, o dia 24 de Maio.

Durante a manhã nenhuma novidade notavel no campo paraguayo.

O exercito aliado ás 2 horas da tarde deve realizar o combinado reconhecimento.

No nosso campo, pouco antes das 14 horas, ouvem-se varios toques de clarins e cornetas.

Trata-se de distribuir as *etapas*, os viveres.

Os clarins da artilharia transmitem a ordem de *pegar cavallos* e, os artilheiros, apenas expiram os ultimos sons d'aquelles instrumentos, prorompem em entusiasticas aclamações.

A infantaria, mais facil de preparar-se, recebe tranquillamente as suas rações e a cavallaria, pela maior parte desmontada, não necessita preparo com muita antecedencia, e, da mesma sorte que os infantés, os cavalleiros recebem tambem as suas *etapas*.

De repente, um tiro de canhão, e varios foguetes á congrève partem das mattas fronteiras e despertam a attenção das avançadas, e, de improviso, de varios pontos em que se abrigam entrincheiradas as forças do marechal Lopes, surgem columnas das 3 armas que impetuosamente se arremessam ás nossas posições.

E' meio dia.

Os clarins, cornetas e tambores tocam *chamada ligeira*, ou fazem signal de *sentido* e de *inimigo das 3 armas* !

Com incrível rapidez a maior parte do exercito aliado está de arma em punho e começa um fogo violentissimo que, entretanto, não detem a accelleração com que avançam as columnas inimigas.

E' uma nova surpresa, e, cousa singular, ella tem lugar, como a de 2 do mesmo mez, quando se pretende fazer um reconhecimento ás posições adversarias.

Os melhores officiaes do exercito paraguayo dirigem o ataque.

Sobre a esquerda, centro e vanguarda especialmente se arremessa o inimigo.

Os seus esquadrões de cavallaria, apoiados com artilharia e grandes massas de infantaria, lançam se com intrepidez ou antes terrivel furia sobre as posições occupadas por aquellas forças ; mas, Mallet na vanguarda, e, nos outros pontos, os respectivos chefes com os seus canhões, vomitam uma saraiva continúa de metralha e o estampido da canhonada reunindo-se aos alaridos selvagens do inimigo e ruido da fuzilaria que principia a generalisar-se em uma ex-

tensão superior á 4 kilometros, dão áquellas paragens o aspecto que teria o inferno em uma revolta de demonios !

A nossa esquerda, onde está o 4.º batalhão d'artilharia e parte do 3.º, atacada por 10 batalhões de infantaria, 4 regimentos de cavallaria e 6 canhões ao mando de Barrios, vê parte de seu flanco esquerdo recuar até ás proximidades do Estero Bellaco, ao repentino e impetuoso ataque inimigo. Na vanguarda, os batalhões orientaes *Libertad* e *Independencia* sorprendidos não poderam formar e fogem em desordem, deixando o primeiro o seu commandante D. Castro morto no campo de batalha; o segundo, o commandante Elias gravemente ferido.

O general Osorio comprehendeu logo que podia ser envolvido pelo flanco esquerdo então sem apoio, n'aquelle terrivel momento e, assim, incute a coragem que scintilla em seu olhar ; eleva o animo de seus soldados com palavras energicas.

Tudo se refaz com a rapidez do relampago.

Os batalhões, com Osorio e Sampaio, á frente, carregam á bayoneta aquellas massas enormes e compactas que procuravam esmagallos ; levam-nas adiante de si de vencida, aos vivas á nação brasileira, e ao imperador.

A carnificina ali é tremenda, porque ha momentos em que alguns batalhões perdem a formatura e os soldados aferram-se aos inimigos, luctam, combatem corpo a corpo, dirribam-os por terra e só não matam áquelles poucos que supplicam a sua generosidade.

Nuvens espessas, densas de pó, se elevam das patas dos ginetes, dos esquadrões paraguayos, e, em espiraes e turbilhões voltam pelos ares, envoltas em outras do fumo das espingardas e da artilharia.

O dia sombrêa-se como se hovesse um eclipse solar, parcial, porque a luz apenas atrevesa as camadas de pó e fumo que envolvem os combatentes.

O relampago da artilharia rasga, porem, com a sua luz vermelha essas nuvens que parecem querer asphyxiar os lutadores e a mortífera metralha, jorrada por Mallet, mutila, mata, posteja horivelmente a cavallaria inimiga, que rodopia phrenetica, dá meia-volta, recomeça a carga e cada vez que investe encontra a morte !

Estes heroicos paraguayos parecem ter a alma da substancia de que se fundiram as terriveis baterias de Mallet.

O medo não lhes invade a alma de bronze !

Alguns, embora horivelmente feridos, chegam a abraçar-se ás boccas de fogo argentinas e exclamar:

— *¡Es mía !*

Estas baterias da vanguarda não parecem canhonear ; os seus tiros, os seus trovões são tão rapidos, como se um poder magico tivesse transformado cada canhão em um vulcão, em momento de medonha erupção !

São, como se disse, as baterias de Mallet a artilharia á *revolver* do exercito alliado.

Melhorada as condições da nossa esquerda, o impavido Osorio, á galope, dirige-se ao centro da linha de batalha, atacada por 2 batalhões, 8 regimentos de cavallaria, sob o commando do general Isidoro Resquim. Ahi a peleja corre tambem muito aspera, renhida, sangrenta.

Osorio é recebido aos vivas: as nossas tropas deliram de entusiasmo e a galhardia da nossa bayoneta repélle as brilhantes cargas paraguayas

Não temos infelizmente cavallaria sufficiente para oppor aos intrepidos esquadrões inimigos.

A direita do exercito alliado, occupada pelas forças argentinas, corre immenso perigo.

O inimigo sorprendera a cavallaria argentina, sob o commando dos generaes Hornos e Caceres, toma-lhe 2 estandartes e victima da mesma surpresa é tambem a artilharia, ás ordens do coronel Julio Vedia.

Os paraguayos cutilam cavalleiros e artilheiros que em desordem mesmo, procuram resistir; parte d'aquelles, porem, foge aterrada até Itapirú, espalhando noticias as mais alarmantes.

Os canhões correm grande risco: parte das forças inimigas vae levá-los como bellos traphéos.

Alguns paraguayos, mesmo feridos, estão abraçados á algumas bocas de fogo.

A confusão é medonha: os bravos artilheiros de balde lutam junto ás armas que a patria lhes confiou para sua defeza e para sua gloria.

Mas, os valentes tombam aos golpes do *numero*.

Paunero vem em protecção e a bayoneta arranca os canhões aos paraguayos.

Elle é auxiliado por alguns esquadrões de cavallaria que se re-fiseram, se reorganisaram, passados os primeiros momentos da surpresa. Não escapa um só dos inimigos que chegaram até a artilharia; tudo é morto, homens e cavallos.

Osorio, sabe que o alliado corre grande perigo.

Então, á frente de alguns batalhões brasileiros, avança em direcção á direita, no meio de um delirio indizivel de entusiasmo.

Vivas ao general Osorio, aclamações, e hurras, partem dos argentinos, á chegada do galhardo general, que já encontra a ordem restabelecida, a acção em boas condições, embora accesa de furor, e o campo juncado de esquadrões paraguayos que, ou mor-diam, mortalmente feridos, a terra da patria, ou já gosavam no seio da morte o repouso dos valentes.

Falta-nos cavallaria; temos menos de 500 homens á cavallo.

A valente cavallaria rio-grandense está a pé.

O inimigo, arroja-se tambem sobre ella.

As divisões brasileiras d'essa arma, 2.^a, 4.^a e 5.^a combatem como infantes, e na ponta das lanças, como as legiões macedonicas, esperam o inimigo que não pôde romper aquelles muros de aço.

O general Netto, com a sua *brigada ligeira*, composta de poucos esquadrões, faz prodigios, arremessando-se aos inimigos e abrindo entre elles claros enormes.

Por todo campo de batalha o valor, o heroismo e a abnegação honram a conducta de uns e de outros.

Um esquadrão só de officiaes, em numero de 200, da *brigada ligeira*, pratica brillhantes actos de valor.

Netto, á frente d'elle, corta fundo a massa inimiga.

O estourar das espingardas ; o ribombo incessante do canhão ; o nitir dos ginetes ; os gritos de colera dos combatentes e a assonancia commovedora dos gemidos de milhares de feridos que tombam por terra, despertam, cada vez mais, o furor dos sobreviventes.

No meio d'esse medonho conflicto, do valor e heroismo colectivo das massas, desprende se, á cada instante, a coragem individual, enchendo de episodios o scenario de sangue.

Aqui, é um official inimigo que consegue atravessar a nossa linha de batalha e dirigir-se ao centro do acampamento brasileiro, de archote em punho, para deitar fogo ao parque das munições de guerra, e cahe morto por uma bala d'espingarda de um soldado do 9.^o batalhão de infantaria de linha.

Acolá, na frente, onde troya o terrivel Mallet, o 4.^o sargento von Steuben, d'artilharia brasileira, agarra com as proprias mãos uma granada inimiga que cahe, com a espoleta accesa, entre a sua bocca de fogo e a de outro camarada e lançando-a fóra do pequeno parapeito que resguarda as baterias, vê o projectil detonar no meio das aclamações dos artilheiros.

Por toda parte, enfim, os alliados e o inimigo aferem a sua pujança pelo alento fumegante dos canhões, pelo afuzilar rapido das espingardas, e o choque retininte das espadas e bayonetas.

Na extrema esquerda brasileira, no sitio denominado Potreiro Pires, a nossa artilharia commandada pelo general Andréa, duella-se com baterias inimigas ; depois, todas as nossas forças ahi são de novo atacadas por forças muito superiores, de cavallaria e infantaria, e cedem terreno mais uma vez ; porem, Osorio ahi reaparece e, como na primeira investida do inimigo, reorganisa os nossos bravos e a bayoneta mais uma vez comprova que é uma arma terrivel nas mãos dos nossos infantes : o inimigo é repellido, repetindo-se as scenas dos gladiadores romanos.

As perdas dos paraguayos são consideraveis.

Nós temos milhares de homens que não podem tomar parte n'acção, porque o terreno é limitado.

Estão, pois, promptos, como uma poderosa reserva.

Entretanto, não se passa o mesmo no lado contrario : ali é urgente empenhar-se toda a força de reserva.

Já se decorrem 3 horas de uma lucta terrivel.

Mas, depois, as cargas vertiginosas, phreneticas da cavallaria inimiga cessam ; o fogo de sua artilharia declina, agonisa ; crepita só a fuzilaria.

Pôde-se agora vêr o campo de batalha.

Milhares de cavalleiros inimigos jazem mortos, ao lado de suas montadas, emfrente às nossas baterias ; em outros pontos do campo de batalha, os cadaveres de cavalleiros, infantes e artilheiros, estão em grande numero, n'essa promiscuidade que se observa, quando as trez armas investem simultaneamente.

Que colheita extraordinariamente grande já feza morte n'estes 4 kilometros !

O exercito inimigo está cortado em duas fracções.

E' preciso anniquilal-as de todo para que a victoria seja uma completa realidade.

Osorio avança, então, com a esquerda e centro por um solo em que a cada momento se tropeça em cadaveres, e a bayoneta reacende a lucta com desespero ; a vanguarda e a direita imitam o movimento d'aquelle general e, em poucos minutos, a mais completa derrota pronuncia-se nas fileiras inimigas.

Toda linha foi rôta e os restos do exercito inimigo, dispersos, refugiam-se para o interior das mattas, d'onde, d'improviso, surgira o impetuoso ataque.

O inimigo deixou no campo de batalha cerca de 43.000 homens mortos.

Os nossos gloriosos trophéos são : 4 canhões, 4 estativa de foguetes, 3 bandeiras, 4 estandartes, 9 caixas de guerra, 12 cornetas, quantidade consideravel d'armamento, mais de 5.000 espingardas, equipamento, munição e mais de 500 prisioneiros dos quaes apenas 24 estão sãos !

Quanto nos custou a victoria ?

Nós, brasileiros, tivemos 3.044 homens fóra de combate ; os argentinos 606 e os orientaes 296 ; de sorte que, o total foi de 3.913 combatentes, entre mortos e feridos.

O campo de batalha offerece um aspecto medonho.

« *El campo se quedó repugnante de cadaveres mutilados e caballos despanzurrados y perniquebrados* » como diz Palleja no seu « Diario. »

Muitos foram os heroes d'essa immortal jornada.

Entre elles salientam-se Osorio, levemente ferido, a cuja inextinguivel bravura e actividade deve-se a victoria, pois, apparecia em toda a parte em que a lucta era mais cruenta ; Argollo, Guilherme e Sampaio, este gravemente ferido, commandante da 3.ª divisão de infantaria, cognominada a *encouraçada*, e que veio a fallecer pouco

depois, de seus gloriosos ferimentos; Victorino, Netto e Mallet, Jacintho Machado, Oliveira Bello, todos estes brasileiros; general Paunero, coroneis Vedia, Ignacio Rivas e Arredondo, argentinos; general Flores, e coronel Palleja, orientaes.

No nosso lado tinhamos 28.000 homens, alliados, dos quaes apenas combateram 20.000; no lado inimigo 25.000 e todos estes pelejaram.

No numero dos chefes orientaes não se vê o valente general Guyo-Soares. Esse companheiro do general Flores, desgostoso da marcha das operações, desde a invasão do territorio inimigo, conservou-se até o ataque de 2 de Maio que o acabou de convencer que ia pessima a direcção da guerra.

Retirou-se, pois, para o seu paiz.

Em um trabalho como este é impossivel narrar os actos de valor e coragem de tantos bravos.

As nossas descripções não podem deixar de ser feitas a longos traços, em termos geraes.

Enfim, para terminar a narração dos acontecimentos da memoravel batalha de 24 de Maio, devemos acrescentar que, destroçado o exercito inimigo, as suas reliquias vagaram dias e dias pelas mattas.

O marechal Lopes acreditou sempre poder derrotar os alliados desde que estes operassem afastados dos canhões da esquadra brasileira.

Elle dizia official e particularmente:

« Separada de sus buques, la alianza está perdida. »

Este vaticinio não realisou-se.

O marechal havia declarado a seus soldados que esta era a ultima batalha, em cujo campo encontrariam a victoria ou a morte; e, como se duvidasse do valor selvagem, indomito de suas tropas, mandou distribuir-lhes bebidas alcoolicas com polvora.

Apesar das 5 horas de lucta encarniçadissima e durante a qual, em alguns pontos da linha de batalha, especialmente na nossa extrema esquerda, em que se luctou corpo a corpo, á arma branca, o que produz extraordinaria fadiga; era tocante, commovente vêr os nossos soldados levantarem os feridos do inimigo vencido, e conduzi-los com toda humanidade e carinho em seus braços para as nossas ambulancias e hospital de sangue.

Os nossos cirurgiões e padres desvelavam-se no exercicio de suas humanitarias funcções, tratando, com o mesmo zelo, alliados e inimigos, nivelados pelo valor e confraternisados pela dôr dos gloriosos ferimentos.

Honra e veneração aos nossos soldados vencedores; louvores ao seu valor nobre e cavalleiresco!

Os chefes inimigos Barrios, commandante da extrema direita paraguaya, Diaz, da direita, Marcó, do centro e Resquin da esquerda, luctaram com extraordinario valor.

A força de cavallaria, superior a 8.000 homens, precipitou-se com um heroismo admiravel sobre os nossos canhões e quadrados.

Nenhum quadrado nosso, porem, foi roto.

A maior perda do inimigo foi nas forças d'aquella arma pois d'aquelles 8.000 homens, poucos conseguiram escapar.

O mais foi espedaçado á canhão.

Os ataques mais desesperados foram sobre a nossa esquerda, onde a 3.^a divisão de infantaria, a *encouracada*, apenas com 3.500 homens, tendo á frente o sempre lembrado general Sampaio, sustentou só por bastante tempo o impeto de 43.000 inimigos.

Não foi possivel enterrar todos os cadaveres paraguayos.

Em vallos que se abriram sepultaram-se só 7.000 : os outros foram queimados.

Os generaes Barrios e Diaz, ao anoitecer, chegaram ao *Paso Gomez*, em casa do general Bruguez, aonde se achava o marechal Lopez e deram-lhe as tristes novas da derrota.

Elle, porem, tratou de mostrar-se superior ao infortunio. Mandou annunciar por toda parte mais uma esplendida victoria e ordenou que as bandas militares, para festejal-a, tocassem toda noite.

Entretanto, estava o marechal presidente profundamente sentido, apezar de occultar exteriormente a profunda magua que lhe confrangia o coração.

Elle podia, com alguma razão, exclamar depois d'essa batalha, como Augusto, ao saber da destruição do seu exercito pelo terrivel Arminius, nas florestas de Teutberg :

« *Varrus, Varrus ! Restitui-me as minhas legiões !...* »

A ninguem era dado, já o dissemos, a revelação da verdade ; os proprios feridos se espalhassem noticias desfavoraveis á causa do marechal Lopes, seriam, sem remissão, fuzilados.

Todo Paraguay festejou, pois, mais esse *triumpho*, devido aos planos estrategicos do seu presidente e generalissimo.

Um dos feridos d'essa memoravel acção, a primeira de tão grandes proporções, travada na America do Sul, conta o bravo Palleja em seu *Diario* que exclamára, ao vêr-se cercado de todo carinho :

« *Ah ! señor, los paraguayos somos gente muy ruda, y muy ignorante !...*
« *Cuan distintos son ustedes de lo que nos cuentan nuestros superiores ! Nos decian*
« *que degollaban los prisioneros, y nos hacian esclavos, y nos tratan ustedes como*
« *á hermanos !* »

O marechal Lopes durante a batalha conservou-se á uma legoa do lugar em que ella se feria, em um *capão*, entre Passo Fernandez e Riojas.

O mercenario Thompson, então seu ajudante de ordens, no seu livro a que já nos referimos, diz que desse ponto apenas via-se o fumo da refrega.

Não se pode imaginar o entusiasmo do exercito alliado depois d'essa victoria.

Generaes, officiaes superiores, e enfim, officiaes de todas as graduacões, e soldados tinham consciencia de que haviam cumprido brillantemente o seu dever.

Todos esperavam que no dia seguinte, 25 de Maio, memoravel na historia da republica Argentina, o presidente e general em chefe do exercito alliado D. Bartholomeu Mitre, avançasse á frente d'elle e fosse armar as tendas dos soldados vencedores ao arredor de Humaitá que alli estava perto.

Era preciso aproveitar esse dia, porque já havia sido destinado a atacar o inimigo, que por felicidade se adiantou em vir trazer-nos a acção ao nosso campo.

Por onde queria o general em chefe atacar n'esse dia, se o marechal Lopez não tivesse tomado a offensiva no dia 24 ?

Necessariamente pela frente ; mas, ahí nas linhas de Riojas já haviam 100 canhões, apoiados pelas trincheiras, defendidos por 35.000 homens que nos podia oppôr o marechal Lopes, sem contudo desgarnecer de todo outros pontos ; acrescente-se á isso as mattas, os banhados e atoleiros, todas estas defezas naturaes que tornavam aquellas linhas formidaveis, e, o ataque de frente seria certamente um enorme desastre para as armas alliadas.

O general em chefe estava d'isso sciente pelas informações dos prisioneiros, feitos antes da memoravel batalha.

Agora, a situação é outra.

O general em chefe viu a espantosa mortalidade do inimigo e, quando um exercito é despedaçado como foi o exercito paraguayo, custa a refazer-se, a reorganisar-se, a voltar á si, por assim dizer, da syncope produzida pela hemorragia copiosa, abundante.

Assim, cumpre avançar ; colher os louros da victoria.

Os destroços do inimigo vagam pelas mattas ; aquellas linhas formidaveis estão desgarnecidas :— avançar é enfrentar com Humaitá e apoderarmo-nos de mais de 100 canhões porque Sauce, Riojas e Curupaity ficarão em nosso poder.

Porem, o general em chefe não avança ; allega que não tem cavallaria e outros meios de mobilidade para o exercito argentino, o ainda mais deficiencia de viveres !

A pouca cavallaria que temos é sufficiente porque as posições que vamos tomar são nas mattas e para isso temos bayonetas e canhões de sobra.

Alli não pode manobrar a cavallaria.

Se o general receia penetrar nas mattas que lhe ficam em frente, pode flanquear o inimigo pela nossa direita, onde tudo está desguarnecido e ir sitiá-lo Humaitá.

Allega-se que se desconhece o terreno.

Não procede tal evasiva; temos prisioneiros e até *vaqueanos* ou guias: interrogue-os e avance, não se perca tempo. Quanto aos vivos, tanto fazia distribuir os poucos que alli existiam em Tuyuty como em Humaitá, atacando-se de frente. Eram pontos muito próximos.

Mandasse o general em chefe o exercito brasileiro avançar; nós tínhamos tudo para chegar á Humaitá.

Ficámos no campo de batalha com as nossas tendas, armadas sobre os restos mortaes dos bravos que sob o areal de Tuyuty encontraram a ultima morada. A guerra sem a gloria é um assassinato em massa, e a gloria não se pode adquirir parado, inerte n'essa necropole.

Mas, como se commanda assim?

Não ha consciencia; não ha completa comprehensão da immensa responsabilidade que se assume perante os povos alliados, perante o mundo; perante a historia que é a posteridade?

Como se pôde protelar uma campanha por causas todas imaginarias, improcedentes, sem receio de desluzir o proprio nome, e a honra militar de trez pavilhões, á cuja sombra, o bravo cahe heroicamente e, envolvendo o ultimo suspiro, talvez, em um generoso perdão para a mediocridade vaidosa que não pôde tirar, com a intelligencia, todas as vantagens do sangrento sacrificio, ao menos para cobrir o campo de batalha com uma mortalha de glorias?!

Não ha desculpa.

Não avançar no dia 25 não foi um erro; foi um crime. Ainda, podíamos marchar a 26; não marchámos.

Estamos parados, inactivos; entretanto, os paraguayos que vagavam pelas mattas vão se reunindo e o marechal Lopes reorganizando-os; artilhando ainda mais as suas trincheiras, melhorando o seu traçado; enfim, preparando-se para tirar partido da criminosa e revoltante inacção dos alliados.

O resto do mez de Maio e principios de Junho passaram-se sem maiores novidades.

No dia 4.º d'esse ultimo mez a cavallaria rio-grandense soffreu um golpe doloroso: em Corrientes fallerá o bravo general Netto, victima de uma febre palustre.

Já a 24 de Maio elle bateu-se doente; pouco sobreviveu á gloriosa jornada, á qual ligou para sempre o seu nome, como o de um dos mais esforçados cooperadores da victoria.

O inimigo já no dia 14 de Junho começou a patentear que sabia aproveitar-se da immobilidade dos alliados.

Elle havia construido mais algumas trincheiras e d'ellas durante 5 horas bombardeou o nosso campo.

O general Bruguez que derigiu o fogo, lançou-nos 3.000 projectis; porem, apesar de tão vigoroso canhoneio só tivemos 40 mortos e 93 feridos.

Menos prejuizo talvez tivessesmos, se no dia 25 ou 26 do mez antecedente avançassemos, como todos os interesses aconselhavam, mesmo a honra e até a humanidade para evitar no futuro maior effusão de sangue.

O exercito, acreditando que, apóz aquelle formidavel bombardeamento, o marechal Lopes atirasse os seus soldados á alguma nova aventura, respondeu tambem á canhão o canhoneio inimigo, e prompto para receber o ataque.

O inimigo, porem, não moveu-se de suas linhas, talvez por ter observado a nossa attitude.

Estes bombardeamentos se succederam com maiores ou menores intervallos.

No dia 20, as granadas fizeram voar em frangalhos a barraca do general Flores, pois, sobre a vanguarda e a nossa bateria central, a mais avançada, concentrava-se mais o odio do inimigo.

O general Bruguez, ordinariamente, era o que se incumbia, como chefe da artilharia, d'estes canhoneios, cujo prejuizo material em nosso campo não era correspondente, entretanto, ao ruido, aos estrondosos trovões d'esses canhões de grosso calibre.

A 30 de Junho, mais de 500 granadas silvaram por cima das tendas da vanguarda.

As nossas baterias, então de canhões de campanha, raiados, em sua maioria, não deixavam de gentilmente acceitar o desafio inimigo e duellar-se sempre.

Emfim, as nossas perdas em Junho, n'estes bombardeamentos, não excederam a 190 homens, fóra de combate, entre mortos e feridos, dos quaes 460 eram brasileiros.

O mez de Julho entrou, sem que da parte do exercito alliado se notasse disposições de sahir d'aquella inacção.

Deus nobis hanc Ostia fecit!

Os bombardeamentos continuaram.

No dia 40 de Julho, o marechal Lopes, cujo genio e caracter não se coadunava com uma defensiva *passiva*, resolveu lembrar aos seus inimigos que elles não tinham alli chegado para colonisar aquella porção de terra paraguaya, mas para resolver, com as armas na mão, uma contenda de honra; por consequencia, mandou atacar, por 2 batalhões d'infantaria e alguma cavallaria, á 2 companhias do batalhão *Catamarca*, argentino, em serviço nas avançadas, que promptamente apoiadas, repelleram o inimigo.

Mas, no dia seguinte, renovou-se o conflicto e, então, mais se-

rio. Os paraguayos foram derrotados, deixando no campo 200 mortos e 400 feridos.

Os nossos alliados ali fizeram 30 prisioneiros, e tomaram 2 caixas de guerra, além de bastante armamento.

Esta pequena acção recebeu o nome de combate de Jataity-Corá, nome do sitio em que elle se ferira. Mais tarde, veremos esse logar celebrar-se por um acontecimento que evidenciou a astucia, e a intelligencia do marechal Lopes.

A posição de Jataity-Corá foi occupada pelos argentinos, porque o general em chefe julgára, na tarde do dia 14, muito necessaria a sua occupação, não sabemos para que fim.

As perdas argentinas foram de 207 homens, entre mortos e feridos.

O valente general Paunero dirigiu a pequena acção; os generaes Diaz e Elisardo Aquino estiveram á frente dos paraguayos, como seus chefes.

Algumas horas depois, á noite, o general em chefe deu ordem de abandonar a posição, que poucos momentos antes, julgara a occupação indispensavel!

Luxo ou prodigalidade de derramar sangue!

Durante o conflicto, as baterias inimigas bombardearam o nosso campo, e, na vanguarda, ainda os projectis sempre cahiam em abundancia. O general Flores que mandára armar outra barraca no mesmo sitio em que fôra a primeira espatifada, escapou maravilhosamente de ser victima de 2 granadas que explodiram junto á si.

O proprio general em chefe, nas trincheiras da direita, quando observava as peripecias do combate, escapou de ser atingido por um foguete á congreve que lhe vinha certoiro.

O general Osorio, agraciado com o titulo de barão do Herval desde a passagem ou invasão da terra inimiga, havia adoecido; sentira aggravar-se o seu máo estado de saude, mais ainda pelos incommodos Moraes que lhe causavam a direcção da campanha.

Sem poder remediar o estado de cousas porque o governo do Brasil havia dado essa direcção a um general estrangeiro, investido então do alto cargo de presidente da republica alliada, sem, por consequencia, responsabilidade ante o governo brasileiro, incompetente para lhe tomar contas de seus actos; julgou que devia recolher-se á patria para tratar-se de suas enfermidades.

E' bem provavel que á essa causa determinante da retirada de Osorio, se reunissem outras; mas, o que é verdade, e esta se soube depois da guerra, é que o general brasileiro não podia conformar-se com esse methodo de conduzir a campanha *sem fazer nada*, a não ser forçado a golpes de sabre inimigo.

A 15 de Julho, Osorio entregou a Polydoro Jordão, general bravo, austero e disciplinador, que o veio substituir, o commando do exercito brasileiro e á 18 recolheu-se ao Brasil.

Desde o dia 13, que o inimigo começára a construir uma trincheira e a artilhal-a, sem que fosse incommodado, nas mattas que ficavam á nossa esquerda, no intuito de nos bater de *recéz*, em posição dominante, que já antes havia estado em nosso poder.

Era preciso, sem perda de tempo, tomar aquella trincheira e bateria, já que não tínhamos privado que ellas alli fossem levantadas.

Resolveu-se, pois, o ataque.

O general brasileiro encetava o commando em circumstancias bem difficéis, pois, além de outras causas, assumira-o em vespera de um combate, que poderia tomar grandes proporções pela natureza do terreno em que ia ser empenhado, e sem medear algum tempo para que entre o chefe e os soldados surgisse a confiança, que tantas vezes coopera para a victoria.

Veremos, porém, que esta ultima condição, tão importante, não influira no animo dos bravos e que estes pelejaram, embora sem grandes resultados, ás ordens do brioso general, como se fossem velhos camaradas, a quem elle a longo tempo conduxisse pela senda gloriosa das batalhas.

Para infortunio das armas alliadas, o general em chefe ia limitar apenas a acção na esquerda.

Ahi as posições inimigas, encobertas por espesso bosque, eram ainda protegidas por um immenso banhado.

Por dous *boqueirões* penetrava-se no bosque.

Estes *boqueirões* eram defendidos por duas trincheiras com os seus respectivos *fossos*.

A primeira, no sitio denominado Punta-Narò estendia-se ao longo do bosque até unir-se á nova bateria, causa do ataque, construida para defender o segundo *boqueirão*; a segunda reunia aquella bateria á extrema direita da fortificação principal, que mais tarde apresentára a forma de um quadrilatero.

Pelo primeiro *boqueirão* penetrava-se em um claro, que existia no interior do bosque, e sito á rectaguarda da bateria a que nos temos referido. Ahi, a fortificação inimiga apresentava uma saliencia, indo o claro morrer em um grande banhado, impossivel de vadear.

Taes eram a topographia e a defesa do terreno inimigo por aquelle lado.

Transmittidas as ordens para o ataque, avançou na noite de 45 o general Guilherme de Souza com 8 batalhões, uma bateria de 4 canhões de campanha e uma força do batalhão de engenheiros do exercito brasileiro, collocando-se entre o banhado e o bosque.

As avançadas brasileiras e paraguayas durante o correr da noite espingardearam-se algumas vezes, sem incidente notavel.

Esperava-se o romper do dia para encetar o combate.

A madrugada despontou finalmente ; mas como despontára aquella que illuminou o campo de batalha de Moscou !

Era côr de sangue !

Viras entusiasticos ao imperador, á nação brasileira e aos alliados assignalam a marcha dos nossos batalhões para a posição a conquistar.

O inimigo, abrigado no *fosso* e na trincheira do primeiro *boqueirão*, recebe os nossos batalhões com um fogo vigoroso de espingarda, mesclado com a metralha da nova bateria.

A canhonada paraguaya é correspondida pela bateria que está ás ordens do general Guilhaume e pelas que se acham na extrema esquerda da vanguarda

O fogo cresce de violencia.

Não é possivel permanecer a pé firme em frente á trincheira, onde alias gasta-se uma hora em vivos tiroteios e mortiferos canhões.

O general manda assaltal-a e os nossos batalhões, á bayoneta, arrebatam-na e seguem pelo *boqueirão* até o claro que fica no interior do bosque, levando o inimigo adiante de si.

A entrada do *boqueirão* ficam forças para guardar a retirada.

A nova bateria e um fogo vivissimo de fuzilaria cobrem de projectis as forças brasileiras que se internaram no bosque e as que se espalharam no claro ; depois o inimigo, ora deixa as trincheiras para carregar as nossas forças, ora recolhe-se a ellas, repellido pela admiravel resistencia que encontra.

Enquanto troya o canhão acompanhado da fuzilaria nessa posição, na extrema esquerda uma brigada de infantaria, ao mando do general Menna Barreto (José Luiz), avança pelo Potrero Pirez para penetrar em outro entrincheiramento inimigo, que apoia o flanco (direito), tambem em um grande banhado.

Em toda a nossa esquerda o fogo é vivissimo.

Em um terreno como aquelle não podem as tropas brasileiras conservar boa ordem : entretanto combatem, já na offensiva, já na defensiva, com furia e tenacidade, como confessam os documentos paraguayos.

São 14 horas.

O exercito argentino avança pela direita, sem encontrar resistencia.

Varios emfim colher um brilhante triumpho, porque este movimento inquestionavelmente decide da acção !

O inimigo não tem ali forças consideraveis.

A totalidade do seu exercito está empenhada no terrivel combate travado na esquerda ; assim, se o exercito argentino atacar vigorosamente as posições que lhes ficam em frente, isto é, á esquerda paraguaya, os alliados acamparão no interior das fortificações inimigas.

Com indizível pasmo vê-se o exercito argentino, pouco depois, voltar ao seu acampamento, por ordem do general em chefe, e assim procedendo « *perde uma bella occasião de se cobrir de gloria,* » como muito bem diz o general oriental Palleja em seu *Diario de Operações*.

Não obstante continuam as forças brasileiras e paraguayas a baterem-se com encarniçada pertinácia, na esquerda.

Sempre as mesmas peripecias ; mas nenhuma vantagem real para as nossas armas

A fadiga vem finalmente, e é necessario abandonar o terreno conquistado, onde centenaes de mortos e feridos attestam o valor dos combatentes.

As nossas forças retrocedem até a primeira trincheira que tomaram, e ahí são rendidas por outras frescas, ao mando do bravo general Argollo.

E' meio dia. O terrivel combate não cessa.

O inimigo procura tomar aquella trincheira e o ataque assume de novo enormes proporções, que tornam aquelle posto tão glorioso quão mortifero !

A luta prolonga-se sempre ; os batalhões e regimentos inimigos succedem-se na acção como se quizessem esmagar *à coups d'hommes* a heroica divisão Argollo.

Quanto á brigada do general Menna Barreto, essa desistira da operação pelo Potreiro Pirez por causa das difficuldades locais.

As investidas do inimigo continuam e a noite se approxima sem que um ou outro dos adversarios se retire da acção.

A divisão Argollo bate-se desde 4 1/2 dia ; o mau estado do armamento, que já não pode fazer fogo, mais do que a fadiga, obriga mais tarde o general Jordão a mandar substitui-la naquelle posto medonho, juncado de mortos e feridos.

São 9 horas da noite.

Avanção então 5 batalhões da divisão do general Victorino Monteiro, reforçados com 4 batalhões argentinos sob o commando do coronel Conesa.

Esta columna continua a repellir os ataques desesperados do inimigo, com a galhardia com que o fizera a divisão Argollo.

O bosque parecia abrazado !

Só ás 10 1/2 horas da noite o fogo começa a enfraquecer por parte dos paraguayos. Cessam os assaltos ás trincheiras e apenas uma ou outra vez um canhão ou foguete de guerra parte das posições inimigas, serpenteando ou descrevendo uma trajectoria luminosa e vem incommodar os soldados do batalhão de engenheiros, occupados em apropriar melhor, para a nossa defesa, a trincheira tomada n'esse dia.

São os ultimos coriscos e trovões da longa e pavorosa borrasca !

Emquanto os nossos soldados preparam a trincheira, o inimigo augmenta os seus meios de resistencia ; ouve-se perfeitamente o rodar das carretas e os golpes dos machados.

Pelejaram nessa jornada, desde o albor do dia até ás 9 horas da noite só tropas brasileiras; depois foram estas reforçadas pelos 4 batalhões argentinos do coronel Conesa, como dissemos.

Os generaes Guilherme de Souza, Argollo, Victorino Monteiro e coronel Conesa, á testa de suas columnas, cobriram-se de gloria pela admiravel conducta que ostentaram ; não menos glorioso fôra o procedimento dos generaes inimigos Diaz, Bruguez e Elizardo Aquino, este ferido mortalmente.

Esta acção ficou conhecida pelo nome de combate do *Boquerón*.

Nós, brasileiros, tivemos n'essa sangrenta e pouco proveitosa jornada, 4.899 homens fôra de combate, não sendo inferior a perda do inimigo.

O bravo general oriental Leon de la Palleja, diz no seu *Diario de Operações*, depois de varias considerações que fez acerca deste ataque :

- *Em vez de fazer-se alguma coisa de serio pela nossa direita vai a luta proseguindo á esquerda sem que se tente movimento algum estrategico para dominar o furor desta. O que se ganha com isso é tão sómente augmentar o sacrificio de vidas, porque se tenazes são os paraguayos para o fogo a pé firme, mais tenazes são os brasileiros.* •

O heroico soldado continúa com suas considerações, e mais adiante pergunta :

- *Qual foi o resultado do combate de hoje ?*
- *Foi a conquista de uma parte da posição entrincheirada do inimigo, posição de que o deixamos apoderar-se e que elle foi fortificando tranquillamente por espaço de tres dias.*
- *Esperámos, para levar o ataque, que o inimigo cobrisse de canhões a nova bateria e completasse os seus entrincheiramentos.* •

A posição tomada e que tanto sangue custára ao exercito brasileiro e ao inimigo, continuou occupada pela divisão do general Victorino no dia seguinte, sendo apenas substituida a brigada argentina do coronel Conesa pela de Cesario Dominguez, da mesma nacionalidade, composta de 4 batalhões.

O inimigo, no dia 17, proseguiu com os seus trabalhos nas matas, procurando encobrir o rumor dos machados com repetidos fogos de espingarda.

Esse rumor cada vez tornára-se mais distincto.

O general Victorino percebeu que os paraguayos abriam uma picada, que seria mais uma via por onde elles poderiam fazer irrupção.

Ao despontar do dia 18, aquelle general tratou de proceder a um reconhecimento de accordo com o general Flores, commandante da vanguarda.

Apenas os batalhões brasileiros e argentinos começam a mover-se da trincheira tomada no dia 16, rompe o fogo do inimigo, não só do exterior como do interior da matta, onde naquella dia já se havia pelejado com furor pouco commum.

A existencia da picada construida pelo inimigo é uma realidade, como pessoalmente reconhece o general brasileiro ; mas, como não tem ordens para empenhar um ataque decisivo, vai retroceder quando ellas lhe são transmittidas por varios ajudantes do general Flores, que, entretanto, não prevenira aos outros generaes do ataque que acabava de ordenar.

Então o 2.º de linha e o 30.º de voluntarios, sob as ordens do tenente-coronel Salustiano, avançam por um lado, enquanto o general Victorino em pessoa com o 5.º e o 21.º segue por outro, para levar o ataque, conjunctamente com a 3.ª divisão argentina sob o commando do coronel Cesario Dominguez.

Apenas chegam estas forças ás mattas de onde partem milhares de projectis, a frente do inimigo é atacada pelo batalhão oriental *Florida* sob as ordens do heroico *Palleja*.

Em protecção á divisão argentina seguem ainda os batalhões *Independencia*, tambem oriental, e o 16.º de voluntarios brasileiros.

Estão, pois, estas forças empenhadas em vivissimo fogo, e grande parte dellas penetram na matta e já se acham quasi á *contra-escarpa* do fosso da fortificação paraguaya.

Brasileiros, argentinos e orientaes rivalizam no valor.

Chegam outros batalhões brasileiros porque o exercito que ignorava a ordem dada ao general Victorino, ouve o conflicto e, então, é preciso avançar em protecção como ordena o general Jordão.

Os chefes que dirigem o combate comprehendem bem que é uma temeridade inutil, um erro indesculpavel permanecer a pé firme sob a acção da metralha que varre as fileiras de seus soldados.

Resolvem, pois, atacar á bayoneta.

A trincheira que os alliados atacam é uma das que, quatro dias antes, fôra construida sem o minimo embaraço, e fecha um *boqueirão*. A ella já nos referimos quando tratámos no combate do dia 16, e então dissemos que ia remir-se á extrema direita das trincheiras que constituíam o systema principal de defesa do inimigo.

O sitio em que levantaram-na denomina-se Carapá.

O dictador Lopes confiara o commando dessa trincheira ao major Marcellino Coronel.

Ao toque de carga os alliados lançam-se sobre ella á bayoneta, e são repellidos duas vezes: investem-na de novo e é tal o arrojo do ataque que os paraguayos fogem em debandada, abandonando toda bateria composta de 7 peças de calibre 12.

Estão, pois, senhores dessa posição onde tremulam as bandeiras das trez nações. Ella, porém, está ao alcance da metralha e fuzilaria das trincheiras da extrema direita, sitio denominado Sauce, e

o que está conquistado, já com perdas sensíveis, é muito pouco em relação ao que cumpre fazer-se.

A principio, apenas 2 canhões brasileiros contestam o fogo da bateria inimiga: depois, porem, mais 8 mesclam com aquelles os seus fogos, habilmente dirigidos.

Não é possivel empregar maior numero de bocas de fogo porque a zona que deve ser canhoneada é limitada, e bater os outros pontos seria expor os alliados ao fogo de sua propria artilharia.

Apezar da fuzilaria intensa e da metralha que parte das trincheiras da extrema direita do inimigo, os batalhões brasileiros, argentinos e orientaes, preparam-se para assaltar aquelles entrenchearamentos.

As perdas, porem, tornam-se, a cada instante, mais consideraveis, e urge reforçar as columnas para o ataque.

O bravo Palleja que á testa do batalhão *Florida*, fôra um dos que primeiro chegou á bateria, pede dous batalhões ao general commandante da vanguarda.

Flores envia o 15.º de voluntarios e o 7.º de linha, brasileiros, que seguem a passo accelerado.

As forças alliadas avançam sobre a formidavel posição, e como no ataque da tricheira Carapá, são repellidas; renovam a carga.

O coronel Bello (André) toma uma bandeira de um dos batalhões de sua brigada e collocando-se á frente, avança com ella e com tal impetuosidade que chega á *contra-escarpa* do *fosso*, cuja profundidade bastante grande, impede de escalar rapidamente o *parapeito*.

Uma força do batalhão de engenheiros aproxima-se, e em poucos minutos entulha grande parte do *fosso*, debaixo de violento fogo de fuzilaria e bombas de mão. Então torna-se mais facil escalar o *parapeito*; os alliados galgam-no, com effeito, e penetram nos baluartes inimigos.

Desgraçadamente o bravo general Victorino recebe um glorioso ferimento, cuja gravidade o afasta da acção; Palleja, o heroico soldado da intrepida phalange oriental, e sob cuja ordens combate tambem a força argentina, cae mortalmente ferido e succumbe, pouco depois de ter tido a gloria de ver tremular naquella posição a bandeira de sua patria adoptiva á qual servira com acrysolado amor e enthusiasmo. Elle era hespanhol.

Flores, cheio de admiração pelo valor desse intrepido official, promove-o, embora morto, a general.

Estão, pois, os alliados, como já dissemos, dentro da linha principal das fortificações inimigas.

Se forem reforçados a tempo, será talvez o ultimo dia da campanha; o ultimo sangue que vai cahir sobre e solo fadado a receber, nos sulcos abertos pelos ricochetes dos projectis de nossas bombardas, as sementes da civilização e da liberdade, como o terreno, ba-

nhado pelo suor honesto do lavrador, recebe as sementes que devem produzir fecunda colheita, depois de sulcado pelo arado.

Mas os reforços retardam, e o inimigo que recuára para diferentes pontos do interior de suas trincheiras, procura, com um fogo infernal, repeller dalli os assaltantes.

Nas immediações do terreno em que se empenha uma acção tão terrível, e que pôde anniquilar todo o poder do dictador Lopes, dando, por consequencia, um esplendido triumpho aos alliados, não se vê o general em chefe!

Como no dia 16, elle conserva-se no seu acampamento, como se fôra indifferente ao medonho espectáculo que, por longas e longas horas, apresenta o campo de batalha, onde estão compromettidos os seus proprios compatriotas, e onde pelejam, ao lado dos brasileiros e orientaes, como uma legião de leões!

No entanto o inimigo recebe reforço das trez armas, e recrudesce o seu fogo de um modo espantoso.

Grande parte de nossas forças, limitada em sua totalidade, desde o principio da acção, e agora muito mais ainda, depois dos profundos claros, que a metralha e a fuzilaria abriram em suas fileiras, espalha-se, á procura de abrigo e á espera de protecção, em diversas direcções, pelas picadas abertas na matta.

Enquanto isso succede no Sauce, o general Jordão manda avançar o 2.º corpo de caçadores a cavallo, então desmontado, o que recentemente chegára do 2.º corpo do exercito brasileiro.

Os bravos caçadores avançam por um trilho aberto no espesso bosque.

E' muito fraco esse reforço.

O que convem em tal situação é fazer marchar acceleradamente o maior numero possível de batalhões.

Não chegam, porém, estas tropas frescas que devem dar á alliança uma estrondosa victoria!

A infantaria brasileira, disponível, está empenhada.

Entretanto, como já dissemos, as fileiras inimigas engrossam a cada momento, e o fogo attinge a proporções indiseveis!

Actos de heroismo por toda a parte; officiaes e soldados dos alliados morrem honrando as bandeiras de suas nacionalidades.

Aqui é o bravo Washington Lemos, argentino, tenente do batalhão *Mendoza San Luiz* que cahe, com as pernas partidas por uma granada e exclama, entregando o rewólver a um amigo:

« No importa que yo muera, si la victoria es nuestra! »

Acolá é o intrepido capitão Francisco Nogueira Angelim, do 2.º corpo de caçadores a cavallo, que avançando para o entrincheiramento, tomba mortalmente ferido e ainda assim anima, com palavras sublimes, os seus commandados que vacillam, ao vel-o cober-

to de pó e sangue, e pouco depois expira erguendo vivas ao imperador e à patria.

De pé, sobre o parapeito da trincheira do Sauce, é o tenente brasileiro Carneiro da Fontoura (Manoel Ignacio) que dirige, com placidez admiravel, os soldados encarregados de destruir a trincheira inimiga, e cabe mortalmente ferido no fundo do *fosso*, exclamando: *Coragem, soldados! Não é nada*. E expira.

Emfim, repetiremos, os alliados praticam innumerados actos de valor nessa jornada bem pouco fructifera, e cada instante que passa assignala a inscripção de uma victima illustre no longo obituario da acção, ou o nome obscuro do soldado, todos nivelados pela coragem e abnegação no sacrificio.

E' 4 hora da tarde, e o ataque, como vimos, começara ao romper do dia. O general Diaz dirige as forças inimigas, e depois de reforçar consideravelmente as tropas que foram repellidas das trincheiras, e que se batem a algumas dezenas de metros dalli, lança sobre os alliados, antes que estes vejam chegar a protecção que esperam e que tanto necessitam, uma columna composta dos batalhões 6º, 7º, 12º, 13º, 26º e 40º, protegidos pelo regimento de cavallaria n. 21, e, após aquelles, outros batalhões, e trava-se então um mortifero duello a *arma-branca*.

O campo de batalha é assim transformado em circo de gladiadores, como á 2 e 24 de Maio.

Infelizmente o vacuo nos alliados é immenso ; a lucta desigual; entretanto elles batem-se com a energia e enthusiasmo de cidadãos, e o inimigo com a ferocidade do escravo romano.

A arena é um cahos !

Os combatentes, cegos de furor, calcam sobre os pés os mortos e feridos que lastram o chão, ou tropeçando nelles, cahem para de novo erguerem-se aferrados uns aos outros !

Emquanto estas scenas se passam no Sauce, o dictador Lopes, temendo que cheguem reforços aos alliados, manda investir a direita destes por 4.800 homens de cavallaria, e cada um delles traz um soldado de infantaria na garupa.

A celeridade com que vem o inimigo detem-se ante os obstaculos que encontra em um grande banhado.

Para passal-o apenas ha um vão, e por elle avança a columna paraguaya.

Os majores Ayalla e Mansilla, argentinos, ali estão á testa de forças de infantaria ; mandam formar quadrado e rechassam os esquadões inimigos.

Estes voltam de novo com um batalhão de infantaria ; mas, são valentemente recebidos e pouco depois repellidos por aquelles dous distinctos chefes.

Não é possivel proseguir o combate no Sauce, sem que o resto das nossas diminutas forças, que ainda sobrevive, receba reforços

frescos e numerosos, e pelos quaes ha longo tempo espera, sustentando uma lucta immensamente desigual !

Elles não apparecem, e assim chega para os alliados o terrivel e doloroso momento de ceder o terreno que conquistaram a preço de tanto sangue, de tanta coragem e de tanta gloria !

Ordena-se a retirada.

Depois de um combate *corpo a corpo*, de uma lucta á *arma-branca*, ella não pôde ser effectuada em boa ordem ; não obstante, os chefes procuram firmar-a em suas fileiras, horivelmente rarefeitas, e ellas retiram-se com suas bandeiras desfaldadas !

O inimigo organisa então uma columna para carregar os retirantes, e tenta o movimento ; mas, dous batalhões brasileiros repellem-na com um fogo vigoroso, e assim conseguem contel-a.

Ao chegar á trincheira Carapá, os alliados hasteam ahi as suas bandeiras.

Nem tudo ficara perdido : conserva-se ao menos essa trincheira, a primeira que fôra tomada nessa jornada, muito lutuosa, especialmente para o Brazil.

As perdas das fileiras alliadas nos dias 16 e 18 de Julho, especialmente as do exercito brasileiro, pois só elle teve 3.622 homens fôra de combate, causaram penosa impressão. O resultado colhido não correspondia a tão enorme sacrificio, só justificavel se todas as fortificações fronteiras ao nosso campo fossem conquistadas.

Os nomes de varios officiaes generaes foram indicados como os dos responsaveis pela terrivel carnificina.

Não esqueceram o do general Polydoro Jordão, commandante do 1.º corpo de exercito brasileiro.

Commettiam grave injustiça.

A' energia desse general devera-se a posse das trincheiras de Punta-Naro e Carapá, que, se não fossem tomadas, obrigariam os alliados a retirarem-se do campo de Tuyuty, batidos pelo flanco esquerdo e de revéz.

O general Polydoro encontrara, ao assumir o commando no dia 15, isto é, na vespera da acção, o plano de ataque já combinado, e assim não tinha outro recurso senão acceitar a situação.

O que se devera ter feito, era não consentir que o inimigo, tranquillamente e aos olhos dos exercitos alliados, construísse as trincheiras, e isso era facil conseguir-se com insignificantes sacrificios ; esperar, porem, que elle as construísse e artilhasse para então investil-as foi um erro e deu-se ao mundo um triste documento de incapacidade militar.

O bravo coronel argentino Cesario Dominguez, em sua parte official, declara que *a falta de alguns batalhões de protecção ás forças que atacaram as trincheiras do Sauce, obrigou a abandonar-se essa posição.*

Em todos os paizes os generaes commandantes dos corpos de exercito são só responsaveis pelas operações planejadas e executadas fóra das vistas do general em chefe : ao contrario só este é o responsavel perante a historia.

Os acontecimentos se encarregavam de provar infelizmente a pessima direcção da campanha, á proporção que corria o tempo.

Alguns batalhões mandados de protecção aos que atacaram a trincheira do Sauce poriam termo talvez á lucta ou pelo menos abriam-nos o caminho para o sitio e quiçá para a immediata posse de Humaitá.

Não sabemos porque o general em chefe não foi pessoalmente vêr a situação da sua esquerda no dia 16 e especialmente no dia 18.

Precisava attender a direita do exercito alliado, aonde estavam os argentinos ?

Á direita não corria serios perigos e o theatro sangrento da lucta distava pouco. A galope, o general Mitre varias vezes poderia transportar-se em poucos momentos durante a acção até a esquerda, para conhecer a situação e dar-lhe os recursos que ella exigisse.

Não appareceu alli.

Até agora, como se vê só tomámos a offensiva na passagem para o territorio inimigo ; as outras vezes que temos combatido, só o fizemos fustigados pelo marechal Lopes.

E' extraordinaria, singularissima, essa situação do exercito alliado, pois, apesar de vencedor, conserva-se na posição de vencido.

Não avança.

Sempre a inacção, sempre a immobildade, e nenhum rasgo de intelligencia, de genio militar que nos arranque d'essa defensiva *passiva* a que nos votou o general em chefe.

Se havia deficiencia de planos estrategicos na direcção da guerra, abundavam, entretanto, a coragem, o valor, a abnegação e o heroismo em qualquer dos exercitos alliados.

Com taes soldados, um general mesmo de mediocre capacidade militar teria feito maravilhas.

Flores, como sempre, foi nos ataques de 16 e 18 de um valor admiravel e o general Polydoro Jordão patenteou bravura, calma e previdencia, mostrando-se assim capaz de substituir o glorioso general Osorio.

O exercito depositou logo no general Jordão plena confiança, como já vimos.

Os alliados n'estas 2 refregas, 16 e 18, tiveram 1.624 homens fóra de combate entre mortos e feridos, contando-se n'esse numero 261 officiaes brasileiros, 59 argentinos e 12 orientaes, inclusive o general Palleja.

Não foram inferiores as perdas do inimigo, salientando-se entre os mortos o general Aquino, ferido mortalmente a 16, como disse-mos, vindo a fallecer no dia 18 ; o major Marcellino Corenel, morto

pela manhã de 18, quando abandonava a trincheira que defendia para recolher-se ás do Sauce.

Emfim, a hecatombe foi grande para uns e outros.

As sympathias deixadas no exercito pelo general Osorio manifestaram-se ainda n'estes 2 combates, pois, muitos batalhões, á bayoneta, investiram ás trincheiras aos vivas áquelle general.

Os nossos cirurgiões portaram-se brillantemente nos hospitaes de sangue.

A dedicação aos feridos não tinha limites. Ella só se poderia comparar ao valor e a coragem dos bravos, cujas feridas cumpriam agora cicatrizar.

Nos nossos hospitaes de Corrientes, á cabeceira dos feridos, com a maior dedicação e humanidade, via-se tambem a figura veneravel de uma senhora brasileira, viuva, que tinha vindo da Bahia, d'esse pedaço de nossa patria, tão fertil de bravos e de patriotas, com o 40.º de Voluntarios da Patria, commandado pelo tenente-coronel Joaquim Mauricio Ferreira.

Chamava-se Anna Justina Ferreira Nery.

Era irmã do bravo commandante do 40.º de Voluntarios.

Esta senhora tinha trez filhos no theatro da guerra; dous medicos e um official combatente.

Os seus admiraveis cuidados e carinhos salvaram a centenaes de officiaes e soldados.

Era uma mãe extremosa para os que soffriam.

Mais tarde essa veneravel brasileira seguiu para Humaitá e Assumpção, quando estas posições cahiram em nosso poder, assignando-se sempre pelos seus humanitarios e piedosos serviços.

Honra e eterna veneração á sua memoria !

Os ultimos combates, e anteriormente o de 2 e batalha de 24 de Maio tinham desfalcado o nosso exercito que tambem viu profundos claros abertos pelas molestias, umas devidas ás condições climatericas, outras á essa inacção a que tinha sido condemnado.

Isso aconselhava certas reformas, certas alterações que importavam em uma verdadeira reorganisação.

A esse trabalho devotou-se o illustre general Jordão, aproveitando assim o tempo da immobildade do general em chefe.

A nossa esquadra não dormia nos louros que havia brillantemente colhido.

Depois dos immensos serviços que prestára na passagem do exercito alliado, metralhando a costa e o acampamento do Paso de la Patria, transportando ainda mais as forças para o territorio inimigo; entregou-se ella depois d'essa faina gloriosa, á sondagens e explorações nos rios Paraná e Paraguay, enquanto esfriavam o bronze, ferro e o aço de sua artilharia.

Era como uma *remissão* na febre dos canhões.

Essa febre terá de voltar mais ou menos intensa.

N'estes trabalhos os nossos navios tiveram algumas vezes de acautelar-se contra torpedos e brulotes que o inimigo lançava agoas abaixo para hostilisa-los, no ultimo d'aquelles rios.

Varios d'estes torpedos, carregados com 500 kilos de polvora, explodiram ; mas, em distancia a não poder causar prejuizos ou avarias.

Um d'elles, porem, na madrugada de 13 de Julho, avistado pelo 1.º tenente Antonio Maria do Couto que fazia a ronda em um escaler, explodiu, quando para elle se dirigia esse official afim de desvial-o dos navios da vanguarda, matando a elle e a 7 marinheiros.

O Brasil não cessava de preencher os claros abertos no exercito pelo ferro inimigo e pelas molestias.

Assim, a nação esforçava-se para nobremente desempenhar o compromisso contrahido com as suas alliadas e por assim dizer com o mundo civilizado.

Os reforços chegavam sempre.

Entretanto, enquanto isso succedia ; enquanto chegavam mais brasileiros para serem no futuro, como foram n'esse passado ainda recente, sacrificados inutilmente pela má direcção das operações militares ; sempre aquella parte da imprensa argentina que nos era desaffecteda, continuava a formular accusações á nossa esquadra de erros phantasticos, no intuito de lançar sobre ella a responsabilidade da demora do termo da campanha.

Estas accusações, ás vezes eram tão revoltantes de inverdades, que não pareciam partir de cidadãos argentinos, pois, não se podia admittir que esses homens já se tivessem esquecido que só ao valor e á pericia de nossos marinheiros, attestados e reconhecidos pelas principaes potencias navaes, nas agoas do Riachuelo, devia a república não ter assignado uma paz opprobriosa, imposta pelo marechal Lopez, depois talvez de cobrir Buenos-Ayres de bombas e granadas.

Os nossos generaes não escapavam ás insensatas censuras e os feitos dos nossos bravos que arrancavam, no campo de batalha, exclamações de sincero entusiasmo aos valentes argentinos, não eram muitas vezes nem pallidamente mencionados n'aquella imprensa.

Havia, como uma especie de má vontade : um plano de nos lançar á margem e fazer crer que só os argentinos amavam a gloria e que só elles a sabiam colher no campo da honra.

O pouco escrúpulo, a deslealdade, a descortezia e mesmo a ausencia absoluta de senso politico chegaram aos ultimos extremos, a ponto do general em chefe estar em seu quartel general, cercado de correspondentes e reporters de jornaes de Buenos-Ayres, até do jornal official, e d'alli partirem correspondencias, em que não era com justiça tratado o nosso paiz, representado no Prata pelos nossos denodados marinheiros e soldados que haviam arrancado os maiores applausos do mundo civilizado e tinham sido comparados aos melhores das potencias europeas. Entretanto, o que faziam os nossos

marinheiros, nas agoas paraguayas, tendo á sua frente o bravo Tamarandé ?

O que faziam os nossos soldados, infelizmente tão mal commandados, em Tuyuty em frente ás baterias do Sauce e de Riojas ?

Alli estavam para dar liberdade á uma nacionalidade

Isso mesmo fizeram os nossos marinheiros em 1852, tendo á sua frente o almirante Greenfell, nas agoas de Buenos-Ayres, e os nossos soldados, commandados pelo general Caxias, acampados nos pampas argentinos.

Felizmente homens illustres da republica Argentina sabiam nos fazer justiça; liam com indignação estas inconveniencias que poderiam abalar profundamente os laços da alliança e rompêl-os, se o bom senso, o criterio e a consciencia que tinham os brasileiros da alta missão que lhes cumpria desempenhar n'aquella parte da America, podessem ser aferidos pelo desgarré e pelos moveis d'esses jornalistas pandilheiros.

Sim, estes homens, faziam-nos justiça e viam que a demora das operações tinha somente a sua explicação na indiscutivel incapacidade da direcção suprema da guerra.

E' que elles tinham a consciencia librando-se em regiões mais puras e serenas.

CAPITULO VI

SUMMARY.—Valor do inimigo. — Diplomacia. — Lord Russel e o ministro Castro. — Escandalo. — Offercimentos. — Protestos. *Tratado da Triplice Alliança.* — Tratado de 1851. — *Esquadra D'outr'ora.* — Analyse. — 2.º Corpo d'Exercito. — Sua marcha. — Combate de Curuzú. — Sempre as conferencias. — O inimigo torna Curupaity inexpugnável. — Convite de Lopes para uma entrevista.

Quando tratámos da batalha naval de Riachuelo e de outros combates, temos procurado salientar o valor e a coragem do inimigo que mais se assemelhavam a um fanatismo feroz pelo chefe do Estado do que a outro qualquer sentimento.

Esequiel Robles, commandante do *Marquez de Olinda*, foi apresentado como um typo d'estes paraguayos que preferiam a morte á condição de prisioneiro e nós dissemos que o bravo official, ferido e aprisionado, submetera-se ao seu infortunio, e essa é a verdade.

E' exacto que depois de ter-lhe sobrevindo intensa febre, acompanhada de delirio, a 13 de Junho, sem consciencia mais de si mesmo, batera varias vezes com o coto da perna no beliche, o que produziu desarranjo nas ataduras e hemorragias, do que lhe resultou a gangrena.

Este seu estado já grave, ainda complicou-se depois com uma *pleuro-pneumonia* que afinal produziu-lhe a morte.

Mas, como dissemos, o ferido batera varias vezes com o coto da perna, já sem consciencia de si, sob a acção de uma febre intensissima, delirante, enfim.

Em quanto esteve no goso de suas faculdades, mostrou-se sempre resignado e grato á humanidade com que era tratado.

Pelejou, porem, em Riachuelo com valor pouco commum, não desmentindo a sua raça guarany.

Quem estudar a historia dos nossos indios, verá que elles eram conduzidos aos combates com a crença de que se morressem na lucta, resuscitariam em suas tabas.

Os paraguayos eram descendentes dos guaranys, raça valente, credula e obediente.

Estas idéas de resurreição, alli tambem incutidas pelos Jesuitas, e chefes militares, eram mantidas pelo clero nacional, e assim, alem do valor innato da raça, esse valor tomava proporções enormes, porque a morte no campo de batalha não era mais do que o rapido regresso aos penates.

Esse valor, pois, podia-se dizer que era tanto maior quanto crescia a nostalgia.

O bispo do Paraguay, Palacios, chefe do clero nacional era quem mais alimentava aquella crença.

Por ali, pois, pode-se bem calcular o denodo do exercito paraguayo, composto em sua maioria de guaranys, prompto a morrer, porque a morte era a resurreição no lar, no regaço materno ou nos braços da mulher, dos filhos, da noiva ou da amante.

Na batalha de 24 de Maio vimos a intrepidez do inimigo, e nas acções feridas posteriormente, á proporção que os alliados avançavam, parece que ella tomava maiores proporções.

Procuravam explicar esse valor inquebrantavel ás razões de alcool distribuidas aos paraguayos, pouco antes das pelejas ; mas, quem assim pensava, desconhecia o que disse um escriptor latino : *In vino veritas*.

Com effeito, em todos os exercitos se tem observado que o individuo cobarde, pelo facto de estar sob a acção da embriaguez não adquire fortaleza de animo ; ao contrario, fica mais pusillanime, mais dedicado á salvação ou á conservação do seu *eu*.

Phenomeno inteiramente contrario dá-se com o bravo.

Sob a acção do alcool, a sua bravura toca aos extremos : atinge ao heroismo, ao delirio de gloria.

Explicada essa temeridade com que os paraguayos morriam abraçados, por assim dizer aos nossos canhões, digamos agora algumas palavras a respeito do mundo diplomatico.

Os diplomatas paraguayos acreditados junto aos governos europeos e americanos não deixavam de nos crear difficuldades com suas intrigas.

O encouraçado *Brasil*, construido em Toulon, por contracto em 1863 e por consequencia antes da declaração da guerra, achava-se prompto para seguir a rumo do Rio de Janeiro em 1865, quando a sua viagem foi embargada pelo governo francez por pedido da diplomacia paraguaya.

Graças ao *memorandum* claro e energico do barão de Penedo, nosso ministro acreditado na corte das Tullherias, demonstrando, em substancia, que o navio havia sido encommendado muito antes da questão com o governo paraguayo e que de nenhum modo podia a conducta do governo francez permittindo a sahida, considerar-se como quebra de neutralidade, foi levantado o embargo, a 9 de Ju-

nho de 1865, e, assim, seguiu o *Brasil* o seu destino, ficando a reclamação paraguaya burlada.

Não muito tempo depois, o mundo foi surpreendido com um dos maiores escandalos diplomaticos de que ha noticia nos annaes da diplomacia.

Celebrado o *Tratado da Triplix-Allianca*, esse fatal *Tratado*, a curiosidade não só da Europa como da America não tinha limites, principalmente depois que se soube que as suas clausulas eram secretas.

Infelizmente a diplomacia platina não guardou o conveniente segredo e assim não só na imprensa sul-americana como na europea discutiam-se algumas de suas clausulas : mas, nenhuma palavra de qualquer governo dava até então um cunho official, veridico, ás clausulas em discussão.

O encarregado de negocios da Inglaterra em Montevideo, Mr. Lettson, intimo amigo do ministro Carlos de Castro, das Relações Exteriores, conseguiu uma copia do *Tratado* para mandar ao conde Russel, ministro dos Negocios Extrangeiros, promettendo a reserva e segredo que a conducta d'aquelle ministro exigia, de modo que a copia era para satisfazer apenas a curiosidade do gabinete inglez.

O conde Russel, como tratava-se de nações sul-americanas que não podiam a canhoneação obrigar a Inglaterra a respeitar a lealdade internacional, publicou no *Livro Azul*, isto é, no relatório de 1865, que apresentou ao parlamento inglez, o *Tratado* em sua integra !

Pode-se bem calcular o escandalo.

O ministro Castro, tendo praticado a fraqueza de fornecer ao seu amigo Lettson a copia, não podia depois da publicação permanecer mais á testa da repartição das Relações Exteriores e por isso deu a sua demissão.

Porem, antes de fazel-o, dirigiu uma nota insultuosa ao conde Russel, acoimando-o de perfido, e convidando a *geração futura da Inglaterra a lançar o pó da ignominia sobre a tumba do ministro desleal e improbo !*

Como é bem possivel que algum leitor queira conhecer o *Tratado* em sua integra, antes de proseguir na narração do effeito que produziu a indesculpavel indiscreção do ministro inglez, vamos dal-o aqui :

• O governo da republica Oriental do Uruguay, o de S. M. o Imperador do Brasil e o da Republica Argentina :

• Achando-se os dous ultimos em guerra com o governo do Paraguay, por lhes ter ella sido declarada de facto, por este governo, e o primeiro em estado de hostilidade e a sua segurança interna ameaçada pelo referido governo, que violou o territorio da republica, tratados solemnes e os usos internacionaes de nações civilisadas, mettendo actos injustificaveis, depois de haver perturbado as relações com os seus vizinhos, pelo mais abusivo e aggressivo procedimento :

- Convencido de que a paz, segurança e bem estar de suas respectivas nações
- são impossíveis em quanto existir o actual governo do Paraguay, e de que uma
- imperiosa necessidade exigida pelo maior interesse fazer desaparecer aquelle gover-
- no, respeitando a soberania, independencia, e integridade territorial da Republica do
- Paraguay ; resolveram n'esse intuito celebrar um tratado de alliança offensiva e de-
- fensiva, e para isso nomearam seus plenipotenciarios, a saber :
 - Pela Republica Oriental D. Carlos de Castro, pelo Imperio do Brasil Francisco
 - Octaviano de Almeida Rosa ; pela Republica Argentina D. Rufino Elizalde, os quaes
 - concordaram no seguinte :
 - Art. 1.º A Republica Oriental do Uruguay, S. M. o Imperador do Brasil e a
 - Republica Argentina unem-se em alliança offensiva e defensiva na guerra provocada pelo
 - governo do Paraguay.
 - Art. 2.º Os alliados concorrerão com todos os meios de que poderem dispor por
 - terra e nos rios, segundo fôr necessario.
 - Art. 3.º Devendo as operações da guerra principiar no territorio da Republica
 - Argentina, ou n'uma parte do territorio paraguay limitrophe com o mesmo, fica o
 - commando em chefe e direcção dos exercitos alliados, confiados ao presidente da Re-
 - publica Argentina, e general em chefe do seu exercito, brigadeiro general D. Barthe-
 - lomeu Mitre.
 - As forças maritimas dos alliados ficarão debaixo do commando immediato do
 - vice-almirante visconde de Tamandaré, commandante em chefe da esquadra de S. M.
 - Imperador do Brasil.
 - As forças de terra da Republica Oriental do Uruguay, uma divisão das forças
 - argentinas e outra das brasileiras que serão designadas pelos seus respectivos com-
 - mandantes superiores, formarão um exercito debaixo das ordens immediatas do go-
 - vernador provisorio da Republica Oriental do Uruguay, o brigadeiro general D. Ve-
 - nancio Flores.
 - As forças de terra de S. M. Imperador do Brazil formarão um exercito debaixo
 - das ordens immediatas de seu general em chefe, brigadeiro Manoel Luiz Osorio.
 - Embora as altas partes contractantes estejam de accordo em não mudar o campo
 - das operações de guerra, contudo para manter os direitos soberanos das trez nações,
 - concordam desde já no principio de reciprocidade, para o commando em chefe, no ca-
 - so de terem estas operações de estenderem-se ao territorio oriental ou brasileiro.
 - Art. 4.º A ordem militar em terra e economia das tropas alliadas dependerão
 - exclusivamente de seus respectivos chefes.
 - O soldo, viveres, munições de guerra, armas, fardamento equipamento, e meios
 - de transportes das tropas alliadas, serão por conta dos respectivos Estados.
 - Art. 5.º As altas partes contractantes fornecerão mutuamente todo auxilio ou
 - elementos que tiverem e de que as outras precisarem, na forma que se concordar.
 - Art. 6.º Compromettem-se os alliados solemnemente a não depôr as armas senão
 - de commum accordo, nem antes de haverem derribado o actual governo do Paraguay,
 - e a não tratar separadamente com o inimigo, nem assignar qualquer tratado de paz,
 - treguas, armisticio, ou convenção alguma para terminar ou suspender a guerra, salvo
 - com perfeito accordo de todos.
 - Art. 7.º Não sendo a guerra contra a nação paraguaya, mas contra o seu
 - governo, poderão os alliados admittir n'uma legião paraguaya todos os cidadãos
 - d'aquella nação, que quizerem concorrer para derribar o referido governo, e lhes
 - fornecerão todos os elementos de que carecerem, pela forma e com as condições em
 - que se concordar.
 - Art. 8.º Obrigam-se os alliados a respeitar a independencia, soberania e inte-
 - gridade territorial da Republica do Paraguay.
 - Consequentemente, poderá o povo paraguay escolher o seu governo e dar á si
 - mesmo as instituições que quizer, não se incorporando, nem pedindo um protectorado
 - debaixo de qualquer dos alliados como consequencia da guerra.
 - Art. 9.º A independencia, soberania e integridade territorial da Republica do
 - Paraguay serão garantidas collectivamente na conformidade do artigo precedente
 - pelas altas partes contractantes, durante o espaço de cinco annos.

• Art. 10.^o Fica concordado entre as altas partes contractantes que as isenções, privilegios ou concessões que obtiverem do governo do Paraguay, serão communs para todos, gratuitamente se forem gratuitos, e com a mesma compensação, se forem condicionaes.

• Art. 11.^o Derribado o actual governo do Paraguay, passarão os alliados a fazer os ajustes necessarios com a autoridade constituida para assegurar a livre navegação dos rios Paraná e Paraguay, de modo que os regulamentos ou leis d'aquella republica não impeçam, difficultem ou onerem o transito e navegação directa dos navios mercantes ou de guerra dos Estados alliados que se dirigirem para seus respectivos territorios, ou dominios não pertencentes ao Paraguay, e exigirão as garantias convenientes para que se tornem effectivas estas estipulações sobre a base d'esses regulamentos de policia fluvial, quer tenham de ser applicados aos dous referidos rios ou tambem ao Uruguay; serem feitos de commum accordo entre os alliados e quaesquer outros Estados ribeirinhos, que no praso que fôr fixado pelos mesmos alliados accitarem o convite que se lhes dirigir.

• Art. 12.^o Reservam-se os alliados o concerto das medidas mais convenientes para assegurar a paz com a republica do Paraguay, depois de derribado o actual governo.

• Art. 13.^o A seu tempo nomearão os alliados os plenipotenciarios necessarios para celebrar os ajustes, convenções ou tratados que tiverem de fazer-se com o governo no que se estabelecer no Paraguay.

• Art. 14.^o D'este governo exigirão os alliados o pagamento das despesas da guerra, que se vierem obrigados a aceitar bem como reparação, indemnisação dos prejuizos e damnos causados nas suas propriedades publicas e particulares e nas pessoas de seus subditos, sem expressa declaração de guerra e dos prejuizos e damnos commettidos posteriormente com violação dos principios que determinam as leis da guerra.

• A Republica Oriental do Uruguay exigirá tambem uma indemnisação proporcionada aos prejuizos e damnos que lhe causou o governo do Paraguay com a guerra em que a forçou a entrar para defender a sua segurança ameaçada por aquelle governo.

• Art. 15.^o N'uma convenção especial se estipulará a maneira e forma da liquidação e pagamento da divida proveniente das sobreditas causas.

• Art. 16.^o Para evitar as discussões e guerras que as questões de limites envolvem, fica estabelecido que os alliados exigirão do governo do Paraguay que celebre tratados definitivos de limites com os seus respectivos governos, sobre a seguinte base:

• A republica Argentina ficará dividida da do Paraguay, pelos rios Paraná e Paraguay, até encontrar os limites do imperio do Brasil, que na margem direita do rio Paraguay vão na Bahia Negra.

• O imperio do Brasil confinará com a republica do Paraguay do lado do Paraná, pelo primeiro rio abaixo do Salto das Sete Quedas, que segundo o recente mappa de Mouchez é o Igurey; e da fôz do Igurey seguindo o seu curso até chegar ás nascentes. Do lado da margem esquerda do Paraguay pelo rio Apa; desde a sua fôz até as nascentes. No interior pelos cimos da serra de Maracajú, pertencendo as vertentes orientaes ao Brasil, e as occidentaes ao Paraguay; e traçando-se linhas o mais rectas possiveis da referida serra ás nascentes do Apa e do Igurey.

• Art. 17.^o Os alliados garantem-se reciprocamente o fiel cumprimento dos ajustes, convenções e tratados que se celebrarem com o governo que se estabelecer no Paraguay, em virtude do que fica ajustado pelo presente tratado de alliança que ficará sempre em plena força e vigor para que estas estipulações sejam respeitadas e executadas pela Republica do Paraguay.

• Para se conseguir este fim, concordam elles que, no caso de uma das altas partes contractantes não poder obter do Paraguay o cumprimento do que se ajustar ou de tentar este ultimo governo annullar as estipulações ajustadas com os alliados; empregarem as outras activamente os seus esforços para os fazer respeitar. Se forem inuteis estes esforços concorrerão os alliados com todos os seus meios para tornar effectiva a execução do que fôr estipulado.

- « Art. 18.º Este tratado se conservará secreto até se alcançar o principal fim da aliança.
- « Art. 19.º As estipulações d'este tratado que não dependem de autorização legislativa para a sua rectificação, principiarão a sortir effeito apenas approvadas pelos respectivos governos e as outras depois da troca das rectificações, que será na cidade de Buenos-Ayres, dentro do praso de 40 dias, da data do referido tratado, ou antes se fôr possível.
- « Em fê do que os abaixo assignados Buenos-Ayres, 1.º de Maio de 1865 — *Carlos de Castro* — *Francisco Octaviano de Almeida Rosa* — *Rufino de Elizalde* »

Os plenipotenciarios ajuntaram a este tratado o protocollo seguinte :

- « S. S. E. Ex. os plenipotenciarios da Republica Argentina, da Republica Oriental do Uruguay, e de S. M. o Imperador do Brasil, achando-se reunidos na Secretaria dos Negocios Extrangeiros, concordaram :
- « 1.º Que em cumprimento do tratado d'alliança d'esta data as fortificações de Humaitá serão demolidas e não se permitirá levantar outras de egual natureza que possam obstar a fiel execução d'aquelle tratado.
- « 2.º Que sendo uma das medidas necessarias para garantir a paz com o governo no que se estabelecer no Paraguay não lhe deixar armas nem elementos de guerra, os que se encontrarem serão repartidos em partes eguaes entre os alliados.
- « 3.º Que os trophêos e despojos que se tomarem ao inimigo serão repartidos entre os alliados que fizerem a captura.
- « 4.º Que os commandantes dos exercitos combinarão medidas para levar a effeito o que fica assim ajustado.
- « E assignaram este em Buenos-Ayres em 1.º de Maio de 1865. — *Carlos de Castro*. — *Francisco Octaviano de Almeida Rosa*. — *Rufino de Elizalde*. »

Conhecido o tratado, seguiu-se uma celeuma enorme porque não podia deixar de ser verdadeira a sua integra publicada pelo governo inglez.

Algumas nações sul-americanas procuraram intervir e um facto interessante observava-se: era que, em geral, as sympathias estavam com o Paraguay, tão pouco conhecido era esse paiz e tão habilmente conduzia-se a sua diplomacia !

A republica do Perú, apenas conhecido o theor, offereceu os seus bons officios para pôr termo á contenda ; mas, o nosso paiz recusou cortezmente a offerta.

O Chile, por sua vez, mostrou-se interessado e patenteou á republica Argentina os seus desejos de ser mediador, desejos que foram apreciados, porem recusados.

O governo peruano, depois, por intermedio de seu encarregado de negocios Benigno Vigil, apresentou um energico protesto em 20 de Agosto de 1865, acompanhado de um *memorandum* aos governos alliados que foi considerado, como não recebido, pelo absoluto silencio que elles guardaram a respeito.

Entretanto, um facto veio obrigar ao ministro brasileiro, Varnhagem, visconde de Porto Seguro, acreditado em Lima, a retirar-se para o Rio de Janeiro.

Abrira-se o congresso peruano : a tribuna do corpo diplomatico estava repleta de todos os ministros estrangeiros acreditados na republica, e entre elles, achava-se o ministro brasileiro.

O presidente ou melhor o dictador Prado leu a mensagem e com geral surpresa declara n'ella que *a justica da causa e heroismo da defeza na guerra entre os alliados e o Paraguay estaram ao lado d'este e, assim, o Perú não podia deixar de protestar contra o escandalo de semelhante guerra.*

Estas palavras importavam em uma declaração de guerra ao Brasil ou pelo menos em um rompimento de relações.

O nosso ministro immediatamente pediu explicações e o governo do Perú que tão levemente se havia conduzido, mostrando que a sua conducta fôra apenas dictada pelo despeito de não terem sido aceitos os seus bons officios de mediador, como se o direito internacional obrigasse a sua acceitação : respondia ás exigencias catho-licas de Varnhagem com evasivas, procurando contemporisar e declarando finalmente que não fôra intenção offender os melindres do Brasil.

Se as palavras que motivaram o pedido d'explicações tivessem sido escriptas em uma nota diplomatica, bastava, sem duvida, a declaração do governo peruano de não ter havido intenção de offender ao Brasil : mas, aquellas palavras provocadoras foram lidas, pronunciadas em pleno congresso, e por consequencia, constituíam uma offensa publica, um ataque ao nosso paiz, aos olhos do mundo inteiro.

Varnhagem não se deu, pois, com toda razão, por satisfeito e declarou que a offensa atirada ao seu paiz fôra publica e que para o Brasil considerar ella reparada, queria que o governo fizesse a declaração também publica de que não tivera intenção de offender a sua patria.

O orgulho do governo peruano não admittiu tal exigencia e o resultado foi Varnhagem recolher-se ao Rio de Janeiro, d'onde se retirou também o ministro peruano alli acreditado, por lhe terem sido expedidos os passaportes pelo nosso governo.

Pouco depois o dictador Prado era dirribado do poder pelo general Canseco, vice-presidente, n'estas luctas intestinas que têm flagellado as nossas visinhas, e que tanto concorrem para o seu atrazo moral e material, e que, por isso, devemos, a todo tranze evitar no seio da nossa republica.

A quêda do fogoso presidente, foi logo assignalada com o facto de se reatarem as relações diplomaticas porque Canseco declarou nulos e sem effeito os actos de seu antecessor.

O governo dos Estados Unidos da Colombia também foi arrastado por essa corrente de sympathia que tão geitosamente conseguiram fazer jorrar de toda America as deligencias, intrigas e astucias dos representantes paraguayos no estrangeiro.

Não ha duvida que em uma lucta d'aquella ordem é uma força moral que desperta grandes energias as sympathias das potencias alheias ao conflicto ; mas, ellas nem sempre são justificadas pela razão, pelo direito e pela justiça.

Os alliados, fortes no direito e justiça de sua causa, impavidamente deixavam o mundo protestar, esperando pelo dia em que arrancassem a mascara ao marechal Lopes, e, assim, elle se mostrasse tal qual era áquelles que deveriam então envergonhar-se de procurar com o seu apoio moral sustentar o mais extraordinario de todos os despotas e tyrannos.

O general Melgarejo, presidente da Bolivia, tambem apresentou logo o seu protesto, apenas nos jornaes europeus foi publicado o tratado e transcripto na imprensa americana.

Com effeito, a Bolivia tinha questões de limites a liquidar com o Paraguay e o governo queria salvaguardar os seus direitos ; mas, aquelle general em seu protesto não usou de phrases offensivas ; pelo contrario, a linguagem era amigavel e respeitosa e, por isso, tambem o Brasil prestou toda consideração ás suas reclamações relativas ás fronteiras e o governo boliviano confiou sinceramente em nossas promessas de resalvar os seus direitos.

Assim, tinhamos a lucta no campo de batalha e no campo diplomatico.

Mais tarde veremos tambem o governo dos Estados-Unidos da America do Norte apresentar-se em campo offerecendo sua medição.

No nosso paiz o tratado foi discutido com calor.

O governo brasileiro guardava sempre profundo silencio quer na Europa, por intermedio dos seus representantes, quer n'America, quer no nosso proprio paiz.

Não podia proceder de outro modo porque esse malfadado tratado era secreto, embora se tornasse publico e de character official com a sua publicação por parte do governo inglez.

Podemos dizer com orgulho que a maioria intelligente da nação brasileira condemnou esse convenio internacional.

Não houve patriota que não sentisse o rubor subir-lhe ás faces ao ver o governo imperial baratear a dignidade do Brasil, entregando a defeza da honra nacional á um general estrangeiro.

Recommendamos ao leitor a analyse d'essa inqualificavel tratado, d'esse attestado eloquente da decadencia do sentimento patriotico dos politicos d'aquelle tempo, que se encontra no 2.º volume da *Historia da Guerra do Paraguay*, de Pereira da Costa, pag. 93.

Nada poderíamos acrescentar ao que alli se acha ; entretanto, não nos podemos eximir de transcrever aqui alguns trechos de uma correspondencia de 12 de Maio de 1856, publicada no *Jornal do Commercio* do Rio e que tambem se pôde lêr á pagina 88 do volume e obra citada.

O autor depois de censurar o segredo que o governo guardava a respeito do tratado, depois de publicado pelo governo inglez, diz muito judiciosamente :

- *Só o plenipotenciario do Brasil tinha interesse em adiar a época em que devia ficar exposto à reprobção de seus concidadãos e à zombaria do mundo que nos contempla.*
- *Mitre guarda silencio como homem prudente que por um interesse secundario e por vaidade não devia expôr-se a desgostar com a divulgação um plenipotenciario e um governo que lhe entregam o sangue de seus soldados, sua esquadra, e seus thesouros para elle promover a grandeza e a força da Republica Argentina.*

O autor continúa brillantemente n'essa ordem de considerações e diz depois :

- *Se pois o Brasil tinha a defender interesses de segurança e sobretudo de honra, na lucta provocada pelo dictador do Paraguay, os interesses de seus alliados eram de vida e de morte. O Brasil para castigar e repellir o inimigo commum, não precisava de soccorro algum das duas republicas, bastava que lhe dêssem o transito por seus territorios, transito que não podiam nem lhes convinha negar.*
- *Para obtermos, pois, o unico auxilio indispensavel e quasi unico que nos tem prestado aquellas duas republicas, nem precisavamos tratado algum. Bastava a licença de passar por seus territorios, que a de passar pelas agoas tinhamos nós.*

E n'este theór segue o articulista salientando o pouco tino do diplomata e do governo brasileiro : o primeiro, por se ter deixado supplantar pelo presidente Mitre que foi logo, como primeira vantagem, sem grandes cerimonias, com a franqueza dos *guíchos dos pampas*, se fazendo a si mesmo general em chefe dos exercitos alliados ; o segundo, por não ter regeitado as clausulas indecorosas.

Não foi só a maioria da nação, a classe civil, que sentiu repugnancia por ver a sua dignidade tão barateada pelo governo.

No proprio exercito a impressão foi penosa.

Nenhum general que podia commandar sujeitava-se de boa vontade à direcção do general estrangeiro.

Já em frente a Uruguayana, Mitre quiz, como vimos, em pleno territorio brasileiro, contra as disposições terminantes do art. 3.º do tratado, assumir o commando em chefe das forças alliadas a que se oppôz o bravo e pundonoroso general Porto Alegre.

Entretanto é preciso dizer, embora para cumulo de nossa vergonha, que o estrangeiro tinha rasão de tentar a posse d'aquelle commando porque o ministro Ferraz, em um aviso confidencial de 30 de Junho de 1865, ao presidente do Rio Grande, previniu de que se o general Mitre tivesse de ir áquella provincia por causa da invasão paraguayana, competia-lhe ali tambem o commando em chefe !

Mitre certamente foi informado d'esse aviso e por isso fez as suas tentativas.

Felizmente ellas encontraram o acrisolado pundonor de um general brasileiro que declarou preferir responder a conselho de guerra a deixar enxovalhar em sua pessoa a honra e a dignidade do Brasil.

A chegada do imperador no acampamento vimos que pôz termo á questão que talvez tomasse proporções serias, pois, não acreditamos que o vaidoso general desistisse de suas intenções.

Pelo exposto, nota-se que o ministro Ferraz com uma pennada pretendeu annullar o artigo 3.º, infelizmente para nos cobrir de mais ridiculo, assim dizemol-o, para não empregar expressões mais severas.

Por esse artigo que dava o direito de reciprocidade na chefia, competia ella ao vencedor de Rosas, ao benemerito e valente Porto Alegre ; elle, porem, não fez questão.

Só não queria que se enxovalhasse a sua patria.

Quem estuda o procedimento politico do governo imperial n'aquelle tempo para com as duas nações alliadas, especialmente para com a republica Argentina, sente-se envolvido em um dilemma : ou o governo brasileiro não tinha noções completas de politica internacional ou o amor da patria era sentimento que não podia vingar em corações mortos, transformados em aridas charnecas pelo egoismo e influxo de pequenas paixões partidarias.

Infelizmente para o Brasil vieram os acontecimentos provar logo que a direcção suprema da guerra corria pessimamente.

Por um d'estes acasos felizes, e que não tem explicação, mercê de Deus, o governo imperial e o seu plenipotenciario não se lembraram, n'esse tempo, só preoccupados de baratear a dignidade nacional, de entregar tambem ao estrangeiro a nossa gloriosa esquadra.

Imagine-se que sorte aguardaria aos nossos valentes vasos de guerra se as suas manobras, evoluções, combates, e mais acções de guerra, estivessem dependentes das inspirações do quartel general do commando em chefe ? !

Apesar dos factos, depois da passagem do Paraná, terem de so-bejo demonstrado a falta absoluta de capacidade militar, para não remontarmos a época anterior, o governo imperial não procurava um meio de *emendar a mão*, lançando-se n'esse campo da diplomacia tão fértil de recursos, para afastar da chefia dos exercitos alliados o homem d'Estado, sem duvida illustre sob todos os pontos de vista, menos sob o aspecto de militar para aquelle alto cargo.

Depois da guerra, apparecen um opusculo de penna habil, intitulado : *Manuscripto de Mil oitocentos e sessenta e nove*, em que o autor diz :

- Quando qualquer potencia vê que de um tratado que celebrou com outra só lhe resultam graves prejuizos e embaraços, caso que se deu com o Brasil na alliança que fez com as duas republicas do Prata, suspende as estipulações desse tratado no todo
- ou em parte, para não perder a sua independencia e supremacia.
- A Austria suspendeu, em 1813, o tratado de alliança que havia celebrado com a França em 1812, unicamente por um motivo de providencia politica que os successos depois justificaram.

• Pela nota que o duque de Bassano dirigiu ao conde de Metternich em Junho de 1813, nota que abaixo vai transcripta, se convencerá o leitor que se pode modificar (e mesmo annullar) um tratado de alliança, sem que por esse facto se dê o *casus belli* entre as potencias que o firmaram.

• A' vista, pois, deste e de outros exemplos, que receio tinha o governo de se collocar (em 1866), na verdadeira posição que lhe competia ? ... Como não conferiu n'aquella época ao general que nomeava para o commando de seus exercitos, toda latitude de poder discrecionário para elle operar como entendesse ?

O general a que se refere o autor do opusculo, que assignára-o com o pseudonymo de *Brasilius*, era o Marquez de Caxias, o immortal marechal, então nomeado commandante em chefe de todas as forças brasileiras em operações no Paraguay.

A nota do duque de Bassano, ministro de Napoleão 1.º é assim :

• Le soussigné, ministre des relations extérieures, a placé sous les yeux de S. M. l'empereur et roi la note de M. le comte de Metternich, en date d'hier.

• La preposition contenue dans cette note tend à mettre en reserve non quelques articles du traité d'alliance du 14 Mars 1812, mais le traité lui-même en son entier, ce qui paraît en opposition avec les déclarations faites jusqu'à ce jour par la cour de Vienne, et même avec les dispositions exprimées, par M. le comte de Metternich, dans sa précédente note du 22 de ce mois.

• Il n'est au pouvoir de personne de faire que ce qui n'existe pas existe ; or, on ne pourrait dire que le traité d'alliance existe, si toutes les stipulations étaient placées dans les reserves.

• Sa majesté avait pensé que ces reserves, qui devaient être l'objet de la convention à conclure, ne se rapportaient qu'à quelques articles jugés par la cour de Vienne inapplicables aux circonstances actuelles ; mais puis qu'elles doivent embrasser, ainsi que la note de Son Exc. M. le comte de Metternich autorise à le croire, la lettre même du traité tout entier, sa majesté ne peut considerer ce vœu de la cour de Vienne que comme l'équivalent d'une renonciation à l'alliance.

• Le traité du 14 de Mars 1812 avait été conclu dans l'opinion qu'il était favorable à toutes les parties.

• Sa majesté, qui ne veut pas rendre son alliance onéreuse à ses amis, ne fait aucune difficulté de renoncer à celle que la liait avec l'Autriche, si tel est le vœu de S. M. l'empereur François. Ce changement dans les rapports de la France et de l'Autriche *n'altérera en rien l'amitié et la bonne intelligence résultantes des derniers traités qui ont rétabli la paix entre les deux puissances.*
• — Dresde, le 29 Juin 1813. — Signé, le duc de Bassano. — (Baron Fain. — Manuscrit de 1813). »

Com effeito, se o governo livesse na occasião em que nomeou o grande brasileiro marechal Caxias se lembrado de alliviar o general Mitre d'esse fardo, modificando principalmente o art. 3.º, no sentido de libertar as nossas armas do commando d'esse general, cumprindo a cada exercito operar de commun accordo, teriamos evitado enormes sacrificios, *sem que a amizade e a boa intelligencia* que existiam entre os alliados soffressem a menor quebra.

Quando em 1851 os generaes D. Manoel Oribe e dictador Rosas nos obrigaram a desembainhar a espada para castigar os seus crimes ; o governo que dirigia o nosso paiz soube, no tratado de 29 de Maio d'aquelle anno, celebrado com a Republica Oriental do Uruguay e o Estado de Entre-Rios, salvaguardar melhor a dignidade nacional.

Se o plenipotenciario brasileiro tivesse levado uma copia d'esse convenio e sobre elle vasado o de 4.º de Maio de 1865, teria merecido os applausos geraes.

Trez annos depois do nosso convenio de 1851, a França, Inglaterra e Turquia firmaram um tratado d'alliança contra a Russia, seguindo-se a campanha da Criméa e, como lembra bem Pereira da Costa no volume de sua obra já citada, n'essa campanha não houve general em chefe dos exercitos alliados: « *cada um dos generaes francez, inglez e turco operavam como entendiam ; reuniam-se em conselho quando o general em chefe do exercito francez os convocava, por ser o general que commandara maior força, ou para ouvir a sua opinião, ou para ajustar algum movimento importante. Concluiu-se aquella campanha com honra para as nações alliadas que a emprehenderam.* »

O Sultão, apesar de concorrer com um pequeno contingente para a lucta ; apesar de ter as suas provincias da Moldavia e da Valachia occupadas pelos cossacos, que promettiam banhar os seus infatigaveis ginetes nas limpidas agoas do Bosphoro ; não se sujeitaria a collocar a bandeira do Crescente, sob o commando em chefe de um general estrangeiro.

O imperio Ottomano era mais susceptivel em materia de soberania e dignidade nacionaes.

O convenio de 29 de Maio de 1851 acha-se publicado integralmente na obra de Pereira da Costa, repleta de documentos importantes, e no mesmo 2.º volume.

Ahi Pereira da Costa analysa e compara esse tratado com o de 1.º de Maio de 1865, e para essa analyse chamamos a attenção do leitor.

Mas, como não é facil encontrar-se aquella obra, vamos transcrever o artigo mais importante d'aquelle tratado (1851) e a parte da analyse a elle referente :

« Art. 6.º Desde que as forças dos alliados entrarem no territorio da Republica Oriental do Uruguay, estarão debaixo do commando e direcção do general em chefe do exercito oriental, excepto o caso em que o total das forças de cada um dos Estados alliados, exceda o total das forças orientaes ; ou dado o caso de que o exercito do Brasil, ou o de Entre-Rios passe todo para o territorio da republica. No primeiro caso as forças brasileiras ou alliadas, serão commandadas por um chefe de sua respectiva nação e no segundo caso pelos seus respectivos generaes em chefe ; mas, em qualquer d'estas hypotheses, o chefe alliado deverá pôr-se de accordo com o general do exercito oriental pelo que respeita á direcção das operações de guerra, e para tudo quanto possa contribuir ao seu bom exito. »

A parte referente á analyse e comparação é a que se segue :

« O art. 6.º declara as circumstancias em que haveria general em chefe. Os dous casos marcados no mencionado artigo não era possível darem-se ; a Republica Oriental não podia ter exercito maior do que o do Brasil ou de Entre-Rios, e tambem os exercitos d'estes dous Estados não podiam mandar pequenos contingentes para fazer a guerra á Orbe, que tinha mais de 10.000 ; foi necessario entrarem os dous exercitos no Estado Oriental. Ficaram, portanto, os dous generaes alliados livres em suas acções, sem obedecerem a um general em chefe oriental.

- Dado o caso de que Oribe se tivesse fortificado e resistido por algum tempo, os
- dous generaes alliados teriam feito o mesmo que depois fizeram na Criméa os generaes
- francez, inglez e turco.
- Além do que fica exposto, vê-se pelo art. 9.º do convenio de 1851 que quando
- mesmo se dêsse os dous casos que poderiam crear a chefia, não ficava prejudicada a
- liberdade de acção das forças brasileiras quando o general commandante d'estas não
- podesse chegar a um accordo com o general em chefe para as operações de guerra.
- (Art. 5.º, 8.º e 9.º da convenção).•

D'este modo ficaram salvaguardados os interesses do Brasil, o que não se cogitou no tratado de 1.º de Maio de 1863.

Ficámos amarrados ao carro de triumpho do general Mitre ou aos seus infortunios : devíamos, ou leval-o em nossos escudos ao Capitolio ou nos precipitar com elle ás profundezas da Rocha Tarpeia !

Um dos mais esforçados paladinos do regimen decahido publicou, ha pouco, um livro interessante intitulado *A Marinha D'Outr'Ora* (subsídios para a Historia).

Infelizmente n'essa obra importante, sob varios pontos de vista, o illustre visconde de Ouro Preto, a quem não se pode negar vigoroso e brilhante talento, deixou-se arrastar mais pela nostalgia do passado do que pelo patriotismo e imparcialidade.

Sempre fomos admirador do talento e energia do distincto brasileiro que dirigiu a pasta da marinha em certo periodo d'aquelle tempo memoravel, em que o povo brasileiro patenteou ao mundo quanto valia uma nação pundonorosa.

Recordámo-nos que na volta do exilio do senhor Affonso Celso, visconde de Ouro Preto, dirigimo-lhe uma carta felicitando-o pela sua volta á patria, á cuja grandeza e felicidade acreditavamos estar elle resolvido a dedicar o resto de seus dias, trabalhando para consolidar o novo regimen, como brasileiro patriota.

Grande decepção tivemos quando vimos que o illustre visconde, apesar de já ter fallecido o velho imperador, persistia em se afastar da republica brasileira.

O illustre escriptor ataca o presente, e esse passado recente da republica.

Mas, o que é esta republica, senão um producto do laboratorio politico dos partidos monarchicos ?

Quem, senão esses partidos trataram de derruir o throno, de precipitar o apparecimento da republica que a maioria da nação, a parte mesmo extranha ás luctas e paixões partidarias, esperava, como um phenomeno sociologico, natural, como uma evolução a que ninguem era dado se oppôr, apenas o imperador D. Pedro fechasse para sempre os olhos ?

Quem, senão esses partidos pela sua insensatez, pelos seus desvarios, pelos seus erros, levou o imperador ao exilio, á morte prematura, arrancando-lhe do coração a esperança de seus restos mor-

taes descansarem na terra da patria que elle amou, até o ultimo suspiro, com a maior idolatria ?

Os partidos monarchicos cavaram o abysmo da instituição e n'elle precipitaram o throno.

Eram os monarchicos que em pleno parlamento, quando o partido a que pertenciam era apeado do governo, vinham denunciar á nação a existencia de um poder pessoal, de um despota, de um tyranno que não respeitava a soberania nacional e zombava de tudo ; se subiam ao governo, no dia seguinte desaparecia toda essa influencia malefica e o imperador era a magestade mais sabia, mais patriotica, mais constitucional de todas as terrenas magestades.

A princeza imperial era pelos partidos monarchicos arrastada pela rua d'Amargura, e não se tinha com a respeitavel senhora nem as atenções que a sua posição social e o sexo impunham aos homens bem educados e de coração.

Em pleno parlamento ella era comparada á mãe de Carlos V : denominada *Joanna, a Louca*.

Do marido, o conde d'Eu, todo mundo sabe o que diziam os monarchistas, apesar de, em sua frente, curvarem-se respeitosos.

Se um politico não conseguia ser escolhido senador ia para a imprensa e o imperador e a monarchia eram amarrados ao poste e lategados pelo despeito, pelo amor proprio offendido ; se era deputado, a tribuna tomava ares de promotoria publica e o mais tremendo libello accusatorio se ouvia contra o imperador e as instituições.

Os dias do imperador estavam contados ; pouco tempo poderia viver.

Pois bem, os monarchistas, apesar da molestia do chefe do Estado, apesar de sua velhice, apesar de meio seculo de serviços, não tinham com a sua veneranda individualidade o menor vislumbre de consideração e respeito ; provocavam com o maior desazo conflictos com a força publica ; e, assim, iam precipitando os acontecimentos e tirando aos factos o seu character evolutivo para dar-lhe uma feição revolucionaria.

Que amor é esse, pois, pelas instituições monarchicas *post-mortem*, se durante a sua existencia só fostes os operarios de sua ruina e aniquilamento ?

Le bouclier du guerrier est le berceau des souverains.

Como tratava a maior parte dos ministros da monarchia os mais illustres generaes dos exercitos de terra e de mar ?

Apesar de encanecidos no serviço da patria, muitos d'elles cobertos de gloriosas cicatrizes, tinham que esperar nos corredores das repartições, como os ultimos dos porteiros ou bedéis, até que o *conselheiro* se resolvesse receber esses importunos.

O exercito e armada só subiam na consideração dos partidos quando elles precisavam apagar com o sangue de seus ferimentos,

nas batalhas, os erros de uma politica internacional insensata e anti-patriotica.

Passada a tormenta : cumprida a missão, tudo quanto se podia imaginar para opprimir a força publica, era posto em acção : e, assim, em vez de collocardes habilmente o exercito e a armada ao lado das instituições, só fazeis alienar as suas sympathias e como operarios da demolição do throno, a vossa conducta alluciava soldados para a revolta.

Que amor é esse, pois, pelas instituições decahidas ?

Se o finado imperador tivesse sido um principe ambicioso, cheio de rancores, dir-se-hia que o seu espectro vos perturba o somno, vos desvaria, e vos vem tomar contas de meio seculo de mãos governos que dèstes à patria.

O imperador se resignára com os acontecimentos de que o fizestes victima e ao afastar-se da patria, elle lavrou a vossa condemnação n'estas celebres palavras :

—*«Reinei cincoenta annos e consumi-os em carregar mãos governos.*

« Já estou cansado. »

Se os monarchistas se arrependem hoje de haver dado ao paiz meio seculo de mãos governos ; se o remorso os tortura, e querem com a restauração redimir o passado : é um desejo insensato, porque a nação conformou-se com as instituições que elles mesmos se apressaram de fazer surgir dos elementos revolucionarios que inconscientemente reuniram.

Antes, venham redimir esse meio seculo de má politica, de mãos governos, servindo à patria e á republica com zelo, criterio, lealdade e patriotismo, attributos com que não se assignalaram no regimen decahido.

Então o espectro do finado imperador vos apparecerá em vosso somno ou em vossas locubrações, veneravel, radiante de alegria e vos dirá :

—*Muito bem ! Sois um bom brasileiro !*

A leitura da *Esquadra D'Outr'Ora* nos arrastou a estas divagações.

Ha paginas alli que opprimem o coração dos bons patriotas, pois, mais de 30 annos são decorridos depois que o Brasil por meio do *Tratado da Triplix-Alliança* teve a infelicidade de se submeter ao general Mitre e esse facto impolitico, improbo e anti-patriotico, ainda encontra defesa no talento do visconde de Ouro Preto !

Muito pôde a solidariedade politica, mesmo a de uma politica criminosa !

Ha homens impenitentes mesmode erros, de crimes de lesa-patria !

Como se pode conciliar esse amor, essa dedicação á monarchia quando até no exterior a sua honra, e o seu brilho não se soube guardar nem acatelar ?

Ha paginas que precisam de contestação.

Diz o illustre defensor do *Tratado da Triplíce-Alliança* á paginas 444 e 445 :

« Restabelecamos a verdade.

- No tocante ao commando em chefe dos exercitos alliados, o principio que prevaleceu na convenção foi o da *reciprocidade* na direcção da guerra, conforme o theatro em que se houvessem de desenvolver as operações conjunctas. No territorio brasileiro commandaria um general brasileiro, assim como no oriental ou argentino caberia o commando a quem capitaneasse as forças do respectivo paiz, homenagem á jurisdição peculiar de cada estado. »

Isto apenas escreveu-se para não ser cumprido.

E' impossivel que o illustre visconde ignore que o ministro Ferraz, em aviso confidencial de 30 de junho de 1863, dirigido ao dr. Marcellino Gonzaga, Presidente do Rio Grande do Sul, declarou que, *se os alliados por motivo da invasão paraguaya, viessem ao nosso territorio, o commando tambem pertenceria a Mitre.*

Foi preciso a honra do Brasil encontrar um homem da estatura moral do general Porto Alegre para repellar a pretensão do general estrangeiro, que estava sciénte do aviso do ministro.

Sim, foi preciso um general desobedecer á ordem indecorosa de seu superior, declarando preferir responder a conselho de guerra do que sujeitar a patria a tal ignominia.

Já o dissemos, parece-nos, que, se o imperador não viesse ao nosso campo em frente á Uruguayana, a ninguem era dado calcular a extensão que tomariam essas duvidas entre Porto Alegre e Mitre.

Porto Alegre, a quem competia o commando em chefe, não commandou, com o que pouco se affligiu : o bravo, já dissemos, só não queria que em sua pessoa se enxovalhasse o Brasil.

Aonde ficou, pois, *a homenagem á jurisdição peculiar de cada estado*, a que se refere o senhor Ouro Preto ?

E note-se, estava presente o imperador do Brasil que pela constituição não podia commandar ; mas alli estava o seu delegado, o pundonoroso general barão de Porto Alegre, e seria muito agradável ao chefe da nação brasileira que em seu delegado se prestasse *a homenagem á jurisdição peculiar de cada estado.*

Continúa o illustre senhor Ouro Preto á pagina 446.

- Desde que pelo curso natural dos acontecimentos accceitou o Brasil a alliança do general Flores, no conflicto com Aguirre, assim como o espontaneo e nobre offerecimento de auxiliar-o na guerra, a que sob pretexto dessa pendencia, ousadamente fôra provocado pelo marechal Lopes, não era licito, nem digno, que na campanha a abrir-se lhe destinasse o imperio posição soomenos ao elevado caracter que revestia de chefe do Estado Oriental. »

- Embora pequena e fraca, a Republica do Uruguay tinha direito a todas as cortesias e atenções com que soem tratar-se, nas relações officiaes, as potencias civilisadas.
- Subordinar o general Flores, governador provisorio e em seguida presidente constitucionalmente eleito do estado, a um general brasileiro, dentro dos limites da jurisdicção d'aquelle paiz, seria irrogar dupla offensa ao proprio general, pessoalmente mecedor de todo o apreço e a nação de que era órgão e magistrado supremo. »

Se o illustre paladino do regimen decalhido quizesse lavar a condemnação da politica internacional d'aquelles tempos, não podia escrever melhores palavras.

Todo mal d'esses tempos foi justamente os politicos arrastarem o Brasil a envolver-se nas contendas politicas dos partidos que se digladiavam no Rio da Prata, dirribando governos e elevando outros, aggravando os odios domesticos, a situação dos brasileiros allí residentes, com suas allianças hybridas contra, muitas vezes, o regimen legal.

Para vingarmos os ultrajes feitos á nossa bandeira ; para coagir aquelles governos a respeitarem a vida, a propriedade dos brasileiros, não precisavamos d'estas allianças que só nos deslustraram sob o ponto de vista moral, e sob o material nos enchiam de sacrificios.

Admittamos que nos fosse offerecida a alliança, o que não é exacto.

Para que aceitou-se esse offerecimento no conflicto com o governo de Aguirre ?

Precisavamos para castigar aquelle tresloucado governo a alliança de quem quer que seja ?

Flores teve razão de insurgir-se contra o governo de seu paiz que se transviára de todos os principios de justiça, de direito e até de humanidade ; que liquidasse suas contas por que meios quizesse ; mas, nunca alliado a nós.

O Estado Oriental era bastante grande para o general hostilisar os agentes d'aquelle governo ; nós fariamos o nosso dever, separados do chefe revolucionario.

A má politica internacional d'aquelle tempo, pelo facto de ser o Brasil a unica monarchia no nosso continente ; procurava, para evitar suspeitas de pretensões ambiciosas, apadrinhar-se com allianças que só traziam prejuizos moraes e materiaes, esquecendo-se que, para patentear ao mundo que só o interesse de desafrontar a honra nacional e o dever de defender os direitos violados dos brasileiros, nos levavam a brandir o gladio ; tinhamos o nosso proceder posterior.

Foi, pois, um erro a alliança com o partido colorado.

Emfim, estava infelizmente commettido.

Mas, depois d'esse ainda veio outro : a alliança para a contenda a que nos provocou o marechal Lopes, presidente da republica do Paraguay, offerecimento feito por Flores, e que o illustre estadista visconde de Ouro-Preto qualifica de nobre e espontaneo.

O Estado Oriental não podia auxiliar-nos.

O seu auxilio era quasi que nominal apenas; mas, acceito, a diplomacia e o governo brasileiro se fossem verdadeiramente politicos, e previdentes deveriam evitar habilmente que o general Flores, governador provisorio e, em seguida, presidente constitucionalmente eleito, tomasse parte nas futuras operações porque, como chefe d'Estado, creava entraves, pëas à liberdade de acção do Brasil, acrescentando que esse general não podia responder pelos seus actos como militar, quer perante o Brasil, quer perante o seu proprio paiz, justamente pelo character de magistrado supremo da nação uruguaya de que estava revestido, embora não estivesse em exercicio.

Se o governo do Brasil, que podia dispensar a pouca força Oriental, queria a todo transe vê-la em campo, então á testa d'essa força se collocasse outro general que não estivesse investido de nenhuma outra dignidade se não a do commando do contingente uruguayo.

Isso seria muito facil conseguir-se, lembrando-se ao bravo general Flores, entre outras muitas cousas, a conveniencia de não expôr aos azares da guerra a sua vida preciosa que deveria ser devotada a melhorar as condições da republica que acabava de soffrer os horrores da guerra civil e da guerra externa.

E, se apesar d'isso, o bravo ainda persistisse em marchar, era então occasião de se lhe fazer outra ordem de considerações e francamente declarar que o cargo de que estava revestido era incompativel com a obediencia, subordinação, e outras conveniencias que todo o militar, qualquer que seja a sua graduação, deve a seu governo, e que, por consequencia, não lhe ficava bem perante o mundo.

Se Luiz XIV dizia que o Estado era elle; o general Flores com a sua franqueza de gaúcho podia dizer :

—O governo sou eu !

Não era provavel que se responsabilisasse a si mesmo pelos erros que commettesse.

Bastava, para ser o Brasil grato á Republica Oriental, a permissão de atravessar o seu territorio e ter n'elle depositos e as bases de operações que lhe fossem necessarias. Que n'isso se cifrasse a alliança.

Nada mais ; isso era bastante.

Não eram só aos embarços e ás pëas que provinham ao Brasil da presença de chefes de Estado dirigindo as operações, que se deveriam attender.

Ainda havia um ponto de vista pelo qual cumpria considerar a questão.

Supponha-se que estes chefes d'Estado fossem derrotados completamente e, a esse grave perigo elles estiveram varias vezes expostos, pela fraqueza dos contingentes de cada um de seus respectivos paizes, sob o ponto de vista numerico, e pelas suas absurdas

concepções tacticas e estrategicas ; perigos dos quaes foram salvos pelo valor de nossos generaes e pela fortaleza de nossas bayonetas ; mas, como diziamos, supponha-se uma derrota que obrigasse o exercito alliado a repassar o Paso de la Patria, adiante dos canhões e das lanças vencedoras do marechal Lopez ?

Qual seria a consequencia ? !

Uma revolução geral no Rio da Prata que complicaria a nossa já difficil posição, porque Mitre e Flores seriam devorados na voragem revolucionaria, desmoralisados pela derrota.

Não estamos a figurar hypotheses absurdas.

Só a inacção dos alliados, só o facto de não se saber aproveitar as victorias, deu lugar a convulsões revolucionarias, tanto na república Argentina como na Oriental, a esperanças de triumpho aos partidarios do inimigo, a ponto de ser preciso retirarem os dous chefes de Estado forças de seus diminutos contingentes que estavam em frente ao inimigo commum para debellar as luctas intestinas, e ausentarem-se elles mesmos para voltar a seus respectivos paizes.

Imagine-se, se por infelicidade, uma tremenda derrota tivessem tido lugar, e repassassemos o Paraná, para a margem correntina ? !

Diz o illustre visconde que o offerecimento do general Flores foi espontaneo e nobre.

E' engano do nobre ex-estadista.

Nós é que solicitámos, infelizmente, esse auxilio, como se vê dos documentos officiaes, e Flores cedendo, nenhuma nobreza mostrou em seu procedimento ; apenas soube aproveitar-se para seus interesses politicos, da fraqueza e inhabilidade do nosso governo.

A' pagina 447, prosegue o senhor Ouro Preto.

- « Diverso não podia ser o procedimento para com o general Mitre, que em consequencia da captura dos navios argentinos, no porto de Corrientes e da occupação d'essa provincia, sem previa declaração de guerra, adherira, em nome da confederação á alliança, já combinada entre o Brasil e o Estado Oriental.

- « Estabelecido o principio de reciprocidade, dentro de cada um dos Estados, o commando em chefe, pelas rasões dadas, deveria ser commettido a um dos chefes das nações, que militavam com o Brasil, logo que a lucta se transferisse para o territorio do Paraguay. »

Tão errado andou o governo imperial em sua conducta politica para com o general Flores, como relativamente ao general Mitre, então tambem investido do cargo de presidente da republica Argentina.

Nenhum argumento adduziremos mais para combater o commando do illustre argentino, porque, os que apresentámos para repellir o commando de Flores, adaptam-se exactamente ao caso.

Devemos, entretanto, declarar que fomos nós que ainda com o maior desaso solicitámos tambem a alliança argentina, como fizemos com o general Flores, em campo contra o governo de Aguirre, offerecendo, para começar a alliança a esse general, por intermedio do

bravo almirante Tamandaré, as praças de Paysandú e Salto, todo auxilio emfim se, triumphante a revolução, esta attendesse ás reclamações do governo imperial, formuladas pelo honrado conselheiro Saraiva, em missão diplomatica no Rio da Prata.

Viu-se um escandalo virgem na historia das guerras modernas.

O bravo Tamandaré, com forças brasileiras unidas ás orientaes revoltadas, sob o commando de Flores, em virtude de um accordo secreto, entre ambos, combateram no Salto e em Paysandú, sem que o governo imperial tivesse reconhecido Flores como belligerante oficialmente !

Este procedimento tresloucado escandalizou o mundo e especialmente o corpo diplomatico.

Felizmente aportou em sua missão diplomatica no Rio da Prata o immortal visconde do Rio Branco e sanou esses erros inqualificaveis, reconhecendo logo Flores como belligerante para legalisar essa união, essa alliança escandalosa.

Já mostrámos que não houve tal reciprocidade no commando, quando os dous chefes de Estado, vieram ao Rio Grande, pois, en frente á Uruguayana, ao brioso e valente Porto Alegre não tocou o commando em chefe, por causa das pretensões vaidosas e impoliticadas de Mitre, que feriam o artigo 3.º do *Tratado da Triplex-Alliança* ; mas, justificadas pela conducta do ministro Ferraz que com o seu aviso reservado ou confidencial ao presidente d'aquella provincia, não soube acatar a soberania do Brasil, de sua patria, deixando-se d'este modo de prestar *homenagem á jurisdicção peculiar de cada Estado*.

Assim, o tão falado principio de reciprocidade não foi observado, porque um ministro julgou de somenos importancia a honra do pavilhão nacional, o direito soberano da nação brasileira, a *homenagem á jurisdicção peculiar de cada Estado*, a que se refere o illustre visconde de Ouro-Preto.

A' pagina 448 encontra-se o seguinte :

- Pretender-se-hia, acaso, que por um requinte de orgulho negociasse o Brasil o
- ajuste, de modo que tropas orientaes e argentinas ficassem ás ordens de generaes
- menos graduados do que o presidente das duas republicas, afim de não ser obrigado
- a confiar a um d'estes o commando em chefe ? •

Isso já está implicitamente respondido no que temos dito, entretanto repetiremos :

O Brasil nunca devera, já que queria a alliança, acceitar a condição de ter chefes d'Estado á frente das forças alliadas pelos motivos já expostos, e, quando isso admittisse, como irreflectidamente o fez, aquelles senhores deveriam ser simplesmente generaes, que se poderiam collocar perfeitamente sob as ordens de um marechal, como o immortal Caxias.

Sim, o Brasil deveria ter esse requinte de orgulho, se requinte de orgulho é não entregar o sangue de seus filhos, a desaffronta de

sua honra, os seus mais caros interesses, os seus thesouros a generaes estrangeiros, embora fossem imperadores da China ou do Japão, filhos do sol ou netos da lua ; e, ainda mais, se estas poderosas razões não bastassem, a generaes, enfim, que nunca haviam dado provas de capacidade militar.

Continúa o escriptor:

« Nenhum governo sensato obedeceria a suggestões tão secundarias, estando em jogo interesses de tamanha monta, como os que dependiam da guerra. »

Não podemos lóbrigar que interesses alheios á defeza do nosso territorio, e ao desforço que a honra nos impellia tomar do inimigo, podessem estar em jogo e depender da guerra.

Não haviam senão aquelles interesses : eram, se outros houvessem, os capitaes, estes que apontámos.

Ora, para repellir o inimigo do nosso territorio não precisavamos um só cartucho argentino ou oriental, e nem por consequencia, de seus generaes.

O Brasil, entregando justamente o commando em chefe no territorio inimigo, a um general estrangeiro, assemelhou-se ao homem cobarde que recorre ao braço extranho para vingal-o de uma affronta pessoal.

O que se segue até a pagina 150 tem a sua resposta nas mesmas considerações que acabámos de fazer.

A' pagina 151, o distincto visconde, certamente para aplacar o patriotismo brasileiro irritado com a sua defeza do *Tratado da Triplíce-Alliança* diz :

« A marcha dos acontecimentos, por seu turno, veio satisfazer as mais exageradas exigencias de susceptibilidade nacional ; pois, por trez vezes, nas phases mais importantes e decisivas da lucta, o commando em chefe das proprias forças terrestres, coube a generaes brasileiros : duas ao Marquez de Caxias e a tereceira a S. A. o conde d'Eu. »

« Portanto, a dignidade do Brasil não soffreu a menor quebra n'aquella emergencia, como jamais succedeu, recordemol-o em honra do regimen decalido, sob as instituições monarchicas. »

Sim, não ha duvida que os acontecimentos enfeixaram nas mãos de dous generaes brasileiros por trez vezes a direcção da campanha ; mas, isso se deve ao Deus dos Exercitos que quiz mostrar os erros do governo brasileiro, de entregar as operações militares a chefe estrangeiro, pois, como muito bem diz o illustre escriptor, elles assumiram a direcção nas *phases mais importantes e decisivas da lucta* e nós acrescentaremos que souberam salientar-se brilhantemente, conservar impolluta a nossa bandeira, e pôr em relevo a incapacidade militar do general D. Bartholomeu Mitre.

Consigne-se que o facto de dous generaes brasileiros terem tido occasião de dirigir as operações, não se deve ao *Tratado da Triplíce-Alliança* ; mas, sim aos acontecimentos, como diz o distincto escriptor, e nós já o dissemos : ao Deus das Nações, ao Deus dos Exercitos.

A' pagina 453 e seguinte, continúa o talentoso defensor do infeliz *Tratado* :

« Admittiremos que, por influencia de seu espirito de homem de lettras, observador e philosopho, o general Mitre se mostrasse tardo algumas vezes, consumindo em meditações tempo que devesse consagrar á acção. Para responsabilisal-o, porem, com tal motivo pela demora das operações, é preciso esquecer que não se emprehendiam ellas, a puro arbitrio d'elle e sim de accordo com o deliberado em juntas de guerra, nas quaes tinham assento Tamandaré, Osorio, Flores, Porto Alegre, Polydoro e Caxias, a quem não negarão os censores bravura, decisão e patriotismo inexcediveis. »

Como esta enganado o illustre autor da *Esquadra D'Outr'Ora* !

Um general para não ser tardo deve justamente ser homem de lettras, observador e philosopho.

Estes homens assim têm sido os mais distinctos cabos de guerra e para não citarmos muitos exemplos, temos na antiguidade Mithridates, que era até botânico ; Alexandre, educado por Aristoteles ; Xenophonte ; Cesar, o vencedor das Gallias ; nos tempos modernos, Frederico o Grande, que era até poeta e cujos versos tanto entretiam a Voltaire ; Bonaparte, grande em tudo, nas sciencias, nas lettras, na philosophia e na arte de ganhar batalhas, e ultimamente Moltke.

Estes homens não perdem tempo.

Não se irroga offensa dizer-se que o illustre estadista argentino não é general : foi cousa para que elle nunca teve geito, embora sempre mostrasse valor e coragem ; mas, estas qualidades são secundarias em um general em chefe

O que é uma grave injustiça é o illustre visconde de Ouro Preto querer defendel-o, fazendo crêr que os generaes Tamandaré, Osorio, Flores, Porto Alegre, Polydoro e Caxias tivessem concorrido para protelar a campanha.

Nunca concorreram.

O illustre almirante Tamandaré, o Osorio, atacados de serem causa da demora das operações, foram defendidos na imprensa pelos seus proprios accusadores quando se soube a verdade.

Os brasileiros sempre esperaram pelo general em chefe que dizia em Abril de 1865, de seu palacio ao povo de Buenos-Ayres :

« Señores ! Despues de la provocacion lanzada, del insulto hecho a nuestra bandera por el tirano del Paraguay, vuestro gobernante no os puede deciros otra cosa, sino que las proclamas y las manifestaciones van a ser traducidas en hechos, que dentro de 24 horas estaremos en los cuarteles, dentro de quince dias en campaña, y a los tres meses en la Asuncion. »

Já dissemos que tudo isso não passou infelizmente de *rhetorica* em outra parte de nosso livro.

O que é verdade é que sempre o general Mitre se mostrou tardo, quer antes de transpormos o Paraná para invadirmos a terra inimiga ; quer depois, estacando ante os louros da victoria, colhidos á custa de copioso sangue e enormes sacrificios, como vimos nos capitulos anteriores.

Depois dos combates de 46 e 18 de Julho o exercito brasileiro que precisava de ser reorganizado, tendo á frente já o general Jordão, seguiria avante se o general em chefe o determinasse ; mas, o exercito argentino não tinha recursos de nenhuma natureza para avançar.

Com a chegada do immortal Duque de Caxias que teve necessidade de reunir os elementos que o exercito já havia tido e que foram inutilizados n'essa inacção inqualificavel em Tuyuty ; estava elle prompto em poucos dias para operar, se o general em chefe o quizesse ; mas, o exercito argentino ainda não tinha recurso algum.

O general em chefe estava sempre entregue a meditações ; entretanto d'ellas nunca surgia o plano de proseguir nas operações

Depois, veio o cholera ; mas, apenas desapareceu, o general em chefe que tinha ido a Buenos-Ayres, soube que o marechal Caxias, livre de sua presença, marchára avante : voltou ás pressas.

Depois.

Nada de adiantar extemporaneamente os acontecimentos.

Tudo a seu tempo.

Emfim, as operações militares, ao contrario do que pensa o illustre visconde de Ouro Preto, sempre estiveram a puro arbitrio do general em chefe.

Nas paginas seguintes do livro propõe-se o senhor visconde de Ouro Preto a provar o direito que o Brasil tinha de apelar do poder o marechal Francisco Solano Lopes.

A ordem de considerações que exhibe o illustre escriptor para apoiar o direito do Brasil é sem duvida alguma muito plausivel : ahi, o senhor visconde mostrou que, atravez do véo de colêras e rancores que envolve o seu coração, lobriga-se as reliquias de seu patriotismo.

Mal iria um povo se não tivesse o direito de expulsar de sua vizinhança, quem invadissem o seu territorio traioceiramente e n'elle praticasse accções que envergonhariam os proprios barbaros quando invadiram a Europa.

« Mas, voltando á pagina 449, diz o illustre escriptor que o imperio aceitou a alliança sem a menor solicitação de sua parte. »

Vamos insistir n'esse ponto.

Já mostrámos que o imperio solicitou a alliança oriental ; quanto a argentina, por algum tempo trabalhou por conseguil-a ; mas, á ella sempre se oppôz Mitre, mostrando entretanto sympathias pelo Brasil, como já dissemos em outra parte, até que o aprisionamento dos vapores argentinos no porto de Corrientes e a invasão, collocou o governo da republica em condições de não ter remedio senão acceitar a guerra a que o provocava o marechal presidente Lopes.

Vejamos o que diz o illustre annotador da obra de Schneider, o dr. Paranhos, barão do Rio Branco, á pag. 144 do 1.º vol. e, de-

pois de lêr-se isso, não haverá ninguém que não estranhe esse modo original de defender uma política que só nos foi fatal, como confirmam factos que são do dominio publico.

Diz o illustre annotador :

« Ha engano do escriptor (refere-se o annotador ao que escreve Schneider). Não estavam assentadas as bases da alliança. O visconde do Rio Branco fizera inuteis esforços para que o presidente Mitre se ligasse ao Imperio e á Republica Oriental. O general Mitre desejava sinceramente manter-se estranho á lucta, embora fizesse votos pela victoria do Brasil, porque sabia que a nossa causa era a da civilisação desta parte da America. Com effeito a Republica Argentina tinha tudo a ganhar mantendo-se neutral: o nosso ouro seria derramado a mãos cheias no Rio da Prata e aquella republica prosperaria mais que nunca, gosando do espectaculo de assistir a uma lucta em que o Imperio, enfraquecendo-se ia destruir o poder militar do Paraguay e facilitar a obra da reconstrução do antigo vice-reinado hespanhol, objecto dos sonhos de todos os estadistas argentinos. Lopes, porem, desviou d'esse proposito o general Mitre e tornou indeclinavel a alliança entre a Republica Argentina e o Brasil. Depois da tomada de trez vapores argentinos, entre os quaes dous de guerra e da invasão de Corrientes pelos Paraguayos, não restava ao governo de Buenos-Ayres outra alternativa senão levantar a luva que lhe fôra arremessada, e vingar tão pugentes affrontas. As bases do tratado da alliança não haviam sido formuladas antes, como suppõe o auctor, pelo visconde do Rio Branco. »

Está, pois, patente que o governo havia em suas instrucções, dadas ao immortal Rio Branco, ordenado que solicitasse a alliança argentina.

Depois que Mitre não tinha outro recurso senão lançar-se aos nossos braços, o ministro Octaviano foi muito anticipado, pois não esperou por isso.

Lançou-se pressuroso aos braços de Mitre offerecendo-lhe o *Tratado da Triplix-Alliança* que pode ser um primor para o argentino, o chinês, o allemão, enfim, para todos os povos do globo, menos para o Brasil.

Para este é, infelizmente, um triste documento que legámos á posteridade; um monumento sentado sobre a honra e a dignidade da nação brasileira.

Ao terminar estas considerações não podemos deixar de perguntar ao escriptor:

Porque razão depois de Curupaity, já que antes não se havia feito, não se procurou com habilidade afastar para sempre do theatro da guerra, o general tardo, que exuberantemente havia demonstrado não poder realizar a missão de que se incumbira bem pouco cerimoniaesmente?

Porque não se modificou o *Tratado da Triplix-Alliança*, o art. 3.º?

Não se quiz descontentar o individuo; preferiu-se a continuação do sacrificio da patria.

Isso podia ser tudo; mas, não foi moral, não foi humano, não foi patriotico nem politico.

A *Esquadra D'Outr'Ora*, da penna do talentoso visconde de Ouro Preto, ex-estadista, tem muitas paginas que não podem servir de subsidio para a historia.

Estão erradas.

Não ha talento que não naufrague defendendo uma má causa!

Voltemos ás operações militares.

Tinhamos deixado o 2.º corpo brasileiro, sob o commando do bravo general Porto Alegre, de observação, em São Thomaz, na provincia de Corrientes, prompto a invadir o territorio inimigo que alli lhe estava proximo.

A missão primitiva d'esse corpo de exercito, em virtude de uma combinação em junta de guerra: celebrada pelos generaes Mitre, Flores, Porto Alegre, e Tamandaré, quando em Uruguayana se acharam esses generaes, e á qual assistiu o ministro Ferraz; era cobrir as fronteiras do Rio Grande e de Corrientes, ameaçar, tendo como objectivo o territorio das Missões na republica do Paraguay, e invadir por esse lado a mesma republica, conforme corresse os acontecimentos, operando de accordo com o exercito alliado.

Mais tarde veremos que muito antes d'essa idéa ter sido acceita na junta a que nos referimos, já o immortal marechal Caxias, a quem o general Beaupaire Rohan recorrera pedindo-lhe um plano de operações, havia indicado a collocação de um corpo d'exercito n'aquelle ponto.

Mitre que servira como tenente coronel d'artilharia na campanha de 1851—52 contra Rosas, avistou-se com aquelle marechal que como ajudante de campo do imperador esteve no sitio de Uruguayana e ali falaram sobre as futuras operações, externando o mesmo marechal as suas opiniões.

Infelizmente uma serie de contrariedades, depois de prompto o 2.º corpo para invadir por alli o territorio inimigo e dominar com suas armas toda região, desde Itapúa até Tebiquary, como falta de fornecedores, meios de transporte e outros embaraços que não foram removidos; detiveram esse corpo d'exercito por algum tempo inactivo e, assim, não se effectuou essa importante operação que iria corrigir os erros da direcção da guerra, praticados pelo lado do Passo da da Patria, e obrigaria o marechal Lopez a distrahir forças para enfrentar com o bravo Porto Alegre, enfraquecendo assim a defeza que offerencia aos alliados por aquelle lado.

Foi um grande erro não se ter dado a Porto Alegre todos os recursos de que carecia.

Em 9 de Maio de 1866 dizia Porto Alegre ao ministro da guerra :

- Uma das maiores, se não a maior difficuldade com que temos de lutar é a de
- como havemos de proporcionar alimento no interior do Paraguay a este exercito
- cuja força excede a 10 000 homens, e tendo de atravessar um territorio inteiramente
- deserto, cuja extensão, se fôr a nossa marcha na direcção de Villa Rica, é maior de
- 50 legoas, e de 60 se tivermos de ir para Assumpção. Vê, pois, V. Ex. que as difficuldades a vencer não são tão pouzo importantes como parecem aos que me censuram,

« porque eu não antecipei a passagem d'este exercito a dos alliados, que, não obstante
« os poderosos recursos de que dispunham, só no dia 16 do mez proximo passado pode-
« ram inicial-a. »

O general em chefe não ligou á principio muita importancia ao papel que se havia reservado a esse corpo d'exercito.

O marechal Lopez pelo contrario, conhecia bem o alcance d'aquella operação por Itapúa e sabia medir-lhe o perigo.

Ahíde observação aos movimentos do 2.º corpo o marechal collocou o coronel Nunez com 3.000 homens e 12 bocas de fogo.

Quanto mais tempo conservava-se na margem do Paraná aquelle corpo de exercito, mais diminuiam os seus meios de mobilidade, pois, a cavallada e mulada, divido ás pessimas pastagens, iam morrendo.

Entretanto, desde o seu bravo general até o ultimo soldado, todos enfim ardiam por combater e auxiliar os seus companheiros de armas que já haviam pisado o solo inimigo.

Depois das infructíferas victorias da passagem e de 2 e 24 de Maio, veio como vimos, a immobilidade dos alliados.

O almirante Tamandaré não se podia conformar com isso ; revoltava-lhe a inacção do general em chefe, a pretexto de falta de meios de transporte, quando haviam de sobejo para assentarmos ao menos as tendas ao arredor de Humaitá.

Marchar o exercito era tirar a esquadra da inacção, porque os seus movimentos então estavam subordinados aos dos alliados.

Tamandaré lembrou-se que tinha no 2.º corpo um auxiliar para a sua esquadra tentar alguma cousa que arrancasse Mitre da necropole de Tuyuty.

Escreveu, pois, ao bravo Porto Alegre, seu parente e intimo amigo, mostrando a conveniencia da junção de seu corpo d'exercito ás forças alliadas.

Osorio tambem desejava a junção.

O commandante do 2.º corpo, vendo que não se lhe fornecia meios de mobilidade, nem recursos de viveres para invadir o Paraguay pelo lado que se havia combinado, e não desejando absolutamente permanecer inactivo ; consultou ao general em chefe a respeito da proposta do almirante, declarando que para cobrir a fronteira do Rio Grande e a de Corrientes deixaria, sob as ordens do brigadeiro honorario Portinho, força sufficiente.

Infelizmente o general em chefe concordou na junção, quando tudo devia fazer para que se realisasse a invasão por Itapúa.

E' verdade que elle declarou na resposta que deu ao general Porto Alegre que, como director da guerra o general em chefe dos exercitos alliados, não era essa a sua opinião particular ; mas, desde que a operação da invasão por parte do 2.º corpo tinha soffrido demora, elle, apreciando a opinião não só do almirante como do general Osorio, resolvera convocar uma junta de guerra, onde se dis-

cutira as conveniências e inconveniências da junção e concordára-se finalmente em ser o general immediatamente autorizado a transladar-se para o campo aliado.

O governo teve logo conhecimento d'essa mudança de plano nas operações e declarou ao commandante do 2.º corpo que elle poderia operar reunido aos exercitos alliados, subordinado ao general em chefe, ou separadamente de accordo com a esquadra.

Isso agradou muito a Tamandaré que desejava ardentemente ter forças brasileiras para auxiliar-o em movimentos que desejava emprender, e também a Porto Alegre que, operando fóra das vistas do general em chefe, revestia-se de completa autonomia.

Lá seguiu, Paraná acima, uma esquadilha de vapores, sob o commando do capitão de mar e guerra Alvim, a 5 de Junho, não soffrendo hostilidades de maior, salvo um ou outro tiro de fuzil da margem inimiga.

Porto Alegre pôz em marcha o 2.º corpo ao encontro da flotilha para a Tranquera de Loreto. Portinho, a frente de 2.650 homens, acampado em Itaimbé, com 4 bocas de fogo, ficou de observação ás fronteiras do Rio Grande e Corrientes para evitar que o inimigo por ali apparecesse.

N'aquella força estavam 300 correntinos sob as ordens do coronel Reguera.

As forças do 2.º corpo embarcaram por partes, em expedições.

Já no ataque de 18 de Julho vimos, da primeira expedição que havia chegado em Itapirú, a 10 do mesmo mez, bater-se valentemente o corpo de caçadores a cavallo, succumbindo ali o intrepido capitão Nogueira Angelim.

A 29 de Julho chegava a segunda em Itapirú e finalmente uma de cavallaria seguiu por terra até Corrales, e assim em meados de Agosto estava todo o 2.º corpo em terra paraguaya.

A imprensa dos paizes alliados não deixava de bradar, agora com razão, pela demora das operações, pois, na verdade era extraordinariamente singular essa posição de um exercito invasor victorioso estacar assim deante do inimigo.

Debalde os defensores de tão extranho modo de fazer a guerra, procuravam justificar a immobildade, allegando ora falta de meios de transporte; ora falta de viveres, como se o tempo anteriormente despendido não tivesse sido sufficiente para tudo se providenciar, e quando, realmente, não o fosse, para que então emprender uma operação tão séria como a passagem, para estar sob a acção do fogo inimigo sem avançar!

O governo brasileiro, antes da junção, fez vêr ao seu representante, o ministro Octaviano, a impressão penosa que o estado de cousas, já produzia no espirito publico.

Octaviano pediu uma conferencia que realison-se a 1.º de Julho. A' ella compareceram os generaes, Mitre, Flores, Osorio, Ta-

mandaré e Polydoro Jordão que ainda não havia assumido o commando do 4.º corpo, mas que se achava no campo aliado em commissão do governo e por isso foi também convidado para assistir ás deliberações.

O ministro expoz o objecto da conferencia que solicitára, referindo o desanimo das nações aliadas por causa da immobildade do exercito ; disse que desejava ouvir a opinião do general em chefe e dos outros generaes, e consultava se realmente julgavam conveniente para o andamento das operações a vinda do 2.º corpo d'exercito e n'esse caso, por onde devia elle operar, se pelo Passo da Patria ou pelo rio Paraguay, de combinação com a esquadra.

O general em chefe que havia, então, conhecido o erro imperdoavel de atacar o inimigo justamente no terreno por elle escolhido e fortificado, por consequencia, no ponto mais desfavoravel para nós; procurou, como poudé justificar-se, declarando mais que a immobildade provinha de falta de meios de transporte, e da necessidade de attender-se á rectaguarda do exercito que correria risco, sem forças de cavallaria, no caso de se emprehender qualquer ataque de frente ou de flanco ; mas, contava que a guerra, depois da chegada do 2.º corpo, tomaria grande actividade, tanto mais que esperava também cavallada, e então, de accordo com a nossa esquadra, as posições de Curupaity e Humaitá seriam investidas.

Todos os generaes concordaram com a vinda do 2.º corpo d'exercito.

O ministro Octaviano, já desilludido certamente da crença de ser o general em chefe capaz de dar conveniente direcção ás operações militares, e, bem arrependido, no fundo de sua propria consciencia, de ter admittido o art. 3.º do *Tratado da Triplice-Alliança*, quiz que n'essa conferencia ficasse tudo perfeitamente elucidado e, por isso, com aquella amabilidade que o distinguia, disse que sabia ter o general em chefe declarado ao general Porto Alegre não julgar *essencial* a vinda do 2.º corpo d'exercito, e assim pedia-lhe que esclarecesse bem esse pensamento, porque elle desejava levar ao conhecimento do governo imperial o objecto, o assumpto d'essa conferencia.

O general em chefe allegou que realmente não considerára a marcha d'aquelle corpo uma necessidade capital a principio, pois o destinára a invadir o Paraguay por Itapúa para evitar que o marechal Lopez fizesse uma guerra de recursos, depois de batido pelo lado do Passo da Patria, e assim promovesse a resistencia no interior do paiz; agora, porem, era o inimigo forçado para preencher os grandes claros abertos em suas fileiras a concentrar todas as suas forças em frente aos alliados, de modo que presentemente não achava possível a probabilidade de uma guerra de recursos.

O general Mitre, pois, errou em *presentemente* não admittir tal probabilidade, como os acontecimentos se encarregaram de provar.

O marechal Lopez ficou satisfeittissimo quando viu dissipar-se a tormenta que o ameaçava por aquelle lado de seu paiz, e que o 2.º corpo ia, com o grosso das forças alliadas, espedaçar-se ante as trincheiras e metralhas que já detinham os outros adversarios.

Era mais pasto que ia chegar para os seus canhões.

N'essa conferencia, o ministro Octaviano não esqueceu de informar-se se o almirante Tamandaré não poderia operar sem o concurso do exercito.

Ora, a maior parte da infantaria que se achava desde o começo das hostilidades a bordo da esquadra, tinha tido ordem de reunir-se ao 1.º corpo d'exercito, de modo que para desembarque tinha o almirante cerca de 700 homens, força insufficiente para apoderar-se das posições beira-rio, manter-se n'ellas ou perseguir os inimigos que d'ellas fossem rechassados, de modo que não valia a pena o sacrificio de destruir as baterias do rio Paraguay sem o concurso do exercito.

Com estas rasões todos se conformaram e mesmo o general Mitre, ao finalizar-se a conferencia, declarou que a vinda do 2.º corpo ainda era conveniente, encarado o assumpto pela face apresentada pelo almirante.

Chegou, enfim, o momento de entrar em acção esse corpo de exercito que pela sua disciplina e brilhante aspecto que apresentava, atrahia a attenção dos alliados despertando verdadeiro enthusiasmo.

Assentaram em conselho que o 2.º corpo de exercito seguiria em uma esquadrilla pelo rio Paraguay para tomar uma fortificação, no sitio denominado Curuzú, abaixo de Curupaity e alli construida como guarda avançada d'esta posição.

O general em chefe, porem, acceitou essa operação para ser agradável aos outros generaes, pois, não mostrava pessoalmente a convicção de que um ataque á direita das posições paraguayas, fosse de resultados vantajosos.

Os mais entusiastas por elle eram o almirante e o general Porto Alegre.

No dia 1.º de Setembro os couraçados *Brasil*, *Bahia*, *Barroso*, *Lima Barros*, *Rio de Janeiro* e *Tamandaré*; as bombardeiras *Pedro Affonso* e *Forte Coimbra*; as canhoneiras *Araguary*, *Belmonte*, *Beberibe*, *Greenhalgh*, *Ipiranga* e *Parnahyba* e 3 baterias fluctuantes subiram o rio Paraguay e ancoraram na Ilha dos Palmares, um pouco abaixo do, objectivo—Curuzú.

Seguiu-se logo o bombardeamento da posição approximando-se á ella os encouraçados e baterias fluctuantes.

O *Lima Barros* foi o primeiro que iniciou o bombardeamento.

No dia seguinte, 2 de Setembro, pela madrugada o 2.º corpo de exercito, apresentando um effectivo de 8.132 combatentes, sendo d'estes 3.400 de cavallaria completamente a pé, embarca nos trans-

portes a vapor *Charrua*, *Presidente*, *General Flores*, *Diligente*, *Leopoldina*, *Riachuelo*, *Marcilio Dias*, *Galgo*, *Onze de Junho*, *Desesais de Abril* e em 2 chatas.

Chegado o corpo expedicionario á ilha das Palmas ou dos Palmares, alguns navios que bombardeam e metralham as mattas do ponto de desembarque e as de todas as circumvisinhanças, augmentam a vivacidade dos canhoneiros.

A' 1 hora da tarde, o general Porto Alegre julga sufficientemente varrida a margem e começa o desembarque.

A's 3 horas da tarde uma catastrophe !

O couraçado *Rio de Janeiro* procurando approximar-se da estacada de Curupaity, construida para impedir o passo á esquadra, roça 2 torpedos que explodem espedaçando-lhe as couraças e cavernas: elle submerge-se immediatamente, perecendo o commandante Silvado, 3 officiaes e mais 50 praças.

Silvado, bravo e distincto official, havia illustrado o nome brasileiro na guerra da Criméa, onde servira na armada franceza.

Os soldados do 2.º corpo se electrizam ao troar dos canhões.

A margem está cheia de atiradores paraguayos; mas a metralha da esquadra os repelle e elles vão se refugiar na sua trincheira de Cruzú, alli proxima.

Os pontoneiros abrem uma picada, que vai desembocar em frente a trincheira, por onde o exercito começa a desfilar e a soffrer fogo porque a artilharia inimiga enfia essa picada em toda sua extensão.

Os paraguayos não se contentam, porem, em canhonear as nossas columnas.

De repente as mattas que ficam á direita do exercito despedem nuvens negras de fumo que escurecem os céus, e que são constantemente rasgadas por enormes linguas de fogo.

Era o inimigo que procurava assim obrigar o 2.º corpo a reembocar.

O calor que faz, augmentado pelo enorme incendio que ameaça carbonisar aquellas extensas mattas seculares, o expulsar os bravos do terreno em que alguns já dorinem o somno da morte, difficulta a marcha e sombreia de côres pavorosas o quadro que se antolhava risonho.

Porto Alegre consegue providenciar de modo que, ao escurecer, encontra um acampamento, ao qual difficilmente as mattas abrasadas communicariam o seu incendio, e onde é possível esperar com as armas na mão o dia seguinte.

A' noite os engenheiros levantam um espaldão com cinco canhoneiras.

Um exercito de recrutas não dorme na vespera de um ataque; um, composto de veteranos, não o teria conseguido nessa noite porque o calor era cada vez mais suffocante.

O inimigo havia deitado fogo ao arredor de todo o acampamento brasileiro.

Não eram, pois, só as mattas que ardiam então, ao estampido dos canhões paraguayos.

O troar da artilharia, as crepitações e estalidos do circulo do fogo em que os bravos estão envolvidos, formam singular e sinistra orchestra!

Não é o circulo de fogo das batalhas, tão facil ás vezes de romper com as armas na mão...

Os raios do medonho circulo vão diminuindo de grandeza; a circumferencia de chammas caminha, caminha... caminha sempre ardente e feroz, ameaçando os guerreiros com a mais terrivel das mortes!

Felizmente o vento que alimentava o incendio, e tão favoravel aos projectos do inimigo, cessa e o fogo estaciona; se continuasse seria necessario que os corpos dos nossos bravos transudassem os humores das *salamandras*, para protegê-los por algum tempo contra o ardor das flammæ.

Esperou-se então, confiante, o dia seguinte.

Ao amanhecer, o inimigo rompe o fogo de artilharia contra o espaldão, que se havia costruido á noite.

Cinco boccas de fogo, do regimento do bravo commandante Lobo d'Eça, immediatamente respondem á canhonada que recrudesce de furor e com o auxilio da claridade do dia, notam-se os destroços que fazem nos defensores de Curuzú as granadas e balas dos artilheiros daquelle regimento.

Ao arredor da bandeira paraguaya, que tremula na trincheira, silvam as bombas por alguns momentos, até que é lançada por terra, no meio de gritos entusiasticos dos soldados brasileiros. De repente, o clarim do estado-maior do bravo Porto Alegre transmitta a ordem de *cessar fogo*, e em seguida a de *avancar a infantaria*.

Um *hurrah* prolongado e phrenetico irrompe do peito das columnas de ataque, e o fogo inimigo cessa por um instante.

Duas columnas, uma sob o mando do general Albino de Carvalho, o mesmo que já vimos em Matto-Grosso como presidente; outra sob o do general Gonçalves Fontes, avançam impavidas.

Ellas vão reforçadas pelos clavineiros e lanceiros da 3.^a divisão de cavallaria, que marcham a pé, commandados pelo coronel Lucas de Lima.

E' um espectaculo singular ver marchar ao assalto da trincheira os bravos cavalleiros do Rio Grande como se fossem soldados de infantaria!

Era a cavallaria de Julio Cesar avançando para as posições dos gaulezes.

Na frente das columnas de ataque já estão estendidas as linhas de atiradores que ora fuzilam os artilheiros paraguayos, ora trocam balas com a infantaria.

O fuzilar das espingardas dos atiradores vem progressivamente aumentando, até que o clarim dá o signal de *retirar*.

Elles voltam aos seus batalhões, e o general Porto Alegre cavalgando brioso e possante ginete percorre a galope a linha de batalha, erguendo vivas á nação brasileira, ao imperador e ao exercito, que phreneticamente são respondidos pelos seus commandados.

Immediatamente ouve-se o toque de *carga*.

Os batalhões, no meio de um alarido que não pôde ser suffocado pelo troar dos canhões e fuzilaria do inimigo, marcham a passo acelerado em direcção á trincheira.

Os bravos estão na *contra-escarpa do fosso* e ali demoram um momento a fuzilar os artilheiros !

Depois precipitam-se no fundo e uns secundando os esforços dos outros galgam a *escarpa*, attingem o *parapeito*, saltam-no e travam com os adversarios sangrento combate a *ferro frio*.

O sangue brasileiro mescla-se nos borbotões de sangue paraguayo !

O heroico Porto Alegre, junto á *contra-escarpa do fosso*, observa a lucta com a placidez dos bravos.

Com o seu olhar intelligente vê que a trincheira apoia a sua esquerda em uma lagôa talvez facil de vadear ; ordena então que o tenente-coronel Astrogildo com uma brigada de infantaria procure por ali envolver o inimigo.

O bravo tenente-coronel consegue vadear a lagôa á frente da brigada, e os paraguayos, com razão, julgam-se perdidos.

A derrota pronuncia-se afinal e a perseguição começa.

A bayoneta, a espada e a lança levam de vencida os destroços das legiões paraguayas, ao som do hymno nacional.

A victoria era do 2.º corpo de exercito.

Oitocentos cadaveres inimigos, mil e oitocentos feridos, trinta prisioneiros, treze canhões, bandeiras, caixas de guerra, estandartes, armamento e munições, foram os tropheos dessa gloriosa jornada.

Alguns minutos depois de ter cabido Curuzú em poder do intrepido Porto Alegre, no mesmo logar em que tremulára a bandeira tricolor do inimigo, fluctuava a bandeira auri-verde do Brasil.

Para tanto, a morte arrebatára ao 2.º corpo dez officiaes e cento e vinte cinco praças.

Os feridos attingiram ao numero de seiscentos e noventa e cinco.

Esta victoria, como vemos, foi exclusivamente alcançada pelos brasileiros e despertou grande enthusiasmo em suas fileiras e patente ciuime no exercito argentino.

Com ella estavam cheios de orgulho Tamandaré e Porto-Alegre.

O almirante que era um brasileiro cheio de patriotismo e de uma franqueza que não sabia guardar reservas, sempre se manifestou contrario ao art. 3.º do *Tratado da Triplice-Alliança*, a ponto de se ter offerecido ao governo imperial, em 1863, para dirigir a campanha, promettendo abreviar as operações e corôal-as com a victoria.

Colher os louros do triumpho sem cooperação das forças allia-das era a maior satisfação para o seu coração.

Pode-se, pois, calcular o seu grande contentamento.

O inimigo foi perseguido.

O general Fontes na perseguição chegou até ás trincheiras de Curupaity, então armadas apenas com alguns canhões pelo lado do rio.

Inquestionavelmente se o 2.º corpo d'exercito avançasse no mesmo dia 3 ou no dia seguinte, a terrivel posição cahiria em suas mãos sem maiores sacrificios.

Porto Alegre não avançou para se apoderar d'ella porque sabia que com as suas diminutas forças, não se poderia sustentar contra um ataque do inimigo que certamente não o emprehenderia senão com numero muito superior ao effectivo do 2.º corpo : mas, o general vencedor estava ancioso de proseguir pelo caminho da victoria para não lhe ser reservado tambem o inglorio papel que faziam os alliados emfrente a Sauce e Riojas.

O ministro Octaviano que tomava parte sempre nas conferencias dos generaes e que por isso estava ao corrente dos planos das operações, foi encarregado pelo general, a 4 de Setembro, isto é, no dia seguinte ao da esplendida victoria, de pedir um reforço de infantaria para o 2.º corpo apoderar-se de Curupaity e poder alli conservar-se.

Esse reforço era indispensavel porque a esquadra em nada podia auxiliar a Porto Alegre para a conservação da posição, porque as barrancas de Curupaity eram bastante altas e o fogo de seus navios não podia varrer a posição e por consequencia hostilizar as columnas de ataque do inimigo.

Este reforço deveria vir logo e logo.

Os precedentes do inimigo, a sua infatigabilidade em levantar trincheiras, em artilhal-as, aconselhavam a não se perder tempo em inuteis conferencias.

Mas qual ! Não havia meio de se apprender, de se conservar na memoria as lições que o marechal Lopez dera antes ao general em chefe, escriptas com caracteres de sangue de trezpovos alliados !

Vieram as conferencias.

Trataremos já d'essas assembléas que em vez de produzirem cousas uteis, só serviam para provar a inutilidade d'ellas, porque os seus fructos tinham sido amargos, excepção de Curuzú, como se a ellas presidisse um genio máo.

Muita gente encontrava vantagens estrategicas na tomada do Curuzú.

Com effeito, se tomada essa posição, investissemos immediatamente Curupaity com forças sufficientes para mantermo-nos ahi, é evidente que o inimigo se veria na penosa contingencia de abandonar toda a linha fortificada do Sauce, Riojas e Passo-Pocú, porque lhe ficaríamos pela rectaguarda, e como não seria facil elle retirar a sua artilharia d'essas posições, pelo menos nos deixaria os seus canhões de grosso calibre para reconcentrar-se em sua fortaleza de Humaitá.

Mas, desgraçadamente estávamos condemnados a expiar a imprevidencia e mais erros do governo, filhos d'esse nunca assáz censurado *Tratado da Triplíce-Alliança*.

Como veremos, o reforço veio ; infelizmente tarde.

O marechal Lopez irritou-se com a tomada do Curuzú, como se fosse dado a alguém resistir em tal posição um ataque como o do 2.º corpo de exercito, combinado com os fogos da esquadra.

A posição do Curuzú era defendida por 3 batalhões de infantaria, o 4.º, 10.º e 20.º, um regimento de cavallaria desmontado, e 13 boccas de fogo, orçando tudo em 3.000 combatentes, sob o commando do coronel Jimenez, tendo como auxiliares o major Lagos, capitães de marinha Gill e Ortiz, nossos conhecidos e Blaz Montiel que já vimos tambem em campo

Sobre o 10.º batalhão recahiu toda furia do marechal, porque fôra informado de que elle se portára mal, abandonando a posição quando as nossas forças vadearam a lagòa e atacaram o flanco esquerdo da trincheira ; assim, mandou fuzilar varios officiaes e 64 praças ; dissolveu o batalhão, rebaixou os officiaes que escaparam ao fuzil, não esquecendo de dar a esse acto toda solemnidade para que servisse de exemplo.

D'esta vez, o *Semanario* não cantou victoria ; confessou que se perdera a posição por causa do 10.º batalhão que se portára mal ; mas, não deixou de escrever falsidades taes como que fomos repellidos da direita e do centro e *já de joelhos pediamos misericordia, quando o batalhão n. 10.º desanimou e retirou-se porque uma columna brasileira tinha vadeado a lagòa da esquerda*.

A execução dos officiaes e soldados do 10.º teve lugar no dia 10 de Setembro.

N'esse mesmo dia, quando cahiam fuzilados aquelles a quem a sorte da guerra fôra adversa ; o marechal, que se achava em seu quartel general do Passo-Pocú, recebeu uma visita extraordinariamente importuna.

Uma enorme granada de um dos canhões da esquadra, rompendo os ares, com aquelle silvar tetrico com que se annunciavam estes projectis, cahe aos pés do marechal.

Dizem que elle empallidecera.

O que é verdade é que a ninguém elle narrou o que se passára em sua mente, em quanto esperava a detonação do projectil do qual não podia fugir.

A granada não explodiu para infelicidade da nação paraguaya e da *Triplíce-Alliança*.

Antes ella alli não fosse ter para que os seus fanaticos não podessem parodiar em tempo algum o illustre poeta brasileiro, autor dos *Suspiros Porticos*, cantor de Napoleão.

« *A' seus pés se curravam respeitosas, quacs submissos leões. . .* »

No mesmo dia que atacámos Curuzú, o 1.º corpo de exercito fez um reconhecimento pelo lado da lagôa Pirez e Sauce, uma demonstração, sem maiores resultados.

Ahi teve esse corpo de exercito 4 soldado morto, e 10 feridos, um d'estes official.

Emfim, os nossos prejuizos de 4 a 3 de Setembro, incluídos os da esquadra, orçam em 887 praças e 73 officiaes, fóra de combate.

A 14 de Setembro o bravo commandante do 2.º corpo proclamou as suas tropas na seguinte ordem do dia :

- « Sobre as trincheiras de Curuzú tremula altivo o pavilhão nacional que, sustentado pelos bravos á cuja frente me acho, percorrerá triumphante este solo onde impera a tyrannia.
- « A jornada de 3 foi o brilhante prologo da obra, de cujo desempenho a patria nos incumbiu.
- « Occupar-me das peripecias do ataque seria repetir aqui o que está consignado na parte que abaixo vae transcripta.
- « Soldados ! Se vingar a honra vilmente ultrajada ; o direito conculcado, e a liberdade opprimida, foi, é, e será sempre a mais nobre missão que pode ter o exercito de um paiz livre ; ufanai-vos, porque tal é a nossa incumbencia. »

A parte a que se referia o illustre vencedor de Curuzú, era o officio que na mesma data dirigira ao ministro da guerra Ferraz a respeito do ataque que descrevemos a longos traços e n'esse officio o general recommendava ao governo os bravos que se haviam distinguido, generaes Alexandre Albino de Carvalho, Joaquim José Gonçalves Fontes, coronel da guarda nacional Manoel Lucas de Lima, tenente coronel Astrogildo e majores Vasco Pereira da Costa, Francisco de Lima e Silva ; coronel Antonio Peixoto de Azevedo e tenente coronel Corrêa da Camara, mais tarde marechal visconde de Pelotas ; majores Gustavo Galvão, depois marechal visconde de Maracajú, e Manoel d'Almeida Gama Lobo d'Eça, marechal barão de Batovy, como já dissemos em outro capitulo ; capitão Julio Anacleto Falcão da Frota, tambem mais tarde marechal e senador da república, e muitos outros.

A' essa parte acompanharam 3 bandeiras tomadas ao inimigo.

Os bravos que se cobriram de gloria dando-nos estes trophéus no memoravel dia 3 de Setembro foram : O capitão de zuavos bahianos, addido ao 8.º batalhão de Voluntarios da Patria Marcollino

Dias, o pavilhão que tremulava na trincheira ; o soldado Penha, d'esse mesmo batalhão, a bandeira do 4.º e Paulo José Guimarães, do 4.º de voluntários, addido ao 18.º, a do 27.º batalhões inimigos.

Poucos dias antes de embarcar a expedição, o coronel Diniz Dias, depois barão de São Jacob, rio grandense, commandante de uma brigada de cavallaria, teve de entregar essa brigada ao coronel Vasco Alves, também depois barão de Sant'Anna do Livramento, por entender o commandante do 2.º corpo de exercito que este coronel era mais antigo.

Diniz Dias magoou-se com isso, e solicitou licença afim de retirar-se para o Rio Grande ; mas, cidadão brioso e patriota, vendo que ia o exercito pela primeira vez crusar o ferro com o inimigo, esperou.

Entre os clavineiros, nas linhas de atiradores, o bravo, como simples soldado, de clavina em punho, investiu a trincheira inimiga.

Só depois do ataque á Curuzú, elle retirou-se.

Desde o dia 3 á noite começou o inimigo a fortificar-se melhor em Curupaity e artilhar essa posição.

Um official superior, tenente coronel, engenheiro austriaco, ha tempo ao serviço do governo do Paraguay, homem entendido em seu officio, e de nome Wisner de Morgenstern, foi encarregado pelo marechal de transformar Curupaity em uma posição formidavel porque eram evidentes os perigos, se os alliados a occupassem.

Quem lera a obra de Thompson, o celebre mercenario, valido do madame Linch, ingrato e reprobado, acreditará que elle podesse ter a ousadia de indicar planos de fortificação e de operações ao marechal Lopez.

Todos os paraguayos prisioneiros declaravam que o papel d'esse individuo não tinha importancia alguma, e que nem conhecia os principios mais elementares de engenharia.

Entretanto, Schneider em sua historia da guerra da *Triplice-Alliança*, enganado com a leitura do livro d'esse individuo, diz que o marechal Lopez, tomada a posição de Curuzú, *accreditára o plano, antes regeitado de seu engenheiro Thompson, de fortificar o mais possivel o entrincheiramento em frente á lagôa Lopez ou Mendez.*

N'essa lagôa apoiava-se a esquerda das trincheiras de Curupaity.

Thompson é assim mesmo.

A's vezes apresenta-se em seu livro, como um homem a quem o marechal Lopez considerava muito necessario, um Vauban em materia de fortificações ; mas parece que, depois de escrever parte de seu acervo de falsidades, receiára que o seu paiz ou outro qualquer quizesse lançar mão de seus conhecimentos scientificos e descobrisse quanto era embusteiro, e lá em um capitulo declara então que era apenas curioso em assumptos de engenharia militar.

O engenheiro, pois, encarregado de collocar Curupaity em condições de nos oppôr a mais forte resistencia foi, como dissemos, o

tenente-coronel Wisner de Morgenstern a quem o marechal Lopez entregou 6.000 soldados para esse serviço.

No dia 4, o general Flores á testa de 2.500 homens de cavallaria, parte brasileira, parte argentina, apoiados por alguns batalhões de infantaria, fez um reconhecimento pela nossa direita, esquerda do inimigo, até o Paso-Vai, extrema esquerda, sem resultado; ou antes, chamou com elle a attenção do inimigo para esse ponto que estava já fortificado, lembrando-lhe que convinha fortificá-lo melhor.

Quando se está nas condições em que estavam os alliados, estes reconhecimentos devem ser feitos por muito pouca gente, apenas por um ou outro official, ás occultas e só depois de se ter reunido sufficientes esclarecimentos, então opera-se; mas, com energia.

Uma conducta contraria mostra ao inimigo quaes os seus pontos fracos e fica-se desmoralisado ao olhos d'elle, desde que não se aproveita a fraqueza para atacá-lo immediatamente.

Tratemos das conferencias.

N'ellas se perderam um tempo precioso, porque tudo devera estar assentado quando expedicionou o 2.º corpo d'exercito.

No dia 6, o general em chefe, Flores e Polydoro Jordão assentaram no plano de operações a adoptar e no dia seguinte Mitre apresentou-se em Curuzú para expôr a Porto Alegre e Tamandaré o que se havia combinado em Tuyuty.

A sua exposição, porem, foi synthetica; nada de detalhes, nada de particularidades, e d'este modo nada tambem ficou assentado definitivamente.

E os dias se succediam.

O inimigo os aproveitava para dar maior extensão e solidez ás suas fortificações.

A perda de um dia n'esse genero de guerra que nos fazia o inimigo, guerra de trincheiras, abrigadas nas mattas, importava em borbotões de sangue.

Tinhamos a dolorosa experiencia de 16 e 18 de Julho.

Mas, nada se apprendia; nada, como já dissemos.

O *Tratado da Triplix-Alliança* ahi estava como um punhal afiado e agudo para abrir as veias do Brasil.

O Brasil. . . . o Brasil ahi estava para preencher os claros abertos pelo inimigo commum.

Para que pressas?

Porto Alegre, porem, não se conformava com essa demora.

Elle lembrava-se que Frederico o Grande dizia que a victoria *estava nas pernas dos soldados*. Era, pois, preciso marchar.

O bravo commandante do 2.º corpo insistia, pois, pelo reforço de 4.000 infantes

A 8 de Setembro houve nova conferencia entre os generaes que commandavam em Tuyuty e ficou afinal assentado que o general em chefe com sua infantaria argentina e 12 bocas de fogo iria em pessoa até Curuzú, para, de accordo com Porto Alegre, atacar Curupaity, e que ainda o general Polydoro Jordão mandaria 2.000 homens de infantaria para reforçar o 2.º corpo d'exercito.

Quanto ao general Flores, esse deveria com toda cavallaria alliada avançar até Tuyu-Cué, ao passo que Polydoro se conservaria em Tuyuty para fazer uma demonstração ou mesmo atacar rijamente, conforme as circumstancias.

Apesar do movimento incumbido a Flores, ficava este commandando todas as forças em Tuyuty.

O general Porto Alegre ainda no dia da conferencia, não sabendo o que se passava em Tuyuty, pediu o reforço de 4.000 infantes brasileiros e lembrou que convinha atacar-se tambem por aquelle lado, afim de evitar que o inimigo enviasso protecção de Riojas e Sauce para Curupaity.

O general em chefe mandou copia da acta da conferencia do dia 8 ao general Porto Alegre e almirante Tamandaré.

Os dous generaes irritaram-se.

Elles queriam apossar-se de Curupaity sem concurso dos alliados ; desejavam que a victoria fosse, como a de Curuzú, exclusivamente brasileira e Mitre, que, como já dissemos, não acceitára de bom grado o plano de atacar o inimigo por esse ponto, entusiasmou-se depois pela idéa quando viu o brilhante resultado do ataque de Curuzú e assim queria que os seus argentinos compartilhassem dos louros do triumpho.

Afinal, uns e outros tinham razão ; mas, para que todos encontrassem a victoria nos canhões de Curupaity era necessario ter o general em chefe bem em mente a maxima de Frederico, o Grande.

Ella estava esquecida.

O pedido de Porto Alegre dirigido a Mitre e Polydoro no dia 8, justamente no dia da conferencia no campo de Tuyuty, como disse-nos, é assim concebido :

« CONFIDENCIAL. — Quartel General no forte de Curuzú, 8 de Setembro de 1866. —
« Illm. e Exm. Snr. — Mando á V. Ex. aberta a carta que dirijo ao Snr. general Mitre
« para que V. Ex. inteirando-se das razões porque requisito 4.000 homens de infantaria
« brasileira, me faça o favor de apoiar aquella requisição.

« A inacção a que sou forçado pela pouca infantaria do meu exercito, que alias
« nem pôde ser supprida pela cavallaria, porque V. Ex. sabe que não tenho cavallos,
« pode prejudicar as operações de guerra e o credito das armas brasileiras

« V. Ex. com o seu patriotismo pesará tudo isso e me auxiliará efficazmente, já
« perante o general Mitre, já pela sua posição independente de general em chefe do 1.º
« corpo de exercito brasileiro, mandando-me o reforço para que eu possa marchar sobre
« Curupaity, operação essencial, que deve preceder a qualquer outra, se V. Ex. e os
« outros generaes não decidirem um ataque simultaneo em toda linha de operações, o
« que, como V. Ex. não ignora, foi sempre o meu parecer.

« Illm. e Exm. Snr. General Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão, commandante em chefe do 1.º corpo d'exercito Brasileiro em operações no Paraguay. — *Barão de Porto Alegre.* »

Por este documento se vê que o illustre general commandante do 2.º corpo d'exercito havia anteriormente requisitado o reforço, como já dissemos, e que elle tardava.

Não podemos deixar de intercalar no texto d'esta obra um ou outro documento para confirmar as nossas asserções, principalmente quando se tratar de assumptos que foram n'aquella epocha objecto de duvidas, discussões e controversias.

Já a 8 de Setembro, como se vê, o general parecia ter presentimentos do que nos aguardava em Curupaity : *A inacção a que estava obrigado podia prejudicar as operações e credito das armas brasileiras.*

O officio dirigido a Mitre é do teor seguinte :

« Quartel General do commando em chefe do 2.º corpo do Exercito Brasileiro em operações no Paraguay. — Curuzú, 8 de Setembro de 1866. — Illm. e Exm. Snr. — A operação contra Curupaity, um dos pontos sobre que V. Ex. me fez a honra de vir conferir comigo, e que, continuo a crer, deve preceder a qualquer outra, tem por condição essencial o reforço de minha infantaria.

« Meditando sobre o modo practico de se me dar esse reforço, parece-me mais natural que provenha elle do 1.º corpo d'exercito brasileiro, para não dividir as forças do exercito argentino.

« Divididas estas forças, me parece que V. Ex. não terá uma posição condigna de seu elevado caracter quer politico, quer militar, quer individual.

« V. Ex. não poder ser commandante de uma divisão, depois de tão justamente selhe ter conferido em um tratado o commando em chefe dos exercitos alliados. Tambem por meu lado (peço licença para respeitosamente dizê-lo á V. Ex.), desde que o general em chefe do exercito argentino não venha com todo seu exercito para esta posição, ficar-me-hia desairoso não commandar em chefe a operação que eu tivesse de fazer. Ao lado do exercito argentino, o meu será cooperador ou auxiliar e então não me desaira o commando do general em chefe d'aquelle exercito ; mas, ao lado de uma divisão argentina, comprehende V. Ex. que essa divisão cooperadora ou auxiliar não me poderia despojar do mando em chefe. Apello para os sentimentos nobres e patrioticos de que V. Ex. é o modelo. O Brasil me tomara contas severas, como á V. Ex. a nação argentina em egualdade de circumstancias.

« N'esse sentido officio ao Snr. General Polydoro para, entendendo-se com V. Ex. destacar para aqui provisoriamente 4.000 homens da infantaria brasileira, ou mais se o poder.

« Todos os transportes poderão amanhã estar ás ordens de V. Ex. e do Snr. General Polydoro, na Lagôa Pirez, se V. Ex. mandar-me aviso hoje, visto que o Snr. almirante terá toda noite na mesma Lagôa, um vapor de guerra prompto para trazer este aviso.

« Deus Guarde á V. Ex. — Illm. e Exm. Snr. General D. Bartholomeu Mitre, Commandante em chefe dos Exercitos Alliados. — *Barão de Porto Alegre.* »

Por esse documento vê-se que o *tratado da Triplie-Alliança* estava produzindo os seus amargos fructos.

Apesar do assumpto ser de caracter urgente o commandante do 2.º corpo de exercito só recebeu resposta no dia 10.

E' facil calcular a sua anciedade estando prompto para avançar, á espera somente de reforço.

De Curuzú via-se o phrenesi com que o inimigo ia tornando Curupaity uma posição formidável.

Dia e noite trabalhava-se alli sem descanso.

Entretanto, se chega no dia 9 o reforço pedido ainda encontraríamos alli a victoria.

Todo o 2.º corpo estava impaciente como o seu general.

Mas, no campo inimigo, em vez de impaciencia ha temor; temor sério que o nosso exercito avance antes de completarem-se as obras de Curupaity e estarem promptas as suas baterias.

No dia 9, Porto Alegre insiste pela resposta e no officio que dirigiu ao general Polydoro destacam-se estas palavras com que o finalisa :

« Na expectativa de uma qualquer combinação de V. Ex. com os outros generaes tenho de conservar o exercito sob meu commando em ordem de marcha com todos os inconvenientes e privações correspondentes. Assim é que achando-se elle alimentado com a maior sobriedade e generos compatíveis com a rapidez de qualquer movimento, começa a enfermar sem que eu possa prevêr o termo d'esta situação.

« E', pois, do meu dever insistir por uma solução rapida, de accordo com os interesses do Brasil e com a dignidade dos exercitos imperiaes; interesses a que V.Ex. tem sempre attendido com zelo, e dignidade, e que sempre encontraram em V. Ex. um decidido representante. »

No dia 10, á tarde, na nossa direita, em frente ao campo argentino, appareceram algumas pessoas com uma bandeira branca.

As avançadas argentinas repelliram á bala, porque, apesar da côr da bandeira ao parlamentario faltavam formalidades e já tinha entrado o sol.

No dia seguinte voltou o parlamentario que foi então recebido.

Era portador de uma carta do marechal Lopes para o general em chefe, pedindo-lhe uma entrevista pessoal.

Eis a carta :

« Ao Exm. Snr. Brigadeiro General D. Bartholomeu Mitre, Presidente da Republica Argentina e General em chefe do Exercito Alliado. — Quartel General em Paso Pucú
« 11 de Setembro de 1866. — Tenho a honra de convidar á V. Ex. para uma entrevista pessoal entre as nossas linhas, no dia e hora que V. Ex. marcar. Deus Guarde á V. Ex.
« — Francisco Solano Lopez. »

O general em chefe apressou-se em communicar aos generaes Polydoro e Flores e assentaram que Mitre devia acceitar, pois, tratava-se de uma entrevista pessoal.

Mitre respondeu pelo mesmo parlamentario do modo seguinte :

« Ao Exm. Snr. Marechal D. Francisco Lopes, Presidente da Republica do Paraguay e General em chefe de seu Exercito. — Quartel General do Exercito Alliado,
« 11 de Setembro de 1866. — Tive a honra de receber a communicação de V. Ex. datada de hoje, convidando-me para uma entrevista pessoal, entre nossas linhas, no dia e hora que se convenionasse ; e, respondendo, devo dizer á V.Ex. que acceito a entrevista proposta e me acharei amanhã ás 9 horas da manhã, no ponto de nossas respectivas linhas, no passo de Yataity-Corá, levando uma escolta de 20 homens, que deixarei na altura de minhas avançadas, adiantando-me em pessoa no territorio intermediario para o fim indicado, se V. Ex. se conformar com isso. Deus Guarde a V. Ex.
« muitos annos. — Bartholomeu Mitre. »

A noticia de que ia haver uma conferencia entre os dous generaes e chefes d'Estado inimigos, encheu de curiosidade o campo aliado e todos aguardaram o dia seguinte, cheios de ansiedade, para vêr se d'essa entrevista surgiria a paz.

Já se havia derramado muito sangue e poucas vantagens tinham colhido os aliados.

Mas, o marechal Lopez abandonaria o poder; se resignaria á essa condição, do *Tratado da Triplix-Alliança*, sem o que a paz era impossível?

Uns julgavam-no capaz d'essa abnegação; outros, não.

No mesmo dia á tarde o parlamentario voltou com a seguinte resposta do marechal:

« Ao Ex. Snr. Brigadeiro General D. Bartholomeu Mitre, Presidente da Republica Argentina, e General em chefe do Exercito Aliado:— Quartel General no Paso-Focu, 11 de Setembro de 1866.— Acabo de ter a honra de receber a resposta que V. Ex. dignou-se dar á minha proposta de entrevista d'esta manhã, e agradecendo á V. Ex. a acceitação que d'ella faz, me conformarei com o proceder a que V. Ex. se propõe e cumpriréi o dever de não faltar á hora indicada. Deus Guarde á V. Ex. muitos annos. — *Francisco Solano Lopez.* »

Alem das conferencias, do tempo gasto em planos que ha muito deviam estar assentados, como já dissemos, vinha agora a entrevista de Yataity-Corá.

No dia 10, porem, receberam Porto Alegre e Tamandaré a acta da conferencia do dia 8 e por ella viram que Flores que dispunha de um pequeno contingente ficaria com o commando em chefe de todas as forças em Tuyuty, apesar de ter de fazer um movimento com todas as cavallarias pelo nosso flanco direito, e por consequencia, pela esquerda inimiga.

Os dous generaes, que como já dissemos, não queriam operar com o general em chefe, mais irritados ficaram e protestaram por julgar que o exercito brasileiro alli, com o que se havia resolvido, ficava em posição menos digna.

Vamos transcrever algumas palavras d'esse protesto enviado a Mitre.

« Feitas todas estas resalvas e protestos que são tambem firmados pelo Senhor Tamandaré, não querendo nenhum de nós ser accusado de *demorar uma operação que já nos parece ter tardado mais do que era conveniente*, estamos promptos por nosso lado a receber o concurso de V. Ex. e a operar com V. Ex. *O meu exercito não precisa de dia nenhum para se preparar* e os meios de transporte devem já estar na Laguna Pirez ás ordens de V. Ex. porque d'qui partirão antes deste meu correio. »

As palavras que se acham sublinhadas, o foram por nós, para mostrar mais uma vez que Porto Alegre já considerava bem longa a demora da operação contra Curupaity.

Com effeito, cada dia que passava, o trabalho do inimigo parecia crescer de actividade.

Esta, á noite ainda era mais prodigiosa.

Os golpes de machado nas mattas ; o chio das carrotas ; o estropido da queda das arvores para se fazerem *abatises* e *paliçadas*; tudo, enfim, demonstrava que a mais terrivel resistencia nos esperava.

Vereinos os brasileiros e argentinos brevemente praticarem verdadeiros actos de heroismo para romperem os innumerados obstaculos que diariamente augmentavam-se n'aquella posição e tornaram-na, nos annos d'esta guerra, de uma celebridade altamente honrosa para os soldados alliados ; mas muito sangrenta.

CAPITULO VII

SUMMARY.—Entrevista.—Mitre e o protesto.—Ataque de Curupaity.—Considerações.—O ministro no hospital de sangue.—Infame conducta do inimigo com os feridos.—Ordem do dia sobre Curupaity.—O *Semanario*.—General Resquin e suas falsidades.—Os espiões.—Ainda o *Semanario* e as desintelligencias dos generaes.—Visconde de Ouro-Preto.—Silvano Godoy.—Lewis e Estrada.—A bandeira do 12 de voluntarios.—Esquadra.—Ordem do dia.—A imprensa.—Retirada do general Flores.—Proclamação do governo Argentino.—General Paranhos.—Ainda os annotadores.—Curupaity e a questão de limites.—O governo e Tamandaré.—Ainda Resquin.—Bombardeamentos.—Tomada de uma trincheira.—Marechal Caxias.—Sua nomeação.—Sua Ordem do Dia.

Teve lugar a entrevista, no dia e hora marcados, ao ar livre, porque não havia alli nem uma barraca sequer para se recolherem os dous chefes d'Estado inimigos.

O marechal Lopez approximou-se até as trincheiras do Paso Gomez de carro, acompanhado do general Barrios, seu cunhado, e de seus dous irmãos Venancio e Benigno Lopez, com uma escolta de 24 lanceiros, especie de uhlanos, e uns 50 officiaes que vinham como meros espectadores.

Thompson, de triste memoria, diz no seu livro, que o marechal Lopez em caminho para a entrevista quasi desmaiou e que foi necessario dar-se-lhe aguardente com agoa para reanimal-o.

Sem duvida, ao approximar-se o momento da conferencia, o marechal Lopez deveria ser presa de commoções bem diversas ; mas, que chegassem ellas a entibial-o a ponto de quasi desfallecer é necessariamente uma de tantas calumnias d'aquelle impudico mercenario.

Mais tarde verá o leitor os motivos que levaram o valido e afinador do piano de madame Lynch a calumniar muitas vezes o seu bemfeitor

Depois de chegar ás trincheiras, o marechal montou a cavallo e avançou, tondo o cuidado de vir fazendo ziguezagues, voltas, para

fazer crer aquelles que o observavam do nosso lado que só assim se podia chegar ás suas fortificações.

Mitre, acompanhado de alguns ajudantes e de um piquete de 20 soldados, ao chegar o adversário apeon-se, e trocaram cumprimentos.

O marechal Lopez manifestou desejos de que á conferencia comparecessem os generaes Polydoro e Flores, enviando a ambos cumprimentos pelo official encarregado de ir convidal-os.

O nosso general agradeceu a fineza ; mas, desculpou-se de não poder comparecer ; Flores, porem, acceitou o convite.

O marechal Lopez, magoado pela recusa do general Polydoro, apenas chegou aquelle general, depois da troca de cumprimentos, deplorou a guerra e declarou que fora arrastado á ella pela ameaça que o Brasil fizera á independencia do Estado Oriental ; mas, estava prompto a tratar da paz sob bases condignas para todos os belligerantes, dando todas as satisfações aos alliados, mas com a condição de não abandonar o poder.

O general Flores, que não podia com razão admittir que o marechal Lopez fosse mais amigo de sua patria do que elle mesmo, respondeu energicamente que não podia consentir que se injuriasse o Brasil, cuja lealdade reconhecia, e que o unico responsavel pela guerra era o marechal Lopez, e que a unica condição para a paz era elle abandonar o Paraguay.

Dito isto, Flores retirou-se bruscamente.

Ficaram os dous : Mitre e Lopez.

Sosinhos estiveram 5 horas.

Longa conferencia !

Enquanto conferenciavam, afastados conversavam officiaes argentinos e paraguayos.

Os dous chefes d' Estado para commemorar o dia 12 de Setembro de 1866, essa celebre, memoravel conferencia, trocaram os rebenques.

O talentoso annotador da obra de Schneider, á pag. 440, do 2.º vol. diz com fino espirito e mais fina ironia :

« Esta scena pode lembrar alguns dos episodios epicos da antiguidade ; por exemplo, a troca de armaduras entre Diomedes e Glauco, ou melhor (pois consta que um rebenque valia o outro), a troca de espadas entre Heitor e Ajax.

« Não se sabe qual dos dous, se o dictador paraguayo, se o presidente argentino, teria parodiado as palavras que Homero põe na bocca do magnanimo Ajax, de « capacete resplandecente. . . »

« Agora troquemos presentes gloriosos para que todos os gregos e troyanos possam exclamar :

« Elles combateram animados de uma sanha mortal, mas separaram-se unidos pela amizade !... (Illiada VII). »

« A differença está apenas em que na entrevista de Jataity-Corá houve renhida discussão, mas não combate singular, sendo tambem certo que os contendores, segundo a descripção de Tompson, não levavam « capacetes resplandecentes. »

Nada, porem, se resolveu officialmente n'essa entrevista.

O marechal Lopez declarou terminantemente que não abandonava o poder ; que o povo paraguayo não se sujeitava á essa humilhação, e que preferia uma guerra de exterminio mesmo quando n'ella tivesse de desaparecer a nação paraguaya.

Finda a conferencia, retiraram-se os dous, cada um para seu campo.

N'essa tarde, o general em chefe fez sciante do que se havia passado aos generaes Polydoro e Flores e communicou-se tambem ao nosso ministro Octaviano. Combinaram os generaes levar ao conhecimento dos governos respectivos aquelle acontecimento.

No dia seguinte um parlamentario nosso levava ao marechal Lopez a declaração do general em chefe, datada de Curuzú de que o assumpto da conferencia ia ser submittido á apreciação dos governos alliados.

O marechal Lopez respondeu com esta nota :

• Ao Exm. Snr. Brigadeiro general D. Bartholomeu Mitre etc. etc. Quartel-general no Paso-Poetú, 15 de Setembro de 1866. — Accuso reccebida a nota que hontem á tarde V. Ex. me fez a honra de dirigir, do seu quartel general em Curuzú, dizendo-me que havia concordado com seus alliados referir a seus respectivos governos o assumpto de nossa entrevista de 12 em Jataity Corá. Nada me deteve ante a idéa de offerecer por minha parte a ultima tentativa de conciliação, que ponha termo á torrente de sangue que derramámos na presente guerra, e me assiste a satisfação de haver dado assim a mais alta prova de patriotismo, perante o meu paiz, e de humanidade, perante o mundo imparcial que nos observa. Deus Guarde á V. Ex. — Francisco Solano Lopez. •

Reflectindo-se sobre o assumpto d'essa conferencia, é forçoso chegar a uma conclusão bem differente do motivo que officialmente levou o marechal Lopez a sollicital-a.

Não é crível que o marechal acreditasse que depois do mundo inteiro conhecer as clausulas do *Tratado da Triplix-Alliança* e sendo a principal a sua retirada do poder, os governos alliados abandonassem essa clausula para tratar da paz, a não serem coagidos pela victoria das armas paraguayas ou pela intervenção poderosa de uma ou mais nações estrangeiras.

Por consequencia, o fim do marechal Lopez foi protelar o ataque de Curupaity por mais alguns dias porque essa posição ainda não estava nas condições em que elle desejava.

Não é isso uma supposição *post-factum*.

No campo alliado, n'aquella epocha, todos os officiaes intelligentes, pensantes, d'isso estavam convencidos.

Quando Mitre se apresentou com a maior parte de seu exercito em Curuzú, o seu primeiro cuidado foi procurar desvanecer os dous generaes brasileiros, irritados, como já vimos, com o resultado da conferencia do dia 8, da supposição em que estavam de que tal resultado fosse offensivo á honra militar do Brasil.

Discutiu-se a questão a principio com calma. Mas, quando se trata de um assumpto que se prende á honra e dignidade nacionaes é raro que a calma possa ser conservada.

Tamandaré, homem do mar, leal, franco, impavido como é o marinheiro, usando de linguagem despida de atavios ou roupagens de rhetorica, declarou que o general em chefe Bartholomeu Mitre só viera a Curuzú cooperar no ataque a Curupaity para tirar o commando em chefe das forças a Porto Alegre, pelo receio de que esse general brasileiro continuasse a obter outros triumphos, como o de Curuzú, afastado de seu commando.

O ministro Octaviano estava presente á discussão e varias vezes ella tomou intenso calor á ponto de ser necessaria a sua intervenção.

O illustre diplomata deveria então achar bem acres, bem agrestes, os fructos que brotavam de seu *Tratado da Triplice-Alliança*.

Mas, justiça lhe seja feita, elle collocou-se do lado dos generaes, seus compatriotas, como se fosse extranho áquelle monstruoso convenio, rasgando d'esse modo, no fundo de seu coração, as folhas d'aquelle documento diplomatico, em que consignára a degradação da patria, sancionada pelo seu governo.

Desde esse momento a historia, como juiz severo e justo, devera absolver-o do crime de lesa-patria; e, o patriotismo que é uma religião, desaffrontado, perdoou certamente o penitente, e recebeu em seus braços, como o Christo, os que se transviando de seus preceitos perdoa e afaga os arrependidos !

Felizmente a esquadra não estava ás ordens do general em chefe, e, assim, Tamandaré não se achava a elle subordinado, como já dissemos em outro lugar.

Comquanto a alguns pareçam até certo ponto impoliticas as palavras do intrepido marinheiro, ditas em face do general em chefe, este merecia ouvil-as porque a sua imprensa, os seus incensadores persistiam em accusar e caluniar a esquadra e os brasileiros, olvidados de que, ao valor dos nossos marujos e soldados, não estavam com a patria retalhada aos golpes da espada do marechal Lopez.

Esses thurificadores da mentira a quererem até turvejar as nossas glorias !

Não podiam olhar para ellas.

Tinham razão ou antes receio.

As scintillações cegavam.

A Porto Alegre e Tamandaré assistiam motivos para protestar, porque realmente o resultado da conferencia do dia 8, collocava o digno general Polydoro Jordão, que tinha mais de 20:000 homens sob o seu commando em Tuyuty, em uma posição secundaria, pois, ficava sob as ordens de Flores, que já dissemos, commandava uma pequena força e, alem d'isso, nem sequer ia permanecer alli, porque cumpria-lhe reconhecer com a cavallaria a extrema esquerda do inimigo.

O general Polydoro, intimamente, deveria magoar-se com isso, porque era um militar pundonoroso em toda a extensão da palavra.

Com certeza, para não crear difficuldades ás operações e não abrir conflicto com o general em chefe do exercito alliado, o general se resignou sereno ao que se assentára na conferencia.

Entretanto, em officio dirigido pelo general Polydoro Jordão ao ministro da guerra, esse distincto militar affectava não ter deprehendido da celebre conferencia que ficava em posição secundaria no campo de Tuyuty, porque diz elle, em um trecho :

« Na mesma occasião recebi uma confidencial do conselheiro Octaviano, egualmente datada de 10, referindo-se ao commando *que se suppunha ficar tendo o general Flores* n'este acampamento durante a ausencia do general Mitre. » (Appellidoe ao 2.º vol. Schneider ; pag. 338.)

O que é certo é que o protesto produziu o seu effeito. pois, annullou-se a acta e o 4.º corpo de exercito brasileiro ficou, na ausencia de Mitre, só sob as ordens do seu general, porque o proprio Mitre declarou que desfazia a acta se os dous generaes retirassem os seus protestos ; elles annuíram á proposta do general em chefe.

O general Flores não deixou de resentir-se por momentos com o protesto ; mas, soube dominar-se e como era homem justo, sincero e leal, disse ao general Polydoro Jordão :

« *Eu não me considero aqui senão como um soldado voluntario, um patriota oriental, amigo do Brasil ; nem eu nem Mitre somos verdadeiramente generaes em chefe ; general é o senhor que tem exercito* » (Schneider, 2.º vol. anotações pag. 114.)

Ahi, como vemos, começavam a apparecer desintelligencias entre os generaes, desintelligencias que são sempre fataes.

Ellas são muito communs principalmente nas longas campanhas.

Foram ellas que, lavrando entre os generaes francezes do 1.º Imperio, comprometteram muitas vezes o resultado das operações em Portugal e Hespanha e não os mediocres talentos militares de Wellington.

Calcule-se agora que extensão tomariam taes desintelligencias, se generaes taes como Massena e Ney fossem commandados por um general estrangeiro, ou como Bernadotte e Davout, na campanha de 1806, n'Allemanha.

Para não cansar o leitor com a transcripção de longos documentos, citaremos ainda apenas os trechos mais importantes d'elles e que se referem ao protesto.

A parte do officio do general Porto Alegre, officio assignado tambem por Tamandaré, é n'estes termos :

« Da acta que V. Ex. me mandou por copia, resulta que, tendo o Imperio do Brasil dois exercitos n'esta campanha, os quaes vão entrar conjunctamente em acção por logares oppostos, os dous generaes em chefe desses exercitos ficam annulados, sendo V. Ex. o proprio que testifica na sua nota que, alem das forças numerosas do Sr. general Polydoro, não ficam em Tuyuty senão a cavallaria composta de soldados das tres nações e uma columna do exercito argentino !

« Em taes circumstancias collocar o general Polydoro e o seu numeroso exercito ás ordens de outro general, o qual até mesmo, pelo plano combinado, tem de operar, destacando-se do exercito brasileiro, parece uma deliberação *desairosa ás armas imperiaes*.

« V. Ex. que conhece bem meus sentimentos a respeito do general Flores, que considero um dos mais distinctos homens de guerra deste seculo e alliado sincero do Brasil, não attribuirá por certo este meu escrupulo a motivos alheios aos interesses da alliança. Revelam, pelo contrario, o desejo de que a *minha nação não enxergue em actos como este a intenção de collocar os generaes brasileiros em posição menos condigna*.

« Feitas todas estas resalvas e protestos &&& »

As palavras griphadas o foram por nós para chamar a attenção do benevolo leitor.

O general em chefe, persuadido de que a operação, que não lhe merecera franco apoio, pela direita do inimigo, mas que depois da victoria de Curuzú, modificára radicalmente o seu modo de pensar, ia decidir da campanha; allegou que desejava que n'esse acto tomassem parte contingentes das tres nações alliadas e conjunctamente contribuíssem com o seu tributo de sangue.

O que é certo é que depois da victoria de Curuzú, realmente os nossos alliados suppunham que a lucta ia terminar e não se coadunava com os interesses politicos-militares dos argentinos, a ausencia do general em chefe nem de suas tropas da posição em que se deveriam disparar os ultimos canhoneiros.

A acção é igual á reacção.

As desillusões e decepções deveriam obedecer á essa lei mechanica: tinham de ser eguaes áquellas risonhas esperanças.

Como estava longe o termo da campanha!

Quantos d'aquelles que nutriam essas brillantes esperanças tinham de calir para sempre nos campos de batalha e concorrer com os seus restos mortaes para essa longa e larga esteira, tecida com a alva ossada dos bravos já finados, e que havia de estender-se do Paso de la Patria até Aquidaban, para sobre ella poderem voltar á patria impollutas as nossas bandeiras!

Prosigamos.

O movimento de forças de Tuyuty para Curuzú era feito em pleno dia, sem a menor precaução de esconder a operação que se projectava ao inimigo.

Era o modo mais escandaloso de fazer a guerra de que ha noticia!

Na conferencia de Jataity-Corá os officiaes paraguayos que tinham acompanhado o marechal Lopez, entre elles especialmente o general Vicente Barrios, manifestaram desejos de ver o coronel Rivas, argentino.

Os officiaes do estado maior de Mitre responderam que elle estava na margem do rio Paraná, á frente de uma força, para embarcar para Curuzú!

Que duvida, pois, poderia ter o inimigo de que era por ali o ponto d'onde se procuraria desfechar-lhe novo golpe?

E, parece incrível, o proprio presidente D. Bartholomeu Mitre, general em chefe do exercito alliado, datou a ultima nota que encerrou o assumpto da entrevista de Jataity-Corã, do seu quartel-general de Curuzú !!!

Se Mitre não estivesse revestido do cargo de presidente, se a sua responsabilidade fosse, por consequencia, uma cousa real, a nação argentina o teria certamente destituído do commando de seu exercito.

Um general assim nunca se viu !

General *sui-generis*.

O procedimento dos officiaes de seu estado-maior e do proprio general em chefe dos alliados equivalia a dizer :

— *Paraguayos ! Alerta ! não vos enganéis. Nós vamos por Curuzú atacar Curupaity. Sentido ! A's armas !*

Depois do exposto, não é facil descrever a incrível, a prodigiosa actividade do inimigo nos trabalhos de sua fortificação.

Não havia duvida mais possivel no espirito do marechal Lopez.

Toda força do exercito argentino, destinada ao ataque, estava a 13 de Setembro em Curuzú.

N'esse dia fez Porto Alegre um ligeiro reconhecimento á posição inimiga e logo a 15 um outro teve lugar, pelo mesmo general, acompanhado do general em chefe.

Tinha-se combinado realizar o ataque no dia 17, depois de um grande bombardeamento da esquadra ; um temporal, porem, muito forte prolongou-se até a manhã de 21, impossibilitando qualquer operação.

Entretanto, a nossa esquadra, desde o dia 16, bombardeava, a longos intervallos, o nosso objectivo : Curupaity.

A 21 estavam os paraguayos com suas obras concluidas e fortemente artilhadas.

O terreno, muito encharcado das agoas da chuva, e, em muitos pontos muitissimo alagado, concorreu para se adiar de 21 para 22 ainda o ataque.

Agora tambem nada importava a demora e bem felizes seriamos nós se o ataque por alli tivesse sido indefinidamente adiado.

No dia 16, o chefe da commissão de engenheiros e o commandante da artilharia haviam escolhido uma posição para assestarem as baterias. Ali construiu-se um *espaldão* com 9 *canhoneiras*.

As forças assaltantes foram divididas em quatro grandes columnas : tres brasileiras e uma argentina.

Duas brasileiras investirão pela esquerda e centro de *Curupaity* e a argentina pela direita ; aquellas e uma de reserva, sob o commando do general Porto Alegre e a argentina sob o do general em chefe Bartholomeu Mitre. Ia vigorar o plano de investir *Curu-*

paity, Sauce e Riojas, caso visse o general Jordão probabilidades de conseguir bom exito, ou fosse prevenido de que deveria atacar, estes dous ultimos pontos, em quanto Flores ameaçaria o flanco esquerdo do systema geral das fortificações inimigas então completamente *no ar*, isto é, aberto, sem apoio sério, penetrando até onde fosse possível, para o que cumpria-lhe marchar de *Tuyuty* e manohrar de modo a apresentar-se em *Tuyu-Cué*.

A's 7 horas da manhã do dia 22 a esquadra rompe terrivel fogo contra *Curupaity*. O inimigo responde com vigor, mas pouco depois prefere convergil-o para as columnas de ataque que se começam a mover do acampamento para as posições que lhes foram assignaladas.

Os estampidos dos canhões de grosso calibre dos nossos vasos de guerra e os dos que defendem as posições inimigas vibram a atmosfera com tão pouco intervallo, como se milhares de nuvens se chocassem constantemente, produzindo horrido e incessante trovão !

Esse trovejar vai augmentar porque para o *espaldaão* marcha o corpo de artilharia a cavallo, apenas com oito peças raiadas de calibre quatro e quatro estativas de foguetes de guerra. Ao lado deste corpo segue o 4.º batalhão de artilharia a pé com dous canhões obuses de montanha, tudo sob as ordens do bravo commandante Lobo d'Eça.

As columnas de ataque ao verem desfilar esses bravos que vão ferir com os canhões inimigos um duello de morte, irrompem em vivas e acclamações entusiasticas aos artilheiros.

Messe preciosa ia fazer a morte naquellas columnas : os vivas e acclamações entusiasticas eram o sorriso fraternal, o ultimo aperto de mão daquelles que não sabem se cahirão no turbilhão do fogo da batalha; mas, comprehendem satisfeitos a extensão dos sacrificios que devem á patria.

As fortificações de *Curupaity* compunham-se de duas linhas de entrincheiramentos.

A primeira, a mais avançada, era formada de um *parapeito* com um *fosso* de 2^m,62 de largo, e 2^m,2 de profundidade ; nessa linha havia 28 canhões de campanha

A segunda linha, em terreno mais elevado do que a primeira, compunha-se de altos *parapeitos* com um fosso de 5^m,94 de largura e 3^m,96 de profundidade, tendo na frente immenso e profundo *banhado*, e linhas de *abatizes* nas proximidades da *contra-escarpa*.

Quarenta canhões de grosso calibre ali estavam no segundo entrincheiramento que, pela differença de nivel, podiam jogar por cima do primeiro.

Ao todo sessenta e oito canhões estavam apontados para o exercito ; do lado do rio trinta atiravam sobre os nossos vasos de guerra.

Contra entrincheiramentos tão formidavelmente artilhados ia bater-se a nossa pequena bateria de campanha !

Foi difficil chegar ao *espaldão* em que a deviamos assestar, porque, comquanto o assalto não tivesse começado, o caminho que percorriamos já estava juncado de feridos e mortos.

Tão mortifero era o bombardeamento do inimigo !

Vencida a difficuldade do trajecto, a nossa bateria, com indescriptivel entusiasmo, rompe o fogo contra os canhões da primeira trincheira.

A alma rude e selvagem do inimigo parece commover-se ante o heroismo dos nossos bravos artilheiros : o fogo da trincheira cessa.

O nosso recrudesce e cada granada que silva nos ares vai detonar na bateria inimiga, desafiando-a e arrancando-a da especie de torpor em que a temeridade dos nossos bravos a lançára.

Então trava-se violento combate ; da segunda e primeira trincheiras chovem *projectis* sobre a pequena bateria.

O *espaldão* é arrasado e combatemos, cobertos de sangue, á peito descoberto.

Officiaes e soldados do artilharia cahem mortos ou feridos.

Os batalhões de infantaria, que nos protejem, soffrem horrivelmente ; atraz da nossa bateria está um montão de cadaveres !

Nada arrefece o furor dos nossos artilheiros, e hora e meia depois de um duello cruel, a artilharia inimiga abandona a primeira trincheira com as suas guarnições dizimadas !

Os nossos artilheiros haviam cumprido temeraria e admiravelmente o seu dever, obrigando uma bateria muito superior em canhões a retirar-se.

Era-lhes, porém, impossivel com tão reduzido numero de bocas de fogo, e de tão pequeno calibre, emmudecer a terrivel bateria da segunda trincheira.

No emtanto o duello continúa travado com ella, até que pouco depois de meio dia apparece ordem de cessar o fogo, que romperá ás 8 horas da manhã.

la começar o assalto.

As columnas moveem-se rapidamente de suas posições e avançam, formando força superior a 46.000 combatentes.

A direita inimiga vai ser atacada por 40 batalhões de infantaria sob o commando do coronel Francisco Caldas (voluntario da patria) ; o centro por 3 brigadas da mesma arma, sob o do general Albino de Carvalho ; e a esquerda por um corpo de exercito argentino sob o do general em chefe Bartholomeu Mitre e Páunero.

Porto Alegre, commandante das forças brasileiras, conserva uma columna de reserva para as emergencias possiveis, e apenas começa o movimento, o heroico general, seguido de um brilhante estado-maior, onde vê-se o cirurgião Paraíso, o Larrey brasileiro, na virtude, na sciencia e no valor, galopa ao longo das mesmas columnas, animando-as com as suas palavras e a sua figura homérica.

O fogo da esquadra cessa ; só o do inimigo continúa.

Uma linha de atiradores começa a hostilizar outra que o inimigo apresenta, e enquanto isto succede, as columnas vão-se estendendo em linha de batalha.

Porto Alegre percorre-a, elevando vivas ao imperador, á nação brasileira e aos alliados, e depois de tudo disposto, manda retirar todos os atiradores.

Então ouve-se o clarim dar o signal de *avancar*.

Um alarido medonho e espantoso parte do inimigo; os nossos soldados respondem com o rugido do leão.

As columnas avançam a passo accelerado, e então 33 canhões paraguayos vomitam sobre ellas uma saraiva de granadas.

Quando isto succede, o almirante ordena que os couraçados *Bahia* e *Lima Barros*, se aproximem da bateria inimiga para metralhar-a, secundados pelo *Brasil*, *Barroso* e *Tamandaré*, e varias canhoneiras, o que se realiza, mas com pouca efficacia, porque a barranca onde está ella construida é muito alta, e o rio estreito. Estes tres ultimos couraçados, *Brasil*, *Barroso* e *Tamandaré*, rompem, pouco depois, a estacada, que o inimigo collocára de uma margem para a outra e assim procuram metralhar de mais perto a bateria paraguaya.

No entanto os assaltantes que avançam sempre, apesar do fogo abrir profundos claros em suas fileiras, estão ao alcance da metralha.

A canhonada e a fuzilaria inimigas tomam então immensas proporções.

Troveja o canhão sem cessar e os nossos soldados cahem ás dezenas sobre o campo de batalha; mas, os que sobrevivem avançam, avançam sempre e tomam a primeira trincheira.

Debaixo de mortifero fogo as columnas se organizam de novo e investem a segunda, conduzidas pelo proprio Porto Alegre, cujo valor e coragem electrizam os assaltantes. Cincoenta bravos ali pela nossa esquerda, todos brasileiros, conseguem penetrar na formidavel posição e apoderar-se de 4 canhões; encontram morte gloriosa ao lado de suas presas.

A columna do centro depara com um banhado profundo; atira-se a elle para vadeal-o e para ali converge o inimigo grande parte do seus canhões. Alguns minutos depois centenaes de destroços humanos fluctuam nas aguas do banhado que enrubescem.

E' impossivel vadeal-o. Os que escapam illesos ladeam para a nossa esquerda a reunir-se á columna que por ali ataca e que nessa occasião avança por uma picada.

O inimigo fulmina essa columna.

Na nossa direita os argentinos não podem avançar porque encontram obstaculos insuperaveis e, como as nossas fileiras, as suas se acham dizimadas pela metralha.

As reservas avançam e nellas lá segue a cavallaria rio-grandense, sob o commando do bravo Lucas de Lima; mas está a pé, o que não obsta a que os valentes clavineiros pratiquem prodigios de valor.

No ponto mais renhido da peleja está o illustre e intrepido Porto Alegre, que anima os seus bravos commandados.

A bateria de artilharia a cavallo marcha e, tomando posição na primeira trincheira do inimigo, joga metralha contra a segunda.

O fogo é terrivelmente mortífero; os nossos batalhões, não obstante, não desanimam.

Dezenas de vezes investem a trincheira e outras tantas são repellidos.

Por toda a parte o campo está juncado de mortos e feridos.

As tentativas para escalar aquella formidável posição vão-nos custando centenaes de vidas.

Chega um ajudante de campo do general em chefe e por ordem deste declara a Porto Alegre que é preciso retirar.

O general brasileiro, que prevera o desastre, porque vira que o inimigo havia transformado *Curupaity*, nos 49 dias de inacção, em uma posição impossivel de assaltar-se com bom exito, recebe o ajudante com pessimo humor.

No entanto era preciso retirar-se com as reliquias do 2.º corpo de exercito daquellas paragens de morte e exterminio; Mitre já havia executado esse movimento e recolhera-se a *Curuzú*.

Começa, pois, a retirada; são 4 horas da tarde.

E essa operação militar tão grave, fazemo-la admiravelmente.

O prototypo do valor cavalleiresco, o intrepido Porto Alegre, volta à testa dos bravos que não succumbiram, com bandeiras e estandartes desfraldados, rasgados pela metralha, mas cobertos de gloria ainda na derrota !

O inimigo, impressionado pelo heroismo desenvolvido no assalto, contempla então, mudo, silencioso por algum tempo, de seus entrincheiramentos, os heroicos defensores da causa da civilisação.

Como já dissemos, as posições inimigas deviam ser atacadas pelo Sauce e Riojas, previamente avisado para isso o general Jordão, se antes não viesse oportunidade, enquanto Flôres ameaçasse por *Tiju-Cué*.

Entretanto o general Polydoro Jordão não atacára, nem Flôres apparecera n'esse ponto onde apenas um troço pequeno de sua cavallaria mostrou-se rapidamente.

Diziam uns que havia-se convencionado fazer um signal de um navio estacionado na lagôa Pirez para indicar ao general Jordão a occasião em que devia investir *Sauce* e *Riojas*, e que semelhante signal não se fizera; outros que tal signal fôra feito, mas não visto pelo quartel general do 1.º corpo de exercito.

Com effeito havia essa combinação de signaes; mas, o unico feito pela esquadra foi o 1.º convencionado que significava: a *esquadra principiou o ataque de Curupaity*.

Estes signaes deveriam ser feitos da esquadra para o patacho de guerra *Iguassú*, ancorado na Lagôa Pirez e d'ahi para o mangrullo ou observatorio do general Jordão, no potreiro Pirez.

Perante a historia nenhum valor tem semelhante questão, porque o ataque de Sauce e Riojas tornaria a hecatombe humana ainda maior ; o desastre duplamente sensível.

Se Sauce e Riojas não poderam ser tomadas nos dias 16 e 18 de Julho, como poderiam sel-o 2 mezes depois, quando mais artilhadas e defendidas com todos os recursos que a arte da guerra possui?

Curupaity, Sauce e Riojas estão proximos, e uma reserva de 16.600 homens tinha o marechal Lopez, alem da força que defendia estas posições, para acudir a qualquer ponto por onde os alliados penetrassem.

O que é incontestavel é que a demora injustificavel do general em chefe Bartholomeu Mitre em atacar *Curupaity*, foi a causa do nosso revez.

Porto Alegre previra-o e communicára ao ministro da guerra seus receios. O intrepido general, como os factos provaram, julgava passada a occasião desse empreendimento.

O ataque serio deveria ser por *Tuju-Cué*, esquerda inimiga, então completamente aberta ; por essa razão o dictador Lopez, como mais tarde foi publico e notorio, dissera que a manobra do general Flores lhe inspirara serios receios ; mas, vendo depois esse general dirigir-se para *S. Solano*, tranquillisara-se ; quanto ao assalto de *Curupaity*, desejava ardentemente que se realizasse, pois era certa a derrota dos alliados.

Não se deve atacar de frente as posições que se podem tomar flanqueando-as.

A preterição desse principio foi a causa do espantoso revez.

« *A honra da bandeira brasileira ficou illesa* » como bem disse o general brasileiro.

Com effeito, actos de valor, de abnegação, de temeridade, e heroica coragem foram praticados pelos nossos officiaes e soldados, e seria longo enumeral-os.

Camerino, voluntario da patria, sergipano, poeta, no começo da acção é gravemente ferido ; conduzem-n'o para o hospital de sangue e ali os cirurgiões reconhecem a necessidade de amputar-lhe os dous braços.

Principiam essa operação ; Camerino, pela perda de sangue, está pallido, mas risonho ; não quiz chloroformio.

A operação caminha e tambem a morte ; Camerino sorri sempre, recitando poesias heroicas ; mas, a sua pallidez cresce.

De repente, fita os olhos sobre os montes de pernas e braços humanos que estão por ali espalhados ; depois, olha para o céu com a expressão das estatuas tumulares : está em um extasis... mas extasis da morte.

Os seus labios abrem-se e o heroe, concentrandonelles os ultimos alentos da vida, recita as estrophes seguintes do poema *D. Jayme*:

.
Até porque meu Jayme
a guerra amortalha as dores
de inexequiveis amores;
e ou morre o homem na lida,
feliz, coberto de gloria;
ou surge o homem com vida
mostrando em cada ferida
o hymno de uma victoria!

E Camerino expira.

.
Resumindo, diremos que se um campo de batalha fosse um theatro destinado á ostentação de estoico heroismo; se a victoria se aferisse pelo maior ou menor desenvolvimento de energia, coragem e abnegação; a historia militar registraria o assalto ás linhas de *Curupaity* como um dos mais esplendidos triumphos militares.

Mas não succede assim.

Os campos de batalha modernos só se conquistam por luminosas combinações da intelligencia, contra as quaes os impetus do valor mais esforçado, a mais patriótica abnegação, são frageis e infructiferos recursos.

Curupaity foi para nós terrivel desastre!

Os exercitos brasileiro e argentino investiram galhardamente as posições inimigas, defendidas por immensos e profundos *fossos*, florestas de *abalises*, banhados e outros obstaculos naturaes; ostentaram estoico heroismo, incrível coragem e energia, virtudes dos bravos; mas, a intelligencia que devera ter regulado, combinado, e previsto tudo, para evitar sacrificios inuteis; não correspondeu desgraçadamente ás forças da alma dos soldados alliados.

Tal foi, ligeiramente descripto, o famoso ataque de *Curupaity*.

Sangrenta; mas heroica, gloriosa catastrophe!

As discripções da batalha de 24 de Maio, dos combates de Curuzú, *Curupaity*, 16 e 18 de Julho e de alguns outros não são ineditas.

Em varias épochas ellas foram publicadas na imprensa do Rio de Janeiro, do Rio da Prata e de Lisboa; aqui, porem, ellas apparecem um pouco mais ampliadas.

Dito isso, prosigamos.

Depois d'essa espantosa carnificina, retirou-se o general em chefe Bartholomeu Mitre com os fragmentos de seu exercito para o campo de Tuyuty, magoado com o almirante brasileiro por não ter

querido que os seus collegas generaes representassem o papel de subditos de sua illustre pessoa, não accetando até os navios que o almirante pôz á sua disposição.

Começaram, então, recriminações entre os chefes dirigentes ; cresciam as desintelligencias, e cada qual procurava lançar sobre o outro a responsabilidade do desastre. No Rio da Prata, os thuribularios, os eternos encensadores do general em chefe não esqueceram, ainda d'esta vez, o bravo, brioso e patriotico Tamandaré.

Sobre elle lançavam principalmente a culpa, allegando não ter sido o combate precedido alguns dias de vigoroso bombardeamento ás posições de Curupaity e só se ter feito isso algumas horas antes do assalto.

Outras accusações, filhas da consternação e do luto que taes catastrophes produzem, mas que não são por isso justas, cifravam-se em não se haver collocado no Chaco uma bateria para se bater de flanco a posição de Curupaity.

A não se ter reforçado o 2.º corpo de exercito quando elle demandou Curuzú para se investir logo Curupaity e ali poder conservar-se ; não se tendo feito isso tambem logo depois da tomada d'aquella posição, até o dia 9, no maximo, gastando-se, pelo contrario o tempo em conferencias ; nenhuma outra operação teria executado um general habil, a não ser um decidido e vigoroso ataque pela esquerda do inimigo, então sem defesa séria, como já dissemos.

O que se receiava para não se levar isso a effeito ?

Um ataque á nossa base de operações em Tuyuty e Paso de la Patria ?

Seria para o exercito alliado uma immensa felicidade, porque as forças inimigas, fóra de suas trincheiras, seriam derrotadas e essas forças não poderiam ser numerosas, porque o marechal Lopez teria que ir com fortes contingentes conjurar o cataclysmo que lhe ia calir em um flanco, ainda bem fraco e, assim, embora Tuyuty ficasse desfalcado de tropas com a marcha das que tivessem de operar n'essa bella empresa estrategica, de brillantes consequencias, em todo caso, ficaria numero sufficiente para enfrentar com o inimigo que alli se apresentasse.

Não se fez isso e só se realisava o que era justamente mais difficil, mais condemnado.

Flanqueaveis como eram as posições do Sauce e Riojas, o ataque de Curupaity não deveria ter logar quando mesmo o effectivo do exercito alliado fosse maior do que era realmente, uma vez que se deixou o inimigo levar as suas obras de defesa até onde quiz.

Allegar que não se conhecia para uma operação de flanco o terreno como se allegava e, ainda hoje se diz, é uma rasão inadmissivel, inacceptavel ; porque era o primeiro dever do general em chefe ter logo e logo, sem perda de tempo, mandado proceder a reconhe-

cimentos por officiaes habéis e mesmo com elles marchar em pessoa, para ter sciencia exacta do que era isso que se extendia á sua direita.

Frederico o Grande, rei ; Bonaparte, já imperador ; todos os cabos de guerra, desde tempos os mais remotos ; enfim, as mais altas intellectualidades militares, até os chefes mais mediocres, procuravam e procuram *river ás claras* a tal respeito, fazendo até pessoalmente taes reconhecimentos.

Passar mezes e mezes na barraca ou a trotar pelos acampamentos, vivendo em absoluta ignorancia do terreno inimigo que se estende por qualquer lado do campo, é realmente o cumulo da indifferença !

Durante o commando em chefe do general Mitre estavamos infelizmente condemnados a ver o inimigo impudentemente, sem a menor precaução, levantar trincheiras, assestar atraz d'ellas as suas baterias e só então, da direcção suprema da guerra, partia o toque de :

Arançar !

Se não fossemos testemunhas oculares de tão singular proceder, nos pareceria tudo isso uma phantasia.

Estas considerações não são feitas depois de longos annos ; depois dos factos consummados.

Annis post multis.

Não ; não são.

Officiaes superiores do exercito brasileiro externaram n'aquelle tempo, em substancia, as mesmas ponderações ; mas, infelizmente não exerciam os grandes commandos e se os seus planos chegavam ao conhecimento do quartel-general em chefe, sem que previamente se fizesse um estado sério d'elles, eram condemnados por aquella congregação, como *heterodoxos*, e assim iam para o *Index*.

Enfim, a posição de Curupaity que poderia ser tomada ainda a 9 de Setembro por uma columna de 20.000 homens que alli se sustentaria e repelleria um ataque de todas as forças do marechal Lopez, quando mesmo não se fizesse nenhuma demonstração pela nossa direita, esquerda do inimigo ; só o poderia ser a 22 d'aquelle mez por um exercito de 60.000 homens, atacando-se ainda energicamente por Tuyuty.

Esse desastre, segundo computou-se officialmente, custou aos alliados 4.348 homens fóra de combate ; sendo o tributo dos argentinos de 2.082, d'estes 30 officiaes e 557 soldados mortos ; o nosso 2266, sendo mortos 48 officiaes e 364 soldados.

Os feridos argentinos foram, pois, em numero de 4495, incluídos 132 officiaes ; os nossos 4854, dos quaes 153 eram officiaes.

Infelizmente o numero dos mortos excedeu em poucos dias ao computo official feito logo depois da acção.

Nos hospitaes de sangue, no de Corrientes, principalmente, para onde foram trasladados os feridos, apesar da sciencia, dedicação e humanidade dos nossos cirurgiões, muitos d'aquelles succumbiram porque, em geral, os ferimentos eram de metralha e de estilhaços de granada, quasi sempre gravissimos e por consequencia, mortaes.

Um irmão do autor d'estas linhas, Guilherme Bormann, joven de 16 annos, tenente de voluntarios no bravo 4.º corpo provisório da guarda nacional rio-grandense, ali recebeu um glorioso ferimento no rosto, e succumbiu d'elle pouco tempo depois.

O ministro Octaviano, que se achava a bordo da esquadra, veio á terra antes do assalto, quando ainda a bateria de campanha do corpo provisório, do commando do bravo Gama Lobo d'Eça, duellava-se com as formidaveis baterias do inimigo.

Elle dirigiu-se ao hospital de sangue, aonde tambem cahiam, ás vezes, uma ou outra granada de 68.

O diplomata estava pallido de commoção e consternado diante do quadro que contemplava, pois, o assalto ainda não tinha começado e já centenas de soldados e varios officiaes, feridos, pelos canhões inimigos, se achavam amputados !

Montões de braços e pernas estão alli esparsos ; os nossos cirurgiões empunham, uns os seus serrotes ; outros as suas facas de amputação, com os seus aventaes rubros de sangue ; aqui, um sacerdote, acolá outro, de joelhos ao lado do moribundo ou assentado ao chão, ensopado de sangue, consolando a um ou recebendo o ultimo suspiro de outro, no meio das preces que seus labios balbuciam ; lá, uma padiola que chega e que traz um valente que vem mutilado do combate reunir áquelle concerto de gemidos, de dores, e de orações, um viva á nação brasileira que parece reanimar as faces pallidas e macilentas do agonisante !

O ministro alli está diante d'aquella scena sublime de patriotismo, de dever, de religião, de dores e de gloria !

Elle consola tambem.

Alguns o encaram fixamente ; mas, com o olhar embaciado pela morte ; outros, a quem a perda de sangue ainda não levou á essa especie de indiferença que traz o desfallecimento, parecem dizer-lhe : *« podeis dizer á patria que o soldado brasileiro sabe lutar com o proprio sangue os erros da politica de seu governo ! »*

Alguns feridos que ficaram entre a primeira e segunda trincheira, que não poderam ser recolhidos, foram barbaramente assassinados e depois lançados ao rio.

Os cadaveres, jungidos dous a dous, levados pela correnteza, approximaram-se á nossa esquadra, como se viessem pedir uma sepultura e a bandeira da patria para mortalha.

Os valentes da nossa esquadra, em escaleres, tiraram da superficie das aguas os finados e patriótica e piedosamente deram-lhes sepultura.

O bravo Porto Alegre publicou a respeito d'esse feito d'armas, tão glorioso quão infeliz, a seguinte ordem do dia :

- Soldados! Reconhecer e tomar se fosse possível a posição de Curupaity, foi o nosso empenho na jornada de 22 de Setembro.
- A bandeira do Brasil não tremulou sobre os muros d'aquelle forte, mas, ainda assim bem merecestes da patria que solicita vos contempla. Cincoenta e oito boccas de fogo, convenientemente collocadas e 13.000 homens de infantaria arremessavam-nos abobadas de balas.
- Os insuperaveis fossos, revestidos com os accessorios que a arte ensina, davam animo aos escravizados soldados do tyranno Lopez.
- Sobre essa posição assim artilhada e defendida investistes com denodo. A nosso lado pelejavam os valentes argentinos.
- Elles e vós, cumpristes com admiravel intrepidez a sacrificio que a patria e a honra ordenam.
- Muitos dos nossos conterraneos encontraram morte gloriosa sobre as ultimas baterias inimigas.
- Honra a esses bravos cuja memoria jamais perecerá!
- O vacio de vossas fileiras attesta com eloquencia irrespendivel quão mortifero foi a peleja e o vosso denodo conteve o inimigo em suas posições, observando, admirado, a mais tranquilla das retiradas.
- Quatro horas tinha durado o combate.
- Soldados! Ainda quando o movimento do 22 de Setembro pudesse ser considerado um revez para as armas alliadas, elle retemperou os nossos animos sem diminuir o brilho das nossas armas.
- Os bravos que tomaram parte n'aquelle glorioso combate, podem com arrogante altivez diser ao mnndo:
- Em Curupaity ficou illesa a honra da bandeira brasileira! »

Se ás mais sangrentas derrotas o marechal Lopes dava o cunho official de esplendidas victorias ; pode-se bem imaginar o que diriam os seus boletins, a sua imprensa, depois do nosso revez em Curupaity!

O « *Semanario* » levou a falsidade aos ultimos limites ; entre ellas notam-se a do dizer que os paraguayos se apoderaram de uma bandeira, a do 2.º batalhão de voluntarios, de um estandarte da Legião Militar Argentina, o de 8.000 espingardas ; entretanto, o 2.º batalhão ficára em Curuzú guardando essa posição e, por consequencia, não tomou parte no assalto.

O general Isidoro Resquin, em 1875, escreveu um folheto intitulado : *Dados Historicos da Guerra do Paraguay com a Triplix-Al-liança* e esse trabalho foi publicado em 1895, em Buenos-Ayres, pelo dr. Angel M. Veneroso.

O general mostra que estava de coração dedicado ao governo do marechal Lopez, que conservava a sua patria sob o guante de ferro da mais execravel tyrannia.

N'estas condições não se pode esperar a justiça e imparcialidade de n'aquelle trabalho e assim o historiador d'essa guerra gigantesca, não pode servir-se nem dos documentos officiaes do tempo, nem das publicações esparsas, de origem paraguaya, todas cheias de paixões, de inverdades e phantasias.

Assim, fontes da historia, de origem paraguaya, onde se possam beber insuspeitamente conhecimentos exactos, verdadeiros, a respeito d'essa ingente lucta, o Paraguay não teve, nem jamais as terá.

A historia d'essa joven nacionalidade, como povo livre, data de 1870.

Os antecessores do marechal Lopez, bem como elle, encarnaram em suas individualidades, em virtude do poder tyrannico que exerciam, a vida nacional : assim, esse povo até então não tinha historia porque não tinha liberdade.

A sua historia é a biographia de seus oppressores, e como nunca tinham disfrutado os direitos de homens livres, julgavam que a missão social de um povo era servir docilmente áquelles que estavam investidos do mando, fosse qual fosse o modo pelo qual se apresentavam com essa investidura.

Os que sobreviveram á queda do tyranno e o auxiliaram de qualquer modo quando no poder, estes certamente não virão espalhar aos quatro ventos as inverdades ou falsidades da imprensa ou dos documentos officiaes em relação á terrivel campanha, falsidades talvez necessarias para conservar a crença sempre inabalavel no triumpho final e levar aos derradeiros limites a resistencia, tanto mais que o marechal Lopez assim procedendo, esperava que o mundo, admirado de sua extraordinaria defeza, se collocasse entre os contendores para pôr termo ao formidavel e mortifero conflicto.

Aquelles que serviram-no não virão pois, expôr os factos com a sua horripilante nudez, porque figuraram n'elles, são perante a propria patria responsaveis, desde o dia em que ella entrou para o convívio da civilisação, á força de trovões e relampagos de nossa artilharia.

Esses homens não hão de vir condemnar o marechal presidente Lopez perante o mundo, elles que foram seus auxiliares.

O estrangeiro mercenario que nenhum laço, a não ser o vil, baixo e insaciavel interesse, ligava áquello infortunado e heroico paiz, esse pôde historiar a lucta a quo nos referimos; descrever com as côres mais carregadas a sociedade em que viveu, e em que só pelo seu atraso poderia em seu seio merecer algum apreço.

Mas, essa historia tambem está cheia de suspeições pelo caracter pouco respeitavel do historiador, como, por exemplo, um nas condições de Thompson, despeitado por ter sido declarado cobarde e traidor, pelo marechal Lopez, quando em Arcurra chegou-lhe a noticia da rendicção de Angustura.

O folheto ou opusculo do general Resquin não tem nenhum valor como documento historico.

Referindo-se ao ataque de Curupaity diz elle que deixámos no campo mais de 8.000 cadáveres e innumeraveis feridos, a fóra os que pudemos recolher, quando a perda dos alliados, bem apurada, não

excedeu a 1.093 homens fóra de combate, incluindo os pobres feridos que foram barbaramente assassinados, despidos de seus uniformes com que se ornaram os assassinos, depois de saquear-lhes as algibeiras, onde encontraram libras esterlinas em abundancia para trocarem em papel com madame Linch, que certamente nada perdera no cambio.

O general ainda escreve uma inverdade dizendo que deixámos no campo 2 bandeiras.

Thompson, que procura sempre deprimir os alliados, declara que não deixámos bandeira nenhuma.

O general, n'esse ponto, ficou a quem de Thompson.

Alem d'isso diz que os paraguayos perderam o tenente coronel Zayas, com mais 3 officiaes e 19 soldados, todos mortos e apenas 7 officiaes e 62 praças feridos ; ao passo que nas suas informações, fornecidas depois que cahio prisioneiro, declarou que as perdas paraguayas foram de 250 homens entre mortos e feridos.

Mas, considerando que o inimigo, apesar de nossa retirada, e das perdas que soffremos e que estavam patentes a seus olhos, pois os cadaveres dos nossos bravos jaziam, em maior numero entre a 1.^a e a formidavel 2.^a trincheira ; considerando-se ainda mais que elle era bravo, valente até o heroismo, commandado então pelo mais distincto de seus chefes, o general Diaz (promovido a esse posto pelos seus serviços em 24 de Maio) e que, entretanto não se atreveu a sahir fora de seus entrincheiramentos para nos perseguir ; não se pode deixar de crêr, que só perdas consideraveis fizeram os sobreviventes subir ao *plano de fogo* do 2.^o entrincheiramento para observar *admirado a mais tranquilla das retiradas*.

O general Resquin, commendador da ordem do Merito, tambem pelos seus serviços na batalha de 24 de Maio, ainda engana-se quanto ao numero de canhões apontados para o exercito, pois apenas dá 40 quando na 1.^a trincheira haviam 28 de campanha, e na 2.^a 40 de grosso calibre, afora os 30 apontados para a esquadra.

Nem o facto da nossa bateria, apenas de 40 canhões de campanha, ter no fim de hora e meia desalojado os 28 que defendiam a 1.^a trincheira, fez lembrar o numero de bocas de fogo com que o general Diaz nos aguardou em sua forte posição de Curupaity.

Napoleão dizia que uma cabeça sem memoria é uma praça sem guarnição.

O general Resquin em todo o seu folheto salienta uma fraqueza de reminiscencias que estão em franco antagonismo com os factos.

As observações feitas não só pelo lado do Chaco, onde o batalhão n. 16 de voluntarios, denominado *Garibaldino*, hostilizou os artilheiros inimigos ; as informações dadas por officiaes e tambem por prisioneiros feitos em Tuyuty, fizeram computar em 43.000 homens os paraguayos que defendiam Curupaity ; mas, menos de

12.000 homens não estavam alli sob o commando do bravo general Díaz que, como sempre, deu admiraveis provas de coragem.

Não era necessaria força tão grande para defender a posição, pois 4.000 seriam sufficientes. O general Resquin diz que foram 5.000 defensores ; é preciso, pois, triplicar pelo menos.

Mas, os combates anteriores, aonde o valor dos alliados foi dura e cruamente experimentado pelo inimigo, aconselhava ao marechal presidente Lopez a ter sempre atraz de seus entrincheiramentos numero superior de forças ás exigencias reaes da defeza.

N'esse ponto mostrou-se elle muitas vezes mais cauteloso do que o nosso general em chefe.

Este não olhava para estas cousas.

Atacavam-se posições com 20.000 homens que exigiam 60.000 pelo menos para se contar com successo favoravel.

Isso era realmente uma homenagem rendida ao valor dos soldados alliados ; mas, para as respectivas patrias seria muito melhor cingir-se o chefe dirigente aos preceitos da *Arte da Guerra*.

O organ official do marechal presidente Lopez, o celebre *Semanario*, de 13 de Outubro, occupando-se ainda com o ataque de Curupaity, levado por informações fornecidas do campo alliado, onde havia bom numero de espiões, diz :

- El presidente Mitre parece que fué inexorable para matar a todos sus soldados, pero estos se hicieron peresosos, y hubieron batallones, como el de S. Juan y
- Entre-Rios que se resistieron a obedecer a la orden y se dispersaron. •

Entre muitas informações verdadeiras que forneciam os espiões, iam de permicio muitas inverdades, taes como esta dos batalhões resistirem á ordem e se dispersarem.

Porem, quando se tratava de alguma operação séria entre os nossos generaes, o marechal Lopez immediatamente sabia e se previa, o que prova que no quartel-general em chefe havia quem divulgasse os planos que se assentavam.

Assim, apesar do mundo suppôr o marechal bloqueado pelos alliados, elle estava ao corrente de tudo, até das desintelligencias dos nossos generaes.

Não nos foi possivel recorrer a collecção do jornal official da republica do Paraguay correspondente á epocha da campanha.

Apenas vimos um ou outro numero.

Felizmente, o illustre annotador da obra de Schneider examinou a collecção existente na Bibliotheca Nacional, do Rio de Janeiro, e transcreveu nas annotações aquella obra os trechos mais interessantes e que se prendem aos acontecimentos.

Esses trechos tomol-os citados e continuaremos a fazel-o para dar uma idéa não só da *cerre* dos escriptores paraguayos como dos meios de que se servia o marechal Lopez para conservar sempre

forte, intensa e viva a dedicação dos paraguayos, não à pátria, mas à sua pessoa.

Vejam os leitores se o *Semanario* mais ou menos não dizia a verdade também a respeito do que se passava no campo aliado, entre os generaes.

Nós é que não sabíamos o que ia pelo recinto de suas formidáveis trincheiras !

A respeito das desintelligencias, o *Semanario*, em 27 de Outubro, um mez e cinco dias depois do mallogrado assalto á Curupaity, dizia o seguinte que traduzimos para o portuguez :

- « Porto Alegre não obedece as ordens de Polydoro, e Tamandaré, o soberano da armada imperial, não quer tão pouco entender-se por cousa nenhuma com Polydoro,
- « formando por consequencia uma alliança contra Polydoro, sem admittir n'esta a Mitre a quem despresam altamente.

- « Resulta d'aqui, que ha um exercito sem cabeça, ou melhor, um exercito com muitas cabeças, tornando impossivel uma operação qualquer.

- « Mitre, chefe in nomine do exercito, está fazendo o papel mais ridiculo do mundo. »

Com grosseiros ataques á pessoa do general em chefe dos exercitos alliados correspondia o marechal Lopez a extraordinaria, extranhavel e muito commentada gentileza de ter accedido o convite para a entrevista, sem previamente haver declarado que só o attenderia, se o presidente da republica do Paraguay quizesse tratar do modo pratico de retirar-se do paiz pela resignação voluntaria do poder.

Realmente havia muita verdade nas palavras do orgão official.

O marechal Lopez, porem, illudia-se acreditando que Porto Alegre estivesse subordinado ao general Jordão.

Cada um d'estes generaes era commandante de um corpo de exercito e nenhum dependia militarmente do outro.

O exercito realmente parecia ter muitas cabeças dirigentes.

Isso era natural porque o *Tratado da Triplice-Alliança* esquecera que não podia haver obediencia quando a honra nacional, substanciada no exercito brasileiro e na esquadra, achava-se susceptibilizada, offendida, com o commando em chefe de um general estrangeiro, mal que só poderia minorar se a campanha fosse desde o seu inicio assignalada com rasgos de genio, de concepções estrategicas que impozessem a pessoa do chefe á seus subordinados.

Todos curvam-se ao genio, ao talento.

Mas, isso faltava absolutamente, e se existisse só então diminuiria o alto gráo d'essa injuria e abrandaria as impressões da magoa.

O descontentamento do exercito e armada era grande, pois, alem de mal dirigidos, os ataques de uma parte da imprensa platina continuavam e eram verdadeiras provocações.

A parte pensante d'estas duas corporações, já em cartas particulares, já na imprensa de todo o Brasil, manifestava com energia a sua indignação.

A posição do governo brasileiro era difficil.

Porto Alegre offendeu-se por não lhe haver o general Polydoro, commandante do 1.º corpo, fornecido os 4.000 infantes brasileiros para o assalto quando os solicitara e não ter posto em acção a sua influencia para vêr se Mitre não ia a Curuzú com o contingente argentino.

Tamandaré tambem estava magoado pelo mesmo motivo com Polydoro.

Quanto ás suas relações com Mitre ellas não podiam ser cordiaes por causa de exercer este, sendo estrangeiro, como já dissemos, o commando em chefe, embora nenhuma ingerencia podesse ter na esquadra; alem d'isso a inveja, o ciume, a descortezia de certos órgãos da imprensa platina, cada dia mais irritavam ao pundonoroso e valente marinheiro.

As relações, porem, entre Porto Alegre e Mitre não soffreram alteração.

Eram amigos desde a campanha de 1851, dirigida pelo immortal Caxias, e general Urquiza, do qual já tratámos, e Mitre, no posto de tenente-coronel d'artilharia, servira sob as ordens do então general Manoel Marques de Souza, depois barão, visconde e conde de Porto Alegre, commandante da divisão brasileira que valentemente atacou o centro da linha do general dictador Rosas e decidiu da batalha, conhecida pelo nome de Monte-Caceres, aonde tambem como tenente-coronel de cavallaria se cobriu de gloria o inolvidavel general Osorio.

Diz o illustre autor da *Esquadra D'Outr'Ora*, referindo-se a essas desintelligencias, á pag. 281 e seguinte :

- O mallogro da operação e o crecido numero de mortos e feridos, porem, não constituiram para os alliados o peor dos males. Esse veio de desgostos e desintelligencias, existentes já, mas sopitadas, que depois da jornada irromperam entre os generaes. Os revêzes predispõem para recriminações e aggravam sempre as queixas e desconfianças reciprocas d'aquelles a quem affectam.

- Como que se comprazem as victimas em attribuir-se mutuamente a responsabilidade do infortunio commum !

Mas, quem o culpado ?

Procurar a origem d'esses males na superficie não é bastante para o historiador.

E' preciso descer, mergulhar até o fundo do abysmo, como habil nadador para encontrar a causa real de tão lamentavel acontecimento.

O homem d'Estado é como o verdadeiro medico ; não se contenta só com os phenomenos exteriores ; elle vae á causa, á origem.

Isso é que elle procura examinar e combater.

Quem o culpado ?

Sempre o *Tratado da Triplice-Alliança*.

No corpo, na organização moral, por assim dizer, das forças brasileiras existia essa terrível e persistente diathese, e, como no homem as forças da natureza procuram reagir contra o estado moribundo, assim as energias, os brios e a honra, consubstanciados no patriotismo, reagiam contra aquelle mal de ordem moral.

Era, pois, um erro, uma injustiça que faziam as victimas umas ás outras attribuir-se mutuamente a responsabilidade do infortunio commum.

Continúa o distincto escriptor á pag. 282 :

• Nunca permitiram a altivez dos brios militares e o zelo patriótico do visconde de Tamandaré que levasse elle a bem ter cabido o commando em chefe dos exercitos aliados ao general Mitre, quando a Confederação Argentina contribuia para a guerra com elementos immensamente inferiores aos do Brasil ; e nem lhe suavizavam a magoa as razões de politica internacional, que determinaram a respectiva clausula do *Tratado da Triplice-Alliança*. »

Permitta-se que fique consignado que ao general Porto Alegre tanto quanto a Tamandaré ; que a todos os chefes brasileiros que occupavam altas patentes, tanto no exercito como na armada, podem ser applicadas as palavras do illustre visconde de Ouro Preto.

Mas, engana-se muito o distincto escriptor, acreditando que o facto material da diminuta força argentina fosse o movel da revolta dos brios de Tamandaré e dos outros brasileiros.

O facto era de ordem moral.

Quando o contingente argentino fosse superior ao nosso, os brios se poriam em acção do mesmo modo ; não ficariam esmagados pelo peso do numero de coronhas de espingardas, de rodados de canhões nem de patas de cavallos.

Era a submissão a um general estrangeiro.

Comprehende-se que officialmente os nossos generaes não podiam dizer ao general em chefe :

—«Nós não nos sujeitamos de bom grado ao vosso commando porque sois estrangeiro »

Assim, o resentimento se occultava sob o pretexto dos insignificantes contingentes argentinos, fornecidos para a victoria commum.

O illustre autor da *Esquadra D'Outr'Ora* diz que nem suavizavam a magoa de Tamandaré (e nós diremos de todo exercito e armada) as razões de politica internacional que determinaram a respectiva clausula do *Tratado d'Alliança*.

Refere-se ao art. 3.º.

Vê-se que o autor não condemna a susceptibilidade do bravo almirante nem mesmo ante as razões de politica internacional.

Muito bem !

Mas, não é boa politica internacional aquella que revolta os brios dos brasileiros e arrasta as armas nacionaes a catastrophes.

A' politica internacional cumpre ter altivez e zelo patriotico.

Esses predicaos moraes não são requisitos individuaes.

Elles devem ser governamentaes e nacionaes.

Infelizmente, porem, já o temos dito, o governo brasileiro não patenteou aquelles attributos sancionando o art. 3.º do *Tratado da Triplice-Alliança*.

As nações altivas e de zelo patriotico não morrem e os governos que sabem conservar e respeitar estas virtudes merecem os applausos nacionaes, a admiração dos povos e o respeito e veneração da historia.

Temos de voltar á celebre conferencia de Jataity-Corá.

O marechal presidente Lopez, para patentear abnegação aos olhos de seus paraguayos, fez crêr que na conferencia havia declarado que estava prompto a resignar o poder e sahir para fóra de seu paiz, com a condição de que os alliados renunciassem o tratado de 1.º de Maio de 1865, isto é, o *Tratado d'Alliança*, que considerava humilhante para a nação paraguaya.

Entretanto, era justamente a clausula a que elle não se sujeitava.

Um facto altamente revoltante deu-se no dia seguinte ao da entrevista que bem evidenciou o desprezo do marechal Lopez pelas leis e convenções observadas pelas nações civilisadas.

No dia da entrevista e no seguinte estiveram suspensas as hostilidades.

Alguns paraguayos que serviam na força argentina e oriental e officiaes d'estas nacionalidades, aproveitaram-se da tregoa para se approximarem do grupo de officiaes que constituia o estado-maior do marechal e ali travaram conversação.

Entre aquelles officiaes estavam dous paraguayos Ruiz e Soriano.

Ao despedirem-se, os officiaes do estado-maior do marechal pediram que os seus compatriotas voltassem no dia seguinte e trouxessem mais alguns para conversar e tomar matte.

Com effeito, no dia seguinte, elles voltaram levando mais um de nome Luciano Ricalde, e 2 argentinos, um major e um alferes, perfeitamente tranquilllos, confiando na tregoa.

Foram recebidos, n'apparencia, affectuosamente ; de repente, porem, um piquete, commandado por um capitão de nome Braz Montiel e tenente Samaniego, atira-se aos incautos officiaes que em vão procuram resistir ; recebem na luta ferimentos graves e afinal são amarrados e conduzidos para o recinto das fortificações.

Luciano Ricalde, mais feliz, ponde evadir-se.

O marechal mandou açoutar até exalarem o ultimo suspiro, como traidores, os 2 paraguayos ; os argentinos morreram pouco depois de miseria e mãos tratos.

Esse procedimento indignou o exercito alliado.

Entretanto, o general em chefe D. Bartholomeu Mitre, que devia protestar em nota official e.... devolver o *rebenque* ; calou-se e assim patenteou ao mundo ser mais magnanimo do que o proprio Ajax.

Não consta uma palavra, um protesto official, ao menos a nós, feito pelo brigadeiro general contra o procedimento desleal, traiçoeiro do marechal, á sombra das leis e convenções para as quaes tantas vezes elle hypocritamente appellava.

O general Flores, que não queria figurar na historia como heroe de Homero, e servindo os officiaes paraguayos nas forças sob o seu commando, ao saber a negra traição do inimigo, mandou bombardear vigorosamente as posições que lhe ficavam em frente.

Silvano Godoy, escriptor paraguayo, em uma obra que publicou sob a guerra, relata particularidades interessantes a respeito d'essa conferencia. Por elle sabe-se que o marechal Lopez mandára postar nas immedições do sitio da entrevista, perfeitamente occultos, 1.000 dos seus mais dedicados soldados, competentemente armados e municiados, temendo, pensamos nós, alguma traição do Mitre.

Aquelle escriptor julga que elles eram destinados a se apoderarem da pessoa do mesmo Mitre, e se tal não succedeu, attribue ainda o escriptor, á circumstancia de estar do lado do nosso campo e immedições do mesmo sitio em que conferenciavam os dous presidentes, casual ou não, um batalhão argentino em exercicio, commandado pelo major Lucio Mausilla, mais tarde general, e que o marechal que observou isso pediu para ser-lhe apresentado aquelle official.

Diz Godoy que estes soldados, escolhidos entre os mais destemidos de todos os corpos, eram capazes de operar milagres para se fazerem espedaçar diante do marechal e que só aguardavam o signal de se atirarem á pessoa do general em chefe ; mas, o marechal, julgou lá comsigo que o caudilho portenho tambem havia tomado suas precauções debaixo d'essa forma indirecta.

A forma indirecta era pois, a presença do batalhão argentino em exercicio nas proximidades do logar da entrevista.

Emfim, é possível que o marechal, para quem não havia nada respeitavel, pretendesse apoderar-se traçoicamente do general em chefe.

A prisão de Carneiro de Campos, presidente de Matto-Grosso, não foi traição menor do que seria a prisão do general Mitre ; e, se para casos taes podessem haver attenuantes, ellas seriam para a do general Mitre, pois, pelo menos já estavamos em guerra.

Já que tratámos da entrevista, devemos consignar que a obra do mercenario Thompson foi vertida em Buenos-Ayres para o hespanhol, pelos Srs. Lewis e Estrada.

Estes senhores não se contentaram em traduzil-a ; trataram de annotal-a e augmental-a com um appendice em que refutam apreciações d'aquelle individuo na parte relativa ao papel que o general Mitre representou nos acontecimentos.

A obra de Thompson é, como já dissemos, um acervo de falsidades e raras vezes elle, como excepção, diz a verdade.

Não melhorou a obra com as annotações d'aquelles senhores.

Ellas não são mais do que a defeza pessoal do general em chefe, má defeza, porque os factos são propositalmente adulterados para servirem ao fim a que são destinados.

Como na obra, assim nas annotações e augmento, imperam a mais patente inverdade, as maiores inexactidões, o despeito, e um máo entendido ciume internacional.

Não comprehendemos como hajam homens, cuja consciencia não se revolte ante o facto de premeditadamente escreverem falsidades, calcando a honra pessoal e a honestidade de escriptor, sob o peso da mão e arranhando-as, ferindo-as com o bico da penna, que moralmente deve abrir-lhes profundos córtes, como se fôra o punhal ou a faca afiada dos criminosos !

Para dar uma ligeira idéa do que são os traductores e annotadores de Thompson basta citar a anedocta seguinte, que o leitor poderá também lêr nas annotações da obra de Schneider, á pag. 408 do 2.º vol., e que nós traduzimos aqui :

- « Durante a entrevista o general Barrios chegou-se aos ajudantes do general
- « Mitre e falando da guerra, fez muitos elogios aos soldados argentinos. Ao despedir-
- « se lhes disse : *A única coisa que desejamos todos nós paraguayos é que os senhores*
- « *nos deixem só com os brasileiros, ainda que estes dobrem o numero de seu exercito.*
- « E acrescentou rindo-se : *assim seria pão comido.* »

Esta locução hespanhola regula com a nossa :

« São favas contadas. »

Nada a respeito d'essa anedocta diríamos melhor do que a observação do illustre annotador de Schneider :

- « Se Barrios, proferiu, com effeito, palavras tão amaveis em relação aos nossos
- « alliados e tão offensivas aos brasileiros, forçoso é reconhecer que o famigerado he-
- « roe de Nova-Coimbra não era, como geralmente o pintam, um soldado rude e igno-
- « rante, mas homem de fino espirito, versado na arte de lisongear a vaidade alheia. »

Depois de mais algumas considerações, diz o annotador :

- « Entretanto, com a anedocta a que nos referimos, pretende-se insinuar que foram
- « os nossos alliados os que deram cabo do poder militar de Lopez, graças aos 11 ou
- « 12 000 homens com que atravessaram o Paraná. »

Digamos sempre alguma cousa a respeito.

Duvidamos que taes palavras tivessem sido ditas pelo general Barrios, apesar de só recentemente conhecer o que valiamos na guerra ; mas, é admiravel que os annotadores de Thompson phantasiassem tal anedocta, elles que deveriam conhecer bem a historia das guerras do Rio da Prata e quanto valiam os brasileiros quando enfrentavam com os assalariados de seus tyrannos.

Já dissemos que o general Resquin em seu opusculo declara que os paraguayos apoderaram-se de 2 bandeiras nossas, e isso provavelmente o fez baseando se nas noticias dadas pelo *Semanario*.

Dissemos que era isso uma falsidade.

Em homenagem ao valor com que os nossos bravos sabem defender a insignia da patria, vamos narrar o episodio da bandeira do 12.º batalhão de Voluntarios da Patria no sangrento assalto a Curupaity.

O batalhão 12.º de Voluntarios da Patria, (corpo policial da provincia do Rio de Janeiro, que se offerceu para marchar), era, então, commandado pelo tenente-coronel Brito.

Elle fazia parte da brigada do coronel Barros Vasconcellos, depois brigadeiro honorario e barão de Penalva, e pertencia á columna que atacou a direita das fortificações inimigas, sob o commando do coronel de voluntarios Augusto Francisco Caldas.

Essa columna formava a ala esquerda da força atacante.

Já dissemos quando descrevemos o ataque que a nossa valente infantaria, a brasileira, investiu a primeira trincheira e denodadamente arremessou-se á segunda.

Entre as duas trincheiras, cumpre notar, só nos achámos, nós brasileiros, porque os argentinos não poderam passar o immenso baliado em que se apoiava a extrema esquerda e flanco da 1.ª trincheira.

Entre as duas trincheiras achava-se quasi toda a ala esquerda.

O 12.º de voluntarios foi um dos primeiros que arrojou-se ao volcão de metralha ; elle e os outros que o imitaram retrocederam, deixando no profundo *fosso* dezenas de cadaveres.

Os bravos refazem-se e voltam de novo ao assalto.

O porta-bandeira, alferes Lopes Ferreira, chega á *contra-escarpa* ; olha para o *fosso* e vendo que está meio entulhado de mortos, precipita-se ao fundo e consegue subir a *escarpa* ; sobe pelo *talude exterior do parapeto* e no momento de cravar a bandeira na trincheira uma bala despedaça-lhe a mão e a bandeira, com a haste quebrada, tomba.

O commandante ergue a e entrega a outro alferes, J. Garcia ; este cahe tambem gravemente ferido e com elle de novo a bandeira já rubra de sangue.

Essa scena passa-se nas proximidades da *contra-escarpa* porque o official porta-bandeira Lopes Ferreira repassou o *fosso* depois de ferido e todos os que o acompanhavam, inclusive o commandante Brito.

O inimigo observa esse episodio e converge sobre os bravos um fogo terrivel porque a todo transe quer evitar que fluctue na fortificação a bandeira brasileira.

A insignia gloriosa não fica desamparada n'aquelle chão junçado de mortos e feridos.

Immediatamente o sargento Faria Pardal atira-se á bandeira, ergue-a; mas, por sua vez tomba por terra, ferido !

Mais uma vez a insignia cahe no campo de batalha.

Então officiaes e soldados lançam-se á ella e levantam-na crivada de balas, e agora completamente ensanguentada.

O inimigo não conseguiu ufanar-se de ter se apoderado da gloriosa bandeira do 42.º de Voluntarios da Patria, apesar de seu fogo de metralha e de fuzilaria.

Na retirada, se ella não podia fluctuar era porque estava pesada de sangue dos seus bravos defensores ; mas, isso mesmo era o mais eloquente attestado do heroismo do 12.º de voluntarios.

Não será facil, pois, mesmo em um revez, o inimigo apoderar-se da bandeira nacional quando ella fôr entregue a officiaes e soldados que comprehendam que ella é o symbolo da patria, e que de todos os tropheos obtidos nas batalhas, os mais honrosos são as bandeiras e estandartes.

Que dôr humilhante para o batalhão ou regimento que volta sem bandeira do campo de combate !

O verdadeiro soldado prefere morrer a entregal-a ao inimigo, para que não se lhe pergunte com insultuosa ironia :

« Soldado, qual é a tua patria ? »

Os serviços da nossa esquadra, no dia 22 de Setembro, foram brillantes.

Os couraçados *Brasil*, *Tamandaré* e *Barroso*, sob as ordens do capitão de mar e guerra José Maria Rodrigues, que, como dissemos já, com o maior denodo, ao meio dia, forçaram a estacada, conservaram-se em frente á bateria inimiga, do lado do rio, despejando metralha e á distancia de menos de uma amarra, durante 4 horas, ao passo que a *Ipiranga*, a *Parnahyba*, a *Magé*, a *Belmonte* e *Beberibe*, a bordo da qual se achava o intemerato Barroso, barão do Amazonas, com a sua insignia, bombardeavam, convenientemente collocadas, e auxiliadas ainda pelas bombardeiras *Pedro Affonso* e *Forte Coimbra*, a linha de trincheiras e o recinto.

José Maria Rodrigues, Elisario Barbosa, Mendes Salgado, Affonso de Lima, Rodrigues da Costa, conhecido por *Mergulhão*, Delphim de Carvalho, commandantes dos couraçados *Brasil*, *Tamandaré*, *Barroso*, *Lima Barros*, *Bahia*, e o heroico barão do Amazonas, enfim, todos os que entraram em acção cobriram-se de gloria.

Os couraçados *Brasil* e *Tamandaré* ficaram com as couraças do lado apresentado á bateria inimiga, muito arruinadas, e o interior da casamata muito estragado porque varios projectis penetraram alli pelas portinholas, ferindo tambem as guarnições d'artilharia.

Dous canhões inimigos de grosso calibre foram desmontados.

A esquadra teve n'esse dia memoravel, só pelo valor e denodo dos nossos soldados e marinheiros, 35 homens fóra de combate, isto é, 4 marinheiro morto, 4 officiaes e 30 marinheiros feridos.

Entre os officiaes contava-se o capitão de mar e guerra Elisiario Antonio dos Santos, commandante da 2.^a divisão, mais tarde vice-almirante barão de Angra, que se achava a bordo do *Lima Barros*.

O *Brasil*, alem d'aquelles prejuizos teve 2 canhões desmontados.

Sobre esse valente vaso de guerra que soube sempre honrar o nome que tanto nos orgulha e desvanece, concentrou-se especialmente a sanha da bateria inimiga.

Vamos transcrever a ordem do dia de Tamandaré, agraciado, bem como o general Porto Alegre, com os titulos de visconde pelos serviços de Curuzú, e verá o leitor que ella foi publicada quasi 2 mezes depois do assalto :

« Commando em chefe da força naval do Brasil no Rio da Prata. — Bordo do vapor *Apa*, emfrente a Curuzú, 15 de Novembro de 1866. — Ordem do dia n. 8. — O combate do dia 22 de Setembro proximo preterito iniciado pela esquadra e pelo exercito alliado expedicionario contra Curupaity, comquanto não tivesse trazido os resultados que d'elle pretendia-se alcançar, foi contudo um feito d'armas assáz glorioso para as forças alliadas, que n'aquella sanguinolenta jornada souberam se manter n'altura do valor e da bravura que caracterisam os defensores da causa da civilisação e da humanidade, na guerra que sustentam contra o governo do Paraguay.

« Eis porque, com a maior satisfação, felicito a esquadra de meu commando pela parte honrosa que tomou n'aquella acção memoravel.

« Depois de um bombardeamento nutrido por toda a esquadra durante 5 horas, os couraçados *Brasil*, *Tamandaré* e *Barroso*, romperam galhardamente a estacada e avançaram até acima do forte, situado sobre a barranca, onde se sustentaram 4 horas, debaixo dos fogos da bateria inimiga, á distancia menor de uma amarra.

« A's 4 horas da tarde sendo já muito grandes as baixas nas fileiras do exercito expedicionario e havendo ainda entre este e a trincheira inimiga o terrivel obstaculo dos abatizes, resolveram os senhores generaes em chefe desistir do assalto e voltar para as posições de Curuzú, o que se fez com toda ordem e sem que o inimigo se atrevesse a sahir de suas fortificações.

« N'estas circumstancias mandei retirar os couraçados da posição em que se achavam acima da estacada.

« Todos os movimentos da esquadra fizeram-se na melhor ordem possivel.

« O sr. capitão de mar e guerra José Maria Rodrigues, commandante da 3.^a divisão e do couraçado *Brasil*, tornou-se mais uma vez digno de louvor, pela promptidão com que cumpriu a minha ordem de romper a estacada, e pela constancia com que soffreu o fogo da bateria inimiga na posição em que se collocou, debaixo de seus fogos sem poder hostilisa-la.

« O sr. capitão-tenente Elisiario José Barbosa, commandante do couraçado *Tamandaré*, mostrou mais uma vez a mesma coragem e sangue frio de que tem dado provas em todos os combates em que se tem achado.

- O sr. 1.º tenente João Mendes Salgado, commandante do *Barroso*, cumpriu com decisão a ordem de seguir nas agoas do *Brasil*.
- O sr. capitão de mar e guerra Elisiario Antonio dos Santos, que se achava no *Lima Barros*, manteve-se com aquelle sangue frio imperturbavel que o caracteriza no perigo, mesmo depois de ter sido ferido e contuzo levemente por estilhaços.
- O sr. capitão de fragata Antonio Affonso Lima, tornou-se ainda uma vez digno de louvor pelo seu valor, calma e serenidade.
- O sr. capitão de fragata Joaquim Rodrigues da Costa, commandante do *Bahia*, portou-se com a bravura que distingue esse valente official.
- Os srs. commandantes da *Beberibe* capitão de fragata Delphim Carlos de Carvalho, da *Magé*, capitão-tenente Mamede Simões da Silva, e da *Parnahyba*, capitão-tenente Pedro Thomé de Castro Araujo, e o 1.º tenente Manoel Carneiro da Rocha, na chata n. 3 que se acharam tambem expostos aos fogos directos do forte inimigo, portaram-se com dignidade e valor que os tornam recommendaveis.
- Todos os officiaes e as guarnições em geral dos navios acima citados nada deixaram a desejar no cumprimento de seus deveres.
- O sr. barão do Amazonas, dando o exemplo de seu heroico valor, achou-se á testa da 1.ª divisão, com a qual teria levado um ataque vigoroso ás fortificações inimigas, se o plano geral da operação não tivesse sido alterado pelo mallogro do assalto do exercito expedicionario.
- Os srs. 1.ºs tenentes Antonio Joaquim de Mello Tamborim, meu ajudante de ordens, e Arthur Silveira da Motta, meu secretario e ajudante de ordens, transmittiram as minhas ordens em escaleres aos navios empenhados no combate com muito valor e sangue frio, atravez do fogo da metralha e da fuzilaria inimiga.
- No mesmo serviço e com tanto valor occupou-se o 1.º tenente Francisco Romano Stepple da Silva, ajudante de ordens do sr. chefe do Estado-Maior.
- O sr. 1.º tenente Augusto Netto de Mendonça, commandante do *Greenhalg*, esteve encarregado das minhas communicações com os srs. generaes em chefe.
- O sr. 2.º tenente Carlos Miguel Conrado, foi por mim encarregado de indicar em terra por meio de signaes a posição do exercito, e n'esse serviço houve-se com muita coragem.
- O sr. commandante da divisão das bombardeiras, o capitão de fragata José Antonio de Faria, os srs. commandantes 1.º tenente João Gomes de Faria, Joaquim Candido dos Reis, e Manoel Soares Pinto e o capitão d'artilharia R. J. Rice, commandante da chata n.º 2, são merecedores de louvor pelo bombardeamento efficaz que dirigiram.
- Os srs. commandantes das canhoneiras *Belmonte*, *Ivahy*, *Mearim*, *Iguatemy*, *Araguary*, *Araguay*, *Ipiranga*, *Henrique Martins* e *Chuy*, são dignos de elogios pelo nutrido bombardeamento que fizeram por espaço de 6 horas.
- O sr. chefe de saúde e todos os srs. cirurgioes da esquadra prestaram, por occasião d'aquelle combate, serviços muito importantes, tratando dos feridos da esquadra e do exercito, e acompanhando-os até aos hospitaes de Corrientes.
- No hospital de sangue da esquadra serviram o sr. chefe de saúde Dr. Carlos Frederico dos Santos Xavier de Azevedo, os Drs. João José Damasio, e Luiz Carneiro da Rocha, o alumno João Pizarro Gabiso e o pharmaceutico Felinto Elisio Pinheiro.
- No transporte *Desseis de Abril*, que conduziu feridos, serviram o sr. Dr. Tristão Henrique da Costa, e o alumno Manoel Caetano de Mattos Rodrigues.
- No transporte *Marcilio Dias* serviram os srs. Drs. Domingos Soares Pinto, Tristão Arthur de Campos Pio, Amadeu Prudencio Masson e Francisco de Paula Tavares.
- São tambem dignos de menção os srs. Drs. José Caetano da Costa, Justiniano de Castro Rabello, Francisco de Paula Tavares e Manoel Baptista Valladão, que prestaram os primeiros cuidados aos feridos durante a acção, nos navios a que pertencem respectivamente.
- Os srs. padres Antonio da Immaculada Conceição, capellão d'este navio, e Francisco Manoel das Chagas Xavier, capellão do *Brasil*, ministraram com acrysolada caridade os soccorros da nossa religião aos feridos da esquadra e do exercito nos hospitaes de sangue.

• São dignos de honrosa menção e dos maiores elogios os praticos 2.º tenente graduado Fernando Etchbarne, Bernardino Gustavino e Luis Repeto, que trabalharam no dia 22 com a mesma intrepidez e boa vontade com que têm nos servido desde o principio d'esta guerra.

• Os srs. machinistas da esquadra não são menos dignos de elogios pela dedicação, e pericia que demonstraram sempre nos serviços ainda os mais arriscados.

• Na parte que abaixo transcrevo do sr. chefe do estado-maior da esquadra, encontrar-se-ha os detalhes narrativos do combate de 22 de Setembro, e a parte gloriosa que coube á esquadra n'aquella acção.

• O batalhão 16.º de voluntarios que se achava destacado na esquadra, fez do lado do Chaco um fogo nutrido de fuzilaria contra os artilheiros inimigos, apesar da metralha com que estes respondiam.

• Concluirei manifestando a satisfação de que me acho possuido pelo comportamento brilhante dos srs. chefes, commandantes, officiaes de todas as classes e guarnições em geral da esquadra de meu commando no combate de Curupaity, no dia 22 de Setembro. — *Visconde de Tamandaré*. »

A imprensa, sempre a que nos era desaffecta no Rio da Prata, queria que a esquadra arrasasse as baterias de Curupaity.

A artilharia é realmente uma arma formidavel que pôde arrasar as mais resistentes fortificações ; mas, é preciso que seja empregada contra a alvenaria ou qualquer outro material resistente, e que os fortes ou fortalezas sejam construidos em lugar em que ella possa exercer a sua acção com efficacia. Em fortificações simplesmente de areia, contra *parapeitos* de barro ou de terra em um rio estreito e sinuoso como o Paraguay, com as suas margens cobertas de mattas, sem poder *enfiar* as obras, nem batel-as de frente pela altura das barrancas, o effeito dos canhões de uma esquadra não podem deixar de ser quasi nulos.

Entretanto, como foi terrivel e mortifero o bombardeamento do campo do Passo da Patria pelos nossos navios !

Mas, ali as condições eram bem differentes.

As barrancas do rio não eram tão altas, e a superficie para as evoluções era muito mais larga.

Os canhões, pois, que destruiriam fortificações de alvenaria, fortalezas de pedra e cal, trovejavam alli, entretanto, como medonha borrasca, vomitando seus enormes projectis nas trincheiras inimigas, sem que o resultado fosse grande.

Em poucos minutos, meia duzia de homens com pás e enxadas reparavam os estragos das trincheiras.

Na natureza passa-se factio identico.

A tormenta derroca muralhas, edificios enormes ; deita por terra as arvores resistentes, de profundas raizes ; entretanto a choupana, as arvores fracas, zombam de suas iras e de seus effeitos.

Tremem ligeiramente, baloiçam ; mas não cahem.

Eis ali.

Mas a isso não se queria attender.

Na passagem de Cuevas o bravo almirante Muratori, a bordo do unico navio da republica Argentina que enfrentára sério perigo n'essa longa lucta, tomou o leme do *Guardia Nacional* e dirigiu a nave-

gação debaixo do fogo formidável da bateria inimiga, porque uma bala pôz o timoneiro fóra de combate.

Tamandaré, em Curupaity, fez prodígios: ostentou uma coragem extraordinária; um desprezo pela vida que fazendo receiar por ella, arrancava entretanto gritos e hurrahs de enthusiasmo á officialidade e maruja que batiam o inimigo.

Elle tinha seus ajudantes para transmittir as ordens; porem, em um pequeno escaler, sob uma chuva de metralha espantosa, ia pessoalmente aos navios verificar se tinham sido cumpridas.

Honrava o seu passado glorioso; á valente esquadra, e conservava alto o nome da patria.

Repetiremos mais uma vez:

Todos cumpriram o seu dever gloriosamente, desde o bravo almirante até o ultimo dos marujos e o costado dos nossos couraçados, com as suas profundas depreções, feitas pelas balas de grosso calibre do inimigo, o attestava materialmente.

Se a demora nas operações e as intrigas dos amigos do Paraguay fumentavam a revolução em algumas provincias da republica Argentina e departamentos da Oriental, agora esse revez enchen de esperanças os antagonistas dos respectivos governos e, como que um ruido semelhante ao que precede aos phenomenos sismicos, annunciava que os horizontes politicos se ennegreciam de nuvens procellosas.

A 26 de Setembro o intrepido general Flores, devido ao que acabámos de dizer, deixou o acampamento de Tuyuty e em uma proclamação, cheia de sinceridade, despediu-se do exercito alliado.

Já em Agosto, conhecendo que a sua presença era necessaria em seu paiz para vêr se conjurava a borrasca, communicava aos generaes Mitre e Polydoro officialmente a necessidade de retirar-se, tendo antes feito igual communicação ao governo do Brasil por intermedio do respectivo ministro acreditado no Rio de Janeiro; mas, como tratava-se de atacar Curupaity, o heroico general esperou para tomar parte na operação.

A sua proclamação datada de 25 de Setembro é n'estes termos:

- « Soldados brasileiros, argentinos e orientaes!
- « Uma d'estas fatalidades que o destino se compraz de tornar superior aos esforços da minha vontade, me obriga a separar-me momentaneamente de vós.
- « Este momento é um dos mais sensiveis para meu coração!
- « Ao afastar-me da frente dos heroes que em cem combates provaram ao mundo o seu valor indomito, sua moralidade e disciplina; o que posso eu recommendar que desde já não veja cumprido?
- « Soldados! Segui o honroso caminho que haveis traçado e no dia do combate tende presente vossos gloriosos antecedentes para não maculal-os; e cada um de vós sereis um heroe, destinado a vingar os manes illustres de Sampaio, Rivero, Palleja, Argüero e tantos outros, nobres victimas immoladas pelo fanatismo de nossos inimigos.
- « Não olvideis, no meio de vosso arrojo de valentes, que uma das primeiras qualidades dos soldados do nosso tempo é ser generoso e humano para o vencido, pois,

- « o movel da presente crusada só tem por objecto guerrear ao mais barbaro dos tyrannos
- « nos do seculo desenove e não ao povo paraguay, ao qual viemos dar Liberdade, Patria e Instituições.

• Despede-se de vós, o vosso general e amigo. — *Venancio Flores.* »

A retirada do general foi sinceramente sentida pelos alliados principalmente pelos brasileiros, aos quaes elle votou sempre particular sympathia.

Infelizmente a vanguarda nunca mais veria o seu general.

Os assassinos tinham resolvido a sua morte e afiado a arma homicida no granito de seus odios politicos.

O bravo tinha que cahir, não gloriosamente no campo de batalha á frente de sua intemerata vanguarda, mas no centro mais populoso da capital uruguaya, aos olhos do mundo indignado ante o crime miseravel de energumenos, insaciaveis de sangue, ingratos que deviam a vida á generosidade, á magnaninidade de sua victima.

Quando mais tarde, no anno seguinte, chegou ao exercito a noticia de seu assassinato, a 19 de Fevereiro, a dôr e a indignação dos bons orientaes, foram partilhadas pelos alliados.

Ficou a pequena força oriental reduzida apenas a 800 homens, sob o commando do valente general Henrique Castro, pois Flores ao retirar-se levou comsigo 400 homens de sua cavallaria.

Na republica Argentina a noticia do revez causou dôr pungente, mesmo nas classes extranhas ás paixões politicas, e muito maior do que a refrega de Corrales.

Os argentinos haviam se batido como horoes e a maioria d'estes se compunha de moços cheios de vida, d'aquella brilhante guarda nacional da capital da republica a que pertencia a mocidade da primeira sociedade.

Os politicos adversos ao governo e amigos do dictador do Paraguay serviam-se da catastrophe como arma para desprestigiar a situação politica dominante, e como já dissemos, as nuvens procellosas surgiam no horisonte, essas nuvens amorphas, mas prenhes de sangue.

O vice-presidente da republica, em exercicio, Dr. Marcos Paz, pouco depois de chegar a noticia official do desastre, procurou levantar o animo abatido com a seguinte patriotica proclamação :

- « Argentinos! Quando esperavamos saudar a noticia de uma victoria, fomos sorprendidos pela nova de um desastre parcial, soffrido por uma parte dos exercitos alliados, no ataque levado contra a fortaleza de Curupayty.

- « Não obstante o valor heroico de nossos soldados e sua bravura incomparavel, foram elles detidos pelas difficuldades naturaes do terreno e pelos meios de defeza agglomerados por um inimigo que ha vinte annos se prepara para esta lucta.
- « A communicação do general em chefe vos instruirá das perdas sensiveis que experimentámos n'este feito d'armas, mais doloroso, por esse motivo, do que pelo grande numero de homens que ficaram fora de combate.

- « Não é uma derrota ; porem, se pudesse sê-lo, o governo não temeria dizel-o com franquesa porque não receia que arrefeça a tempera viril do povo das tradições heroicas, dos grandes feitos d'armas e das grandes glorias.

- « E' apenas um facto commum da sorte varia das armas, facto que brevemente será reparado pelos recursos e vigor das potencias alliadas.
- Entretanto, honra e gloria a todos que tiveram a morte dos bravos, tombando, envoltos nas dobras da bandeira nacional, sobre as trincheiras que escalarão !
- Buenos-Ayres, 28 Setembro 1866. — Marcos Paz. — Vice-Presidente da Republica Argentina. »

Veremos, depois, a impressão que o revêz produziu em nosso paiz.

Dizem os annotadores da obra de Thompson que o general Mitre querendo salvar a alliança e conhecendo os males que poderiam causar á mesma alliança, a publicação de certos antecedentes relativos ao ataque de Curupaity, guardou profundo silencio e em uma carta dirigida ao vice-presidente da republica, Dr. D. Marcos Paz dizia que *« nueros contingentes remontaran nuestros batallones, pero la perdida de benemeritos jefes y oficiales, no se repone con igual facilidad. »*

« Las sombras, que hace algun tiempo vienen dibujandose en el cielo de la alianza, se condensan por los hechos de Curupaity y forman amenazadores nubarrones, pero confio en que, con buena voluntad y alguna abnegacion para silenciar cargos que dejarian alguna responsabilidad para todos, conseguire despear sus horisontes. »

Mitre não era general nem tatico nem estrategico ; mas, homem de talento não commetteria a imprudencia de publicar os *antecedentes* do ataque de Curupaity, porque elles só o comprometteriam, pois, por elles ficava demonstrado que o illustre argentino não tinha plano algum assentado ; assim, hoje não concordava com o assalto de Curupaity ; logo porem, depois de ter sido côroado de esplendida victoria, conseguida só pelos brasileiros, o ataque de Curuzú ; já a sua opinião mudára e tornára-se entusiasta d'aquillo que ha pouco condemnára.

As desintelligencias impressionaram com rasão o general em chefe.

Mas, quem o culpado *de los amenazadores nubarrones qui se dibujaban en el cielo de la alianza ?*

Era preciso realmente muita abnegação.

O general em chefe devia expontaneamente deixar o commando e retirar-se para seu paiz, onde os seus serviços eram necessarios e uteis ; devia dar livremente esse passo á que afinal foi obrigado, por motivos alheios á sua vontade, e nunca a alliança andou tão bem, nunca os nossos triumphos foram mais esplendidos, nunca a nossa gloria teve scintillações mais brilhantes do que na sua ausencia.

Os bravos argentinos compartilharam da nossa gloria ; a alliança marchou unida e forte e todos os bulções ameaçadores que appareciam no seu horisonte, dissiparam-se como por magia.

Já dissemos que as annotações á obra de Thompson, por Lewis e Estrada, não melhoraram as condições d'ella.

Augmentaram as inverdades.

Quem lêr aquellas annotações pensa estar com algum numero do *Semanario* debaixo dos olhos.

Ha entre os escriptores d'aquelle periodico e os annotadores decidida affinidade.

Começam quando tratam do ataque de Curupaity logo por uma inverdade declarando que «o general Mitre se decidiu pelo ataque que « modificava seu pensamento primitivo, porque faltando-lhe cavallos « para realisar o pela direita de Tuyuty, queria pelo menos uma vez « aproveitar-se dos cavallos de vapor da esquadra brasileira. »

O general Mitre nunca pensou em um ataque pela direita de Tuyuty, pelo menos não se encontra essa idéa em nenhum documento official.

Se pensou, porem, não externou nunca semelhante idéa, talvez por julgar que por alli era que estava o *busillis*, a grande difficuldade, enganando-se, entretanto, completamente.

Para essa operação não é exacto que lhe faltassem cavallos, pois, tinhamos 3.000 homens de cavallaria.

No dia 22 de Setembro, o marechal Lopez vendo o general Flores apparecer-lhe por aquelle flanco, ficou receioso, porque não tinha nenhuma defeza por alli, e comprehendeu os perigos que corria. Então começou a fortificar-se, logo depois.

O que o general em chefe devia executar ainda em Setembro era o que se fez mais tarde ; contornar a esquerda do inimigo que elle devia saber perfeitamente que estava indefensa.

E' impossivel que elle ignorasse o que os officiaes brasileiros sabiam.

O tenente coronel Antonio da Silva Paranhos, bravo e austero official, depois general, e logo arrebatado pela morte ao exercito, dizia em carta a seu irmão, o immortal visconde do Rio Branco, em 31 de Julho, menos de 2 mezes antes do assalto a Curupaity :

- « Chegou finalmente ante-hontem o sr. Porto Alegre com o seu exercito, deixando do atraz 2.000 homens por terem encalhado no Paraná os vapores que os conduziam.
- « Esse exercito está desembarcando d'este lado do Passo da Patria. Creio que se trata de reunir elementos para irmos sobre o inimigo. Deus illumine os nossos generaes.
- « Qualquer tentativa sobre a direita inimiga será sangue e muito sangue perdido. Veremos. . . »

Em 26 de Agosto, em outra carta, dizia o mesmo official :

- « Parece-me que será um erro atacar as trincheiras que nos ficam pela frente,
- « quando pelo flanco esquerdo do inimigo temos caminho que nos conduzirá á Hucuitá. Se assim é, como informam alguns desertores paraguayos, não devemos com-
- « prometter o bom exito de nossas operações em um ataque de resultados duvidosos,
- « pois, um homem atraz de fortificações vale por 4 ou 5, se não mais. Tomada a posição contornante, cessa a razão de ser do entrincheiramento n'este ponto. Estamos
- « muito desfalcados e muito sangue temos derramado já. E' preciso que marchemos
- « com segurança, sem aventuras que podem ser funestas. . . »

Em carta de 28 de Agosto, já assentado o plano de atacar Curuzú e Curupaity, dizia o illustre official, depois de referir-se ao mesmo plano :

« O plano pode ser magnifico ; mas, eu inclino-me aos que pensam que se tor-
« das as forças reunidas contornassem o flanco esquerdo inimigo, teriamos caminho
« livre até Humaitá com menos prejuizo de sangue e mais certeza no resultado. »
« (Schneider, annotações, vol. 2.º appendice, pag. 360.)

Como se vê, era opinião já de alguns distinctos officiaes brasileiros flanquear o inimigo pela sua esquerda e para essa operação tinhamos cavallaria sufficiente.

Nunca, nunca, como já dissemos, o general em chefe externou semelhante plano.

Os annotadores da obra de Thompson viram que a celebre marcha de flanco do immortal Caxias, mais tarde feita na ausencia do general em chefe Bartholomeu Mitre, deu um resultado brilhante, e, por isso, procuraram impingir em suas annotações que « el general Mitre se decidió por esta idea, que modificaba su primitivo
« pensamiento porque, faltandole caballos para realizarla por la
« derecha de Tuyuty, queria una vez siquiera, aprovechar los cabal-
« los de vapor de la esquadra brasilera. »

D'este modo, os annotadores pretendiam preparar o terreno para ver-se n'elle, mais tarde, quando tratassem da marcha de flanco do immortal Caxias, poderiam plantar a crença de que fôra plano do general em chefe.

Não ha brasileiro que leia as annotações de Lewis e Estrada que não fique indignado com tantas inverdades.

Thompson era, enfim, um mercenario, um impudico, um la-cao da amante do marechal presidente Lopez ; por consequencia, os seus ataques merecem o desprezo dos brasileiros.

Veja-se o modo porque se referem, Lewis e Estrada, á esquadra brasileira : a estes valentes vasos de guerra ; á essa destemida officialidade e maruja que, com a sua victoria naval, livrou o Rio da Prata das affrontas do marechal Lopez e talvez os annotadores de arrastarem os grilhões do prisioneiros, a calceta nas enxovias de Assumpção !

Não pretendemos analysar tudo quanto dizem em suas annotações Lewis e Estrada.

O leitor que se interessar pelo assumpto tem na obra de Schneider, no 2.º vol., de pag. 359 a 370, appendice, a contestação que fez áquelles annotadores, o illustre Dr. Paranhos, barão do Rio Branco.

Nós sò nos referiremos aos pontos em que aquelles annotadores, afastando-se dos factos, alam-se até o mundo das phantasias ; esquecem que ali é a região em que habita a mentira, e procuram assim preparar o terreno, repitiremos, para fazer crêr que os bellos resultados colhidos mais tarde, com a marcha de flanco, devem-se ao general Mitre.

N'esse intuito, dizem elles :

- Antes de todo, debemos decir que la idéa de atacar á Curupaity, sobretudo des-
- pues de haber perdido la oportunidad del día 3, no fué del general Mitre, que desde
- la batalla de 24 de Maio insistia en operar sobre la retaguardia del enemigo, flan-
- queando sus lineas por nuestra derecha. »

Mas, perguntamos nós, quem foi o culpado de se haver perdido a oportunidade do dia 3, senão o general em chefe, que deslumbrado com a victoria de Porto Alegre em Curuzú, tornára-se o maior entusiasta do ataque a Curupaity, como se vê dos documentos officiaes e conferencias, tendo infelizmente investido muito tarde á posição ?

Como se nega com uma serenidade repugnante a verdade officialmente conhecida ?

Porque não se reforçou logo o 2.º corpo d'exercito ; porque perdeu-se tempo com conferencias que só produziram resultados negativos ?

Se o general tivesse andado rapido não se perderia a oportunidade e, com effeito, *esta operacion habria producido um triunfo rapido y seguro*, como dizem os annotadores.

Não ha um só documento official, ou informação particular que atteste que o general em chefe, e isso precisa ser repetido, pensasse em uma marcha de flanco pela nossa direita.

Muito tempo teve elle de executá-la, e não o fez. Pretextar falta de cavallaria, depois de executada por outro, quando para tal operação tínhamos ainda em Setembro 2.500 valentes rio-grandenses e 500 bravos argentinos e orientaes, é inadmissivel.

Quando mesmo os outros generaes se oppozussem á essa marcha nas juntas ou conselhos de guerra, devia o general em chefe assumir a responsabilidade da operação.

Um general em chefe não se deixa *por condescendencia* arrastar pelas opiniões de seus generaes.

Uma junta de guerra é mais consultiva do que deliberativa.

Se o assumpto que se discuste é elucidado ali melhor do que fóra no gabinete ou tenda do general em chefe, quando este comsigo mesmo planeja uma operação, e elle, então, vê que melhor plano ou idéa surgiu n'aquella reunião, comprehende-se que abandone seus projectos e abraçe o melhor.

Ao contrario, não, porque toda a responsabilidade é d'elle só, só tão sómente.

Pretenderão os annotadores de Thompson fazer crêr que o general Mitre planejara tal operação porque no dia 4 de Setembro o 22, dia do malfadado ataque, fizera, á frente da cavallaria alliada, uma exploração pela nossa direita, o bravo general Flores ?

Isso não prova senão contra justamente o que elles pretendem, porque se o general Mitre tivesse tal idéa seria occasião de realisar

por ali o ataque com forças das trez armas e não investir Curupaity com 18.000 homens

E como se allega que o general, por falta de cavallaria não realisára o seu plano, e que quiz, *una vez siquiera, aprovechar los caballos de vapor de la escuadra brasilera*, se o general Flores, á frente de 3.000 bravos cavalleiros contornou a posição ?

Não nos occuparemos mais com annotações tão cheias de impudencia.

O assalto de Curupaity liga-se de alguma sorte ao Estado do Paraná.

Já dissemos que alguns jornaes do Rio da Prata transcreveram a descripção que fizemos de batalhas da campanha do Paraguay na imprensa do Rio de Janeiro.

Em 1880 publicámos no *Cruzeiro* a descripção do assalto de Curupaity, transcripto pouco depois na *Patria*, jornal de Montevideo, e a imprensa d'aquella cidade honrou-nos com palavras amáveis.

Outro tanto, porem, não succedeu com a imprensa argentina.

O nosso governo n'essa occasião encarregou-nos de vir fundar a colonia militar do Xapecó, na fronteira d'este Estado, e isso levantou grande celeuma na capital argentina.

A imprensa opposicionista bradou ; chamou a attenção do governo, declarando que tinhamos sido escolhido propositalmente pelo governo imperial para provocar a guerra com a republica porque sempre em trabalhos que haviamos publicado sobre a campanha do Paraguay, nos tinhamos mostrado altamente inimigo da nação argentina e do seu exercito, redicularisando a tudo e a todos, atacando especialmente o general Bartholomeu Mitre, e citavam o que dissemos a respeito de Curupaity.

Ainda estavamos no Porto da União da Victoria, e aquella imprensa declarava que haviamos penetrado em pleno territorio argentino, levando as povoações da fronteira á ferro e fogo, o fundado a colonia em terreno incontestavelmente argentino, á frente de 2.000 homens !

Os jornaes que mais se salientaram em expansões patrioticas eram os órgãos do partido mitrista.

As chancellarias trabalharam.

O ministro Irigoyen, das Relações Exteriores, teve, a respeito, varias conferencias com o nosso ministro Araujo Gondim ; o coronel Rocca, depois general, irmão do então presidente general Julio Rocca, marchou para a fronteira ; moveram-se forças, e nós acampados no Porto da União apenas com 40 praças !

Alguns jornaes do Rio da Prata tomaram a nossa defeza e com razão declararam que nos nossos artigos não havia nenhuma offensa á nação argentina nem ao seu exercito ; que tinhamos analysado os

erros cometidos na campanha e examinado quem por elles eram responsaveis.

Realmente, era absurdo quererem encarnar a nação argentina em um general, cujos actos podiam e deviam ser analysados.

Nunca em nossos trabalhos offendemos a esse povo valente e pundonoroso, porque verberar a conducta de uma parte da imprensa ; salientar a incapacidade militar de um general, não é mostrar-mo-nos inimigos ou desaffectedos de uma nacionalidade, nem de um exercito, em cujas fileiras ha officiaes que apreciamos pela sua elevação d'espírito e valor.

Se fosse isso admissivel, com razão deviríamos considerar então o povo argentino nosso inimigo porque alguns individuos atacaram os nossos generaes pela imprensa, lançando-lhes responsabilidades que á outrem cabia.

Certamente que não o julgamos assim.

Em nossos trabalhos nunca procurámos escurecer a gloria que comnosco partilharam os bravos soldados argentinos.

Mas, de toda celeuma da imprensa da opposição resultou uma grande vantagem.

A nossa questão de limites foi seriamente abordada pelos governos brasileiro e argentino, devido á colonia e á Curupaity, e o laudo do presidente Cleveland pôz termo á essa questão secular de limites.

Eis como Curupaity liga-se ao Paraná, por fazer parte integrante de seu territorio, o terreno então em litigio.

Mas, proseguindo nos acontecimentos que produziu o revez, devemos declarar que os ataques da imprensa á esquadra brasileira, os dados e informações que deveriam servir de polvora e bala, não para fazerem depressões nos costados de nossos couraçados, mas para abrir feridas na reputação do bravo almirante, eram fornecidos, pela maior parte, pelo quartel general do commando em chefe.

Em Agosto (1866), por consequencia antes do revez de Curupaity, o almirante descontento com o rumo que levava a direcção da guerra e lho parecendo que os ataques da imprensa platina causavam certa impressão ao governo imperial e que este de alguma sorte os achava fundados, pediu ao ministerio da marinha uma licença para ir ao Rio de Janeiro, por motivo de molestia.

O almirante não se enganava.

Alguma coisa havia nas altas regiões governamentais.

Em conselho de ministros, o ministro da marinha, o sr. Affonso Celso, depois visconde de Ouro Preto, não se achava satisfeito com o cominando do glorioso marinheiro e propôz a sua substituição, justificando-a em dous longos *memorandums*, um dos quaes se encerrava com as seguintes palavras :

- « A conclusão, pois, do que fica exposto no presente *memorandum* é que, postas
- « de lado as considerações de que é digno o visconde de Tamandaré, cumpre retiral-o

« do commando em chefe das forças navaes brasileiras em operações contra o Paraguay, e substituiu-o por outro official de marinha, que a incontestavel bravura reuna « experiencia e talentos militares. » (Schneider, appendice vol. 2.º, annotações. pag. 368).

O ministro errava n'esse passo, pois, devera lembrar-se que os intrigantes do Rio da Prata não podiam apreciar operações navaes e que o almirante se fosse fazer as evoluções e manobras que elles desejavam, só para satisfazel-os, não deveria voltar à patria ; mas, imitar o bravo almirante batavo que nas agoas do Brasil, batido, derrotado, envolvera-se na bandeira de sua nacionalidade, e atirara-se ás profundezas do oceano, como unico tumulto digno d'elle.

Demittil-o, n'aquellas circumstancias, era ainda punil-o pela *altivez de seus brios militares e zelo patriotico*.

O ministerio regeitou a conclusão do illustre ministro da marinha e o glorioso marinheiro continuou no seu posto, e sempre com a *«suspeita de que firme proposito era do general Mitre, não só procrastinar a lucta, em detrimento do imperio, sobre o qual re-calia todo peso d'ella, senão ainda diminuir quanto possivel a gloria das nossas armas, encarecendo e exaltando a das argentinas. »*

Estas palavras griphadas o foram por nós ; mas não são nossas : encontram-se a pag. 282 e 283 da *Marinha D'Outr'Ora*.

Já dissemos que o general em chefe, depois do ataque de Curupaity, retirára-se com as forças argentinas.

Antes, porem, no dia 25, a bordo do vapor *Apa* que tinha a insignia do almirante, reuniram-se elle, e generaes Porto Alegre e Polydoro para assentarem em novo plano de operações.

Mais uma conferencia !

Não havia de ser por deficiencia d'esses conciliabulos que deixaríamos de fazer alguma cousa acertada.

Nada, porem, se resolveu a respeito de qualquer plano, como se depreheende dos documentos officiaes, pois, em 25 de Outubro, Porto Alegre, cuja tempera não ia bem na inercia, dirigiu-se ao general Jordão perguntando quando se emprehendiria outro ataque.

O general Polydoro, por sua vez, não tinha tambem pendor para a immobildade e varias vezes entendeu-se com o director da guerra, o general em chefe, a respeito das futuras operações, e elle respondera ser conveniente uma demora para se reunirem recursos ; mas, não externou ainda d'esta voz a idéa de fazer-se um movimento pela esquerda do inimigo.

O general Resquin, nos seus *Datos Historicos de la Guerra del Paraguay con la Triple Alianza*, referindo-se ás desintelligencias entre os generaes, diz que o general Flores accusava publicamente ao general Polydoro pela sua cobardia de não haver atacado a direita do Sauce, ao mesmo tempo que o general Mitre investira as trincheiras de Curupaity.

Isso não é verdade.

Flores nunca fez semelhante accusação ao brioso e valente general Polydoro, pois, vira-o no meio do fogo nos dias 16 e 18 de Julho, e aquelle general sabia perfeitamente que o ataque do Sauce dependia de aviso previo feito por meio de signaes da esquadra ou de oportunidade se ella se apresentasse.

Já dissemos, em lugar competente, que nem o aviso foi feito nem se apresentou oportunidade, porque durante o assalto de Curupaity as linhas inimigas do Sauce e de Riojas conservaram-se sempre perfeitamente guarnecidas.

O general Flores, retirou-se, como vimos, pelas condições politicas em que se achava seu paiz e nas melhores relações com o general brasileiro, cujo character e austeridade apreciava.

Temo-nos referido aos signaes que pela esquadra deveriam ser feitos para a Lagôa Pires, aonde se achava o patacho *Iguassú*, de guerra, que por sua vez cumpria-lhe transmittir para o mangrullo ou observatorio do general Polydoro, no Proteiro Pires.

Os signaes em numero de 9, tinham as seguintes significações, e eram feitos com galhardetes que, apenas içados, deveriam ser confirmados com 2 canhoneços.

- | | | |
|--------|----|--|
| Numero | 1. | <i>A esquadra principiou o ataque de Curupaity.</i> |
| » | 2. | <i>Curupaity calou suas baterias.</i> |
| » | 3. | <i>O exercito começou o ataque.</i> |
| » | 4. | <i>Curupaity é nosso.</i> |
| » | 5. | <i>Convem um ataque geral.</i> |
| » | 6. | <i>Nossas forças voltaram ás suas posições anteriores.</i> |
| » | 7. | <i>Seguem sobre Humaitá.</i> |
| » | 8. | <i>Alcançaram victoria.</i> |
| » | 9. | <i>O inimigo foge em debandada.</i> |

Ora, a não notar o general Jordão que as linhas que lhe ficavam em frente estavam fracas de guarnições e a não se fazer o 5.º signal, nada devia elleprehender.

Já dissemos que um ataque a essas linhas seria uma calamidade. Uma vez que não se penetrou em Curupaity e não se ficou, por consequencia, á rectaguarda d'aquellas posições, todo esforço por Sauce e Riojas seria outro desastre.

Resquin avançou aquellas proposições calumniosas, certamente informado pelos espiões que formigavam no nosso campo e que, entre muitas verdades que conduziã para o inimigo, levavam tambem falsidades, como já tivemos occasião de declarar.

Emfim, para que o leitor tenha sciencia do que se disse a respeito da junção do 2.º corpo d'exercito aos alliados e que depois nos trouxe o revez de Curupaity, vamos transcrever o que informou ao seu governo o ministro Thorton, que não nos consta ter, entretanto, sido official no exercito inglez, em nota datada de Julho de 1866, e que se encontra em uma correspondencia de Lon-

dres, publicada no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, em 27 de Abril de 1837, citada por Pereira da Costa, a pag. 215 e 216, do 3.º vol. de sua obra :

- « Parece realmente extraordinario que o barão de Porto Alegre com 10.000 homens que por virem do Rio Grande devem ser dos melhores do exercito brasileiro, se deixasse ficar quasi dous mezes inactivo na margem esquerda do Alto-Paraná.
- « Se este exercito elevado a 20.000 homens tivesse atravessado o rio em Itapúa podia ter cahido sobre a rectaguarda do exercito do presidente Lopez, cortando-lhe as communicações com a parte mais populosa do paiz, cujos habitantes se teriam provavelmente declarado contra elle.
- « Em todo caso ter-se-ia visto o exercito paraguay o obrigado a retirar da sua actual posição para atacar o barão de Porto Alegre que teria sempre a retirada livre, se não se sentisse com forças sufficientes ; e, entretanto, os exercitos alliados, ás ordens de Mitre, teriam avançado e atacado Humaitá.
- « Mas, parece terem se deixado perder as melhores occasiões e é unicamente esta falta de devida discreção que faz recear pela sorte das armas alliadas. »

Quanto ao malfadado assalto de Curupaity, diz o mesmo ministro (nosso conhecido desde Uruguayana, quando alli foi reatar as relações entre a Inglaterra e o Brasil), em officio a lord Stanley, em 4 de Outubro de 1836, o que o leitor tambem encontrará na obra, vol. o pag. 246, que já citámos :

- « Apesar do forte de Curupaity ficar á margem do rio Paraguay e ser de facil accesso para os navios, não parece que as forças de terra tenham sido devidamente apoiadas pela esquadra brasileira de couraçados e canhoneiras.
- « Por quanto havendo-se empregado 14 embarcações a bombardear o forte e lanchas do inimigo, apenas houve a bordo 1 morto e 9 feridos.
- « A noticia do revez diante de Curupaity causou aqui penosa impressão, ainda aggravada pelo facto de se haver esperado noticias muito differentes. O governo está resolvido a ir por diante, e envida todos os esforços para enviar homens e recursos para o theatro da guerra.
- « Pelo que diz respeito a elle e ao espirito do paiz em geral, seria injusta qualquer censura.
- « E' para sentir que outro tanto se não possa dizer d'aquelles a quem está confiada a direcção das operações militares. »

Quanto ao facto de não ter Porto Alegre invadido o paiz por Itapúa, já viu o leitor que realmente foi um erro grande que atrazou muito o termino da guerra, como declarámos na occasião de tratar da junção do 2.º corpo d'exercito, e ainda verá o leitor mais tarde que a opinião do immortal duque de Caxias, como já o dissemos uma vez, era que devera-se invadir por aquelle ponto.

Quanto ás palavras do ministro inglez em relação á esquadra são ellas injustas porque já lembrámos que as alturas da barranca, a pouca largura do rio, o material de que se constituíam as fortificações tornavam pouco efficaç o fogo dos poderosos canhões navaes.

Quanto ás nossas perdas, infelizmente, na esquadra foram maiores, como vimos, do que disse o ministro.

Este, porem, vivia no meio em que a esquadra brasileira tinha os seus desaffectedos e, por consequencia, não podia deixar de ser mal informado.

Na republica Argentina os homens que apoiavam a situação politica dominante não viam com bons olhos o commando da esquadra estar independente do director da guerra, o general D. Bartholomeu Mitre.

Vivemos longos e longos mezes a arremessar enormes projectis, a esquadra e as nossas baterias do exercito, sobre as fortificações inimigas ; estas sobre as nossas, dia e noite, e relativamente nada conseguimos, nem o inimigo, com esses trovões continuos, incessantes que abalavam os ares e cujas vibrações eram tão fortes que muitas vezes a superficie lisa e tranquilla do rio Paraguay encrespava-se e, pouco depois, fraccionada em pequenas ondas, açoutava as praias.

Fossem de alvenaria as fortificações e ellas em pouco tempo seriam montões de destroços, de ruinas, debruçados uns sobre os outros, á margem dos rios, ou no interior d'aquellas mattas em que se abrigára o inimigo.

Dissemos que trataríamos depois da impressão que o desastre causou no nosso paiz e o momento é agora chegado.

Como no Rio da Prata, em todo nosso paiz esperava-se, depois da junção do 2.º corpo d'exercito aos alliados, noticias esplendidas de victorias que se não pozessem termo á lucta; pelo menos não o retardariam muito.

As decepções foram, pois, indiziveis, quando chegou á còrte do imperio, e ao resto do paiz, a fatal e lutuosa noticia do revez.

Ninguém se enganava sobre a verdadeira causa.

No Rio da Prata as fileiras dos entusiastas do general em chefe soffreram algumas deserções

Cidadãos argentinos afinal convenceram-se que na verdade o director da guerra ia mal ; que lhe faltavam qualidades para aquelle alto cargo, e que realmente ninguem se faz apto para os grandes commandos nas luctas intestinas, atropellando partidas revolucionarias nas coxilhas, ou, então, como caudilho de revoluções, esmagando sob as patas dos ginetes os representantes e defensores da lei.

Os homens do governo do nosso paiz trataram de estudar a situação melindrosa, creada pelo revez e pelas desintelligencias dos generaes.

Apêal-os do commando era uma medida injusta, porque o mal relacionava-se com o *Tratado da Triplix-Alliança*, sobretudo com o ante-patriotico art. 3.º.

A situação era deploravel.

Entretanto, a politica, a diplomacia, que têm tantos recursos não envidava um meio que alliviasse o exercito do director da guerra, unica causa de tantos males e de tantos sacrificios.

Triste sciencia essa a que chamavam *politica*, em cujos preceitos ou arcanos os governos encontravam motivos poderosos que os tornavam insensíveis ante a imagem da patria que protestava ao vêr os seus filhos, sacrificados no campo de batalha, á inhabilidade de um general estrangeiro ; ante a imagem da patria, em que estavam consubstanciados os espectros ensanguentados de milhares de nossos bravos.

Ao nosso governo pareceu inconveniente ficar o commando em chefe da força naval separado do commando do exercito ; por consequencia, elle pensou em reunir, ao commando do general brasileiro, o das forças navaes.

D'essa opinião eram tambem muitos brasileiros e argentinos illustres, alheios aos pequenos ciumes internacionaes, e diziam na capital argentina que, reunidos esses commandos, era impossivel que o general Mitre espontaneamente não se retirasse da frente do exercito alliado, porque permanecer n'esse posto quando o general brasileiro se achava á frente de um poder militar tão grande, era não só absurdo como desairoso para sua pessoa.

Certamente o governo brasileiro pensava d'esse modo e, n'esso ponto lhe fazemos justiça, qualquer governo tambem o pensaria.

Assim, faltando energia ao gabinete de 3 de Agosto para afastar o general em chefe do commando, modificando ou alterando o art. 3.º, causa primordial de nossos desastres militares, prolongação da guerra e sacrificios financeiros, parece que aquelle gabinete contava com a espontaneidade do director da guerra.

Emquanto o governo trata de sahir da situação embaraçosa em que se acha e que creára pelo seu pouco tino politico, julgando ser questão de somenos importancia a que se prendia á dignidade nacional, como a do commando em chefe, vejamos o que se passa em Curuzú e Tuyuty.

Logo depois do revez o general Porto Alegre mandou construir baterias para bater as de Curupaity, que bombardeavam o nosso campo, indo os seus projectis até a nossa extrema rectaguarda.

Em principios de Outubro começára uma especie de guerra de assedio, do parte á parte, em que antes de se escalar as muralhas, é, em geral, o canhão a arma predominante, a soberana que está em continua acção.

Em Curuzú e Tuyuty trovejava, pois, a artilharia.

Ora, a iniciativa era nossa ; ora, do inimigo.

Do lado de Curuzú a esquadra tambem nos auxiliava lançando os seus enormes projectis sobre as posições inimigas.

Muitas vezes ella, durante o dia, indifferente á canhonada paraguaya, despertava alta noite da lethargia, fazendo tremer os ares com o estampido de seus formidaveis canhões.

Era uma scena que tinha as suas horriveis bellezas.

A guerra é assim. Ha alguma cousa mesmo de grande e magestoso n'essa sciencia selvagem e sangrenta que só a gloria pôde fazel-a admiravel.

As baterias paraguayas, tambem ás vezes, durante o dia pareciam dormir; despertavam, porem, á noite e como não podiam hostilizar os nossos vasos, pela sinuosidade do rio, despejavam as suas iras, as suas granadas sobre a nossa posição do Curuzú.

No dia 3 d'aquelle mez aportou a este ponto, em uma canhoneira de sua nacionalidade o ministro norte-americano Wasburn, aquelle mesino que com a sua conducta energica conseguira meio de transporte para o nosso representante retirar-se de Assunipção quando o marechal Lopez aprisionou o *Marquez de Olinda*.

Esse ministro, por meio de parlamentar, avisou ao marechal que alli se achava e elle permittiu que o navio subisse até Curupaity.

Suspenderam-se as hostilidades no dia 5 ás 4 horas da tarde para que o representante da grande republica chegasse a seu destino sem perigo.

A tregoa durou até as 8 horas da noite.

A' essa hora os canhões da esquadra avisaram a amigos e inimigos que podiam continuar a sua obra de reciproca destruição.

O ministro tinha ido ao Rio da Prata e voltava agora. Era então a republica da America do Norte a unica nação que tinha no Paraguay um representante de character tão elevado.

O marechal Lopez affectava dispensar-lhe grande amizade; mal pensava o ministro, porem, que o seu amigo interiormente não estava muito satisfeito com sua pessoa, embora não dêsse demonstrações.

Wasburn trouxe-lhe muitas encommendas e presentes.

A bagagem era enorme, a ponto de causar sérias desconfianças, já pelo peso, já pela quantidade.

Houve quem acreditasse que alli ia consideravel porção de armamento e munição.

Que iam excellentes vinhos Champagne, Rheno, Bordeaux, Bourgogne, magnificas conservas e presuntos, enfim, tudo quanto necessita um nababo para a mesa, nós o garantimos.

O marechal Lopez não podia permanecer muito tempo na defensiva. Essa posição não ia com o seu character, nem com o seu temperamento. A sua imaginação era phantastica, como temos visto.

Pensou de atacar d'improviso o 2.º corpo d'exercito em suas trincheiras de Curuzú, de modo que os canhões da esquadra não nos fossem de grande auxilio.

Para isso, a 13 de Outubro, começaram os paraguayos a melhorar a construcção de uma trincheira que, antes de 22 de Setembro, tinhamos levantado e depois abandonado.

Se deixassemos elles concluir o trabalho, essa trincheira deveria ligar-se por *caminhos cobertos* ás fortificações de Curupaity.

Essa trincheira avançada approximaria muito as fortificações inimigas do nosso campo, facilitando prompto abrigo á força que investisse Curuzú, no caso de um revez.

Porto Alegre, porem, mandou desalojar o inimigo á bayoneta e arrasar a trincheira e, isso se fez, custando-nos 5 mortos e 40 feridos.

Assaltar Curuzú que tinha o seu flanco esquerdo defendido pela esquadra, era empreza temeraria, audaciosa ; mas, o marechal Lopez procurara combater os inconvenientes com aquella fortificação, lembrando-se certamente que era methodo de guerra dos alliados deixal-o tranquillamente construir suas obras de defeza, artilhal-as perfeitamente, para depois então investil-as.

Os combates de 16 e 18 de Julho, e o assalto de Curupaity eram a expressão d'essa verdade.

Porto Alegre, porem, não seguia essa nova doutrina que n'aquelle tempo causava e causará no futuro o maior assombro, porque é o cumulo dos cumulos em materia militar.

Proseguiam sempre os bombardeamentos em Curuzú e Tuyuty, de parte á parte, no mez de Outubro e, isso, de alguma sorte nos tirava do tedio que acompanha ordinariamente a inacção dos acampamentos.

Emquanto estes acontecimentos se passavam, o governo mandava levas de soldados para o theatro da guerra, afim de preencher os claros abertos nas nossas fileiras.

Apesar das bonitas palavras do Dr. Marcos Paz, vice-presidente da republica, em sua proclamação ao povo argentino, prometendo que os recursos e vigor dos alliados reparariam o desastre de Curupaity, continuavam os grandes sacrificios de homens e de dinheiro a sèrem feitos pelo nosso paiz.

Uma noticia, no meio de tantos dissabores e descrenças que opprimiam o exercito brasileiro, veio encher-o de jubilo, de fundadas esperanças, erguendo o moral de nossas armas.

Nas altas espheras governamentaes tinha, emfim, sido ouvida a voz do patriotismo.

Dirigia o paiz a situação liberal, já havia alguns annos, e então achava-se á frente do gabinete de 3 de Agosto o habil estadista Zacarias de Góes e Vasconcellos.

As desintelligencias dos generaes, mais que o proprio revez, obrigaram, pelo reccio de males ainda maiores, o governo a pôr de lado, apparentemente, pequenas paixões partidarias, e a appellar para o patriotismo do general mais illustre, a gloria mais pura do exercito brasileiro.

Nunca a esse grande cidadão se falou inutilmente em nome da patria.

Elle accudiu pressuroso para tomar a direcção do exercito.

O ministro da guerra, Angelo Muniz da Silva Ferraz, barão de Uruguayana, julgando-se incompativel com a nomeação do marechal Caxias para esse commando, deu a sua demissão, sendo substituido pelo conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá.

O ministerio de 3 de Agosto estava resolvido a abandonar o poder, caso o immortal Caxias o julgasse um embaraço para a acceitação do commando, pois, tendo sempre o marechal militado como cidadão no partido conservador e sendo a situação liberal, poderia essa circumstancia servir de obstaculo.

Conheciam bem pouco os politicos d'aquelle tempo a elevação de sentimentos d'aquelle grande patriota.

Não é de extranhar que o gabinete de 3 de Agosto, tendo á frente um homem habil, mas cheio de vaidade, uma vaidade desmedida, e companheiros da tempera de Affonso Celso de Assis Figueireda, visconde de Ouro Preto, que reunia ao robusto talento tambem o mais requintado orgulho ; estivesse prompto a abandonar o poder, porque o marechal Caxias estava em condições muito especiaes, a situação do exercito era muito melindrosa e não menos a do paiz com os acontecimentos do Rio da Prata.

Comprehende-se que um militar, por mais alta que seja a sua patente, quando em serviço activo, recebida uma ordem do governo, tem de cumpril-a e o deve fazer com a maior dedicação e á custa dos mais ingentes sacrificios, se estes forem necessarios ; mas, o marechal Caxias era senador pelo Rio Grande do Sul e como tal tinha immunidades e só com licença do senado podia acceitar commissões de tal ordem ; alem d'isso, eram tão gloriosas as acções do seu passado que nenhum governo, quando mesmo lhe faltassem aquellas immunidades, o nomearia para qualquer serviço, sem provisamente consultal-o como uma deferencia.

O marechal, apesar de seus longos e brilhantes serviços ; apesar de achacado de enfermidades chronicas que o podiam dispensar de marchar ; apesar de ter todo o direito de repousar tranquillo nos louros que havia adquirido já em 6 campanhas ; declarou que estava prompto e apenas queria toda confiança do governo de seu paiz.

O Brasil em peso, e o Rio da Prata, aprovaram e louvaram o procedimento do ministerio de 3 de Agosto que rompia com as suppostas conveniencias partidarias que até então se haviam opposto á nomeação do immortal soldado.

E' que roncava o trovão ; a tempestade estava imminente.

O que fazer, senão invocar o orago, o patrono, o protector contra as tormentas ? !

Já dissemos em outra parte que o general Beaurepaire Rohan, ministro da guerra do gabinete Furtado (1864—65) fôra de opinião que se fizesse a nomeação do marechal marquez de Caxias para o

commando em chefe das forças brasileiras em operações, logo ao declarar-se a guerra. Convidou o marechal e disse-lhe que seguiria para o Rio Grande do Sul também no character de presidente, porque, tendo de mobilisar-se a guarda nacional, convinha que em suas mãos estivessem enfechados todos os poderes que tinham os presidentes para evitar que a politica creasse embaraços á marcha das operações.

O gabinete Furtado, genuino liberal, que acreditava ser a guerra do Paraguay uma campanha de *rosas*, de *flores*, que qualquer general, principalmente, então, alliado o Brasil ás duas republicas, como esperava, logo á ella poria termo honroso ; não concordou que se desse a presidencia, com receio que o immortal Caxias fosse *fazer politica !!!*...

O general Beaurepaire Rohan, homem patriota, instruido, e sabendo perfeitamente das difficuldades que o seu paiz ia encontrar na proxima campanha, declarou em pleno conselho de ministros que, não se querendo dar todos os meios ao marechal Caxias para poder arcar com os embaraços da situação, elle dava a sua demissão, e, com effeito, deixou a pasta da guerra.

Entretanto, se as forças brasileiras desde o começo das operações tivessem sido dirigidas pelo marechal Caxias, quantos sacrificios se teriam poupado ?

Não quiz a politica.

Emfim, os nossos homens estavam tão enganados a respeito dos recursos do marechal Lopez, que o governo pouco depois da capitulação de Uruguayana, mandou sustar a organização dos batalhões patrióticos de Voluntarios da Patria em todas as provincias.

Depois... que decepções !

A 10 de Outubro foi o marechal nomeado commandante em chefe de todas as forças brasileiras em operações no Paraguay, ficando por consequencia, também a esquadra sob suas immediatas ordens.

Os males, com essa nomeação, ficavam em parte sanados ; só em parte, repetiremos, porque com espanto o general em chefe D. Bartholomeu Mitre continuava á frente dos exercitos alliados !

Se, por consequencia, o governo imperial acreditou que afinal o general Mitre, por um escrupulo agora de consciencia, espontaneamente resignasse o commando, foi cruamente enganado em suas esperanças.

No dia 18 de Novembro, o bravo marechal assumia no campo de Tuyuty o commando em chefe das forças brasileiras.

O jubilo foi immenso.

Officiaes e soldados veteranos do exercito derramaram lagrimas de alegria ao vêr o velho marechal á sua frente, o mesmo que outr'ora os levara aos triumphos pela senda da gloria.

Logo no dia seguinte o immortal brasileiro publicou a sua ordem do dia, sob n. 4, annunciando que se achava mais uma vez collocado á testa das forças brasileiras.

Eil-a :

- « Por decreto de 10 de Outubro proximo passado, houve por bem Sua Magesta-
- « de o Imperador nomear-me commandante em chefe de todas as forças brasileiras em
- « operações contra o governo do Paraguay, na guerra a que nos provocou o chefe d'es-
- « sa republica.
- « Assumindo o commando, acho-me mais uma vez no meio de vós para vos coad-
- « juvar e dirigir.
- « Se já não vos conhecesse, eu vos recommendaria valor ; mas, nos innumeros
- « combates até hoje havidos tendes dado sobejas provas d'essa virtude militar.
- « Tambem não vos venho preceituar subordinação, pois, sempre testemunhei a
- « conducta do militar brasileiro nas mais arduas campanhas.
- « Conto, porém, com a vossa constancia e dedicação ao paiz para levarmos ao
- « cabo a gloriosa empreza em que estamos empenhados.
- « Mais um esforço, e os nossos trabalhos serão coroados pela victoria !
- « Eu creio e espero, porque a causa que defendemos é justa e o Deus dos exerci-
- « tos nos ha de proteger.
- « Novos reforços chegam á estes campos ; de todas as provincias do imperio mar-
- « cham denodados brasileiros a duplicar vossas fileiras ; e a mão beneficiente de nosso
- « monarcha não deixará sem recompensa os sacrificios que fazeis pela honra de nossa
- « patria.
- « Eia, pois, camaradas e amigos, prosigamos no caminho da gloria que haveis
- « trilhado, repetindo commigo:
- « Viva o imperador e a sua augusta familia !
- « Viva a nação brasileira !
- « Vivam os nossos alliados !

Marquez de Caxias.

Dividiremos esta cruenta e gloriosa campanha em trez phases.
A primeira, d'esde o seu inicio até a chegada do grande brasi-

leiro aos campos de Tuyuty.

Está, pois, finda a primeira phase.

CAPITULO VIII

SUMARIO.—Especie de rétrospecto : os Voluntarios da Patria e os Voluntarios da Revolução Franceza de 1793. — Os heroes de Montenotte, Lodi, Arcole, La Favorita etc. — Championnet e Massena. — Lannes, Murat e outros. — Visconde de Ouro Preto e Canabarro. — O illustre conego Gay. — Canabarro, Porto Carrero e Antonio João. — O governo e Matto-Grosso. — General Resquin agradecido. — Convenio de Montevidéo, de Uruguayana, e o immortal Rio Branco. — Bonaparte, Nelson, e a *Guerra das Chatas*. — Passagem do Paraná. — Mitre de alguma sorte justificado. — Os generaes das guerras civis. — O visconde de Ouro Preto e a inacção do exercito. — Considerações. — Silvano Godoy. — A nova phase.

Lançando-se um olhar para o passado, isto, é, para os acontecimentos que procurámos relatar fazendo uma synthese do que existe esparso em documentos officiaes, livros, memorias e jornaes, dignos de fé, pois, a historia contemporanea não tem outras fontes para consulta ; vê-se que realmente só um paiz cheio de virilidade poderia fazer frente aos enormes sacrificios que a campanha exigia. E, entretanto, apenas se tinha começado !

O exercito, muito pequeno, teve de ser elevado de um momento para outro a proporções como até então em epocha alguma havia attingido.

Quando dizemos exercito, n'elle comprehendemos os batalhões de Voluntarios da Patria e a intrepida cavallaria da guarda nacional rio-grandense, esses dous poderosos auxiliares, com que vencemos o poder militar mais forte da America do Sul.

Quando a Europa colligou-se no fim do seculo passado para abater a republica franceza e os voluntarios, ao som do canto de guerra de Rouget de L'Isle, avançavam para as fronteiras, em meio caminho o enthusiasmo arrefecia ; dous terços d'aquellas levas, desanimavam, apesar de não estarem sujeitos á mudança de clima,

pois, elle era mais ou menos uniforme na região por onde transitavam.

Poucas levas chegavam a enfrentar com o inimigo.

O general Kellermann e outros pediam ao governo que não lhes mandassem essas massas sem vigor nem cohesão que só iam servir de embaraço aos movimentos dos exercitos porque era necessario trazer á rectaguarda enormes combois com enfermos que constituíam, pelo numero, outros tantos exercitos de invalidos.

Entretanto, fala-se muito d'esse tempo, d'esse delirio revolucionario ; mas, a verdade é que o *Chant de Guerre de Rouget de L'Isle*, reunia mais povo nas praças populosas das grandes cidades da França para insultarem as victimas que marchavam para a guillotina, do que nas margens do Rheno para enfrentar com o heroe da guerra dos sete annos, o general duque de Brunswick.

Os nossos batalhões de voluntarios, apesar de serem constituídos de pessoal das provincias do norte e marcharem para o sul, onde o clima é enormemente differente, e, serem, por isso dezimados, conservaram o amor da patria sempre intenso, e diante do inimigo honraram o nome brasileiro.

Por esse tempo havia no Rio de Janeiro uma revista caricata, redigida em francez, e n'ella mais de uma vez os factos militares da campanha não foram apreciados com justiça.

O nosso exercito, os nossos generaes, a nossa esquadra, menoscabados por esse truão da imprensa, souberam nivelar-se aos exercitos, aos generaes e ás melhores armadas europeas e generoso, como é, o character brasileiro, esqueceu-se, pouco depois, de tudo isso para partilhar as dôres da nação franceza quando os soldados do rei Guilherme, de victoria em victoria, corôaram-no imperador da Allemanha no palacio de Versailles.

Os soldados de Bonaparte, os heroes da primeira campanha da Italia, os vencedores de Montenotte, Lodi, Arcoli, La Favorita e tantos outros combates e batalhas, mais tarde macularam a gloria que haviam adquirido, insubordinando-se, revoltando-se, abandonando em massa os postos avançados e declarando terminantemente que não voltariam a elles sem que se lhes pagassem o soldo e se lhes desse pão !

Era tal o estado, em 1799, do exercito que acompanhou Bonaparte nas suas primeiras façanhas da Italia que o general Championnet, não podendo remedial-o, principalmente na disciplina, apoderou-se de uma sombria melancholia que o teria victimado se uma febre maligna não apressasse o termo de sua existencia.

Batalhões, brigadas inteiras desertavam em massa, com armas e bagagens das fronteiras para o interior da França, espalhando o terror pelas cidades, villas e campos a pretexto de que não se lhes pagava e estavam famintos !

Massena, que por ordem de Bonaparte, então 4.º Consul, fôra substituir Championnet no commando em chefe do famoso exercito de Italia, teve de usar de extremo rigor para punir e conter essas hordas do turbulentos que outr'ora, submettidas ás leis da disciplina, haviam dado á França dias de brilhante gloria.

« Porque abandonastes o vosso posto ? » Perguntou Massena á uma porção de officiaes inferiores.

« General, nós morriamos de fome. » Responderam elles.

« Que morressem. Os soldados que abandonam o seu posto em frente ao inimigo são uns cobardes ! »

Retorquiu Massena.

Estes soldados, não obstante, não soffreram mais do que a maioria dos nossos e nenhum acto de insubordinação, de indisciplina de character grave, se deu em toda campanha que se possa comparar, mesmo de longe, com os que acabámos de relatar.

O exercito brasileiro não podia pôr termo á lucta dentro de praso relativamente curto, porque os seus generaes não operavam independentes do chefe argentino.

Isso muitos dos nossos detractores não queriam attender por uma requintada má fé.

Resignação para supportar as agruras de uma campanha, por mais penosa que seja, tem-na de sobejo o soldado brasileiro.

A retirada da Laguna o attesta.

Fome, frio, peste, toda sorte de flagellos que acompanha uma longa campanha, elle a enfrenta sobranceiro e, quanto ao valor, no campo de batalha, nenhum soldado o tem superior.

Na travessia do deserto, na campanha do Egypto, generaes como Lannes, Murat e outros deram os mais desastrados exemplos de indisciplina, atirando ao chão, á vista dos soldados, os seus chapéos bordados a ouro, porque sentiam fome e sêde !

Se quizessemos, emfim, fazer parallelos, estabelecer comparações, o soldado brasileiro, disciplinado, pôde olhar com altivez para os seus camaradas de qualquer nacionalidade.

O rio-grandense tem a intuição da disciplina ; facilmente se faz excellent soldado.

Se na invasão do Rio Grande a força inimiga não foi esmagada, deve-se á tibieza do general Canavarro. (1)

Não tinhamos alli soldados veteranos, pois, como vimos, a maioria da força era composta da brava cavallaria da guarda nacional rio-grandense ; mas, a topographia do terreno nos favorecia e, assim, outro general, de capacidade militar, teria tirado d'aquella circumstancia vantagens extraordinarias.

Dissemos quando relatámos a Invasão do Rio Grande que a conducta d'aquelle general tinha merecido applausos de algumas pes-

(1) O general assignava-se Canavarro ; geralmente, porem, chamavam-no Canavarro.

sóas n'aquelle tempo, e que ainda hoje havia quem o defendesse das accusações que se lhe fizeram.

Entre os defensores, salienta-se o sr. Ouro Preto, no livro a que nos temos referido e do qual vamos transcrever algumas linhas, paginas 204 e 205, em que fica patente não estar o illustre advogado ao corrente dos acontecimentos, porque não podemos admitir que escrevesse o que vamos lêr, conscienciosamente convencido da conducta criminosa do commandante da 1.^a divisão David Canavarro :

- « As forças de terra de que dispunha a provincia do Rio Grande, exceptuados
- « um batalhão de linha, e o de voluntarios, que se bateram em São Borja, eram guardas
- « nacionaes, na quasi totalidade de cavallaria, mal armados, que a mesma presidencia
- « mandára apressadamente convocar, ao saber da presença do exercito paraguay em
- « Itapúa.
- « Fôra o mando d'essa gente entregue ao general David Canavarro, intrepido e
- « habil estrategista das antigas luctas civis e commandante das fronteiras de Uruguay
- « e Quarahym.
- « Canavarro com muita antecedencia reclamára do governo a remessa de infan-
- « taria e armamento, assim como de algumas canhoneiras, que podessem cruzar no rio.
- « Com taes auxilios, assegurava a infallivel derrota dos paraguayos logo que se
- « atrevessem a pisar territorio rio-grandense.
- « Não os obteve porque toda a attenção do governo e todos os recursos disponi-
- « veis, destinavam-se á formação do exercito, que se organisava para marchar sobre
- « Corrientes e por esse lado invadir o paiz inimigo. »

Não se deve enganar a posteridade.

Atravez do tempo só deve passar a verdade, tanto mais que os posteros têm os seus methodos de analyse que á final triumpham das paixões do passado e só apontam á benemerencia os que a merecem.

Nas forças de Canavarro haviam 2 batalhões de linha e não um, o que constituo grande differença quando se considera que a força invasora era diminuta.

O presidente da provincia mostrou-se, como dissemos quando se tratou da invasão do Rio Grande, activo e patriota, dando muito em tempo todas as providencias que as circumstancias exigiam.

David Canavarro é qualificado pelo illustre visconde de *intrepido e habil estrategista* das antigas luctas civis do Rio Grande ; mas, não sabemos em que época d'aquella lastimavel revolução mostrou estrategia o commandante da fronteira de Missões.

E' preciso que não se confunda «estrategia» com surpresas ás estancias para *arrebunhar* gado e cavallada ; *dogollar* os capatazes ; incendiar a propriedade do adversario, e não dar quartel aos vencidos.

Andou mal o illustre visconde alludindo á essa época da vida revolucionaria do Rio Grande !

Intrepidez, sim ; elle deu sobejas provas empunhando uma lança e com ella arremessando-se aos seus contrerreneos.

Antes não o fisesse ; antes armazenasse em seu peito physicamente enorme, toda a intrepidez d'aquelle tempo para salvar São

Borja, Itaqui e Uruguayana dos insultos das hordas de Estigarribia e dos instinctos bestiaes do padre Duarte.

Com effeito, em 1.º de Janeiro de 1865, Canavarro reclamára não canhoneiras, mas, seis lanchões armados de rodizios, guarnecidos com 20 homens cada um; mas, para a defesa da provincia não era isso indispensavel porque a 13 de Maio do mesmo anno, pouco antes da invasão, sem que se lhe tivessem sido fornecidos os lanchões, elle escrevia ao presidente da provincia:

« Hontem, recebi do coronel Fernandes as communicações inclusas por copia que dão conhecimento á V. Ex. da marcha dos Paraguayos de S. Carlos. Pelos calculos vamos ter sobre a fronteira 14.000 homens. Respondo ao coronel Fernandes que tome as cautelas precisas, sempre no sentido de obstar a passagem, e mesmo de passar alem conforme as circumstancias.

« Noticias exactas são que será preciso ir achar o inimigo além do Paraná, porque a marcha das forças brasileiras que vão em progressivo crescimento, não terá obstaculos que não vença até Assumpção.

« *Esta divisão está com mais de 8.000 homens e bem armados; são bastante para repellir a 16.000 paraguayos de nossa fronteira.* »

Este ultimo periodo, que já o leitor conhece, tranquillizou completamente o presidente e todo o Rio Grande.

O Brasil em peso viu bem que a divisão não repilliu menos da metade d'aquelle numero.

David Canavarro illudiu ao presidente e a todo Brasil.

Quem sabe se elle acreditava que só o seu nome seria capaz de deter o inimigo na margem direita do Uruguay ou de obrigar-o a transpôr a divisa rio-grandense depois de atravessal-a?

Se o pensava, enganou-se.

Os paraguayos não o conheciam, porque as suas façanhas de intrepido e *habil estrategista* não passaram do estreito circulo em que foram postas em evidencia.

O que queria David Canavarro para bater o inimigo?

Nada absolutamente, porque elle mesmo diz que a sua divisão está em condições de bater 16.000 homens paraguayos, e sendo a columna que se apresentou em São Borja de pouco mais de metade d'aquelle numero é claro que elle tinha recursos de sobra.

Continúa o sr. visconde (ainda pag. 204):

« Na impossibilidade, por tal motivo, de enfrentar com vantagem as numerosas, disciplinadas e bem providas tropas de Estigarribia, Canavarro concebeu o plano de deixal-o entranhar-se pela provincia, de modo que afastando-se de sua base de operações, escasseando-lhes, os recursos, e recebidos por elle, general, os socorros que afinal resolveu pedir ao commando do exercito na Concordia, podessem os paraguayos ser facilmente batidos no momento azado. Plano que realizou com a maior prudencia e perseverança, a despeito das ordens do commandante das armas da provincia, tenente-general Caldwell, que mais de uma vez mandou atacar o inimigo, recusando, porem, determinal-o por escripto, como, para resalva da propria responsabilidade, reclamava, o avisado veterano. »

E' incrível que estas linhas sejam da penna do visconde de Ouro Preto ; de um cidadão que foi ministro d'Estado, até ministro de uma pasta militar ? !

Certamente o illustre visconde se tivesse hoje responsabilidades nos negocios publicos não traçaria estas linhas que são um revoltante attentado á disciplina ; um acorçoamento á mais criminosa insubordinação, porque trata-se de um militar que recebeu ordem de atacar, de seu superior, publicamente, e não a cumpriu porque essa ordem não lhe fôra dada por escripto !

Em que exercito precisa um general em frente do inimigo, dar ordem por escripto a um subordinado, para atacar, maxime, quando dá ordem verbal e publicamente, diante de seu estado-maior, e de commandantes que a testemunham ?

Aonde se viu semelhante proceder ? !

Se o general Canavarro operasse longe do general commandante em chefe, e julgasse que o ataque poderia ter funestos resultados ; comprehende-se, que para salvar a sua responsabilidade, soliditasse ordem por escripto ; mas, operando debaixo das vistas d'aquelle, sob suas ordens immediatas, o pedido era um attestado de temor e se o general o satisfizesse se injuriaria a si mesmo.

« *Numerosas tropas de Estigarribia !* »

Ninguém viu estas numerosas tropas ; eram apenas 9.000 homens e estes mesmos foram muito reduzidos desde que enfrentaram com os poucos rio-grandenses que tiveram a fortuna de estar longe das vistas do *habil estrategista*, no passo de São Borja, na villa, e em Botuhy. A nossa divisão era mais numerosa.

Prosegue o autor da *Marinha D'Out' Ora* :

- A marcha de Estigarribia poderia seguramente ter sido disputada e talvez repellida, senão em São Borja, por não ser conhecido o ponto por onde elle tentaria entrar na provincia, em Ibicuhy, Toropasso e ainda em Imbahá, como queria Caldwell.
- Mas, dado que com os fracos elementos de que então dispunhamos na provincia alcançassemos victoria, a perda dos inimigos não seria completa e total, como foi pouco mais de 3 mezes depois, em Uruguayana. Aquelles que se salvassem iriam engrossar o grande exercito com que no Paraguay haveriam de bater-se os alliados. »

Não se pôde defender uma má causa, já o dissemos, por mais brilhante talento que se possuia.

A verdade, ou antes a condemnação, salta da penna sem que o defensor a perceba.

Não podia deixar de ser de outro modo porque a consciencia brada alto ; porque a consciencia, como uma mão de ferro, subjuga o punho do escriptor, e obriga-o a deixar para a historia uma vereda que a conduza á verdade.

O illustre visconde confessa que « seguramente a marcha do inimigo podia ter sido disputada e talvez repellida. »

A todo militar que pôde, já não digamos repellir, mas disputar a marcha do inimigo em uma invasão no territorio patrio e não o faz ; o illustre visconde dará o qualificativo que os seus brios de brasileiro-

ro e o amor á honra da bandeira nacional, sem duvida, hão de ditá-lo.

Quando o territorio patrio fôr uma fronteira cheia de riquezas; de trez villas florescentes ; quando as populações, as familias, com os seus interesses, confiarem nas seguranças dadas por um chefe militar de que o inimigo será repellido, e, afinal, esse chefe falta a tudo e, nem sequer tem, sob as armas, o pessoal que consta dos documentos officiaes ; mas, que é pago entretanto, pelo pobre povo, isto é, pelo operario, pelo artista, pelo lavrador, pelo commerciante, pelo industrial e pelo criador ; o illustre autor da *Marinha D'Ouro* dará o qualificativo que os seus brios de brasileiro e amor á honra da bandeira nacional, sem duvida, hão de ditá-lo.

Não tínhamos fracos elementos, já o temos dito, para repellir, bater a horda de barbaros, commandada por Estigarribia.

Tínhamos e de sobejo.

Temos para oppôr á opinião do illustre visconde, não diremos a nossa, mas a do honrado general Caldwell, a do barão de Jacuhy, a dos bravos coroneis João Manoel Menna Barreto, Valença, Fernandes ; a das commissões de engenheiros, encarregadas de estudar toda a região devastada pelos barbaros, e de informar se era possivel bater o inimigo com os recursos de que dispunhamos ; a do proprio governo, especialmente a do ministro Ferraz, collega do illustre visconde ; a do presidente, enfim, até a do respeitavel vigario Gay, parochio de São Borja, testemunha ocular do descalabro das reputações militares mal adquiridas.

Esse illustre sacerdote escreveu uma interessante memoria, a respeito da invasão, que os estudiosos devem consultar por ser a fonte mais pura para se beber conhecimentos exactos dos factos que se deram durante os cem dias, esses vergonhosos cem dias, em que com as armas na mão estiveram na terra rio-grandense as hostes barbaras de Estigarribia, digno lugar-tenente do marechal Lopez.

Todos, todos, são concordes ; todos opinam que o inimigo podia ser batido, repellido.

Não batel-o ; não repellil-o, porque troços poderiam voltar no Paraguay e reforçar as fileiras do grande exercito que enfrentava com os alliados ; é uma razão que não tem seriedade ; uma razão que, se não procurasse encobrir a incapacidade, o receio, a falta, enfim, de sentimentos verdadeiramente brasileiros, seria irrisoria.

Se tal doutrina prevalecesse, os exercitos encarregados de guardar as fronteiras das nações deviam bater retirada, sem queimar um cartucho, diante do inimigo, embora este viesse levando tudo a ferro e fogo ; deviam desbravar as estradas de todos os obstaculos, se os houvesse, para que a marcha inimiga fosse a mais favoravel possivel ; ainda mais, deviam abrir até as praças fortes para o inimigo ahi encerrar-se, se o quizesse, pois, não convinha batel-o ou repellil-o

da fronteira, porque os seus destroços podiam ir augmentar outra força ou exercito.

No nosso caso o grosso do exercito paraguay o estava á mais de 100 legoas de distancia !

Isso pôde ser tudo ; menos habil estrategia, e, por isso, está em opposição ao que em circumstancias identicas se tem visto.

Ora, não era de suppôr, que repellida a invasão, os vencedores não perseguissem, mesmo no territorio correntino, os fugitivos e, assim, era bem problematica a questão de poderem estes reunir-se ao exercito que enfrentava com os alliados.

Não está bôa a defeza do sr. Ouro Preto, e assim deve ser mesmo porque a causa é má.

Estas duas defezas, (a do Tratado da Triplíce-Alliança, e a de Canavarro) não absolvem os réos no supremo tribunal da historia.

Appellar para recursos taes em defeza do chefe militar que illudiu ao governo, aos seus conterraneos e á nação, não fica bem a quem quer que seja, principalmente a um homem como o sr. Ouro Preto.

Quando o imperio de Napoleão 3.º, arrastado pelos energumenos das ruas (que bradavam á Berlim ! á Berlim !) declarava guerra á Prussia, o ministro da guerra, marechal Le Bœuf, interpellado no parlamento a respeito das condições em que se achava o exercito francez, respondeu que estava prompto, *não faltava sequer um botão na farda de um só soldado.*

Todo mundo sabe o que succedeu.

Nas batalhas ao arredor de Metz o marechal Le Bœuf, julgando-se responsavel pelos desastres da França, atirava-se furiosamente ao fogo prussiano, procurando uma gloriosa morte para não sobreviver ás catastrophes de sua patria... e elle era o menos culpado !

Canavarro, intrepido, valente, audaz nas luctas intestinas, agora, em frente a um punhado de inimigos estrangeiros ; elle, o maior responsavel pela invasão, está pusillanime e nem uma só vez procura morte gloriosa n'aquellas coxilhas que outr'ora tingira de sangue de seus conterraneos !

A morte não quiz o marechal Le Bœuf ; elle sobreviveu aos infortunios e revezes da patria.

Quem sabe se a morte teria a mesma conducta com o guerreiro de 1835 ?

Elle não tentou ; não experimentou.

Compare-se, entretanto, esse procedimento inqualifical do brigadeiro honorario David Canavarro ou Canabarro, com o do coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, o heroe do forte Coimbra !

Nos fastos militares mais gloriosos, diz o sr. Ouro Preto, á pag. 29 de seu livro, referindo-se á defeza d'aquelle forte, não ha exemplo de bravura superior a desse punhado de valentes, repellindo

mais de uma vez os assaltos do inimigo, que inesperadamente os aco- metteu com 13 navios, 50 canhões e mais de 4.000 homens, desti- nados a se apoderarem d'aquelle e outros pontos fluviaes da pro- vincia.

Ha de nos perdoar o illustre visconde dizermol-o que não se pôde simultaneamente louvar Porto Carrero e David Canavarro.

São dous personagens que se repellem.

Um é a expressão do mais elevado patriotismo ; é o soldado heroico que á frente de cento e poucos homens, não conta os inimi- gos ; não abandona o posto antes de queimar o ultimo cartucho ; o outro... o outro... não é brasileiro... não é nada !

Para o sr. visconde louvar o primeiro (Porto Carrero) era ne- cessario que elle se retirasse diante do inimigo sem resistir, alle- gando que o queria *encurrular* em alguma povoação da fronteira de Matto-Grosso por falta de infantaria ou de qualquer outra cousa.

Como é liliputiano o commandante da fronteira de Missões, comparado ao coronel Porto Carrero e ao heroico tenente Antonio João !

No meio de tantas decepções, de tantos dissabores que amargu- raram a patria n'aquelles dias dificeis, eram necessarios estes con- trastes para refrigerio das dores nacionaes.

Quando tratámos da invasão de Matto-Grosso, dissemos que o go- verno pouco ou nada fizera por aquelle infeliz povo, e só um anno depois da invasão a pequena columna expedicionaria chegou ao Coxim, essa mesma columna que deixámos descançando, sob as or- dens de Camisão na povoação e forte da Bella-Vista, em pleno terri- torio inimigo.

Para dar uma idéa do criminoso abandono, em que esteve aquella provincia, por parte do governo imperial, basta consignar que desde 26 de Agosto de 1864 até 13 de Abril do anno seguinte, apesar das ameaças do marechal Lopez, dos acontecimentos do Rio da Prata, como o combate de Paysandú, a capitulação de Montevi- déo, a presidencia e a provincia estiveram sem correio, sem uma noticia, sem uma só communicação, ignorando, emfim, o que se ha- via passado !

A 17 de Dezembro de 1864, o presidente da provincia officiava ao conselheiro Araujo Brusque, ministro da guerra do gabinete Za- charias, pedindo certas providencias e desde 30 de Agosto já não era mais ministro aquelle conselheiro porque o gabinete tinha deixado o poder, e havia sido substituido pelo de 31 de Agosto, á cuja frente se achava, o conselheiro Furtado !

Os homens tinham, entretidos nas suas chicanas politicas, es- quecido completamente aquella grande porção do territorio na- cional.

Um governo assim merece o anathema da historia !

Para o leitor convencer-se que temos razão em verberar a conducta d'aquelle governo, transcrevemos as palavras de um correspondente do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, escriptas de Cuyabá a 18 de Março de 1865 :

- « Completam-se hoje 2 mezes e 20 dias que o forte de Coimbra foi atacado pelos
- « paraguayos e apesar de facto tão importante e desastroso, aqui permanecemos no
- « estado o mais desesperado possível, sem uma palavra sequer de animação do governo
- « geral. Oitenta dias de soffrimentos fazem a prova mais exuberante da nossa resignação !
- « A pé firme temos resistido ás noticias mais aterradoras ; a pé firme dispuze-
- « mo-nos a morrer em defesa de nossos lares e da patria, já que pelo governo fomos
- « esquecidos !
- « Não seremos nós, matto-grossenses, brasileiros tambem ?..
- « Até hoje nem uma arma, nem um soldado, nem uma ordem. »

Chamamos particularmente a attenção do leitor para o período que se segue :

- « Si se tratasse de eleições teria já voado um *proprio* para cá, como succedeu
- « em certa occasião em que se expediu um com ordens francas para comprar quantos
- « cavallos quizesse, de sorte que em 30 dias tivemos noticias da côrte. » (Schneider,
- « annotações, vol. 1.º pag. 131.)

O barão de Villa Maria, portador, como já dissemos, da fatal noticia da invasão, chegou ao Rio de Janeiro em 22 de Fevereiro (1865), com 17 dias de viagem, dos quaes 29 foram de marcha e 18 de falta ; por consequencia, o governo todos os mezes, podia perfeitamente não só dar noticias dos acontecimentos do Prata, expedir suas ordens, como receber noticia da provincia invadida e para tanto, bastava proceder como quando se tratava de eleições.

O immortal duque de Caxias estava convencido que dentro de um praso curto o governo paraguay procuraria um pretexto qualquer para nos declarar a guerra, e, como já tivemos occasião de dizer, começou a preparar a provincia para os futuros acontecimentos.

Um distincto administrador foi collocado á frente da provincia, o senador Ferreira Penna, que não se descuidou de prevenir ao governo, em um longo officio, dos preparativos de guerra da republica visinha.

Desgraçadamente o ministerio de 2 de Março de 1861, presidido pelo immortal Caxias, pouco se demorou no poder e o seu substituto, á cuja frente se achava o marquez de Olinda, liberal, nenhuma importancia ligou á questão de collocar a infeliz provincia em condições de repellar qualquer aggressão e, assim, nenhuma providencia se deu mais, alem das que dára aquelle gabinete, apesar das recommendações e pedidos dos administradores ou presidentes.

Como verá o leitor, pelo *Summario* deste capitulo, tratamos n'elle de uma especie de retrospecto da primeira phase da guerra, completando com mais informações a materia exposta nos capitulos precedentes.

Quando descrevemos os acontecimentos que se deram em frente á villa de Uruguayana, não deveriamos ter omittido que o gene-

ral Resquin, lá uma vez, em seus *Dados Historicos da Guerra do Paraguay*, lembrou-se de fazer justiça á nação brasileira, ao passo que se refere então aos nossos alliados de modo bem differente, dizendo que os governos oriental e argentino, com promessas de liberdade, fizeram os prisioneiros servir nos corpos de cavallaria e infantaria e os que não quizeram sujeitar-se a isso, foram internados e abandonados ás suas proprias forças.

Já tivemos occasião de declarar que os prisioneiros que serviam nos contingentes argentino e oriental não foram obrigados ; fizeram-no muito espontaneamente.

E' verdade que os outros que não se alistaram não receberam um só real de soldo ; não se cumprindo, assim, com o celebre convenio de 18 de Setembro que nos restituiu aquella villa, de modo que necessariamente, baldos de recursos, elles tiveram de procurar serviço no interior dos dous paizes para não morrerem de fome.

Entretanto, Resquin, referindo-se a nós, declara que o governo do Brasil, longe de imitar a conducta de seus alliados, fez transportar os prisioneiros para o Rio de Janeiro ; os sustentou com soldos, reconhecendo-lhes as suas patentes, e, concluida a guerra, foram todos repatriados e entregues ao governo paraguayo.

« Los hijos de la nacion paraguaya, diz Resquin, que les tocó la suerte de caer prisioneros, bajo la bandera del Brasil, nunca olvidarán la generosa y benevola atencion del pueblo brasileño. »

Visto tratarmos de Uruguayana convem não esquecer tambem que o immortal visconde do Rio Branco, apenas foram publicados os factos que se deram em frente a povoação sitiada e se soube do *Convenio de 18 de Setembro*, publicou um folheto (Outubro de 1865) em que analysou este e o de 20 de Fevereiro que nos entregou Montevideo.

Como já dissemos, o visconde do Rio Branco, foi o autor do *Convenio de 20 de Fevereiro* que o ministerio liberal achou deficiente por julgar que não tinham sido exceptuados do mesmo *convenio* a punição de alguns crimes communs, e por isso o exonerou da missão diplomatica que exercia no Rio da Prata.

O grande ministro soube de sua exoneração pouco antes de assentar-se á mesa de um banquete que offerecera ao corpo diplomatico, para celebrar o dia do anniversario natalicio da imperatriz do Brasil (11 de Março) e essa circumstancia singular parecia preparada pelo acaso ou pela sorte, como se estas entidades pretendessem pôr em relevo o modo como o governo imperial *apreciava* os grandes serviços dos brasileiros benemeritos e a sua dedicação á familia reinante.

Tristee deploravel conducta d'aquelle governo exonerando o cidadão que com uma rara providencia, como se fora um vidente, tratou de por termo ao conflicto com o governo de Aguirre, accetando as offertas do seu substituto, e assim annullou os projectos do

marechal Lopez, não lhe dando tempo de vir em soccorro de Montevideo, ao redor do qual tínhamos um punhado de soldados, ao passo que a protecção paraguaya não seria de menos de 20.000 homens.

A exoneração do conselheiro José Maria da Silva Paranhos, depois visconde do Rio Branco, foi um acto inqualificavel que poderia até ter consequências graves para a politica do Brasil, pois, autorizava as potencias neutras e a propria republica Oriental, a concebem desconfianças sobre os verdadeiros intuitos que o levaram á guerra, porque o *Convenio de 20 de Fevereiro* havia attendido a todos os agravos de ordem moral e material que necessitavam reparação, a tudo, enfim, que dignamente podia exigir o nosso paiz.

O folheto a que nos referimos é intitulado — *A Convenção de 20 de Fevereiro explicada á luz dos debates do senado e dos successos da Uruguayana*.

O nosso trabalho não comporta a completa transcrição d'esse monumental documento que alem de ser a defeza da patriótica conducta do autor d'aquelle *convenio*, é uma critica perfeitamente delineada, que encerra verdades, sustentadas com argumentos de uma logica esmagadora.

O grande estadista e diplomata, nas paginas de seu folheto, depois de historiar os acontecimentos, compara os dous convenios, o de Montevideo e de Uruguayana :

- « Em Montevideo não houve insulto do inimigo que ficasse sem plena reparação
- « Os attentados de Munóz, (1) que aliás até hoje nem sequer foram mencionados em
- « algum documento official, acham-se exceptuados da amnistia concedida aos crimes
- « politicos. Toda celeuma que a este respeito por aqui levantaram, e com a qual votaram-me á colera celeste, não teve outro fundamento senão a circumstancia de não
- « serem nomeadamente designados, na convenção de paz, aquelles crimes, reaes ou
- « suppostos.
- « O miseravel desacato feito ás côres da nossa nacionalidade por meio de uma
- « bandeira comprada aos mercadores de Montevideo, — desacato commettido por alguns
- « energumenos dentro da praça sitiada, no maior auge do seu furor, ou nos ultimos ar-
- « rancos de sua colera impotente, — foi punido com a expatriação temporaria dos auto-
- « res, e reparado com uma salva de 21 tiros, dada em honra do pavilhão brasileiro, por
- « ordem solemne do governo da Republica, que já então era representado pelo general
- « Flores.
- « A queima dos tratados foi condemnada por um novo decreto que stigmatizou o
- « primeiro, e riscou-o da collecção das leis da Republica. »

E, assim, mostrando que todos os interesses e agravos foram attendidos e reparados na *Convenção de 20 de Fevereiro*, chega o autor á Uruguayana, lembrando que essa rendição foi proposta ou iniciada pelos generaes Tamandaré e Porto Alegre aos invasores do nosso territorio, com esquecimento das offensas ao pondunor nacional, dos horrores, e dos crimes nefandos da vandalica invasão, con-

(1) Basilio Munoz, ge'ral do partido blanco, que atacou a cidade de Jaguarão, no Rio Grande do Sul, em 27 de Janeiro de 1865, sendo repellido com perdas pelo commandante da fronteira Manoel Pereira Vargas.

cedendo-se aos chefes e officiaes que sahisses com as honras da guerra e tomassem o destino que bem lhes aprouvesse, transportados á custa dos alliados, embora quizessem voltar ao Paraguay.

O visconde do Rio Branco refere-se á primeira proposta feita por aquelles generaes em 2 de Setembro.

Continuando, o immortal autor da lei de 28 de Setembro, diz que não se lembraram então quando fizeram tal proposta da triste sorte dos brasileiros, retidos prisioneiros em Assumpção.

Depois prosegue elle :

- « E, tão generosos para com os auctores de nefandos crimes, mostramo-nos rigo-
- « rosos para com os seus passivos instrumentos, os miseros soldados, descendo a tomar
- « a iniciativa de uma condição que as leis militares qualificam como traição ou cobardia,
- « qual a de salvarem-se os chefes á custa de sua guarnição. »

Continúa com suas elevadas considerações e salientam-se ainda estas :

- « A prolongação do cerco de Montevideo ou fosse devida ao esforço da resis-
- « cia ou aos embaraços diplomaticos, ou mesmo a temporisações da nossa parte, para
- « o que não faltariam motivos poderosos, daria tempo aos esperados soccorros do
- « Paraguay.

- « E, como já notou-se, alli não era o Brazil nem o seu alliado que propunha ao
- « insolente e odioso inimigo que se desse a partido; era a autoridade civil e politica do
- « campo contrario que vinha ter connosco para pedir-nos a paz, não a paz de uma villa
- « ou de uma fronteira, mas a paz entre o Imperio e a Republica Oriental.

- « Em Montevideo, finalmente, punha-se termo a uma campanha para começar
- « outra que era urgente, que tinha de custar-nos muito sangue e dinheiro como os factos
- « o têm mostrado; que tinha de custar-nos sacrificios, seja dito de passagem, muito
- « alem das mais rasoaveis previsões, graças aos descuidos e incapacidade de uns, e ao
- « cynismo e voracidade de outros. »

Não se pode condemnar o convenio de Uruguayana com argumentos mais robustos e logicos.

Com effeito, no convenio não foram excluidos os crimes communs com que Estigarribia, o padre Duarte e outros vandalas da horda paraguayana, ultrajaram o decoro do Rio-Grande e o pudor de algumas familias da fronteira.

As maiores affrontas foram esquecidas.

Havia só um meio digno da guarnição de Uruguayana desfilarem em frente ao imperador, como chefe da nação brasileira, e em frente aos alliados :

Era ella render-se a discreção.

Não ha duvida que foi louvavel sitiar o inimigo para obrigar-o a entregar-se, forçado pela fome, e não atacar a povoação que mais arruinada ficaria, tanto mais que nenhuma força paraguayana vinha em marcha para libertar os sitiados.

Mas, tomámos a iniciativa de ajustes com um inimigo que não respeitava as leis da guerra; iniciámos negociações com chefes incendiarios, réos de crimes communs, saqueadores, assassinos, violadores do pudor do lar rio-grandense; repetiremos, sermos nós os

offendidos, os que fomos propor uma capitulação com as honras da guerra a esse bando de faccinoras, foi realmente uma degradação!

Como *rendição* também exprime resgate, redempção, foi assim a bella e florescente villa, hoje cidade, resgatada, a nós restituída, á custa de todos os nossos brios, á custa de todo pudor nacional, á custa, enfim, do olvido dos maiores ultrajes feitos aos mais delicados sentimentos humanos.

E o ministro da guerra tão solícito em ligar o seu nome á essa pagina triste da invasão !

Mas, devia succeder isso mesmo; o fim não podia nem devia destoar do principio, nem dos factos intermedios.

Depois do *Convenio de 18 de Setembro* que deu em resultado a rendição da villa de Uruguayana, perante a justiça e a boa moral, estavam perdoados os responsaveis pela invasão do Rio Grande.

Todas as faltas de David Canavarro desapareceram; todas as más notas das folhas de sua fé d'officio durante os dias em que a derrota do inimigo só d'elle, d'elle só dependeu; o ministro da guerra, como representante do gabinete que dirigia os destinos do Brazil, rasgou, com a espada do coronel Estigarribia, que o imperador certamente por zombaria offertára-lh'a.

Mas, então, talvez se pergunte : o que se deveria fazer? Obrigar o inimigo a render-se a discreção e punir os responsaveis pelos crimes communs.

Se o governo não os quisesse submeter ás leis da guerra, dever-se-ia ao menos privar da liberdade os chefes principaes; encerrá-los em uma fortaleza até o fim da campanha.

E o governo alli estava, encarnado na pessoa do ministro da guerra.

Não se fez isso.

Estigarribia, como disse o immortal visconde do Rio Branco, como se fôra *Abd-el-Kader*, e mais galante do que este, veio trocar a barbara cimitarra pela bengala do dandy e hoje ahi ostenta-se lampeiro pelas ruas da capital do Imperio.

Entretanto, um governo assim como este exonerou Rio Branco porque achou que o *Convenio de 20 de Fevereiro* era deficiente em relação aos ultrajes commettidos contra a dignidade do Imperio pelo governo de Montevideo, no periodo da administração Aguirre !

O *Convenio de 20 de Fevereiro* attendeu a tudo quanto dignamente o Brazil podia exigir, já o dissemos, e foi elle, só elle, que nos deu liberdade de acção para nos prepararmos contra o Paraguay

O cidadão brasileiro, que revistido do alto cargo de ministro dos negocios estrangeiros, referendou o decreto de 3 de Março de 1865 que dispensou Rio Branco, então conselheiro José Maria da Silva Paranhos, da missão diplomatica no Rio da Prata, chamava-se João Pedro Dias Vieira.

Conserve a historia o seu nome, como o de autor de um grande erro politico !

Mas, se houvesse sinceridade da parte do governo ; se, realmente, a exoneração fosse devida ao facto que se allegava, ainda bem ; mas, não podia haver tal sinceridade porque ninguém mais do que o governo sabia que todas as questões tinham sido honrosamente tratadas e resolvidas n'aquelle importante documento diplomatico.

Havia uma razão occulta que officialmente não podia apparecer.

Rio Branco, prevendo que ia ser cruenta a campanha do Paraguay, escrevera ao governo que lhe parecia conveniente a nomeação do marechal Caxias para commandante em chefe do exercito e o chefe de esquadra Joaquim José Ignacio, depois vice-almirante visconde de Inhauma, para o das forças navaes.

A situação era liberal.

O governo não apreciou a lembrança e logo pareceu-lhe que idéas partidarias preocupavam o immortal Rio Branco, que era da escola conservadora, bem como os dous generaes por elle indicados.

Paixões baixas nas grandes altitudes !

Lavrou-se, pois, o decreto de 3 de Março de 1865, exonerando Rio Branco !

Sentimos, já o dissemos, não poder transcrever todas as paginas d'aquelle eloquente documento em que o seu immortal autor desdobra o sudario dos erros, contradicções, e incoherencias de um governo que hontem condemnára a obra patriotica de 20 de Fevereiro e pouco depois conduz a pessoa respeitavel do chefe da nação brasileira para sancionar com sua presença a capitulação opprobriosa de Uruguayana, cheia de ignominias para nós, e de honrarias para Estigarribia, que não passava de chefe de uma grande quadrilha de salteadores, perfeitamente disciplinada ; para um *soi-disant* militar que pelos seus crimes, e miseravel conducta, se havia collocado fóra das leis da humanidade e da guerra. A precipitação com que temos feito este trabalho tem dado lugar a que algumas idéas tenham sido repetidas, o que nos deve ser desculpado pelo indulgente leitor, attendendo a que os acontecimentos apresentam ás vezes o mesmo aspecto.

Estes acontecimentos são como theses ou thomas que se enunciam sem variação ; theoremas com o mesmo enunciado o que demandam a mesma demonstração.

Têm, a nosso vêr, um merito : são a expressão da verdade e esta nada perde de seu valor por ser mais de uma vez repetida.

Recordamo-nos de que na lucta dos nossos poderosos couraçados com as celebres *chatas* ou baterias fluctuantes, de que tanto se servira o marechal Lopez, admiravam-se no Rio da Prata de não conseguirem aquelles gigantes destruir immediatamente os pygmeos que os hostilisavam.

E' o caso de lembrarmos-nos do episodio biblico, dado em peiores condições e de peiores resultados.

Goliath, o gigante, com mais de trez metros de altura, desafia todos os hebreos; entretanto, David, um pygmeo em relação ao colosso philistão, o deita por terra com uma pedra que lhe arremessára com a sua funda e depois corta-lhe a cabeça !

Logo que Bonaparte, então 1.º Consul, projectou levar a guerra ao coração da Inglaterra, reuniu em Bolonha uma esquadilha, na qual se contavam alguns navios de fundo chato e bordas muito baixas, especie de baterias fluctuantes.

A Inglaterra alarmou-se com estes preparativos e ordenou ao celebre Nelson que destruísse essa esquadilha.

O intrepido marinheiro, o vencedor de Aboukyr, com uma poderosa esquadra, apresentou-se em frente á Bolonha e por duas vezes atacou a esquadilha franceza.

O que succedeu ?

A victoria abandonou Nelson e elle viu nas duas vezes a sua gloria empallidecer, porque foi repellido por estas pequenas baterias, tendo na segunda investida soffrido perdas consideraveis, a ponto de se *fazer ao mar* e não tentar uma terceira refrega.

Esse facto que leitor pode lèr nas *Memorias do Marechal Mursena*, pelo general Koch, vol 5.º, entretanto não fez desmerecer Nelson nem abalou a reputação brilhante da esquadra ingleza.

Mais tarde, Bonaparte já imperador, e então bem maduro o plano de desembarque em Inglaterra, reunido grande numero de navios ainda em Belonha, nenhum almirante quiz renovar as tentativas de Nelson.

Em Riachuelo não tínhamos um só couraçado, entretanto a nossa valente esquadilha destruiu esses inimigos mais perigosos que os vapores paraguayos, pelo seu pouco calado, e pelas suas bordas quasi ao nivel das agoas de modo que não apresentavam alvo, como já vimos.

As *chatas* que nos hostilisaram em Itapirú, teriam tido rapidamente a mesma sorte d'aquellas si se tivessem collocado do modo a serem attingidas com mais facilidade.

Quando tratámos da passagem do Paraná tivemos occasião de dizer que maistarde attenderíamos á importante questão relativa ao ponto por onde invadimos o territorio inimigo, isto é, se tínhamos acertado invadindo por onde o fizemos.

Em these, na guerra não se faz o que o inimigo quer.

O general habil obriga o adversario a fazer-lhe a vontade.

O marechal Lopez preparou-se no Passo da Patria para nos receber ; ali entrincheirou-se.

Essas trincheiras, não só em relação ás linhas do Sauce e Riojas, que já estavam construidas e que depois da nossa inacção em Tuyuty foram melhoradas e mais artilhadas, como tambem em rela-

ção á Humaitá, eram terríveis vedetas ou sentinellas avançadas que nos aguardavam.

Se o marechal Lopez não nos podesse obrigar a voltar á margem correntina, depois da invasão, abrigar-se-ia em suas linhas, em suas fortificações.

Isso era claro e ninguém ignorava.

O que cumpria fazer ?

Desviarmo-nos d'essas posições, e invadirmos por um ponto tal que o inimigo ficasse com as communicações cortadas com o interior do paiz, tirando assim ás suas fortificações de Humaitá, Sauce e Riojas, toda importancia. Collocariamos, deste modo, o marechal Lopez com o seu exorcito entre nós e a esquadra.

Quem observar aquelles reconhecimentos até em frente a Itaty, que precederam a passagem, pensa realmente que não se quiz commetter o absurdo de se invadir por onde o fizemos, e que coagidos pelo facto de só chegarem alli embarcações de pequeno calado, abandonámos o projecto de transpor o Paraná por aquelle ponto.

Dissemos, quando tratámos d'aquelles reconhecimentos, que o general em chefe delegara a outros questão tão importante, como a de reconhecer pessoalmente a margem direita do Paraná.

Tinhamos embarcações de sobra, pequenas, como dissemos tambem, para a passagem em frente a Itaty, e quando não as tivessemos, ninguém nos impediria de marchar rapidamente pela margem correntina e transpor o Paraná n'aquelle ponto, ou mais acima para o que tinhamos ainda melhores recursos.

Por consequencia, não procedem as razões que se deram para não se effectuar a operação da passagem em ponto mais favoravel.

Como se vê, iniciou-se pessimamente a campanha, e d'esse máo inicio, derivaram-se todos os outros males.

Começou logo a descrença quanto ás aptidões da direcção da guerra.

As informações dos prisioneiros eram concordes em asseverar que o marechal estava formidavelmente preparado para nos receber e que a topographia era admiravel em vantagens para a defensiva, ao passo que pelo Paraná acima a costa tinha apenas uma ou outra guarda.

Accumular em Corrientes e em frente do Passo da Patria' muitos recursos ; chamar sempre a attenção do inimigo para este ultimo ponto, e de repente, inopinadamente fazer seguir o exercito, parte pelo Paraná acima, nos pequenos navios que tinhamos, parte por terra pela margem correntina, se não fossem sufficientes os navios de transporte, e desembarcar em ponto que inutilisasse as vantagens que o marechal Lopez esperava tirar de suas fortificações : era operação que se impunha.

E ella era facil de executar, alleguem o que quizerem, porque tinhamos então uma quantidade colossal de recursos que satisfariam ás necessidades de um exercito de 150.000 homens.

Mas, não se sabia aproveitar e a direcção da guerra via-se mesmo embaraçada no meio d'essa prodigalidade de meios que o nosso paiz pôz á sua disposição.

Para saber aproveitá-los era necessario um tino especial ou innato ou adquirido em campanhas.

Faltava isso e procurava-se sahir dos apuros allegando difficuldades de navegação no rio Paraná, falta de homens praticos, *vaqueanos*, esquecendo-se que estas difficuldades sempre foram vencidas em anteriores e posteriores conjuncturas.

Afinal, tudo isso tinha a sua explicação.

Nunca o director da campanha, o general em chefe, commandara força tão consideravel e destituído das qualidades innatas para os grandes commandos, elle necessariamente teria de praticar erros deploraveis.

Assim, infelizmente operou-se a passagem um pouco acima da embocadura do rio Paraguay, e convem dizel-o, antes ella se operasse no proprio Passo da Patria, abandonado pelo inimigo, não pelo desembarque das forças n'aquelle ponto, mas pelo espantoso bombardeamento da esquadra.

Era esperar que os nossos valentes vasos de guerra desalojassem o inimigo do famoso campo entrincheirado.

Que vantagem houve em não se fazer isso ?

Nenhuma, porque sempre ficámos com Humaitá e suas trincheiras avançadas pela frente para n'ellas espedaçarmos o craneo.

O que succederia se não nos atirássemos loucamente por onde o fizemos ?

Por outra, qual seria a situação, se annullássemos as vantagens que o inimigo queria tirar já do terreno, já das fortificações ?

O inimigo viria nos dar batalha longæ de suas obras de defeza ; não podia trazer a sua artilharia grossa, tinha, pois, de abandonar as suas fortificações e com ella todo pesado material que alli collocára.

O que o marechal Lopez queria, o nosso general em chefe teve a gentileza de satisfazer : *era que os alliados não manobrassem de modo a inutilizar as vantagens que pretendia tirar da topographia do terreno e de suas fortificações.*

Nós lhe fizemos criminosamente a vontade.

O touro, preparado para o combate, apresentou-nos as suas aspás aguçadas e nós audazmente nos arrojámos a ellas.

Muito valor, realmente, mostrámos assim procedendo : mas, sciencia... nenhuma absolutamente.

Depois d'esse erro colossal que nos enraizou por longo tempo em Tuyuty, erro que poderia ser reparado a 24 de Maio ou no dia seguinte se avançássemos, ainda uma operação poderia vir melhorar a nossa situação e com a qual a principio se conformára o general em chefe.

Era a invasão do territorio inimigo tambem por Itapúa pelo 2.º corpo d'exercito, porque ella coagia o inimigo a despregar fortes contingentes das posições fronteiras aos alliados, enfraquecendo assim as suas linhas, como já dissemos.

Não se fez isso, pois vimos que o 2.º corpo viera fazer junção com os alliados.

O director da guerra mudava de planos de campanha com uma inconstancia feminil !

Temos dito e repetiremos : as luctas civis não fazem habeis generaes, salvo se possuem innatas as grandes qualidades para o commando.

A arte da guerra é um conjuncto de sciencias.

Não está nas condições da homopathia em que qualquer individuo se julga habil ; e, se vemos muitas vezes homens sem preparo algum dar batalhas e vencer, sem dispoem até de elementos materiaes sufficientes que podessem assegurar a victoria, quando sobravam taes elementos no lado contrario : é que o vencedor tinha qualidades naturaes do bom cabo de guerra, ao passo que o adversario era um imbecil.

Só se pôde ser bom general, ou á força de sérios estudos das campanhas dos grandes capitães, ou já nascendo com os attributos para os grandes commandos.

Todos sabem que o general em chefe havia feito suas armas nas infelizes luctas intestinas de seu paiz.

Pessimo modo de fazer carreira.

Em geral essas guerras são luctas de bandos armados que não constituem escola de aprendizagem aproveitavel.

Nas luctas intestinas o maior general é aquelle que menos sangue derrama ; é aquelle que procura congraçar compatriotas, offerecendo-lhes o ramo de oliveira antes de apontar-lhe a espada ao coração.

Aquelle que tem a triste gloria de derrotar o adversario, nas luctas intestinas, não emprega, a maior parte das vezes, o resultado de uma concepção strategica, ou tactica ; mas, uma especie de instincto, filho dos impulsos do rancor politico. E' exaltado, então, pela facção a que pertence ; é o alvo de quanta hyperbole a imaginação partidaria pôde crear ; elevado a emerito cabo de guerra, e as glorias dos gran-

des capitães da antiguidade, e dos tempos modernos não passam de uma luz baça, indecisa que desaparece, se perde nos resplandores brilhantes d'esse sol, d'esse luzeiro colossal, d'esse pharol da liberdade, e até *cometa dos tyrannos*, e, por isso, anjo tutelar da liberdade.

Alguns morrem sem ter tido occasião de provar em uma guerra estrangeira que sabem colher louros em um campo de batalha mais digno, mais honroso, e assim baixam á campa tendo para preces o còro das louvaminhas d'aquelles a quem dera o triumpho e a maldição dos vencidos, como nota dissonante e protesto solemne contra a protervia faccionaria.

Outros, porém, mais infelizes vivem até que um dia emfrentam com o inimigo estrangeiro e dão as maiores provas de incapacidade e de tal ordem que a sua lealdade é posta em duvida !

Tal é a sorte das falsas reputações ; tal é a sorte das capacidades architectadas pelas facções politicas.

Ellas têm que tombar e tombar com ruido, infelizmente sacrificando muitas vezes milhares e milhares de bravos.

Mas, deve ser assim mesmo.

O que são estas scintillações aureas que irradiam as corôas que cingem a estes pseudo heroes ?

São os brilhos que se divulgam nas folhas de louro d'essas corôas de latão, que ornarn nos palcos a fronte dos actores, encarregados de papeis de grandes capitães, nas tragedias ou nos dramas lyricos.

Puros europeis !

Em resumo: a invasão algumas legoas acima do Paso de La Patria seria uma operação estrategica digna de um general, operação que poderia ser combinada com a do general Porto Alegre por Itapúa.

Não se fez isso.

E a consequencia foi a lucta tomar proporções enormes pelo genero de guerra que fizemos, guerra de trincheiras, e na qual só a immensa gloria que colhemos, attestando que nenhum soldado é superior ao soldado brasileiro, pôde compensar os sacrificios de sangue e de ouro que fez a patria, se só com a gloria se alliviam os males que essa campanha colossal legou á uma geração inteira.

Não podemos deixar de attender de novo á obra do illustre visconde de Ouro-Preto, quando depois de referir-se á passagem do Paraná pelos alliados, e combates que se travaram, chega á batalha de 24 de Maio (pag. 244 e 245) e diz que se seguiu um repouso relativo que constituiu assumpto de exprobações por parte dos que não conheciam ou não apreciavam exactamente a situação em que se achavam os alliados.

« Primeiro que tudo, diz depois o illustre autor, não deviam os exercitos alliados internar-se ás cegas e precipitadamente em um paiz desconhecido e que tantas difficuldades naturaes offercia, como os bosques cerrados, lagoas, banhados, paúes do sudoeste do Paraguay. Era preciso, sob pena de se exporem a desastres irreparaveis, ir para assim dizer tateando o terreno, antes de adiantar um passo. Depois, carecia o exercito de meios de mobilidade; a maior parte da cavallaria estava desmontada; e tanto que mui poucos corpos argentinos e brasileiros d'esta arma entraram em acção no dia 24 de Maio.

« O estado sanitario dos exercitos alliados era tambem empecilho á actividade das operações & c. »

As exprobações eram justas e feitas no proprio theatro da guerra por muitos chefes intelligentes, brasileiros, argentinos e orientaes que sabiam apreciar exactamente a situação dos exercitos alliados porque faziam parte dos mesmos exercitos.

Committido o grande erro de se effectuar a passagem pelo ponto em que o inimigo accumulara a maior parte de seus recursos, ou mesmo por outro mais racional, mais militar, mais vantajoso para nós; não ha duvida que não convinha nos internarmos ás cegas e inopinadamente pelo paiz desconhecido; mas, entre esse proceder que seria uma rematada loucura e nada fazer, ha um meio termo, e esse não se adoptou.

A desculpa de falta de cavallaria, isto é, de cavallos, não procede porque a região em que iam operar dispensava que se observasse a proporção d'essa arma em relação ás outras, e para esperar a remonta podiamos mais rasoavelmente fazel-o com as nossas tendas ao arredor de Humaitá, o que adiantaria a guerra.

Para isso bastava marchar no dia 24 de Maio á tarde ou no dia seguinte, pois tinhamos cavallaria sufficiente para os trabalhos que iriamos encetar: o assedio da fortaleza, se a tivessemos de sitiar, pois, talvez a famosa Humaitá nos cahisse nas mãos *sans coup férir*, tal foi a derrota do inimigo na memoravel batalha.

A fortaleza estava alli perto... bem perto das tendas dos exercitos alliados.

O estado sanitario conservou-se regular n'essa epocha; só no anno seguinte o *cholera* e outras enfermidades alli appareceram, devido isso á nossa inacção n'aquelle acampamento de Tuyuty.

Quando mesmo fosse mau, o quartel general do commando em chefe diveria dispensar algumas horas, em meia duzia de dias, para *lêr hygiène militar* e convencer-se que convinha marchar, porque desde o Estero Bellaco até Tuyuty, toda essa extensão era um vastissimo cemiterio, onde haviam milhares de cadaveres mal sepultados e que, por consequencia, não convinha permanecer-se alli por muito tempo. Assim, nenhuma das rasões do illustre autor da *Marinha d'Outr'Orá* justifica aquella inqualificavel inacção.

Ella era, entretanto, util á voracidade dos fornecedores de vives, de forragens e de cavallos; mas, só á ella.

Em Julho (1866) já haviam muitas remontas para a cavallaria, e se a causa da inacção era a falta, ella estava remediada; entretanto, o general em chefe não quiz no dia 16 romper os obstaculos do Saucó e Riojas e de rojo levar o inimigo até Humaitá!

No dia 18, então, o procedimento do general em chefe não tem qualificação e é mais judicioso e certo levar talvez tudo isso, que fica exposto, á ausencia absoluta de talento, de aptidões militares, do que a planos politicos que possam ennuviar a sua lealdade.

Felizmente o sr. visconde de Ouro Preto á pag. 247, depois de sua defesa; assume papel, posição conveniente, sem preocupações de especie alguma e diz:

« Poderiam os alliados ter evitado tantos tropeços terminando mais rapidamente a guerra, se outro houvera sido o theatro escolhido para suas principaes operações, que não a parte do sul do Paraguay, onde alem dos obstaculos naturaes que os aguardavam, não perfeitamente conhecidos, é certo, mas dos quaes existia vaga noticia, juntavam-se os das fortificações como Itapirú, Passo da Patria e Humaitá esta geralmente reputada inexpugnável. »

Mas não concordamos, infelizmente, com o distincto escriptor.

O que convinha era parte do exercito marchar pela margem correntina, se não houvessem embarcações de pequeno calado, sufficientes para conduzi-lo todo, e parte nas que existissem e desembarcar na costa paraguaya, acima mesmo de Itaty, inutilizando, assim, Humaitá e as outras fortificações, cortando toda communicação com a capital e o resto do paiz.

O marechal Lopez se veria em sérios apuros e com dôr profunda se acharia diante de todos os seus planos frustrados; lastimaria ver a sua artilharia grossa inservivel, porque não a poderia conduzir para nos vedar a marcha.

O que é incontestavel é que fizemos a vontade ao inimigo; fomos pessimamente conduzidos.

Ouvimos pessoas competentes condemnarem a passagem tal qual se effectuou.

O exercito, repetiremos até á saciedade, dispunha de innumerous recursos; é, pois, inadmissivel allegar-se não ter podido elle invadir por ponto favoravel do lado do Paraná porque só podiam navegar embarcações de pequeno calado n'esse trecho do rio, isto é, entre Passo da Patria e pontos mais acima fronteiros á margem correntina.

Quando fosse isso uma verdade, com insistencia perguntaremos: E, pela margem correntina, porque não se marchou até um ponto favoravel, fronteiro, á costa paraguaya?

Não haviam bons caminhos da margem do Paraná para a do Paraguay, disseram-nos já uma vez.

E haviam bons por onde invadimos?

Pela costa do Paraná o marechal Lopez recebia recursos de toda especie, porque infelizmente não houve o cuidado de se observar,

com alguns navios da esquadra, esse rio ; de fazer-se alli uma especie de cruzeiro, e estes recursos não lhe chegavam ás mãos conduzidos por aerostatos; haviam, pois, caminhos transitaveis.

O sr. visconde refere-se depois a uma memoria apresentada pelo illustre brasileiro marquez de São Vicente (Pimenta Bueno) que conhecia bem o Paraguay, por que fôra por muito tempo representante do Brasil n'aquelle paiz.

N'essa memoria aconselhava elle que a guerra deveria ser levada pelo norte e não pelo sul do Paraguay.

Não discutiremos esse ponto, porque, para nós, o unico plano que promptamente dirribaria o poder militar do presidente Lopez, era o que apresentou o immortal duque de Caxias, plano que se procurou arremedar, mas com descommunal infelicidade.

Depois, á pag. 249, o distincto escriptor abunda em considerações, mostrando que, se o mais numeroso exercito brasileiro penetrasse pelos caminhos mais curtos e seguros que seguiram a expedição argentina de Belgrano em 1814, e a de Estigarribia, mais facilmente se levaria a guerra ao coração do Paraguay.

Não precisava o mais numeroso exercito; bastava Porto Alegre com os seus 14.000 homens que chegou a ter em frente á Itapúa.

O sr. visconde devia pôr então em acção todo o seu prestigio, porque era homem da situação, para não se deixar Porto Alegre sem os recursos completos para essa esplendida operação.

A' pag. 251, considera um erro tambem que influiu para que a guerra se protrahissem, não terem os chefes alliados explorado convenientemente, desde o principio, o territorio do Chaco, á margem direita do Paraguay, para conhecerem as vantagens que delle se poderiam tirar, com o fim de flanquearem as posições occupadas pelo inimigo, ou cortarem suas communicações com a capital e o norte do paiz. Mais tarde, como adiante diremos, o fizeram, continua o sr. Ouro Preto, com immenso proveito o vice-almirante Joaquim José Ignacio e o marquez de Caxias.

A estas considerações, cumpre-nos dizer, que até Curupaity nenhuma vantagem nos viria de qualquer occupação do territorio do Chaco.

Antes do assalto áquella posição, por ordem do general Porto Alegre, foram alguns officiaes de artilharia encarregados de examinar o terreno do Chaco fronteiro á fortificação inimiga e os das circumvisinhanças para informarem se seria possivel collocar-se uma bateria que batesse de frente ou de flanco a inimiga.

A differença de nivel da margem do Chaco, baixa em relação á outra e a qualidade do terreno, pois, apenas uma crosta muito delgada apresentava alguma solidez, fizeram o general abandonar aquella idea.

Quando, porem, mais tarde sitiou-se Humaitá, o immortal Caxias, com effeito, tratou de occupar a porção de terreno necessaria para apertar a praça e depois para flanquear as linhas de Piquicery.

O facto de mais tarde se ter necessidade de operar pelo Chaco, ainda foi o resultado dos erros inqualificaveis do inicio da campanha.

A natureza do territorio em que operámos no começo da campanha dispensava grandes massas de cavallaria, como já o dissemos, e a falta d'estas foi sempre o principal pretexto para estacarmos.

Um general habil teria concluido a campanha, ou pelo menos redusido muito a sua duração, no dia 25 de Maio, porque avançaria, quando mesmo tivesse commettido o erro de não invadir o territorio inimigo pelo lado do Paraná, de modo a marchar e cortar as communicações do inimigo com a capital, interpondo-se entre ella e Humaitá. Eis a verdade que temos repetido varias vezes.

Ha quem diga que é facil criticar factos consummados; mas, é possivel criticar factos *não consummados*?

O que é um facto senão uma acção ou acto realisado; assim, se a acção ou acto não realisou-se, não existe o facto.

A critica, pois, só pôde existir com o facto; delle dimana.

A critica é necessaria; nem pode existir—Historia—sem critica.

Quando ella não existisse, convinha imaginal-a, crêal-a ainda que fosse só para a historia das campanhas ou guerras.

Erros que custam rios de sangue, sacrificios de toda especie a um paiz, necessitam ser analysados, como na chimica se procede com os corpos, decompondo-os e separando-os de seus principios constituintes; e, muitas vezes, o critico tambem faz o papel do mineralogista, levando ao cadinho os metaes e mineraes para fundil-os.

Com os factos se procede do mesmo modo.

Censuram-se, analysam-se, criticam-se os erros para que no futuro elles não sejam reproduzidos.

Em uma campanha, em uma batalha, em uma operação de guerra qualquer, muitas vezes as condições ou as circumstancias que se apresentam são reproduções de factos dados em certa occasião, n'esta ou n'aquella campanha; não têm, por consequencia, cunho de novidade.

E' preciso saber como se procedeu; isto é, se a manobra foi um acerto ou se foi um erro; se ella deu a victoria ou se causou a derrota.

As campanhas de Frederico o Grande, e de Bonaparte o attestam, bem como as dos grandes capitães dos tempos anteriores a estes dous heroes.

O que sentimos é ter só censuras para um homem illustre, sob tantos pontos de vista, e que devera medir a extensão de suas aptidões militares para não invistir-se voluntariamente do commando em chefe.

Quando não fosse o presidente da republica, mas simplesmente general, investido pelos governos alliados do cargo de commandante em chefe; mesmo assim, depois dos primeiros erros que commetteu, de character gravissimo, devia procurar um modo honroso de exonerar-se; esse dever se impunha, era indeclinavel, nas condições em que se achava, porque a sua permanencia no theatro da guerra desprestigiava a investidura de primeiro magistrado da nobre e valente nação argentina, pois, nenhum facto, nenhuma concepção sua posterior veio reparar aquellas faltas.

Ah! Bem quizeramos que o Brasil podesse mitigar de alguma sorte a magoa de ver o seu exercito e os seus generaes, sob a chefia de um estrangeiro, conduzidos, porem de victoria em victoria, em tempo relativamente curto, até Assumpção!

O general Resquin, nos seus *Dados Historicos da Guerra do Paraguay* quando trata do abandono do acampamento do Passo da Patria, diz:

- El 23, el general Barrios, jefe de lá vanguardia del ejército paraguay después
- de haber mandado quemar todos los cuarteles del campamento del *Paso de la Patria*,
- marchó á ocupar las alturas del paso *Rojas*, frente al *Paso Pocú*, donde nuestras tropas esperaban con impaciencia al general em jefe de los aliados, don Bartolomé Mitre, para ayudarle á llegar en tres meses á la Asuncion, segun lo habia prometido.
- Pero lejos de apresurarse este á cumplir su promesa, se dedicó más bien á lo contrario, abriendo fosos y levantando trincheiras cerca de *Tuyuty*, sin ningún movimiento ofensivo contra nosotros. »

Não quizeramos que um general inimigo podesse dizer isso, que é a verdade, do general em chefe.

Realmente não sabemos porque se invadio o territorio inimigo se fomos estacar largo tempo em Tuyuty.

Não eram meios de mobilidade que nos faltavam, porque as remontas para a cavallaria vieram e a inacção continuou e continuaria, se o immortal Caxias não nos arrancasse da necropole de Tuyuty.

Seria melhor ter se demorado o exercito alliado mais tempo na margem correntina porque o marechal Lopez, *agitado*, como era, impaciente, não fazendo questão do sangue de seus paraguayos; nos viria certamente dar combate no nosso campo, embora entre nós e elle estivesse o rio Paraná.

Corrales e o ataque da ilha do Cabrita, de alguma sorte se nos afiguram um grande apoio á nossa opinião.

N'essa especie de retrospecto convem lembrar a opinião inadmissivel do coronel honorario do exercito Emilio Carlos Jourdan a respeito da marcha pela nossa direita.

Esse official é autor de um livro sobre a guerra do Paraguay, acompanhado de mappas; fez a campanha na commissão de engenheiros.

Temos varias vezes nos referido ao erro que *commetten* o general em chefe de não ter contornado a posição inimiga pela nossa direita, operação que mais tarde realizou o immortal duque de Caxias.

Diz Jourdan :

« A marcha de flanco, executada em Julho de 1867 pelo duque de Caxias era impossível em 1866. » (!)

Eis as razões que elle apresenta em apoio d'essa singular opinião :

« O terreno era desconhecido, o primeiro reconhecimento foi feito a 22 de Setembro pela columna de cavallaria commandada por Flores e foi até Tuyu-Cué. »

Só é impossível o que não é realizavel, e o facto altamente extranhavel, sem commentarios, de não se procurar saber o que era esse terreno que se extendia á direita do exercito alliado ; o facto, cuja credibilidade repugnaria, se a sua existencia real não fosse de todos conhecida, qual a de estar um exercito acampado em frente ao inimigo, desde Maio a Setembro, na mais completa e criminosa ignorancia das condições do terreno que lhe ficava pelo flanco direito, o unico que não tinha nenhum apoio, e por onde o inimigo lhe podia levar um ataque; não quer isso dizer que a operação fosse impracticavel, irrealisavel, impossível, enfim, em 1866.

Cumpria ao general em chefe reconhecer logo e logo, sem demoras, e fazer a manobra.

Si se dissesse que a marcha de flanco em 1867, feita pelo immortal duque de Caxias, não daria os resultados favoraveis que se colheriam em Setembro do anno anterior ; comprehende-se, porque já dissemos em outro lugar que o marechal Lopez, vendo a manobra do general Flores, manobra que muito recebeu; tratára de preparar-se por aquelle lado, que os alliados tiveram a bonhomia de indicar-lhe que não estava bem fortificado.

Já depois da victoria de Curuzú tínhamos dado tempo para que o marechal se preparasse em Curupaity ; agora, depois do revez de Curupaity, davamos-lhe tambem tempo de sobra para se prevenir pela sua esquerda.

Tudo isso parece um sonho !

Se os campos de batalha não ficassem *juncados de mortos e feridos* ; se a sangrenta realidade alli não se manifestasse em quadros e episodios sublimes de valor, de abnegação e patriotismo ; ninguém duvidaria que os alliados alli estavam representando a comedia mais colossal e ridicula que a politica internacional podia delinear, entregando a sua definitiva composição a Francisco Octaviano de Almeida Rosa, Rufino de Elizalde e Carlos de Castro, e a execução e a *mise-en-scène* ao brigadeiro general D. Bartholomeu Mitre !

Diz Silvano Godoy, em seu folheto historico sobre a guerra do Paraguay, que o general Diaz, quando terminou os seus trabalhos de

defeza de Curupaity, á 4 hora da tarde do dia 21 de Setembro, vespera do nosso assalto, communicára a Lopez, dizendo-lhe :

« Si el ejercito aliado todo le trajera el ataque, el ejercito aliado entero quedaria al pié de las trincheras. »

Tinha razão o general.

Só 60 000 homens poderiam então tomar a posição.

Dizemos isso porque menos de 12.000 paraguayos não defendiam aquellas formidaveis trincheiras, aliás perfeitamente defensaveis com a terça parte.

Vamos entrar em uma nova phase em que, a principio, infelizmente, o general brasileiro se vê inteiramente coacto ; não pôde realisar os seus planos ; não por causa das fortificações inimigas que lhe apontam mais de trezentos canhões contra o peito patriótico o valoroso ; não por causa das mattas, *esteros*, tremedaes; enfim, não por causa da excepcional natureza do terreno, singularmente favoravel ao inimigo ; mas, pela presença, ainda no theatro da guerra, do mesmo general em chefe dos exercitos alliados !

Que politica internacional a d'aquelles tempos !

FIM DO VOLUME I.



ERRATA

Paginas	Linhas	Erros	Emendas
22	25	veria	viria
29	30	á posto	á postas
32	15	arreira	arreada
34	3	arrelar	arrear
34	20	arreira	arreada
34	27	avança	avançou
34	37	çada	çada
35	21	as	as
35	22	ás	as
35	35	mair	mais
43	1	segue-lhes	segue-lhe
43	19	respondem	respondem
43	43	fixo	fixos
44	17	momentos	momento
46	43	transforma-se	transformam-se
50	9	territorio	territorio
53	30	familia	familias
56	20	vinga-se	vingam-se
61	19	despertar-lhe-la	despertar-lhes-lhe
73	37	o	e
95	23	Scheider	Schneider
151	37	Valiente	Valiente
152	2	arremassam	arremessam
154	22	arrojado	arrojado
154	33	arrojadamente	arrojadamente
156	19	engrinaldar	engrinaldar
174	22	penetram	penetra
174	22	acham	acha
184	13	prompto	prompta
220	18	copia	copia incompleta
225	1	marcados	marcados
242	11	como nunca	como os paraguayos nunca
242	39	Acurra	Ascurra

Onde lê-se — *Esquadra d'Outr'Ora* — lê-se: *Marinha D'Outr'Ora*. Ha outros erros que facilmente o leitor corrigirá.

h'

FEB 9 1 2000

UNIVERSITY OF CALIFORNIA

Riverside

Books not returned on time are subject to fines according to the Library Lending Code.

Books may be recalled at any time.

Family: *Riveria* D. & S. (1900) 787 2225

1108 L. Li

UNIVERSITY OF CA RIVERSIDE LIBRARY



3 1210 01431 0740

